

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

AMANDA DE LIMA SANTANA

ACOMODAÇÃO DIALETAL E COVARIAÇÃO NA FALA DE
MIGRANTES SERGIPANOS EM SÃO PAULO

Versão corrigida

SÃO PAULO
2023

AMANDA DE LIMA SANTANA

ACOMODAÇÃO DIALETAL E COVARIAÇÃO NA FALA DE
MIGRANTES SERGIPANOS EM SÃO PAULO

Versão corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

SÃO PAULO
2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Amanda de Lima Santana

Data da defesa: 22/09/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Ronald Beline Mendes

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 20/12/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

d231a de Lima Santana, Amanda
Acomodação dialetal e covariação na fala de
migrantes sergipanos em São Paulo / Amanda de Lima
Santana; orientador Ronald Beline Mendes - São Paulo,
2023.
181 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Linguística. Área de concentração:
Semiótica e Lingüística Geral.

1. Acomodação dialetal. 2. Covariação. 3. Redes
sociais. 4. Palatalização de /t, d/. 5. Estruturas de
negação sentencial. I. Beline Mendes, Ronald, orient.
II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (FFLCH/USP)
Presidente

Profª Drª Livia Oushiro (UNICAMP)
Membro titular

Profª Drª Elisa Battisti (UFRGS)
Membro titular

Prof. Dr. Gregory R. Guy (NYU)
Membro titular

Prof. Dr. Wendel Silva dos Santos (UFMA)
Membro suplente

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (FFLCH/USP)
Membro suplente

Profª Drª Raquel Meister Ko Freitag (UFS)
Membro suplente

*Para Clarissa, Benício, Augusto
e Jesuel, os amores da minha vida.*

Agradecimentos

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão de bolsa ao projeto nº 88887.388271/2019-00, que resultou nesta tese. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

Agradeço ao meu orientador, Ronald Beline Mendes, por ter aceitado acompanhar a continuação do trabalho após o mestrado, mesmo que nossos temas de pesquisa sejam distintos. Obrigada por ter confiado na minha capacidade e pelos apontamentos que fez sobre o texto.

Agradeço imensamente à professora, e colega, Livia Oushiro por todos os comentários, as sugestões e os encaminhamentos que fez sobre a minha pesquisa (desde o projeto de mestrado). Sua figura foi essencial para que eu pudesse superar dificuldades quando elas apareceram. Obrigada pela paciência que sempre teve com as minhas dúvidas. Admiro demais seu profissionalismo e sua inteligência generosa.

Agradeço ao professor Manoel Mourivaldo Almeida por ter participado da minha banca de qualificação e por todas as contribuições dadas nessa ocasião. Agradeço ao professor Plínio Barbosa pela disponibilidade para me auxiliar quando eu tentava fazer as análises de prosódia. Também agradeço à professora Raquel Freitag pelos apontamentos na banca de defesa do mestrado, que contribuíram tanto para a melhoria do texto final quanto para as reflexões que desenvolvo nesta pesquisa de doutorado, e também por ter gentilmente cedido as entrevistas do banco “Falares Sergipanos”.

Agradeço aos professores Elisa Battisti e Gregory Guy por terem aceitado participar da banca de defesa. Os comentários e as sugestões de ambos contribuíram bastante para a versão final desse texto.

Agradeço à professora Deize Crespim pelas aulas de Linguística Funcional. O conteúdo era denso, mas o assunto era transmitido com leveza. Agradeço à professora Olga Coelho por ter me recebido com tanta generosidade como monitora na disciplina da graduação. Suas aulas foram um acalento no período mais severo da pandemia.

Agradeço ao grupo de pesquisa da professora Livia Oushiro (o VARIEM), pelas trocas

nas diferentes edições do Encontro de Sociolinguistas. Em especial, agradeço ao Emerson Souza e Gustavo Silveira, pelas sugestões oferecidas durante o desenvolvimento da minha pesquisa.

Escrever uma parte considerável dessa pesquisa durante os anos de pandemia foi bastante desafiador, e a presença (mesmo virtual) de familiares, amigas e amigos foi essencial para tornar esse período menos doloroso. Por isso, agradeço ao Jesuel Marques, que de namorado passou a marido no período desse estudo, e que foi a pessoa com quem mais compartilhei as alegrias e tristezas da jornada acadêmica. Obrigada pelo apoio nesses últimos anos, pelo encorajamento, pela confiança na minha capacidade como cientista e pelas discussões sobre as minhas questões de pesquisa. Obrigada pela companhia constante e pela paciência nos momentos mais difíceis. Teria sido muito mais penoso sem a sua presença e sem as suas piadas duvidosas.

Agradeço à minha família – minha mãe Adeli, meu pai José (o Doda) e minhas irmãs Josiane e Daiane – pelo apoio incondicional desde sempre e por serem meu refúgio. Obrigada, mãe, pelo incentivo desde criança aos meus estudos. Minha memória mais doce é de você conferindo os meus cadernos, durante o ensino fundamental, e corrigindo a minha letra quando ela não estava do seu gosto. Obrigada, pai, pelo orgulho tímido (e sincero) que tem pelas minhas conquistas. Obrigada, Josiane, por ter me presenteado com o primeiro livro que ganhei na vida (o terceiro da saga Harry Potter); tenho certeza de que a minha escolha pelas Letras se deu naquele momento. Obrigada, Daiane, por ter crescido junto comigo. Tenho muito orgulho da pessoa que você se tornou. Obrigada, Carlos, cunhado, pelas conversas de incentivo. Obrigada, Lucas (*in memoriam*), por ter nos presenteado com nosso serzinho de luz. Obrigada, Clarissa, Benício e Augusto, meus sobrinhos e minhas paixões. Minha vida passou a ter outro sentido (muito mais bonito) com a existência de vocês.

Agradeço à querida Monique Amaral, colega do GESOL, e amiga para uma vida toda. Monique, sem nenhum exagero da minha parte, posso dizer que você mudou a minha vida por ter me ensinado tanto sobre generosidade (dentro e fora da academia), parceria e feminismo. Muito obrigada por todas as palavras de apoio e de encorajamento nesses anos. Eu me sinto orgulhosa por uma pessoa tão brilhante como você confiar na minha capacidade. Sua figura se tornou sinônimo de acolhimento para mim. Obrigada pelas leituras e pelos apontamentos que melhoraram meu texto.

Agradeço também aos queridos Maria Eugênia Barcellos e Wendel Santos, heranças do GESOL, e pessoas maravilhosas que enchem de graça a minha vida e que sempre me fazem rir. Nossas chamadas de vídeo, durante e depois da pandemia, foram importantes para a minha saúde mental. Obrigada pelas palavras de incentivo e pela escuta compreensiva.

Obrigada também pelas leituras do texto da qualificação!

Agradeço aos demais colegas do GESOL, Aline Falcão, Isabel Pie e Vagner Silva, pelas trocas e conversas que tivemos. Desejo muito sucesso na continuação da pesquisa de vocês.

Agradeço aos meus queridos amigos Julia Chiovetto e Yuri Martins, pelas chamadas de vídeo durante a pandemia, pelos encontros, pelas conversas, piadas e pela paciência para ouvirem minhas lamentações durante o período do doutorado. A amizade de vocês é muito especial.

Agradeço à Alline Evelyn, Jacqueline Harsche, Janaína Fernandes e Sinalva Fernandes pela amizade e pelo apoio desde a época da graduação. Obrigada pelo carinho de sempre!

Agradeço ao meu amigo de infância Rubens Lima pelo incentivo e apoio de sempre.

Agradeço à Rachel Ferraz pelos aconselhamentos e pelo acolhimento no momento mais crítico da pandemia. Sem o seu auxílio profissional, enfrentar a pandemia e os desafios da pós-graduação teria sido ainda mais difícil.

Agradeço, mais uma vez, aos vinte e sete sergipanos que me receberam e compartilharam suas histórias de vida. Sem a contribuição de vocês, este estudo não existiria.

[...]
my voice
is her father's words
and mother's accent
what does it matter if
my mouth carries two worlds

rupi kaur

Resumo

Esta tese analisa a fala de sergipanos residentes na região metropolitana de São Paulo, como continuação à pesquisa de Santana (2018), com o objetivo de verificar suas taxas de acomodação dialetal (TRUDGILL, 1986; SIEGEL, 2011) à variedade paulistana, quanto à palatalização de /t, d/ diante de [i] (como em “presente”) e às estruturas de negação sentencial com o advérbio não (pré-verbal “*Não* gosto de chocolate”; dupla negação “*Não* gosto de chocolate *não*” e pós-verbal “Gosto de chocolate *não*”). A pesquisa também desenvolve análises de covariação (GUY; HINSKENS, 2016), com o intuito de compreender se os migrantes que se acomodaram para uma das variáveis linguísticas mencionadas também se acomodaram quanto às demais (incluindo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (como em “será” e “coração”) – variáveis analisadas em Santana (2018)).

Por meio de uma amostra composta por 27 entrevistas sociolinguísticas, construída na pesquisa de mestrado, a partir do conceito de redes sociais (MILROY, 1987 [1980]), o estudo testa a hipótese de que os migrantes que têm mais contato com paulistas (ou seja, aqueles que compõem a rede denominada *aberta*) estariam mais próximos da variedade da comunidade anfitriã, comparativamente aos da *rede fechada* (cujo contato com paulistas é menos frequente). Entre os resultados obtidos, apenas as estruturas de negação sentencial se mostraram correlacionadas à configuração das redes, pois os migrantes da rede aberta são aqueles que mais utilizam a negação pré-verbal, aproximando-se da variedade paulistana. Para (t, d), assim como para /e/ pretônico, é a idade de migração que tem relevância: quanto mais jovem era o falante quando migrou, mais ele produz a palatalização. Também se observou efeito da escolaridade do migrante para (t, d), em interação com sua idade de migração: aqueles que migraram mais jovens e que estudaram até o fundamental II tendem a empregar mais frequentemente as variantes palatalizadas. Com tais resultados, portanto, percebe-se que há uma diferença entre variáveis fonéticas e sintáticas no que se refere ao fator social preditivo no processo de acomodação dialetal.

A pesquisa também constatou, acerca dos fatores linguísticos relevantes para os padrões de variação, que existem distinções entre o falar dos migrantes e daqueles que não migraram. No caso de (NEG), e a partir da análise de uma amostra controle sergipana (FREITAG, 2013) (composta por 10 entrevistas sociolinguísticas), verifica-se que a ativação da proposição negada, a presença de marcadores discursivos e a de outros termos negativos na sentença são os fatores linguísticos significativos na variação linguística dos migrantes. Em contrapartida, na amostra de Sergipe, apenas a ativação da proposição negada é relevante.

Nas análises de covariação, pouquíssimas foram as correlações significativas na

amostra dos migrantes. Tal resultado convergiu com alguns estudos que constataram que, comparativamente aos falantes que nunca saíram de seu lugar de origem, os migrantes tendem a ser menos coesos em seus usos linguísticos, pois eles têm disponível em seu repertório uma gama maior de variantes linguísticas (devido à disponibilidade de contato com pessoas de diferentes comunidades de fala).

A partir dos resultados expostos, a pesquisa destaca que o processo de acomodação dialetal é um fenômeno dinâmico e que não há garantia de que o migrante se acomodará completamente a uma nova variedade de língua, pois uma série de fatores pode estar relacionada à mudança de uma variedade para outra: idade de migração, redes de contato, local de escolarização etc. Trata-se, portanto, de um processo gradual e não categórico.

Palavras-chave: Acomodação dialetal. Covariação. Redes sociais. Palatalização de /t, d/. Estruturas de negação sentencial.

Abstract

This PhD dissertation, built upon the initial study of Santana (2018), analyzes the speech patterns of 27 individuals who migrated from Sergipe to São Paulo. The primary goal is to assess their level of dialectal accommodation (TRUDGILL, 1986; SIEGEL, 2011) to the São Paulo variety, concerning the palatalization of /t, d/ before [i] (as *presente* ‘gift’) and the sentential negation with the adverb *não* ‘not’ (which can be realized in Portuguese as a pre-verbal negation, post-verbal negation or double negative, as in *Não gosto de chocolate vs. (Não) gosto de chocolate não*, all meaning ‘I don’t like chocolate’). In this research, we also applied a covariation analysis (GUY; HINSKENS, 2016), to investigate if the migrants who accommodate to one of the variables (including the pronunciation of pre-stressed mid-vowels /e/ and /o/ (SANTANA, 2018) – such as *será* ‘it will be’ and *coração* ‘heart’) also exhibit accommodate to other linguistic features.

The research is based on a sample of 27 sociolinguistic interviews, which was constructed following the concept of social networks (MILROY, 1980). The initial hypothesis of the study was that the speech of the migrants of the so-called ‘open network’ (thus named because they have more contact with native São Paulo inhabitants) would be closer to the host community’s variety, comparatively to the members of the ‘closed network’ (whose contact with people from São Paulo is less frequent). The results revealed that only sentential negation correlated to the network’s configuration: the open network’s migrants are those who use the pre-verbal negation form more often, similar to the use made by individuals from São Paulo. Concerning the palatalization of /t, d/, as well as the pronunciation of pre-stressed mid-vowel /e/, it is the age at the migration that is the relevant social variable: the younger the migrant when they migrated the more frequently they produce the palatalized variant. A significant effect of the degree of instruction of the migrant in interaction with the age at the migration for (t, d) was also observed: those who migrated younger and studied until the second stage of elementary school, exhibited a tendency to employ the palatalized variants to a greater extent. From this, one notices that there is a difference between the phonetic and syntactic variables with respect to the predictive social factor in the dialectal accommodation process.

Regarding the relevant linguistic factors to the variation patterns, the research also verified that there are indeed differences between the speech of migrants and the individuals who stayed in Sergipe. In the case of sentential negation, it was observed that the discourse *status* of the proposition being denied, the presence of discursive markers, and other negative terms in the sentence are the significant linguistic factors on the migrants’ linguistic variation. This pattern is compatible with what was found in Rocha (2013), which presents results of a sample of individuals born in São Paulo (MENDES; OUSHIRO, 2012).

In contrast, from the analysis done on a control sample of Sergipe (FREITAG, 2013), composed of 10 sociolinguistic interviews, only the discourse *status* of the proposition being denied is relevant.

In the analysis of covariation of the variables considered for the speech of the migrants, very few results were shown to be statistically significant. This converges with some studies that verified that migrants tend to be less cohesive in their language usage because they have a larger amount of varieties available in their scope (due to the contact with people from different speech communities), relative to those speakers who have never left their place of origin.

Based on the results, this dissertation highlights that dialectal accommodation is a dynamic process. There is no guarantee that the migrant will fully accommodate to a new linguistic variety, as multiple factors can influence the change from one variety to another, such as age of arrival, social networks, place of schooling, etc. In summary, dialectal accommodation is a gradual process and not a categorical one.

Keywords: Dialectal accommodation. Covariation. Social networks. Palatalization of /t, d/. Sentential negation.

Sumário

Resumo	ix
Abstract	xi
Lista de tabelas	xvi
Lista de figuras	xviii
Introdução	1
1 Ponto de partida: a pesquisa de mestrado	6
2 Acomodação dialetal	22
2.1 O caminho percorrido pelos estudos de acomodação dialetal	22
2.2 O avanço de pesquisas posteriores a Trudgill (1986)	28
2.3 O termo “acomodação”	33
3 As variáveis sociolinguísticas para o estudo da fala de migrantes sergipanos em São Paulo	38
3.1 Palatalização de /t/ e /d/ diante de [i]	39
3.1.1 Estudos variacionistas sobre a palatalização de /t, d/	42
3.2 Estruturas de negação sentencial: descrição do fenômeno	44
3.2.1 As estruturas de negação como variável diatópica	49
3.3 A análise de uma variável prosódica: um projeto inacabado	52
4 Variáveis sociais para o estudo da fala de migrantes	63
4.1 Redes sociais	63
4.2 Idade de migração	66
4.3 Tempo de residência	68
4.4 Identificação com a comunidade anfitriã	69

SUMÁRIO

4.5	Índice de integração à rede	71
4.6	Outras variáveis sociais	71
5	Coesão dialetal e covariação	74
5.1	Estudos de covariação	75
5.2	O que outros estudos relacionados ao tema revelam	81
6	A palatalização na fala dos migrantes sergipanos em São Paulo	86
6.1	Extração dos dados	86
6.2	Variáveis linguísticas	86
6.3	Análises descritivas e inferenciais	88
6.4	Variáveis sociais: alguns procedimentos de análise	96
6.5	Análises inferenciais acerca das variáveis sociais (com a inclusão das variáveis linguísticas)	99
6.6	Síntese dos resultados para (t, d) dos migrantes sergipanos	103
7	A negação sentencial na fala dos migrantes sergipanos em São Paulo	104
7.1	Extração dos dados	104
7.2	Variáveis linguísticas	106
7.3	Análises descritivas	108
7.4	Variáveis linguísticas: distribuição e análise de regressão logística	110
7.5	Análises descritivas e inferenciais de (NEG) na amostra dos sergipanos que não migraram	112
7.6	Análises inferenciais sobre os usos de (NEG) na amostra dos migrantes com a inclusão das variáveis sociais	116
7.7	Considerações sobre os resultados de (t, d) e (NEG)	121
8	Covariação na análise do processo de acomodação dialetal	124
8.1	Análises sobre padrões gerais de covariação	126
8.2	Análises de covariação com r de Pearson	128
8.3	O conceito de <i>interdialeto</i>	135
	Conclusão	138
	Apêndices	154
A	Roteiro das entrevistas sociolinguísticas	154
B	Notas para quanto se considera paulista	157

SUMÁRIO

C	Tabelas com as estimativas dos valores de /e/ e /o/ para os migrantes sergipanos	158
D	Quadro com as taxas de palatalização dos migrantes da amostra	160
E	Modelo de regressão logística para os usos de NEG2/3	161

Lista de Tabelas

1.1	Informantes sergipanos migrantes das duas redes	15
1.2	Acomodação (aproximação à média paulistana) de cada migrante, para as médias pretônicas /e/ e /o/	19
3.1	Possíveis realizações de /t, d/ diante de [i] em diferentes contextos	39
3.2	Modelo de restrições discursivo-pragmáticas de Schwenter (2005)	47
5.1	Significados sociais indiciados pelas seis variáveis analisadas no <i>corpus</i> de São Paulo	79
5.2	Significados sociais indiciados pelas cinco variáveis analisadas no <i>corpus</i> nordestino	80
6.1	Níveis da variável linguística <i>contexto fonológico precedente</i> com exemplos	87
6.2	Níveis da variável linguística <i>contexto fonológico seguinte</i> com exemplos	87
6.3	Estimativas (em <i>logodds</i>) de ocorrência da palatalização de acordo com as variáveis linguísticas (N = 2160)	92
6.4	Agrupamentos dos migrantes de acordo com seu <i>índice de integração à rede</i>	97
6.5	Agrupamentos dos migrantes de acordo com a variável <i>escolaridade</i>	99
6.6	Estimativas (em <i>logodds</i>) da probabilidade de ocorrência da palatalização de acordo com as variáveis sociais relevantes (N = 2160)	100
7.1	Quantidade de dados de negação sentencial extraídos por informante	106
7.2	Distribuição de NEG1 e NEG2/3 em relação à <i>Ativação da proposição</i>	111
7.3	Distribuição de NEG1 e NEG2/3 em relação à <i>Presença de marcadores conversacionais (MC)</i> e <i>Presença de outros termos negativos (OTN)</i>	111
7.4	Estimativas (em <i>logodds</i>) de ocorrência de NEG2/3 de acordo com as variáveis linguísticas (N = 484)	112
7.5	Informantes sergipanos da amostra controle	113

LISTA DE TABELAS

7.6	Estimativas (em <i>logodds</i>) da probabilidade de uso de NEG2/3 na fala dos sergipanos da amostra controle de acordo as variáveis linguísticas (N = 434)	115
7.7	Estimativas (em <i>logodds</i>) da probabilidade de uso de NEG2/3 na fala dos sergipanos da amostra controle e dos migrantes (N = 3649)	116
7.8	Estimativas (em <i>logodds</i>) da probabilidade de uso de NEG2/3 de acordo com as variáveis sociais relevantes (N = 3215)	117
7.9	Estimativas (em <i>logodds</i>) da probabilidade de uso de NEG2/3 sem a inclusão de <i>Informante</i> como variável aleatória (N = 3215)	120
8.1	Variáveis sociais relevantes para cada variável linguística	125
8.2	Padrões identificados na fala dos migrantes sergipanos	127
8.3	Correlações de Pearson das variáveis sociais	130
9	Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes sergipanos em comparação com SP2010 (N = 3454)	158
10	Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes sergipanos em comparação com SP2010 (N = 2272)	159
11	Estimativas (em <i>logodds</i>) da probabilidade de uso de NEG2/3 na fala dos migrantes em comparação com a amostra controle sergipana (N = 2594)	161

Lista de Figuras

1.1	Distribuição percentual da população de 30 a 60 anos de idade da Região Metropolitana de São Paulo, por naturalidade	6
1.2	Realizações de /e/ pretônico nas capitais brasileiras	8
1.3	Realizações de /o/ pretônico nas capitais brasileiras	9
1.4	Espaço acústico das vogais pretônicas do português do Brasil por capitais	10
1.5	Representação do mecanismo de coleta da amostra por rede social	12
1.6	Migrantes sergipanos entrevistados da rede fechada	13
1.7	Migrantes sergipanos entrevistados da rede aberta	14
1.8	Cidades de origem dos migrantes e da amostra controle sergipana	16
1.9	Médias normalizadas de F1 e de F2 das vogais pretônicas das duas redes e das amostras de Sergipe e de São Paulo	18
1.10	Gráfico do efeito da <i>idade de migração</i> sobre os valores de F1 da vogal /e/ dos migrantes de ambas as redes	20
2.1	Acomodação via expansão: ocorrências da vogal /u/ na fala de estudantes do sexo feminino	35
2.2	Acomodação via redução: ocorrências da vogal /u/ na fala de estudantes do sexo masculino	36
3.1	Distribuição das realizações palatais de /t, d/ diante de [i] nas capitais do Brasil	41
3.2	Curva entoacional do enunciado ‘Fazer aquilo que eles estão carecas de saber fazer’; com ênfase na palavra ‘carecas’	53
3.3	Curva entoacional do enunciado ‘Você era boa aluna?’	53
3.4	Padrão entoacional das declarativas nas capitais brasileiras	55
3.5	Exemplo de análise entoacional no software Praat, de acordo com a teoria métrica-autossegmental	56
3.6	Arquivo gerado pelo <i>script</i> de Barbosa (2021)	58

LISTA DE FIGURAS

3.7	Espectrograma da declarativa ‘tudo isso pode ser reciclado’	60
3.8	Espectrograma da declarativa ‘isso nunca tinha acontecido’, enunciada por MoniqueS, da amostra de Sergipe	61
5.1	Covariação entre apagamento de -s e concordância nominal no estudo de Guy (2013)	78
5.2	Frequência de uso dos pronomes sujeito entre os imigrantes recém-chegados (à esquerda) e os de longa data (à direita)	82
5.3	Frequências de apagamento da coda (-s) entre os imigrantes recém-chegados (à esquerda) e os de longa data (à direita)	83
6.1	Proporção das variantes de (t, d) entre os 27 migrantes da amostra	89
6.2	Gráfico com a proporção das variantes de (t, d) de acordo com o <i>contexto fonológico precedente</i>	94
6.3	Gráfico com a proporção das variantes de (t, d) de acordo com o <i>contexto fonológico seguinte</i>	95
6.4	Distribuição das respostas para a pergunta “em uma escala de 1 a 10, quanto você se considera paulista?”	98
6.5	Interação entre <i>escolaridade</i> e <i>idade de migração</i> na análise de regressão logística (efeitos mistos) para a palatalização de /t, d/ pelos migrantes sergipanos	101
7.1	Frequências das estruturas de (NEG) na amostra dos migrantes	109
7.2	Proporções das variantes de (NEG) com e sem os casos duvidosos	110
7.3	Proporções de estruturas de (NEG) para ambas as redes de migrantes sergipanos em São Paulo e para a amostra controle (sergipanos que não migraram)	114
7.4	Gráfico de efeitos para os usos de NEG2/3 por migrantes sergipanos em duas redes (fechada e aberta) em São Paulo	118
8.1	Matriz de correlações entre 4 variáveis linguísticas de ambas as redes	129
9	Respostas para a pergunta “em uma escala de 1 a 10, quanto você se considera paulista?”	157

Introdução

Quando se muda de certa região dialetal para outra, um falante pode, depois de certo tempo, passar a falar do modo como falam as pessoas nativas do lugar para onde migrou. Tal fenômeno é definido, por alguns autores, como “acomodação dialetal” (cf. [Trudgill \(1986\)](#)). A presente tese se dedica a esse tema, a partir da análise da fala de migrantes sergipanos residentes na região metropolitana de São Paulo, com o objetivo central de identificar os fatores sociais e linguísticos correlacionados ao processo.

Estudos sobre acomodação dialetal estão se avolumando no cenário acadêmico brasileiro, mas são poucas as pesquisas que analisam mais de uma variável linguística. Em sua maioria, eles se voltam para apenas um objeto linguístico, como [Marques \(2006\)](#) (que estudou as vogais médias pretônicas na fala de migrantes paraibanos no Rio de Janeiro e de brasileiros em Portugal), [Martins \(2008\)](#) (que analisou a pronúncia de /t, d/ diante de [i] na fala de migrantes paraibanos no Rio de Janeiro), [Santana \(2018\)](#) (que, tal como [Marques \(2006\)](#), estudou a realização das vogais médias pretônicas, mas na fala de sergipanos residentes em São Paulo), [Oliveira \(2020\)](#) (que analisou a pronúncia da coda (-r) por migrantes baianos residentes em Bauru-SP), entre outros. Nesses casos, o fenômeno da acomodação é vislumbrado de modo parcial, uma vez que a análise de apenas uma variável linguística não oferece pistas suficientes sobre o funcionamento de outras, na fala dos migrantes, nem tampouco sobre como funciona (de uma perspectiva variacionista) a fala do migrante em si – de modo mais geral.

Consequentemente, há pouquíssimos trabalhos que analisam o uso combinado de variantes de múltiplas variáveis por tais indivíduos. Ou seja, a covariação ainda é um tema pouco explorado na fala de migrantes, de maneira que muitos questionamentos ainda se mantêm em aberto, como: o migrante cuja fala se acomodou à variedade da comunidade anfitriã em relação à variável X também se acomodou quanto à variável Y? Em outras palavras: devemos pressupor (ou esperar) que a fala de um migrante seja (ou deva ser) dialetalmente coesa? Isto é, o uso de uma variante tipicamente paulistana (de dada variável linguística), no caso da fala de migrantes sergipanos, necessariamente coocorre com outra variante paulistana de uma variável linguística distinta? Foram essas as perguntas que

motivaram a pesquisa que se desenvolve nos próximos capítulos.

Na intenção de compreender mais abrangentemente como funciona o processo de acomodação dialetal, inclusive por meio de análises de covariação, o presente estudo investiga o emprego, por 27 migrantes sergipanos residentes na cidade de São Paulo, de variantes de quatro variáveis linguísticas: a pronúncia (palatalizada ou oclusiva) de /t, d/ diante de [i] (como em ‘*ditado*’ e ‘*forte*’); o emprego de diferentes estruturas de negação sentencial (pré-verbal ‘*NÃO* gosto de chocolate’; dupla negação ‘*NÃO* gosto de chocolate *NÃO*’ e pós-verbal ‘Gosto de chocolate *NÃO*’); a pronúncia (mais aberta ou mais fechada) das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (como em ‘*presente*’ e ‘*coração*’) – as quais são consideradas, na presente tese, como duas variáveis distintas, pois [Santana \(2018\)](#) revela que diferentes fatores linguísticos e sociais explicam seus padrões de uso na fala dos migrantes sergipanos. Diante do interesse central desta tese, a análise de tais elementos linguísticos se justifica na medida em que eles estão entre aqueles que diferenciam as variedades paulistana e sergipana ([CARDOSO et al., 2014](#)).

Além das análises dos padrões de emprego das variantes de cada uma dessas variáveis pelos migrantes, a análise de covariação permite uma compreensão mais global da realidade da acomodação dialetal. Se um sergipano pronuncia as vogais médias pretônicas mais frequentemente como menos abertas (em direção à fala paulistana), será que ele também palataliza /d/ e /t/ antes de [i] mais vezes? Ou vogais médias pronunciadas como menos baixas não necessariamente coocorrem com as variantes palatalizadas de /d/ e /t/ (mas sim com a estrutura pré-verbal de negação – uma variante sintática)? Responder a perguntas como essas é de particular interesse para o cenário da pesquisa sociolinguística brasileira, cujos trabalhos que se voltaram para análises de covariação na fala de migrantes são raros (cf. [Guy, Oushiro e Mendes \(2022\)](#)).

Pouca clareza se tem sobre o que de fato ocorre na fala do migrante quando são consideradas múltiplas variáveis linguísticas simultaneamente. [Oushiro \(2015a\)](#) revela, por exemplo, que existe coesão dialetal na fala de paulistanos porque constatou covariação entre determinados pares de variantes (como o emprego de concordância nominal não padrão, que covaria com a concordância verbal não padrão). A pergunta que se faz é se o migrante que se muda para São Paulo também apresentará coesão dialetal semelhante ao que demonstra [Oushiro \(2015a\)](#) ao adquirir um novo dialeto. Ou seja, as variantes típicas da variedade paulistana passam a covariar na fala dos migrantes sergipanos que adquirem esse novo dialeto? Ou será que a fala dos migrantes é menos coesa que a daqueles que não migram, no sentido de, diferentemente do que observou [Oushiro \(2015a\)](#) para os paulistanos, não se constatar covariação entre pares de variantes linguísticas?

Tal como menciona o primeiro parágrafo desta introdução, as pesquisas de acomodação

dialetal objetivam identificar quais são os fatores sociais e linguísticos que favorecem (ou inibem) o processo. Muitas delas já observaram, por exemplo, e como os parágrafos a seguir mostram, que a idade com que o falante migrou, o tempo de residência na comunidade anfitriã e os contatos estabelecidos pelo migrante explicam seus padrões linguísticos (se mais próximos ou mais distantes da variedade linguística da nova região dialetal).

Chambers (1992), com dados de crianças canadenses que imigraram para a Inglaterra, e **Oushiro (2016a)**, sobre a fala de paraibanos residentes no Rio de Janeiro e em São Paulo, verificam que quanto mais cedo na vida ocorre a (i)migração, maior é a probabilidade de os usos linguísticos dos (i)migrantes se acomodarem à nova realidade linguística. **Marques (2006)**, por sua vez, verificou que paraibanos residentes no Rio de Janeiro tendem a pronunciar as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ menos frequentemente como mais baixas (uma variante característica da região nordestina), num movimento de aproximação à fala da comunidade anfitriã. Os dados analisados por essa autora sugerem que tal processo se observa particularmente quanto mais longo é o tempo de residência do migrante na cidade carioca.

Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), numa pesquisa sobre migrantes de Minas Gerais em Brasília, e **Evans (2004)**, com dados de migrantes apalachianos (originários da região sul dos Estados Unidos) residentes em Ypsilanti, no Michigan (estado localizado no norte do país), defendem que os contatos estabelecidos pelas pessoas na comunidade anfitriã estão intimamente relacionados com o grau de acomodação dialetal na fala de cada uma delas: aqueles que mais interagem com outras pessoas da nova região são os que mais se acomodam à nova variedade linguística. Todas essas pesquisas são retomadas como referências para o desenvolvimento desta tese (e são particularmente discutidas no Capítulo 4 – *Variáveis sociais para o estudo da fala de migrantes*).

No que se refere aos fatores linguísticos, os estudos de acomodação dialetal indicam que o nível de complexidade da regra a ser adquirida e o fato de a variável estar (ou não) em processo de mudança também funcionam como preditores dos padrões nos usos linguísticos dos migrantes. **Chambers (1992)**, no já referido estudo sobre a fala de crianças canadenses residentes na Inglaterra, argumenta que as regras fonológicas mais simples de determinada variedade de língua são mais propensas a serem adquiridas pelos (i)migrantes, em oposição a regras mais complexas, cuja aquisição é menos provável por falantes que migraram a partir da adolescência. **Bowie (2000 apud NYCZ, 2015)**, por sua vez, em uma pesquisa sobre a retenção de traços linguísticos da comunidade de origem (e não sobre a aquisição de traços da comunidade anfitriã) observa que os falantes têm maior probabilidade de manter as variantes linguísticas de variáveis estáveis em sua variedade

linguística de origem do que aquelas que estão em processo de mudança.

Em conjunto, essas pesquisas sobre acomodação linguística ou dialetal indicam muitos aspectos a serem observados na fala do (i)migrante, tanto sociais quanto linguísticos. Para isso, é crucial determinar o modo como os dados serão coletados, a depender das perguntas que o pesquisador pretende responder. No caso do presente estudo, coletaram-se entrevistas sociolinguísticas com informantes contactados a partir do conceito de redes sociais (MILROY, 1987 [1980]), dada a hipótese de que os migrantes estariam se aproximando linguisticamente das pessoas com as quais eles mais mantinham contato em seu dia a dia – na esteira do que propuseram Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) e Evans (2004). Nesse sentido, não se almejou a construção de uma amostra aleatória e balanceadamente estratificada (por sexo/gênero, faixa etária e classe socioeconômica ou escolaridade, no sentido mais tradicional da Sociolinguística), pois uma das principais intenções iniciais do estudo foi a de investigar como era formada a rede social dos migrantes que se voluntariaram a participar da pesquisa e como tal configuração de contatos (entre migrantes e outros migrantes ou paulistanos) se correlacionaria aos seus usos linguísticos. A amostra analisada, então, é composta por entrevistas de migrantes sergipanos pertencentes a duas redes sociais distintas: uma *fechada* (composta por 16 sujeitos), assim denominada por conta de seus integrantes terem contato menos frequente com paulistas, comparativamente à rede *aberta* (com 11 indivíduos), caracterizada por mais contato com paulistas.

Em suma, os objetivos do presente trabalho são dois: (i) investigar, como continuação a Santana (2018), que se dedicou às vogais médias pretônicas, quais são os fatores sociais e linguísticos que explicam os padrões de variação na fala dos migrantes sergipanos no que se refere à pronúncia de /t, d/ diante de [i] e às estruturas de negação sentencial; e (ii) identificar se há coesão dialetal na fala desses mesmos migrantes, ou seja, verificar se os migrantes cuja fala se acomodou à variedade paulistana quanto a uma variável também se acomodou quanto às demais. Como um desdobramento do segundo objetivo em (ii), intenciona-se identificar se há grupos específicos de migrantes (como integrantes de uma das redes, por exemplo) mais coesos em seus usos linguísticos comparativamente a outros grupos. Seria de esperar maior coesão (em direção ao falar paulistano) na fala daqueles que migraram quando crianças comparativamente àqueles que migraram quando adultos?

A seguir, o Capítulo 1 levanta os principais pontos que foram desenvolvidos por Santana (2018) na sua pesquisa de mestrado, com uma explicação de como se deu a coleta das entrevistas sociolinguísticas, como foram tratadas metodologicamente as variáveis linguísticas então em foco (as vogais médias pretônicas /e/ e /o/) e quais foram os principais resultados obtidos. O Capítulo 2 resenha a obra pioneira de Trudgill (1986) e outros estudos publicados posteriormente, com o intuito de mostrar como se deram os primeiros passos

das pesquisas que se dedicaram à acomodação dialetal, além de comentar suas limitações e seus avanços.

O Capítulo 3, por sua vez, justifica as variáveis linguísticas em foco (a palatalização de /t, d/ diante de [i] e as estruturas de negação sentencial), como diferenciadoras de algumas variedades regionais, além de rever como estudos sociolinguísticos as analisam. Já o Capítulo 4 apresenta as principais variáveis sociais consideradas nos estudos de acomodação dialetal (como *idade de migração* e *redes sociais*), com exemplos de como foram abordadas em diferentes pesquisas.

O conceito de covariação é revisto no Capítulo 5, com a apresentação de pesquisas que o exploraram nas análises que desenvolveram. Tal capítulo mostra que é por meio da análise de covariação que se vislumbra o encaixamento das variáveis linguísticas em dada variedade dialetal, no sentido de compreender se o uso de uma variante a' da variável A covaria com o uso da variante b' de uma variável B, na fala dos indivíduos. Sendo assim, a análise de covariação permite identificar se determinado grupo de falantes é coeso dialetalmente ou não.

Os capítulos 6 e 7 trazem, respectivamente, os resultados das análises da palatalização de /t, d/ e do emprego variável das estruturas de negação. Quanto a (t, d), não se utilizou uma amostra controle de Sergipe com vistas a compará-la com os padrões dos migrantes, pois estudos sobre tal variável já foram desenvolvidos com dados da variedade sergipana referente a tal variável (cf. Souza (2016) e Corrêa (2019) etc.). Em contrapartida, sobre os usos de (NEG), devido à ausência de pesquisas anteriores sobre o tema, foi necessário extrair dados de uma amostra controle sergipana (FREITAG, 2013) para realizar análises comparativas entre a fala de migrantes e não-migrantes. Sendo assim, o Capítulo 7 também descreve essa amostra controle, indicando os informantes que a compõem e suas características (como idade, escolaridade e local de residência).

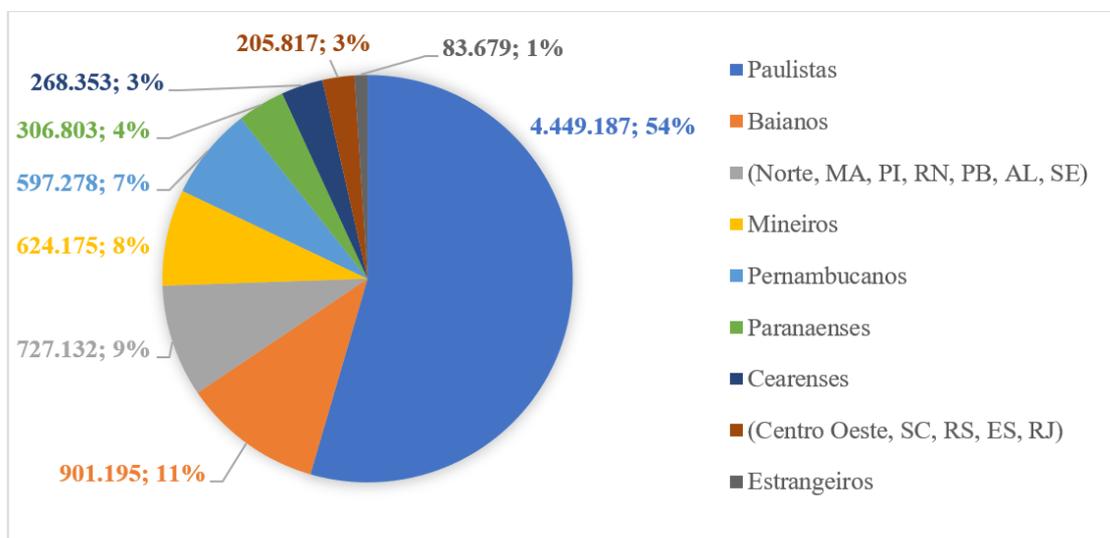
Finalmente, o Capítulo 8 apresenta os resultados das análises de covariação. Na conclusão, resumem-se as descobertas que a pesquisa possibilitou, como os diferentes fatores sociais correlacionados aos empregos das variantes de cada variável linguística analisada (o que revela a heterogeneidade do fenômeno da acomodação dialetal) e a tendência de os migrantes apresentarem menor coesão dialetal comparativamente aos falantes que permaneceram em seu lugar de origem.

1

Ponto de partida: a pesquisa de mestrado

A região metropolitana de São Paulo (RMSP) é conhecida por abrigar um número elevado de migrantes. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2009, 45% de sua população de 30 a 60 anos é formada por (i)migrantes, dos quais 30% são originários apenas do Norte e Nordeste do país, tal como indica a Figura 1.1 abaixo:

Figura 1.1: Distribuição percentual da população de 30 a 60 anos de idade da Região Metropolitana de São Paulo, por naturalidade



Fonte: adaptado a partir do IPEA (2011), que utilizou dados do PNAD (2009).

Desde o final do século XIX, o estado de São Paulo se tornou um espaço de atração econômica e populacional devido ao cultivo do café (MELO; FUSCO, 2019). Depois, o crescimento industrial da região continuou incentivando a vinda de mão de obra. Também a partir do final do século XIX, principalmente a partir da década de 1930, a população nordestina, diante das secas que atingiram a região, do desemprego e dos subempregos, se

viu forçada a migrar para São Paulo, com o objetivo de melhorar suas condições de vida e de trabalho (MELO; FUSCO, 2019).

Embora esse fluxo migratório tenha passado por transformações desde a década de 1980 (MELO; FUSCO, 2019), inclusive com uma queda do número de migrantes, muitos nordestinos continuaram morando em São Paulo, estabelecendo-se definitivamente nesse novo lugar e ali constituindo famílias e outros laços sociais.

A vinda desses migrantes para São Paulo também significa uma ampliação nos falares que circulam na região, já que a diversidade linguística do Brasil está relacionada, entre outros fatores, a diferenças regionais. Nesse sentido, observamos na RMSP, ao lado das variedades paulista e paulistana, os falares baianos, pernambucanos, paraibanos, sergipanos etc. Diante desse cenário, uma pergunta que podemos fazer é: o que acontece com o “jeito de falar” de um migrante em uma nova comunidade linguística? Ele muda ou não o modo como fala? Se sim, até que ponto? Tal mudança depende de quais fatores? Do tempo de moradia na comunidade anfitriã? Da idade com que ele migrou de um lugar para outro? Do grau de identificação que ele tem com a sua origem (ou com o seu destino)? Foram para essas perguntas que se voltou a pesquisa de mestrado de Santana (2018).

O processo que ocorre na fala de migrantes, definido como um movimento, a longo prazo, de aproximação à variedade linguística da comunidade anfitriã é denominado *acomodação dialetal* (TRUDGILL, 1986) – tema sobre o qual há um número considerável de estudos desenvolvidos no Brasil. Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), Marques (2006), Chacon (2012), Oushiro (2016b, 2018a, 2020b), dentre outras, são alguns exemplos de pesquisas que se voltaram para a análise dos fatores relacionados à mudança ou manutenção da variedade linguística de migrantes.

Inspirada por tais trabalhos, Santana (2018) se debruçou sobre o mesmo tema em relação a migrantes sergipanos residentes na RMSP. Para tal estudo, a variável linguística mobilizada para o estudo foi a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (como em ‘negócio’ e ‘coração’), caracterizado por ser um fenômeno diatópico (MOTA; CARDOSO, 2015), já que distingue os falantes de algumas regiões do Brasil, como São Paulo e Sergipe.

Em investigações da Dialetoлогия, a pronúncia de /e/ e /o/ pretônicos é um dos diferenciadores dos falares de São Paulo e de Sergipe; entre os paulistanos, a pronúncia fechada [e]/[o] é vista como a categórica, diferentemente do que ocorre no referido estado nordestino, onde a pronúncia aberta ([ɛ] e [ɔ]) é a mais recorrente entre os falantes, de acordo com as cartas F01 V 1 e F01 V 2 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014).

Os dados do ALiB mostram que a pronúncia prototípica da capital paulista é a fechada (observamos, no mapa, que há apenas uma barra totalmente vermelha sobre São Paulo,

Figura 1.2: Realizações de /e/ pretônico nas capitais brasileiras

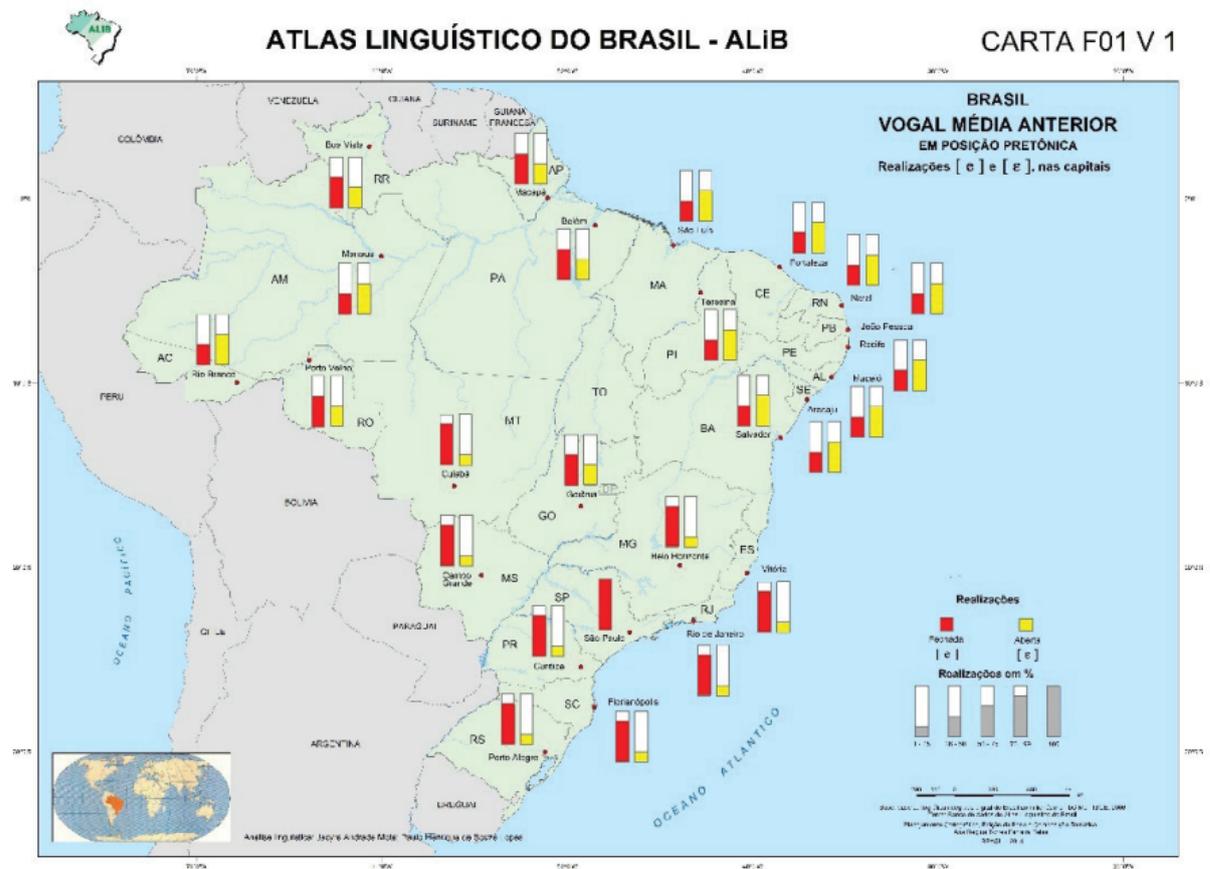
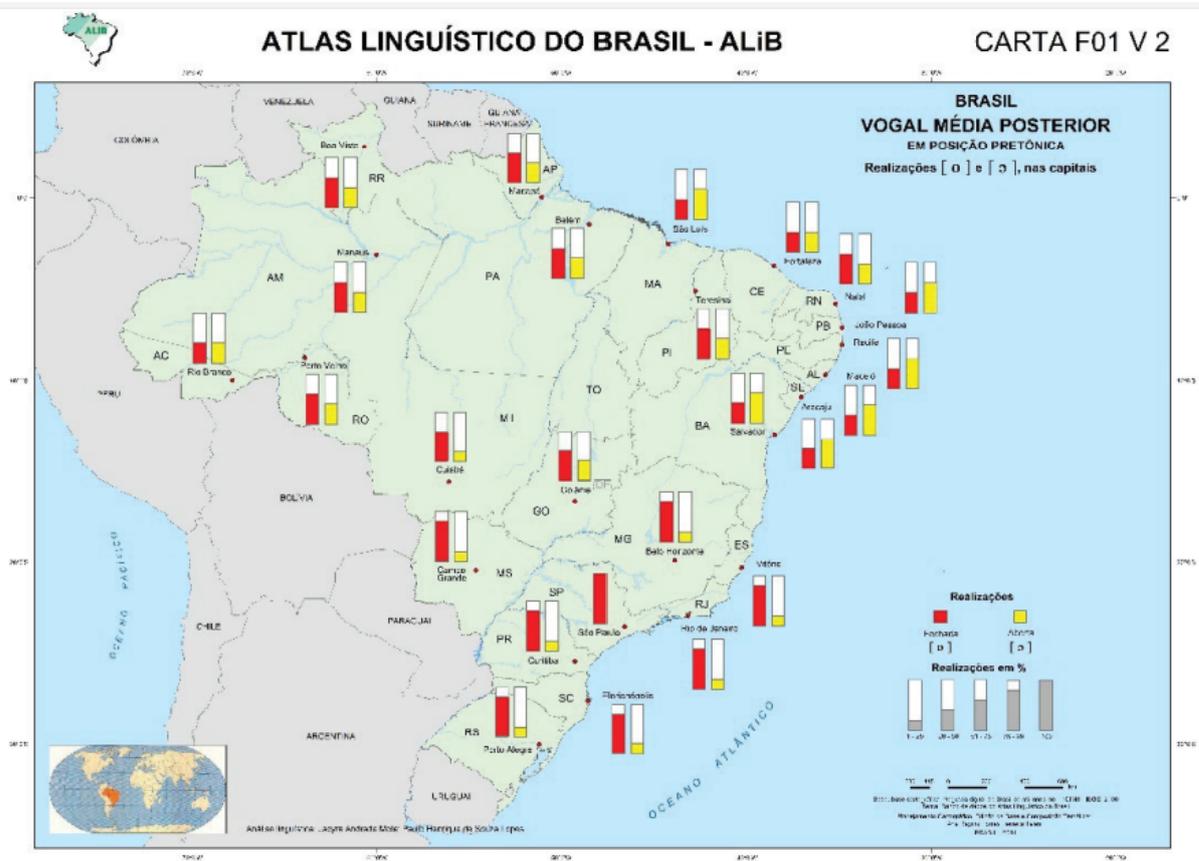


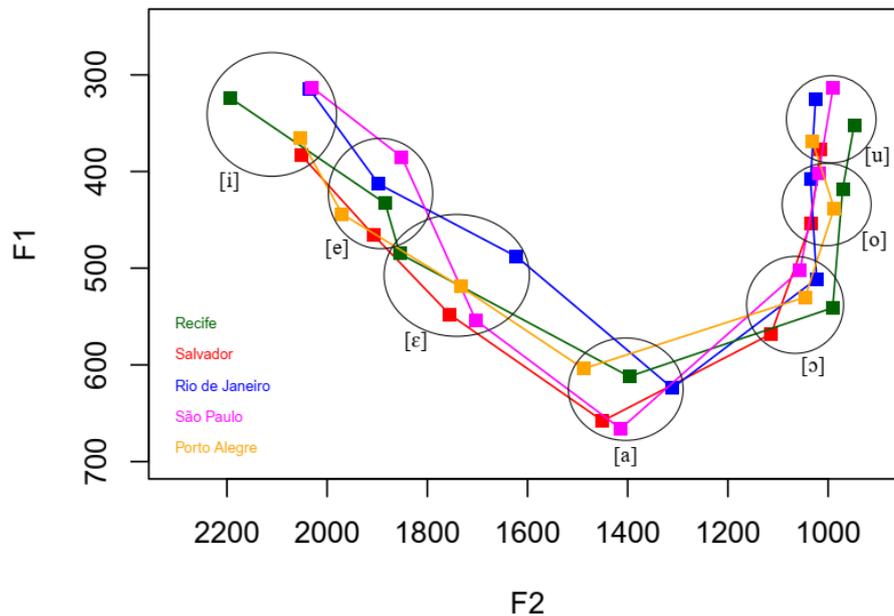
Figura 1.3: Realizações de /o/ pretônico nas capitais brasileiras



Fonte: ALiB (CARDOSO et al., 2014 apud MOTA, 2016, p. 63).

indicando que 100% dos casos coletados ocorreram com a pronúncia fechada [e] e [o]). No caso de Aracaju, a capital sergipana, as ocorrências são mais distribuídas entre fechada e aberta, com uma frequência maior da segunda (observe-se que a coluna amarela é um pouco maior para as duas vogais).

Em pesquisas que procedem a uma análise acústica das vogais, também se revelam diferenças entre os estados brasileiros no que se refere à produção de vogais em posição pretônica, a exemplo de Callou, Moraes e Leite (1996) a seguir:

Figura 1.4: Espaço acústico das vogais pretônicas do português do Brasil por capitais

Fonte: adaptado a partir de Callou, Moraes e Leite (1996, p. 37).

Para compreender a Figura 1.4, é preciso saber que, acusticamente, as vogais, como qualquer som vozeado, são definidas pelas frequências de seus *formantes* (MIRANDA; MEIRELES, 2011), os quais podem ser descritos como “zonas de frequência intensificadas pelas cavidades de ressonância de acordo com as diferentes configurações assumidas pelo trato vocal” (CRISTÓFARO SILVA et al., 2012, p. 120). Isso significa que os valores de frequência dos formantes têm relação direta com os elementos do trato vocal (a saber, posição e formato da língua). São três os formantes necessários para a descrição das vogais: F1, F2 e F3. Para os propósitos desse trabalho, revemos brevemente apenas os dois primeiros.

O primeiro formante (F1) se relaciona com a altura da vogal: quanto mais baixa a língua está posicionada, relativamente ao seu eixo vertical, no momento da produção do som, maior é o valor dessa frequência. Na Figura 1.4, vemos que as vogais [a], [ɛ] e [ɔ] são as que apresentam os maiores valores de F1 (o eixo y tem seus valores em ordem decrescente), justamente porque são produzidas com uma maior abertura do trato vocal.

Quanto a F2, a relação é estabelecida com a posição horizontal da língua, se mais projetada para a região anterior ou posterior. Quanto mais anterior é tal disposição, mais alto é o valor de F2. Assim, as vogais [ɛ], [e] e [i] aparecem mais para o lado esquerdo da figura, pois são aquelas cujos valores de F2 são mais altos, já que são produzidas com a

língua na porção mais anterior dentro do trato vocal.

A figura mostra também que existe variabilidade entre as diferentes regiões brasileiras. Ou seja, os espaços acústicos das vogais variam a depender da região de origem do falante no país. Observamos, por exemplo, que a vogal [ɔ] de São Paulo tende a apresentar valores de F1 menores que os de Salvador e Recife, ambas cidades nordestinas.

O objetivo de um trabalho sobre acomodação dialetal, portanto, é identificar qual “movimento” ocorre na fala de um migrante: se de aproximação ao dialeto da comunidade que recebe o migrante (isto é, a variedade linguística de São Paulo), se de manutenção do dialeto de origem (que é a variedade de Sergipe), ou de algo intermediário, evidenciando diferentes graus de acomodação na fala desses indivíduos e, assim, uma realidade de muita variação na produção linguística. Podemos ainda considerar um movimento de afastamento da variedade linguística de origem, com realizações que “exageram” características desse dialeto (no caso da abertura de vogais na fala de migrantes, por exemplo, realizações com valores “extremos” de F1, ou seja, vogais médias ainda mais abertas do que se verifica na fala de não migrantes).

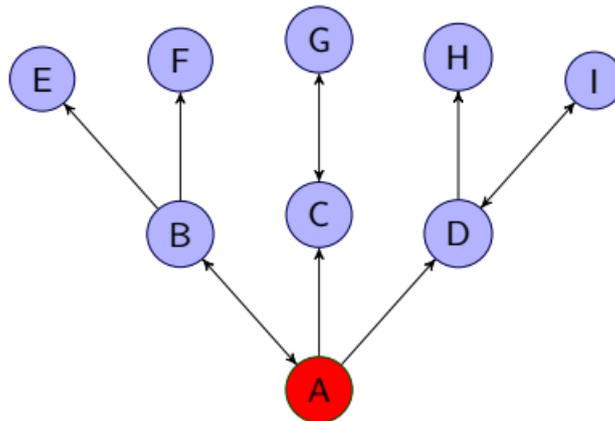
É essencial mencionar que os migrantes do estudo foram entrevistados pela autora do presente trabalho, pessoa essa que nasceu e cresceu em São Paulo e que tem como variedade linguística a paulistana. Essa informação é importante porque, como descreve o Capítulo 2, a maneira como as pessoas falam pode ser influenciada por seus interlocutores no momento da interação. Numa tentativa de aproximação com os informantes, a pesquisadora informava, antes do início da entrevista, que era filha de sergipanos. Essas considerações estão sendo feitas aqui porque os resultados do estudo poderiam ter sido diferentes se outra pessoa, com a mesma origem de nascimento dos entrevistados, tivesse conduzido as entrevistas.

Com essas questões em vista, o intuito da pesquisa de mestrado de Santana (2018) foi averiguar se e como o espaço acústico de /e/ e /o/ se altera na fala de migrantes sergipanos em São Paulo. A principal hipótese que norteou seu estudo foi o de que os padrões linguísticos dos migrantes se aproximariam daqueles das pessoas com quem eles mais mantivessem contato no dia a dia; ou seja, esperava-se que os migrantes que estabeleciam mais contato com paulistas pronunciassem as vogais de modo mais semelhante à comunidade anfitriã.

Para testar essa hipótese, Santana (2018) coletou entrevistas a partir do conceito de *redes sociais* (MILROY, 1980; BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]). A construção da amostra iniciou-se com um homem e uma mulher que não se conheciam e que, ao final de suas respectivas entrevistas, indicaram as dez pessoas com as quais eles mais conviviam diariamente (inclusive membros da família). Os indicados que também eram sergipanos

foram contatados e entrevistados e estes, por sua vez, indicaram outras dez pessoas que fizessem parte de sua rotina – e assim sucessivamente, conforme ilustra a Figura 1.5. No total, foram coletadas (em 2016) 27 entrevistas sociolinguísticas, com migrantes residentes em São Paulo, Carapicuíba, Cotia e Osasco.

Figura 1.5: Representação do mecanismo de coleta da amostra por rede social



Fonte: adaptado de Santana (2018).

As setas com direção dupla ilustram que houve sobreposições de indicações: por exemplo, assim como “A” indicou “B”, “B” indicou “A” como uma das pessoas com quem mais tem contato no dia a dia. Esquemáticamente, a Figura 1.5 exibe apenas algumas das indicações feitas por cada pessoa e não todas as dez.

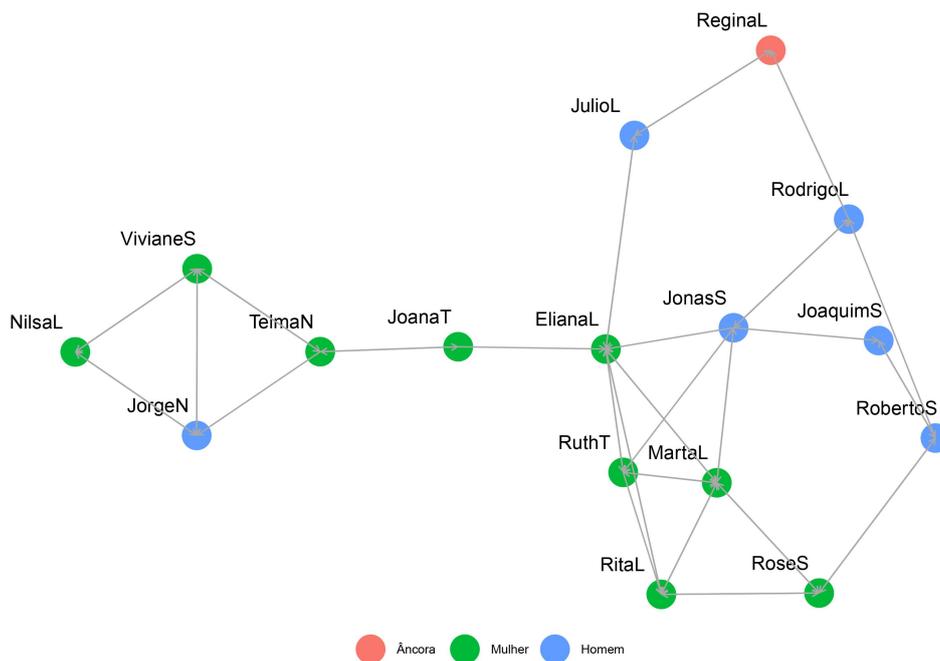
Ainda que os indivíduos não sergipanos indicados pelos informantes não tenham sido gravados, eles foram levados em conta no mapeamento das relações estabelecidas entre os migrantes sergipanos, com o intuito de verificar se, de fato, a acomodação está intimamente relacionada à frequência de contato entre as pessoas. Isso significa dizer que, na *descrição da rede social* observada, são levados em conta todos os sujeitos mencionados – sergipanos ou não —, mas a amostra é constituída apenas por entrevistas com sergipanos. Por exemplo, se o indivíduo “A” indicou 7 sergipanos e 3 paulistanos (ou paulistas) como as pessoas com quem mais interage, somente aquelas 7 também foram entrevistadas, enquanto as outras 3 foram apenas “anotadas” para que fosse possível sistematizar o mapa social de tal informante. Reproduziu-se essa estratégia com todos os sergipanos da amostra.

O roteiro (ver Apêndice A) para a execução das entrevistas sociolinguísticas coletadas é composto por questões sobre a vida do migrante – bairro em que vivem/viveram,

lembranças sobre a infância, motivo de sua migração para São Paulo etc. – e também sobre suas impressões a respeito de diferentes “sotaques” brasileiros.

Realizados os contatos com os migrantes indicados pelos informantes, obtivemos entrevistas sociolinguísticas de 10 mulheres e de 6 homens na rede que denomino fechada, e de 4 mulheres e de 7 homens na rede intitulada aberta, conforme as figuras 1.6 e 1.7 mostram.

Figura 1.6: Migrantes sergipanos entrevistados da rede fechada



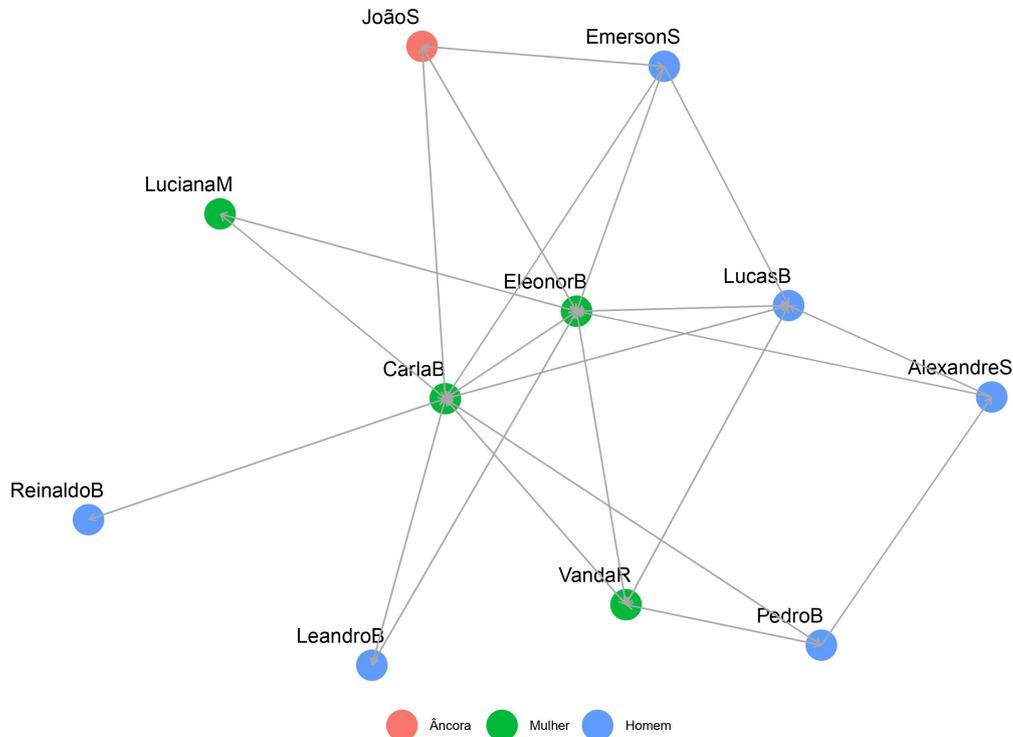
Fonte: elaborada pela autora (na plataforma R (R CORE TEAM, 2020)).

Os integrantes da rede fechada se caracterizam por estabelecer menos contatos rotineiros com paulistas, comparativamente à rede denominada aberta. Isso se deve às seguintes razões: (i) a maioria desses migrantes pouco sai de seus bairros — os quais são majoritariamente habitados por nordestinos —, de maneira que sua mobilidade urbana é bastante reduzida, e convivem ou com seus familiares sergipanos ou com os vizinhos; (ii) aqueles que trabalham fora de casa, assim o fazem em empresas cujos trabalhadores são, em sua maioria, também nordestinos, de acordo com seus relatos. Todos os informantes dessa rede nasceram numa cidade do interior de Sergipe chamada Nossa Senhora da Glória.

A rede aberta, representada na Figura 1.7, é formada por migrantes que têm um perfil um pouco distinto daqueles da rede fechada. Eles já saem mais de seus bairros, ou seja, têm uma mobilidade urbana maior, e se relacionam com paulistas mais frequentemente,

seja no ambiente de trabalho ou nas demais interações sociais. Os informantes dessa rede nasceram ou em Estância ou em Lagarto.

Figura 1.7: Migrantes sergipanos entrevistados da rede aberta



Fonte: elaborada pela autora (na plataforma R (R CORE TEAM, 2020)).

A Tabela 1.1 abaixo mostra que a maioria dos entrevistados está na faixa dos 40-50 anos; em relação ao tempo de residência em São Paulo, observa-se certa homogeneidade na rede fechada, cujos entrevistados migraram em torno de 30 anos atrás. Na rede aberta, por outro lado, verifica-se uma variação maior nesse sentido, já que um de seus integrantes migrou há apenas 16 anos, enquanto um outro veio para São Paulo há 45 anos.

No que concerne à escolarização dos migrantes, levando-se em conta ambas as redes, a grande maioria não foi além do ensino fundamental, pois muitos deles tiveram que trabalhar desde cedo com os pais e não puderam frequentar a escola por muitos anos.

A fala dos sergipanos entrevistados foi comparada com a de paulistanos e sergipanos de outras duas amostras, respectivamente: SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012) e o banco “Falares Sergipanos” (FREITAG, 2013). A amostra SP2010 é constituída de 60 entrevistas sociolinguísticas, estratificadas por sexo/gênero, três faixas etárias e dois níveis de escolaridade. Para cada um dos doze perfis sociolinguísticos foram gravados 5 paulistanos (um de cada zona da cidade, de modo balanceado para regiões mais periféricas

Tabela 1.1: Informantes sergipanos migrantes das duas redes

	Informante	Idade	Sexo	Escolaridade	Idade de migração	Tempo em SP	Ocupação
	ElianaL	53	F	Fundamental I	17	37	Desempregada
	JoanaT	56	F	Fundamental I	21	35	Operadora de máquina de tecido
	JoaquimS	61	M	Fundamental I	23	38	Metalúrgico
	JonasS	50	M	Fundamental I	25	25	Aposentado
	JorgeN	49	M	Médio	18	31	Mecânico industrial
	JulioL	55	M	Fundamental I	20	33	Operador de máquina injetora
Rede Fechada	MartaL	47	F	Médio	19	29	Auxiliar de berçário
	NilsaL	55	F	Médio	30	25	Pensionista
	ReginaL*	49	F	Fundamental II	18	31	Cozinheira
	RitaL	46	F	Fundamental II	17	29	Dona de casa
	RobertoS	55	M	Fundamental I	30	25	Ajudante geral
	RodrigoL	44	M	Médio	19	25	Afastado pelo INSS
	RoseS	50	F	Fundamental I	25	25	Dona de casa
	RuthT	44	F	Fundamental I	14	29	Empregada doméstica
	TelmaN	64	F	Fundamental I	22	42	Costureira
	VivianeS	49	F	Fundamental II	12	37	Dona de casa
	AlexandreS	32	M	Médio	18	14	Motorista de pet shop
	CarlaB	40	F	Superior	24	16	Professora
	EleonorB	73	F	Fundamental II	29	45	Aposentada
	EmersonS	23	M	Médio incompleto	7	16	Funcionário de uma empresa de transporte
Rede Aberta	JoãoS*	44	M	Fundamental II	26	18	Funcionário de uma transportadora
	LeandroB	48	M	Médio	5	43	Funcionário público
	LucasB	49	M	Fundamental I	14	35	Metalúrgico
	LucianaM	54	F	Fundamental I	16	36	Dona de casa
	PedroB	45	M	Fundamental II incompleto	10	35	Taxista
	ReinaldoB	46	M	Fundamental II	24	22	Zelador e atleta
	VandaR	62	F	Fundamental I	17	44	Aposentada

* Informante inicial (ou ponto de partida)

Fonte: Santana (2018, p. 40)

ou mais centrais). Em Santana (2018), foram utilizadas 6 entrevistas dessa amostra para uma análise contrastiva com aqueles que migraram. A escolha por essas 6 entrevistas se deu para que se mantivesse a comparabilidade com o estudo de Oushiro (2016a), que também analisou a pronúncia das vogais médias pretônicas na fala de migrantes (em comparação aos paulistanos). As codificações de tais entrevistas foram gentilmente cedidas por Oushiro.

A coleta da amostra sergipana, por sua vez, ocorreu no povoado chamado Açuzinho (localizado no município de Lagarto, centro sul de Sergipe, situado a 75 quilômetros da capital do estado). Os informantes dessa amostra integram um grupo religioso chamado

Legião de Maria, pois a coleta teve como norteador o conceito de “comunidade de práticas” (ECKERT, 2000 apud FREITAG, 2013), cujo foco é direcionado para um grupo de indivíduos que interagem em torno de algum empreendimento em comum. A escolha por tal amostra se justifica também no sentido de se permitir comparabilidade (nesse caso, entre os sergipanos migrantes e os não migrantes), já que ambos os grupos se caracterizam, em sua maioria, por não ter formação escolar completa. Dessa amostra, foram utilizadas 4 entrevistas (1 homem e 3 mulheres). A amostra de Açuzinho é apenas uma de várias que constituem o banco de dados chamado “Falares Sergipanos” (FREITAG, 2013).

Como havia apenas 1 entrevista com indivíduo do sexo masculino entre os informantes de Açuzinho, decidimos utilizar 2 entrevistas de outra amostra do mesmo banco de dados Falares Sergipanos. Tal amostra, por sua vez, é formada por gravações com estudantes universitários (ou já graduados) de Itabaiana (cidade localizada no agreste sergipano, situada a 54 quilômetros de Aracaju). No total, portanto, contando com as entrevistas de Açuzinho e de Itabaiana, utilizaram-se 6 entrevistas como grupo de controle (ao lado da amostra dos paulistanos, que também dispõe de 6 informantes). A Figura 1.8 mostra o estado de Sergipe, destacando as cidades de origem dos falantes da amostra controle sergipana e dos migrantes entrevistados.

Figura 1.8: Cidades de origem dos migrantes e da amostra controle sergipana



Fonte: *Google Maps* (adaptado).

A transcrição das entrevistas dos migrantes e dos sergipanos que não migraram foi realizada com a ferramenta ELAN (HELLWIG; GEERTS, 2017), porque sua interface permite manusear, ao mesmo tempo, áudio e transcrição, além de facilitar a exportação e importação de arquivos de diferentes extensões. As entrevistas da amostra paulistana já estavam transcritas, pois, como mencionado anteriormente, elas fazem parte do projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012).

Para a análise das vogais em foco, extraíram-se seus valores de F1 por meio do programa PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2010) e de *scripts* (OUSHIRO, 2015b, 2018a,c) criados na plataforma R (R CORE TEAM, 2020). A razão de se trabalhar com valores de F1 se deu pela intenção de verificar graus de acomodação dos falantes, o que não seria possível se a análise lidasse com uma variável categórica ou binária, com apenas duas variantes (baixar ou não a vogal média pretônica), codificadas de oitiva.

O estudo também testou a relevância de algumas variáveis linguísticas preditoras, indicadas por outros trabalhos, como Marques (2006), Pereira (2010) e Oushiro (2016b), como importantes para o estudo da pronúncia variável de /e/ e /o/ pretônicos: valor de F1 da vogal da sílaba seguinte, contextos fonológicos precedente e seguinte, tipo de sílaba e distância da sílaba tônica.

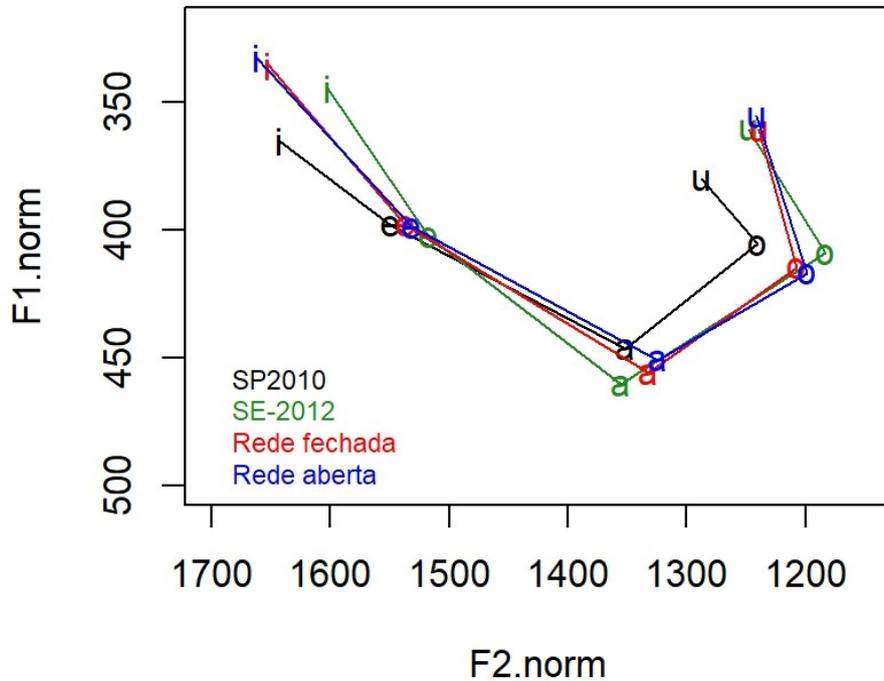
A partir das 27 entrevistas sociolinguísticas com migrantes sergipanos, 3119 ocorrências de /e/ e 1926 de /o/ foram extraídas. Quanto aos fatores linguísticos, as análises, também realizadas na plataforma R, indicaram que, para /e/, apenas o valor de F1 da vogal da sílaba seguinte e a presença de consoantes palatais sibilantes em contexto fonológico seguinte têm correlação com a pronúncia da vogal: quanto maior o valor de F1 da vogal da sílaba seguinte, mais baixa é a vogal pretônica /e/; e palatais sibilantes tendem a desfavorecer o abaixamento (como em ‘dezembro’). Para /o/, por sua vez, o valor de F1 da vogal seguinte, a presença de consoantes labiais ou velares em posição fonológica precedente (como em ‘morar’ e ‘coração’) e de velares em posição seguinte (como ‘local’) tendem a favorecer o abaixamento da vogal.

Na comparação com os dados das amostras controle de São Paulo e de Sergipe, as análises estatísticas de Santana (2018) mostraram, diferentemente da expectativa inicial, uma semelhança entre as vogais produzidas pelos migrantes, pelos sergipanos que nunca migraram e pelos paulistanos. A Figura 1.9 mostra que as médias¹ dos valores de F1 de [ɛ]

¹As médias de cada amostra foram calculadas a partir da soma dos valores de F1 da vogal em foco, com a posterior divisão pelo número de ocorrências. Por exemplo, para a rede fechada de migrantes sergipanos em São Paulo, extraíram-se 1811 ocorrências de /e/ pretônico. Os valores de F1 de cada uma delas foram somados e, depois, o resultado dessa soma foi dividido por 1811 obtendo-se, assim, a média de F1 correspondente. Além disso, a Figura 1.9 mostra que os valores de frequência de formantes foram normalizados. A normalização foi realizada porque o trato vocal de cada indivíduo tem efeito na produção

e [ɔ] nessas amostras são muito próximas umas das outras:

Figura 1.9: Médias normalizadas de F1 e de F2 das vogais pretônicas das duas redes e das amostras de Sergipe e de São Paulo



Fonte: Santana (2018, p. 84).

A análise estatística realizada por Santana (2018) confirma o que a figura ilustra: não se constatou diferença significativa entre os migrantes (“Rede fechada” e “Rede aberta”) e os paulistanos (“SP2010”) e entre os migrantes e os sergipanos da amostra controle (“SE-2012”). Um possível motivo que explica esse resultado é o método escolhido para a comparação dos padrões dos migrantes, ou seja, a média dos valores de F1 das vogais em foco. Embora as médias permitam estabelecer uma comparação mais global entre os migrantes (e as amostras controle), como vemos na Figura 1.9, não é possível observar a grande dispersão existente para cada um dos indivíduos, de cada amostra. Por exemplo, NilsaL, da rede fechada, apresenta valores de F1 da vogal /e/ que variam entre 331,511 Hz e 478,593 Hz; e CarlaB, da rede aberta, tem valores também para /e/ entre 342,181 Hz e 468,05 Hz (considerando, em ambos os casos, os valores já normalizados). Nesse sentido, as médias comparadas não abarcam a gradação de todos os valores mensurados e, portanto,

dos segmentos fônicos. No esforço de reduzir possíveis enviesamentos, utilizou-se a normalização de Lobanov (1971), que é considerada pelos foneticistas como o melhor procedimento para esse tipo de estudo (BARBOSA; MADUREIRA, 2015; ADANK; SMITS; HOUT, 2004).

a dispersão dos dados é “perdida” nas análises realizadas.

Na comparação entre as redes dos migrantes especificamente, Santana (2018) também não verificou diferença significativa entre elas; mais uma vez, as médias de F1 não revelam a grande variação na pronúncia das vogais médias pretônicas. Há, por exemplo, em ambas as redes, alguns migrantes mais acomodados ao dialeto paulistano no que se refere a /e/; outros que pronunciam /o/ mais semelhantemente aos paulistanos; aqueles que se aproximam do padrão paulistano no que concerne tanto a /e/ quanto a /o/; e, ainda, migrantes que revelam pouca semelhança ao falar paulistano em relação às duas vogais. De fato, há grande variação entre os indivíduos: nem todos os migrantes que abrem menos a vogal /e/ também o fazem com /o/ e vice-versa; mas há indivíduos que pronunciam tanto /e/ quanto /o/ com F1 mais baixo (ou seja, de modo mais parecido com o dos paulistanos). A Tabela 1.2, a seguir, esquematiza esses fatos.

Tabela 1.2: Acomodação (aproximação à média paulistana) de cada migrante, para as médias pretônicas /e/ e /o/

Informante	Rede fechada		Informante	Rede aberta	
	Acomodação /e/	Acomodação /o/		Acomodação /e/	Acomodação /o/
ElianaL	✓	X	CarlaB	✓	X
JoanaT	✓	X	EleonorB	X	✓
JoaquimS	X	X	LucianaM	X	✓
JonasS	✓	X	VandaR	✓	X
JorgeN	✓	✓	AlexandreS	?	?
JulioL	✓	X	EmersonS	✓	✓
MartaL	✓	✓	JoãoS	X	X
NilsaL	✓	X	LeandroB	✓	X
ReginaL	X	✓	LucasB	✓	X
RitaL	✓	X	PedroB	✓	X
RobertoS	✓	? ²			
RodrigoL	✓	X			
RoseS	✓	X			
RuthT	✓	X			
TelmaN	✓	X			
VivianeS	✓	X			

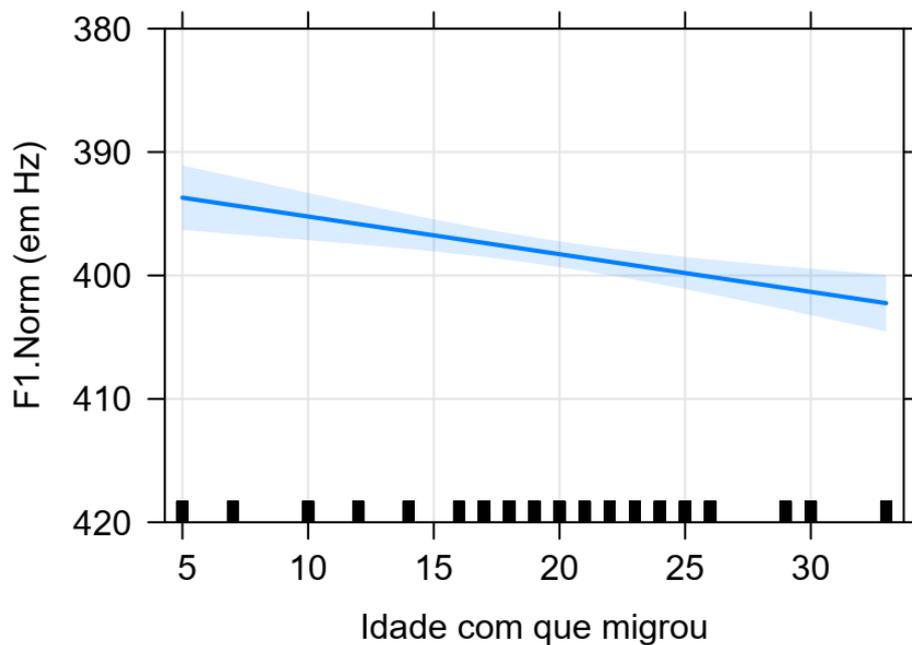
Fonte: Santana (2018, p. 113).

Além de desenvolver análises em que se incluem variáveis linguísticas preditoras, Santana (2018) também investigou fatores sociais como *sexo/gênero*, *idade de migração*,

²O símbolo “?” na tabela, para certos migrantes, indica que o resultado obtido nas análises não é confiável devido ao baixo número de ocorrências extraídas de suas entrevistas. Esse baixo número de ocorrências se deve a dificuldades na identificação da vogal, comprometida por conta de ruídos nas entrevistas.

*escolaridade, proporção de vida em São Paulo e integração à rede*³. Dentre elas, apenas *proporção de vida do migrante em São Paulo* se revelou importante para compreender o padrão de variação na pronúncia da vogal /o/: quanto maior tal proporção, menor o valor de F1 da vogal (portanto, em direção à fala paulistana). Essa variável social foi dimensionada pela divisão do número de anos que o falante estava morando em São Paulo pela sua idade. Tal proporção, em vez de simplesmente considerar o tempo de vida na nova cidade, se justifica porque leva em conta, em uma mesma “medida”, tanto os anos vividos em Sergipe quanto aqueles vividos em São Paulo (cf. Santana (2018)). Já para a vogal /e/, conforme ilustra a Figura 1.10, a *idade de migração* mostrou correlação com a variável dependente (e não a proporção de vida em São Paulo): quanto mais cedo na sua vida o sujeito tenha migrado, menos frequentemente ele faz o abaixamento da vogal.

Figura 1.10: Gráfico do efeito da *idade de migração* sobre os valores de F1 da vogal /e/ dos migrantes de ambas as redes



Fonte: Santana (2018, p. 84).

A partir do que se observou nos dados obtidos com os migrantes sergipanos em São Paulo, o processo de acomodação dialetal no que se refere à pronúncia de /e/ e /o/ pretônicos abrange uma nítida complexidade: influência de diferentes fatores linguísticos na variação; relevância de distintos fatores sociais para cada uma das vogais; e existência de gradação

³Essa variável será discutida no Capítulo 4, intitulado *Variáveis sociais para o estudo da fala de migrantes*.

no processo (no sentido de algumas pessoas se acomodarem quanto à /e/, mas não quanto à /o/ e vice-versa). A evidente dispersão dos valores de F1 das vogais abriu margem para a reflexão sobre o que significa “se acomodar” a uma nova variedade linguística: diferentemente do que se vislumbrava, o falante que migra de uma região dialetal para outra expande seu repertório linguístico, no sentido de ter mais opções de realização (no caso dos migrantes sergipanos, tanto a pronúncia paulistana quanto a sergipana lhe são disponíveis). Isto é, “acomodar-se” não significa necessariamente substituir uma variedade por outra, mas também adquirir uma sem perder a outra. Tal discussão é retomada e aprofundada no Capítulo 2, *Acomodação dialetal*.

Embora Santana (2018) não tenha verificado correlação entre a configuração da rede social do migrante e a pronúncia variável das vogais médias pretônicas, isso não significa necessariamente que a rede não tenha correlação com nenhuma outra variável linguística. Daí o interesse em averiguar o padrão de emprego de variantes de outras variáveis na fala dos mesmos sergipanos que migraram para São Paulo, como se desenvolve no Capítulo 3 (*As variáveis sociolinguísticas para o estudo da fala de migrantes sergipanos em São Paulo*). Além de investigar como se dá, na fala dos migrantes, o uso de outras formas linguísticas que diferenciam São Paulo e Sergipe, também interessa analisar como se dá a combinação desses usos na fala de cada informante, de cada uma das redes amostradas. Será que aqueles migrantes que baixam menos frequentemente a vogal /e/ também palatalizam mais /t, d/ diante de [i], num movimento de aproximação à variedade paulistana? A possibilidade de se realizar esse tipo de análise, chamado de *covariação*, também instigou a continuação do que se iniciou no mestrado. Uma discussão mais detalhada sobre covariação é apresentada nos capítulos 5 (*Coesão dialetal e covariação*) e 8 (*Covariação na análise do processo de acomodação dialetal*).

2

Acomodação dialetal

O Capítulo 1 descreveu a pesquisa realizada durante o mestrado e explicou a razão pela continuação do estudo no doutorado. Este capítulo, por sua vez, aponta a origem, nos estudos de Sociolinguística, do conceito de “acomodação”, e explica mais detalhadamente o que é o processo de acomodação dialetal, a partir da resenha de [Trudgill \(1986\)](#), obra pioneira sobre o tema, e de trabalhos posteriores que tomaram caminhos um pouco distintos do que foi feito por esse autor. Além disso, o capítulo apresenta uma reflexão sobre o significado do termo “acomodação”, para deixar claro a que tipo de fenômeno se refere, na presente pesquisa, quando ele é mencionado.

2.1 O caminho percorrido pelos estudos de acomodação dialetal

O termo “acomodação”, tal como comumente utilizado nos estudos sociolinguísticos, vem das pesquisas desenvolvidas por [Giles \(1973\)](#) e [Giles, Taylor e Bourhis \(1973\)](#), na área da Psicologia Social. Na concepção da teoria da acomodação, esses autores partem do pressuposto de que um falante, ao diminuir as dessemelhanças com seu interlocutor, pode induzir este a avaliá-lo mais favoravelmente. [Giles, Taylor e Bourhis \(1973\)](#) consideram também que quanto mais uma pessoa se acomoda linguisticamente a seu interlocutor (isto é, quanto mais diminuem as diferenças entre seus padrões linguísticos), maior é sua necessidade por aprovação social pelo outro e vice-versa. Se esse argumento fosse transposto para o caso dos falantes que migram para uma nova região dialetal, significaria dizer que eles mudam seu jeito de falar para buscar aprovação social da comunidade anfitriã. Esse seria, então, um fator social relacionado à mudança de um dialeto para outro.

A fim de testar essas hipóteses, [Giles, Taylor e Bourhis \(1973\)](#) desenvolveram um estudo com a participação de indivíduos pertencentes a grupos etnolinguísticos distintos: 80 falantes canadenses anglófonos (bilíngues) de Quebec, região onde há uma confluência das culturas anglófona e francófona. Com o objetivo de verificar se esses participantes

se acomodariam a um falante também bilíngue, mas francófono, o experimento revelou que tal falante era avaliado mais favoravelmente pelos ouvintes anglófonos quando estes percebiam um esforço daquele para utilizar a língua inglesa. Os resultados, portanto, sugerem que um falante pode ser avaliado mais favoravelmente quanto mais esforço ele coloca na sua própria fala para se acomodar a seu ouvinte. Embora nesse estudo de **Giles, Taylor e Bourhis (1973)** “acomodar-se” signifique aproximar-se do interlocutor falando a língua dele, é possível estender o mesmo termo para o contexto em que os falantes utilizam a mesma língua, mas não a mesma variedade regional. **Trudgill (1986)**, que é tratado com profundidade nos próximos parágrafos, fez essa conexão: para ele, o processo de se acomodar linguisticamente também pode ser entendido num contexto de migrantes que compartilham a mesma língua (mas não o mesmo dialeto).

A teoria da acomodação de Giles recebeu alguns questionamentos de **Trudgill (1986)**, que apontou para a falta de uma análise mais detidamente linguística nos experimentos desenvolvidos por aqueles autores. Além disso, Trudgill lembra que a teoria de Giles diz respeito apenas ao momento da conversa face a face e que a acomodação que pode ocorrer na fala de indivíduos que migram de uma região dialetal para outra é ignorada. A partir dessas considerações, o autor sugere que há, então, dois fenômenos diferentes: uma acomodação que ocorre no instante da interação e outra que acontece a longo prazo. Dentro desse segundo tipo, ele argumenta que interessa saber como os falantes se acomodam, até que ponto se acomodam e por que algumas situações e alguns indivíduos favorecem mais a acomodação que outros. Tendo em mente tais indagações, Trudgill afirma que a chamada *acomodação de longo prazo* interessa mais aos linguistas que aos psicólogos sociais.

Embora **Trudgill (1986)** admita que, por um lado, os estudos da Psicologia Social tenham trazido descobertas importantes – sobre as atitudes de convergência e divergência dos falantes em relação a seus interlocutores, em uma situação comunicativa –, por outro, do ponto de vista linguístico, a contribuição de tais pesquisas foi insuficiente, uma vez que há pouca sofisticação nas análises linguísticas empreendidas. Trudgill descreve tais análises como impressionísticas, pois Giles e seus colaboradores não investigaram quais foram os elementos linguísticos que contribuíram para uma avaliação mais positiva ou negativa dos participantes do experimento, por exemplo.

Em oposição a esse método analítico, Trudgill defende a realização de análises linguísticas mais acuradas, com a quantificação de dados, para que o pesquisador descubra qual é o grau de acomodação do falante, quais são os traços linguísticos que mudam ou não no processo, se há (ou não) uma uniformidade (depende do falante, do ambiente, das relações entre os indivíduos?) e quais são os limites do fenômeno (quais são as restrições linguísticas? É possível se acomodar totalmente a uma nova variedade linguística?).

Após elencar as limitações da teoria desenvolvida por Giles, Taylor e Bourhis (1973), Trudgill, na pioneira obra *Dialects in contact* (1986), apresenta seus argumentos a respeito da acomodação de longo prazo, na fala de migrantes que mudam de uma região dialetal para outra. O autor busca, então, explicitar quais são os fatores envolvidos no processo de mudança (ou não) da fala de migrantes.

O primeiro questionamento lançado por ele é “por que alguns aspectos da pronúncia se alteram no processo de acomodação enquanto outros permanecem inalterados?”⁴ (TRUDGILL, 1986, p. 9). Para responder essa pergunta, o autor recorre aos conceitos de *marcadores* e *indicadores* de Labov (1972), explicando que, nas comunidades de fala, existem variáveis linguísticas sujeitas a sofrer tanto variação social quanto estilística (os *marcadores*), enquanto há outras que sofrem apenas variação social (os *indicadores*).

A variação social, em linhas gerais, diz respeito às diferenças linguísticas observadas entre grupos sociais delimitados por algum critério (como sexo/gênero, faixa etária, grau de escolaridade etc.). Nesse sentido, podemos dizer que existe variação, por exemplo, no modo como pessoas mais velhas e mais jovens falam, ou entre aquelas que completaram o ensino superior e aquelas que estudaram até o fundamental I. Como exemplo de variação social, no português brasileiro, existe o uso de “nós” e “a gente” na função de sujeito. Pesquisas indicam que a variante “a gente” é favorecida pelos falantes mais jovens (Cf. Vianna e Lopes (2015)).

A variação estilística, por sua vez, refere-se às diferenças linguísticas observadas em estilos conversacionais mais e menos espontâneos. Quando uma pessoa está em uma situação comunicativa mais formal (como uma professora universitária proferindo uma palestra sobre um assunto específico de sua área de estudos), ela tende a monitorar com mais atenção o modo como fala, e, sendo assim, tende a evitar alguns usos linguísticos considerados menos prestigiados pelos falantes de alguma comunidade. Para exemplificar um caso de variação estilística, podemos citar os usos da concordância verbal não padrão da terceira pessoa do plural, como ‘eles vai’, pois eles são suscetíveis à avaliação dos falantes e podem ser preteridos em contextos de maior monitoramento e formalidade.

Assim, os falantes tendem a ter maior consciência acerca dos marcadores (como ‘eles vai’), que, ao menos potencialmente para Trudgill, são substituídos mais prontamente por parte dos falantes. O autor argumenta que os marcadores são variáveis mais *salientes* que os indicadores, de modo que são mais propensos a sofrer acomodação na fala dos migrantes. Observa-se, portanto, que o conceito de *saliência* é central no raciocínio empreendido por Trudgill.

⁴Tradução própria do original: “(...) why are some aspects of pronunciation altered during the accommodation process while others remain unchanged?”.

A fim de defender a relevância da saliência no processo de acomodação, o autor analisou sua própria fala (ao longo do período de um ano em que morou nos Estados Unidos) e a de alunos britânicos que estudavam na mesma universidade norte-americana onde ele atuava naquele período. Vale mencionar que essa análise se baseou em anotações feitas pelo autor, que, de oitiva, registrava as ocorrências produzidas por ele próprio e pelos estudantes em atividades acadêmicas (como apresentações em congresso).

Trudgill se deteve em cinco variáveis fonéticas, selecionadas pelo critério de *saliência* – elas aparecem recorrentemente no discurso metalinguístico dos falantes britânicos, o que demonstra sua consciência a respeito desses traços linguísticos como diferenciadores das variedades britânica e americana. As variantes selecionadas foram: (i) pronúncia do ditongo /aj/ como [a:], em palavras como *life* ‘vida’; (ii) realização de /r/ antes de consoantes ou em final de palavra, como em *cart* ‘carrinho’; (iii) pronúncia de [ɑ], como em *pot* ‘vaso’; (iv) pronúncia da vogal em palavras como *dance* ‘dança’, *last* ‘último’ e *class* ‘classe’ como [æ]; e (v) pronúncia de /t/ intervocálico como [ɾ], como em *letter* ‘carta’.

Em linhas gerais, sua investigação evidenciou que a acomodação é um processo complexo: enquanto a pronúncia de [ɾ] intervocálico tende a ser adquirida rapidamente pelos falantes de inglês britânico, a pronúncia [ɑ], a realização de /r/ antes de consoantes ou em final de palavra e a monotongação de /aj/, muitas vezes, sequer sofrem o processo de acomodação. Particularmente, a pronúncia [æ] tende a não ser adquirida rapidamente pelos falantes – por ser muito saliente, na visão de Trudgill, para os britânicos (isto é, por soar *muito* americana em determinados contextos fônicos).

Diante de dados desse tipo, o argumento de que a saliência atua como um fator relevante no processo de acomodação é enfraquecido, pois cada uma das variáveis linguísticas foi impactada de maneiras distintas na fala dos sujeitos analisados. Sendo assim, outros preditores, não controlados por Trudgill, pareciam estar atuando no fenômeno. O autor, então, argumenta que existem alguns inibidores do processo, como as restrições fonotáticas (que se referem às combinações fonológicas impossíveis de ocorrer em determinada língua), o choque homonímico (*homonymic clash*, que ocorre quando duas palavras distintas são pronunciadas de maneira idêntica) e os estereótipos (a serem evitados pelos britânicos, a fim de não parecerem “americanos demais”).

O caso de restrição fonotática na fonologia britânica está relacionado à dificuldade de se adquirir o /r/ antes de sons não vocálicos: no inglês britânico, a ocorrência de /r/ é possível apenas antes de vogais. Já o choque homonímico funcionou como inibidor no caso da aquisição da pronúncia [ɑ], pois, segundo Trudgill, se a pronúncia de *hot* (‘quente’) e *cod* (‘bacalhau’) mudasse para /hat/ e /kad/, respectivamente, tais palavras

teriam a mesma pronúncia de *heart* ('coração') e *card* ('cartão'), em inglês britânico, criando termos homônimos.

Com essas questões em mente, Trudgill defende o ponto de vista de que a acomodação ocorre seguindo uma ordem específica (ou uma hierarquia): inicia-se pelos traços linguísticos que mais facilmente sofrem o processo de acomodação, até aqueles em que é mais difícil, de maneira que, para ele, o processo ocorre em uma “rota fixa”. Nesse sentido, os padrões de realização de uma variável que ocupa a terceira posição nessa escala teriam menor probabilidade de mudar, num processo de acomodação, relativamente àquela que ocupa a primeira posição. Seguindo essa lógica, haveria um maior número de migrantes acomodados linguisticamente a uma nova variedade dialetal no que toca à primeira variável dessa lista decrescente de saliência, bem como um número menor, considerando-se a terceira.

Com a finalidade de endossar essa hipótese da “rota fixa” da acomodação, Trudgill (1986) buscou verificar se regularidades semelhantes poderiam ser observadas em outros contextos de migração, isto é, se as pessoas adquiriam mais rapidamente determinados traços linguísticos e mais tardiamente outros, seguindo etapas no processo de acomodação. Para tanto, o autor mobiliza dados de uma pesquisa desenvolvida por Nordenstam (1979) e de uma análise empreendida por Trudgill (1982).

Nordenstam (1979) analisou a fala de 22 mulheres suecas que migraram para a Noruega. Guardada a complexidade cultural e política que envolve os falantes de sueco e norueguês, Trudgill percebe tal caso como comparável à língua inglesa no contexto britânico/americano. Diferentemente de Trudgill (1986), a autora investiga na fala daquelas mulheres principalmente traços da morfologia e do léxico (não explicitados no texto de Trudgill), cujos níveis são os que mais diferenciam as duas línguas em foco.

O ponto destacado pelo autor a respeito dos resultados de Nordenstam é que, por um lado, as informantes seguem uma mesma rota de acomodação no que se refere aos pronomes pessoais; por outro lado, há bastante irregularidade na acomodação no uso de partículas de concordância de adjetivos (uma variável morfossintática), pois cada informante segue caminhos distintos. Mesmo com esse panorama, Trudgill ainda defende a ideia da hipótese da rota fixa, argumentando que ela se limita apenas ao nível da fonologia.

Já no estudo de 1982, Trudgill investigou o grau de acomodação na fala de dois irmãos gêmeos britânicos (Debbie e Richard), que moraram na Austrália durante o período de um ano (o que ocorreu quando eles tinham sete anos de idade). As crianças foram gravadas uma vez por mês durante seis meses e o pesquisador analisou diversos traços fonológicos (como a pronúncia do ditongo /aj/ em palavras como *high* ‘alto’ e de /t/ intervocálico, como em *better* ‘melhor’) na fala delas, a fim de verificar quais eram os traços pronunciados de

acordo com a variedade australiana.

Ao final dos seis meses, tanto Debbie quanto Richard soavam bastante australianos, já que, segundo o autor, eles haviam se acomodado à pronúncia australiana na maior parte das variáveis linguísticas analisadas. Entretanto, Trudgill destaca que cada um deles seguiu rotas diferentes nesse processo: alguns traços passaram por modificações na fala de Debbie, mas não na de Richard.

Por conta das diferenças entre ambos, Trudgill sugere que a hipótese da “rota fixa” deve ser mantida apenas para o caso de adultos, pois, segundo ele, existe uma flexibilidade linguística muito maior entre as crianças, e as restrições envolvidas no processo na fala de adultos não necessariamente afetam o processo na das crianças. O autor salienta que elas adquirem uma segunda língua com muito mais facilidade que os adultos.

Entretanto, Trudgill destaca que existem limites no processo de acomodação até mesmo entre as crianças. Ao apresentar os resultados de Chambers (1980), sobre o alçamento de vogais no inglês canadense, de Payne (1976, 1980), sobre crianças nascidas em Nova Iorque que migraram para Filadélfia, e de Trudgill (1982), sobre o inglês falado em Norwich, o autor pondera que regras fonológicas muito complexas só são adquiridas pelos falantes que foram expostos à variedade alvo muito cedo, antes mesmo de eles terem começado a falar.

O trabalho de Trudgill (1986) conseguiu avançar em vários aspectos no estudo sobre a fala de migrantes em relação à teoria de acomodação de Giles, Taylor e Bourhis (1973). Estes focalizaram as dinâmicas envolvidas na interação momentânea, na conversa face a face, nos valores sociais que circulam nos diálogos, nas atitudes (positivas e negativas) dos falantes (sobre uma variedade ou sobre um indivíduo) – com o objetivo de compreender os mecanismos caros à Psicologia Social nas interações comunicativas. Trudgill (1986), por sua vez, dirigiu foco aos aspectos linguísticos relacionados a mudanças na fala de um migrante, que vão além da conversa face a face e que abarca um período maior. Ele analisou os fatores linguísticos que estavam mais (ou menos) propensos a mudar e os limites dessa acomodação. Contudo, enquanto avançou na discussão estritamente linguística sobre os mecanismos envolvidos no processo de acomodação, o autor negligenciou vários aspectos sociais também relevantes na alternância entre um dialeto e outro na fala dos migrantes.

Diferentemente de Trudgill, Kerswill (1994), em um estudo sobre falantes nascidos e criados em uma cidade rural da Noruega e que migraram para uma região urbana (Bergen), destaca que

a experiência de cada indivíduo será marcadamente diferente da de outros, e, de qualquer maneira, sua resposta linguística à mudança de circunstâncias será parcialmente idiossincrática. Estudar a fala de migrantes requer que levemos em consideração as histórias de vida dos

indivíduos (KERSWILL, 1994, p. 3)⁵.

Faltou a Trudgill uma discussão sobre essas diferenças na vida de cada migrante, os contatos no dia a dia, a formação escolar, a influência do gênero social etc..

Mesmo em relação aos aspectos linguísticos do processo de acomodação, Trudgill (1986) não avança na discussão sobre as razões pelas quais a hipótese de uma rota fixa pode ser levada em conta no nível da fonologia, mas não nos níveis da morfologia e do léxico. Além disso, não desenvolveu qualquer consideração a respeito do nível sintático. Trabalhos posteriores lançaram luz a alguns desses aspectos linguísticos e sociais envolvidos no fenômeno da acomodação dialetal.

2.2 O avanço de pesquisas posteriores a Trudgill (1986)

Em direção oposta à hipótese de uma “rota fixa” da acomodação, Kerswill (1994) argumenta que as diferenças observadas na fala dos migrantes se devem a uma mistura de fatores linguísticos e sociais.

Apesar de várias diferenças individuais, Trudgill afirma que, por conta desses e outros fatores [saliência e restrições fonotáticas] se aplicarem mais ou menos igualmente a todas as pessoas, a “rota” pela qual elas se adaptarão à nova variedade tenderá a ser a mesma. Eu sugeriria que a razão pela qual existem diferenças individuais [na adaptação das pessoas à nova variedade linguística] é porque os fatores têm uma mistura de origens linguísticas, sociais e psicossociais (...) (KERSWILL, 1994, p. 10).⁶

Para esse autor, portanto, a tentativa de estabelecer um único caminho explicativo para o grau de acomodação de migrantes a uma nova variedade linguística é insustentável, pois são de variada natureza os fatores que influenciam o processo de acomodação dialetal.

Kerswill (1994) analisa a fala de 39 migrantes que saíram de uma área rural da Noruega (formada por vários distritos), e se estabeleceram em Bergen, uma cidade cosmopolita e bastante próspera. O autor parte do pressuposto de que uma série de fatores poderia estar influenciando o processo de acomodação de tais falantes e, por conseguinte, ele elenca

⁵Tradução própria do original: “each individual’s experience will differ markedly from that of others, and in any case his or her linguistic response to changing circumstances will be partly idiosyncratic. Studying the speech of migrants requires us to take into account individuals’ life histories”.

⁶Tradução própria do original: “Despite many individual differences, Trudgill is making the claim that, because these and other factors apply more or less equally to everyone, the ‘route’ by which they will accommodate to the new variety will tend to be the same. I would suggest that the reason why there are individual differences is because the factors have a mixture of linguistic, social, and social psychological origins, the linguistic factors themselves being largely unrelated”.

vários parâmetros a serem analisados na tentativa de compreender com mais clareza os padrões de variação na fala desses migrantes.

Diferentemente de Trudgill (1986), Kerswill vai além da análise da idade com que o falante migrou e analisa também: o tipo de trabalho do migrante na comunidade anfitriã (se tem menor ou maior *status*); o grau de *Bergenness* (índice relacionado à região urbana) ou de *Strilness* (índice relacionado à região rural) dos informantes que fazem parte da rede social do migrante; as atitudes dos migrantes em relação ao dialeto de origem; a pressão que sofreram para mudar seu dialeto logo que migraram; o sexo do falante; sua idade, entre outros fatores.

Kerswill analisou uma variável fonológica (qualidade do *schwa* antes de pausas — *schwa-lowering*), um índice que ele chama de “morfolexical” (calculado a partir de um conjunto de 23 variáveis morfológicas e lexicais) e uma variável tonêmica (os dialetos da região de origem dos falantes são caracterizados por tons, diferentemente da comunidade anfitriã), com o objetivo de verificar se, a depender do nível linguístico da variável, diferentes fatores sociais estariam atuando no processo de acomodação na fala dos migrantes.

No caso do índice morfolexical, Kerswill afirma que a *idade de migração*, a *pressão para modificar o dialeto* (nos primeiros anos após a migração) e a *idade do falante* se apresentam como fatores significativos. Dentro das expectativas, aqueles que migraram enquanto mais jovens e os que sofreram maior pressão para mudar seu dialeto são os que apresentam os maiores índices morfolexicais em direção ao dialeto alvo. O autor destaca ainda que, entre os migrantes adolescentes, existe uma pressão maior para modificar seus dialetos, uma vez que eles têm pouca confiança em si mesmos, ainda estão formando suas personalidades e buscam por aprovação entre seus pares, diferentemente dos adultos.

Para a variável fonológica, o autor não identificou uma correlação com a variável *pressão para mudar de dialeto*. Sua interpretação para esse resultado é que, diferentemente do caso das variáveis morfolexicais, não existe uma consciência por parte dos falantes em relação à pronúncia do *schwa*, isto é, a mudança que ocorre na fala dos migrantes no que se refere ao *schwa* é inconsciente.

Kerswill ainda tece críticas ao destaque dado por Trudgill ao papel da saliência no processo de acomodação, com a ressalva de que outros fatores (como restrições fonotáticas, estereótipos, grau de complexidade da variável, idade do falante etc.) devem ser analisados em conjunto com a questão da saliência, uma vez que, para cada traço linguístico, ela pode interagir diferentemente com cada fator analisado.

Já em trabalhos um pouco mais recentes, destaca-se a obra de Siegel (2011), que reúne uma série de estudos sobre a aquisição de diferentes dialetos pelo mundo (como

Bowie (2000), Kerswill (2002), Foreman (2003), Rys (2007) e Stanford (2007), para citar alguns) e destrincha os fatores linguísticos e sociais tomados como relevantes nesse processo – entre os quais estão: saliência de determinadas variantes, complexidade de regras linguísticas, marcadores linguísticos, estereótipos, idade de migração (período crítico), tempo de residência, atitudes dos falantes, motivo da migração, entre outros. Na obra de Siegel, fica claro que o estudo da fala de migrantes é complexo na medida em que diversos preditores podem estar relacionados à mudança (ou não) de um dialeto para outro.

No âmbito da sociofonética, Nycz (2015) lança novas luzes sobre o estudo da fala do migrante ao problematizar os métodos de coleta de entrevistas e propor caminhos futuros de análise para um aprofundamento maior sobre a dinâmica do contato linguístico. A autora destaca que a sociofonética, no que se refere à produção linguística do migrante, preocupa-se com a extensão do processo de acomodação (até que ponto os indivíduos adquirem traços fonéticos e fonológicos de uma nova variedade dialetal?), com a representação fonológica abstrata dos migrantes e com o significado social cunhado por eles a partir de certos usos (ou não usos) das variantes de um segundo dialeto.

Sobre as dificuldades metodológicas, Nycz afirma que, num cenário ideal, as pesquisas sobre a aquisição de segundo dialeto se beneficiariam em grande escala com o uso de amostras longitudinais, em que falantes seriam gravados ao longo de suas vidas. Entretanto, amostras desse tipo representam um desafio, na medida em que é difícil conseguir voluntários para essa coleta e, no caso do Brasil, a falta de financiamento em pesquisas é uma questão crucial. Nesse sentido, a autora incentiva o cotejamento entre amostras com falantes que não migraram e amostras constituídas por aqueles que migraram, o que permite algum nível de comparação.

Além disso, Nycz chama atenção para o fato de que amostras pequenas não são ideais para estabelecer generalizações sobre a fala dos indivíduos, de modo que os resultados obtidos devem ser interpretados com parcimônia e o pesquisador deva deixar claro quais são os limites de sua amostra. Essa precaução também deve existir quanto ao perfil dos entrevistados, pois universitários, por exemplo, não representam fielmente uma comunidade de falantes.

No contexto brasileiro, apesar da pesquisa seminal de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), que ganhou destaque também internacional, são poucos os estudos que se debruçaram sobre a fala do migrante. Convém destacar que alguns deles têm como embasamento a teoria da acomodação proposta por Giles, Taylor e Bourhis (1973), apesar de ela se centrar em situações comunicativas de curto prazo, diferentemente do que acontece com os migrantes.

Além disso, pesquisas como as de Marques (2006), Martins (2008) e Fouquet (2013),

embora forneçam dados relevantes sobre o tema, apresentam problemas metodológicos e analíticos que exigem um olhar mais crítico sobre seus resultados. Nesses estudos, fazem-se generalizações a partir de um pequeno número de entrevistados. Em [Martins \(2008\)](#) e [Fouquet \(2013\)](#), algumas conclusões são apresentadas sem a realização de testes estatísticos; em [Marques \(2006\)](#)⁷, determinadas variáveis sociais são precipitadamente consideradas relevantes no processo de acomodação dialetal sem uma análise criteriosa de outros fatores que poderiam estar influenciando o fenômeno.

Mais recentemente, trabalhos sobre processos de acomodação dialetal, com uma metodologia mais acurada e com análises estatísticas mais complexas, vêm se avolumando no estado de São Paulo. O estudo que merece destaque nesse sentido é o desenvolvido por [Oushiro \(2017b, 2018c\)](#), sobre a fala de alagoanos e paraibanos em São Paulo e em Campinas.

No primeiro ano dessa pesquisa, a autora analisou 32 entrevistas realizadas com alagoanos (21) e paraibanos (11) residentes em São Paulo, com foco em cinco variáveis sociolinguísticas: pronúncia de /r/ em coda silábica como tepe/retroflexo ou aspirado (em palavras como ‘porta’ e ‘mulher’); realização de /t, d/ antes de [i] (‘tia’, ‘dia’, ‘gente’, ‘Internet’) como africadas [tʃ, dʒ, ts, dz] ou como oclusivas [t, d]; realização de vogais médias pretônicas /e/ e /o/ a partir de sua altura (medida de F1 em Hertz); concordância nominal de número (‘os meninos’ vs. ‘os menino’); e negação sentencial (‘**não** sei’ vs. ‘**não** sei **não**/sei **não**’). Um conjunto extenso de fatores sociais foi levado em conta nessas análises, como sexo/gênero, escolaridade, idade de migração, tempo de residência em São Paulo, origem (rural ou urbana), motivo da migração (trabalho, estudo, família ou qualidade de vida) etc. Um dos principais resultados da pesquisa é a correlação sistemática entre idade de migração e as variáveis sociolinguísticas: todas as variáveis fonéticas se correlacionaram conforme a hipótese aventada (os falantes que migraram mais cedo têm maior probabilidade de utilizar as variantes de São Paulo), enquanto as variáveis morfossintáticas não apresentaram correlação significativa com essa variável.

Entretanto, [Oushiro \(2018b\)](#) destaca que os padrões das demais variáveis sociais pareciam enviesados porque não havia ortogonalidade entre alguns pares de variáveis (por exemplo, aqueles falantes que haviam migrado mais jovens eram também os que tinham maior tempo de residência em São Paulo). A partir da observação dessas limitações, a autora coletou uma nova amostra que permitisse a análise de sexo/gênero, idade de migração e tempo de residência na nova localidade, sem que houvesse uma interdependência entre essas variáveis.

⁷Mais detalhes sobre isso são apresentados no Capítulo 4, intitulado *Variáveis sociais para o estudo da fala de migrantes*.

Dessa forma, a segunda parte dessa pesquisa foi desenvolvida com a coleta de 40 novas entrevistas, também com alagoanos (23) e paraibanos (17), mas residentes na região metropolitana de Campinas. Dessa vez, com o controle sistemático das variáveis *sexo/gênero*, *idade de migração* e *tempo de residência*, as análises indicaram que, com exceção da vogal /o/, há uma correlação entre idade de migração e as demais variáveis fonéticas – isto é, quanto mais cedo o falante tenha migrado, maior é a tendência de uso das variantes prototípicas de Campinas. Além disso, apenas a realização de (-r) em coda teve correlação significativa com tempo em SP, o que, de acordo com Oushiro (2018b), pode estar relacionado com a *saliência* social da variável, no sentido de que os falantes têm consciência dela. A pronúncia da coda (-r) parece ser a variável mais presente no discurso metalinguístico dos entrevistados como diferenciadora de dialetos e, portanto, está mais propensa a ser controlada, em sua fala, pelos migrantes que residem há mais tempo em SP. Esse argumento será analisado mais detidamente em trabalhos futuros da pesquisadora.

Quanto à realização de (t, d), a autora constatou a relevância do sexo/gênero do falante: relativamente às mulheres, os homens tendem a desfavorecer a pronúncia africada. Nesse caso, Oushiro salienta que essa é uma variável que também diferencia falares rurais e urbanos, de maneira que pode existir uma atenção maior das mulheres no sentido de evitar o uso de variantes rurais, por conta do estigma que existe em relação aos falares considerados rurais. Oushiro (2020a) também revela a dependência do fator gênero com a escolaridade do indivíduo: “ao passo que não se vê diferença significativa para homens de diferentes níveis de escolaridade, as mulheres de nível médio são as que relativamente mais favorecem a realização palatalizada do segmento em relação às mulheres de nível fundamental e superior” (p. 62). Interessa destacar também que não se verificou efeito significativo de nenhuma das variáveis sociais testadas com o padrão da negação sentencial. Tal resultado pode indicar que, no caso de variáveis morfossintáticas, outros tipos de preditores estão influenciando no processo de acomodação dialetal.

Souza (2017) também desenvolve um estudo sobre processos de acomodação dialetal, na fala de 50 migrantes baianos residentes em São Paulo. O autor analisa a pronúncia das vogais médias pretônicas (como em ‘relógio’ e ‘roseira’), do (-r) em coda (como em ‘porta’ e ‘deixar’), as estruturas de negação e o uso do artigo definido diante de antropônimos (‘O João viajou’/ ‘Ø João viajou’). Souza busca investigar os padrões de uso de cada uma dessas variáveis linguísticas, analisando a relevância de diferentes variáveis sociais (como tempo de residência na nova comunidade e idade de migração).

As pesquisas empreendidas por Oushiro (2017b, 2018b) e Souza (2017) são referências importantes para o presente estudo, tanto pelas variáveis linguísticas em comum quanto pelo rigor das análises estatísticas empreendidas.

2.3 O termo “acomodação”

Tal como vimos no Capítulo 1, [Santana \(2018\)](#) utiliza o termo “acomodação dialetal” no sentido de [Trudgill \(1986\)](#), que define a “acomodação de longo prazo” como o processo que ocorre na fala de indivíduos que entram em contato com uma nova variedade linguística (de outra região) e que, ao longo do tempo, passam a utilizar mais frequentemente as variantes mais comuns do padrão que define tal variedade. Concomitantemente, reduz-se a frequência das variantes do dialeto de origem.

Entretanto, o conceito de acomodação dialetal não é consenso entre os estudiosos, já que alguns preferem o conceito de “aquisição de dialeto”, a exemplo de [Chambers \(1992\)](#) e [Siegel \(2011\)](#). [Chambers \(1992\)](#), contudo, sugere que a distinção entre “acomodação de longo prazo” e “aquisição de dialeto” parece ser mais terminológica do que substancial (p. 676). Em contrapartida, [Siegel \(2011\)](#) rebate esse ponto de vista por observar algo discrepante entre o que se chama de acomodação e o que se chama de aquisição. Tal autor tece críticas à teoria da acomodação de [Trudgill \(1986\)](#), argumentando que os falantes “se ajustam” linguisticamente não a interlocutores presentes no momento da interação, mas a modelos abstratos que eles têm da língua de determinado grupo com o qual desejam se identificar (p. 73). Com esse raciocínio, Siegel alega que o falante pode produzir formas de uma nova variedade sem a presença de sujeitos nativos de tal dialeto (como mostra [Chambers \(1992\)](#)).

Além disso, citando o trabalho de [Markham \(1997\)](#), Siegel considera que a aquisição de um segundo dialeto é desencadeada por dois fatores: a acomodação e o ambiente linguístico. Siegel define a acomodação como um processo socialmente motivado, que surge do desejo inconsciente por uma aprovação por parte dos interlocutores; o efeito do ambiente linguístico se refere à convergência entre as características do falante com o meio linguístico predominante, em que não se manifesta uma necessidade do falante pela busca de algum benefício social.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que, para [Siegel \(2011\)](#), um falante pode adquirir um novo dialeto sem necessariamente avaliar tal processo como algo positivo. A aquisição pode ocorrer devido apenas ao ambiente linguístico predominante no qual o indivíduo se encontra, sem que necessariamente haja um desejo consciente por parte dele.

[Souza \(2017\)](#), por sua vez, no estudo sobre baianos residentes em São Paulo, vem empregando o termo “plasticidade dialetal”, ao discutir que o processo envolvido na variação (e possível mudança) de um dialeto na direção de outro é algo dinâmico e não estático, diferentemente do que o termo “acomodação” pode levar a pressupor. Ademais, tal como adianta a introdução do presente trabalho, é possível associar uma ideia de “letargia”

ao termo “acomodar”, como se o uso de determinadas variantes se explicasse pelo emprego de um esforço mínimo por parte do falante. Com o conceito “plasticidade”, Souza sugere que o processo que ocorre na fala do migrante não é totalmente desvinculado de uma possível consciência que o falante tenha acerca de tal processo. Para esse autor, o migrante pode se adaptar linguisticamente a depender do contexto da situação comunicativa (se descontraído entre amigos conterrâneos, se profissional com colegas de trabalho etc.) e das atitudes que ele tem a respeito da variedade de origem e da alvo. Nesse sentido, a própria identificação do migrante com a comunidade em que está inserido pode influenciar, conscientemente, seus padrões linguísticos, na esteira do que apontam Carmichael (2014) e Oliveira (2020)⁸. Para Souza (2017), portanto, o termo “acomodação” tende a evocar um processo mais passivo por parte do migrante, enquanto “plasticidade” expressa justamente uma atitude mais ativa e maleável do falante.

A interpretação proposta por Souza (2017) pode encontrar amparo em Santana (2018), que analisou a fala de dois indivíduos específicos, ambos integrantes da rede mais aberta de sua amostra de sergipanos em São Paulo. Tal análise mostra que, em uma mesma entrevista (de aproximadamente 50 minutos), a pronúncia das vogais médias pretônicas varia muito – a depender, por exemplo, do assunto que está sendo abordado. Em suas respectivas entrevistas, esses dois migrantes sergipanos em São Paulo passaram a baixar mais a pretônica /o/ quando falavam sobre o Nordeste e sobre seu próprio sotaque. Isso nos leva a considerar que falar em termos de “acomodação” pode não descrever bem os padrões que de fato se revelam na fala dos migrantes, no “aqui e agora” de sua performance sociolinguística. Santana (2018, p. 130) sugere que “a limitação que o termo ‘acomodação’ coloca é a pressuposição de uma expectativa de que a variação na fala do migrante poderia ser menor (‘apenas’ mais parecida com a da comunidade de destino), quando o que de fato observamos é uma variação maior”.

Essa discussão também faz coro com as descobertas de Bigham (2010), cuja análise se concentra na influência do contato dialetal sobre a fala de jovens estudantes universitários da Universidade do Sul de Illinois no que tange à pronúncia das vogais /u/, /o/, /æ/ e /ɔ/. Nessa pesquisa, o padrão de variação na fala de 7 indivíduos nascidos no sul de Illinois foi comparado com os usos de: (i) 13 universitários nascidos no norte de Illinois e (ii) 32 estudantes do ensino médio nascidos no sul de Illinois. Bigham aventou a hipótese de que, embora a universidade esteja localizada no Sul, a fala dos jovens universitários nascidos nessa região estaria se acomodando à daqueles que nasceram no Norte – uma expectativa que se justifica pelo fato de que o falar do Norte dispõe de maior prestígio entre os falantes

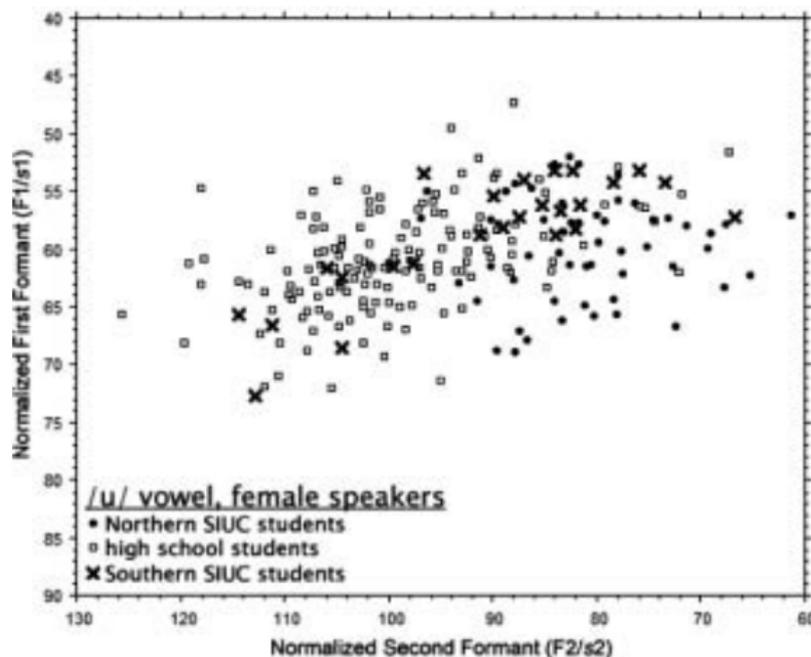
⁸Cf. Capítulo 4.

de Illinois.

Seus resultados, obtidos a partir dos valores dos formantes das vogais, indicam que, de fato, existe um movimento de aproximação às formas dialetais da região norte do estado pelos universitários sulistas. O autor percebeu que podem ocorrer dois tipos de acomodação: por expansão (*accomodation via expansion*) ou por redução (*accomodation via reduction*). O primeiro se caracteriza pelo aumento da dispersão das formas utilizadas pelos jovens universitários (como no caso daqueles dois migrantes sergipanos); enquanto o segundo é caracterizado pela redução da dispersão.

Com a Figura 2.1, o autor ilustra que, entre as estudantes mulheres nascidas na região norte, as ocorrências de vogal /u/ (representadas pelo x) estão espalhadas pelo gráfico, mas é possível observar que há vogais sendo produzidas mais na parte posterior da cavidade bucal (lado direito do gráfico), distanciando-se da média das estudantes de ensino médio (representadas pelos quadradinhos), as quais produzem a vogal /u/ com menor grau de posteriorização (lado esquerdo do gráfico). Esse, portanto, é um caso de acomodação via expansão, uma vez que as universitárias nascidas no Norte não abandonam completamente a pronúncia de origem, mas apresentam também uma movimentação em direção à pronúncia do Norte.

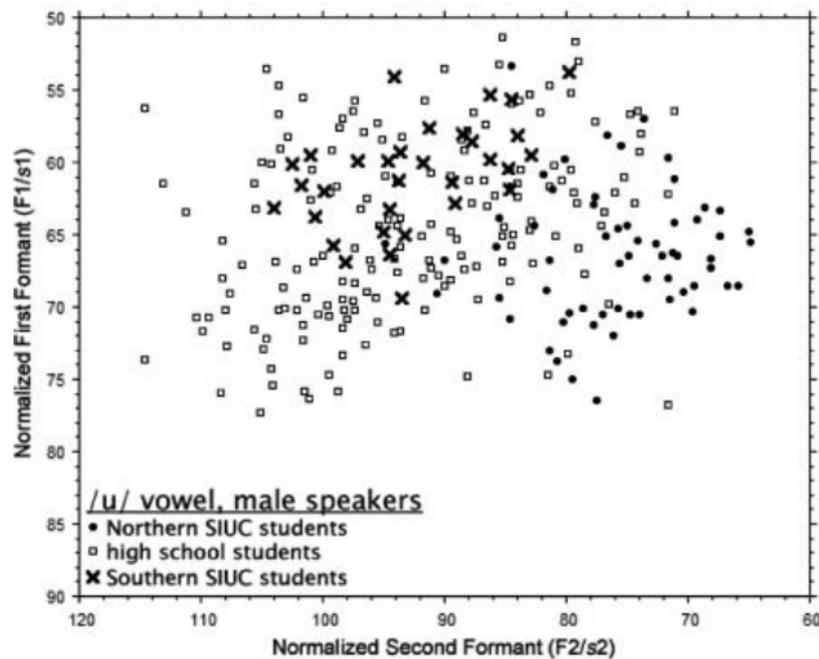
Figura 2.1: Acomodação via expansão: ocorrências da vogal /u/ na fala de estudantes do sexo feminino



Fonte: Bigham (2010, p. 202).

A Figura 2.2, por sua vez, ilustra a acomodação via redução, pois as ocorrências de vogal /u/ na fala dos estudantes homens nascidos no Sul (também representadas por x) estão menos espalhadas em comparação às das mulheres. Embora as ocorrências de /u/ na fala de tais universitários ainda estejam distantes daquelas dos estudantes do Norte, é notável que elas estão sendo realizadas mais posteriormente do que as vogais dos estudantes do ensino médio (representados pelos quadradinhos brancos na figura).

Figura 2.2: Acomodação via redução: ocorrências da vogal /u/ na fala de estudantes do sexo masculino



Fonte: Bigham (2010, p. 203).

A crítica elaborada por Souza (2017), a análise empreendida por Santana (2018) (no que concerne ao amplo espectro de variação na fala de dois migrantes sergipanos em São Paulo), e a proposta desenvolvida por Bigham (2010) (sobre dois tipos de acomodação – por expansão e por redução) evidenciam que o estudo da fala do migrante precisa lidar com múltiplos fatores: consciência (ou não) do próprio falante sobre o processo, relevância do tópico discursivo e aumento ou diminuição da dispersão das formas linguísticas utilizadas – além de todas as variáveis sociais mencionadas anteriormente (como idade de migração, gênero social, escolaridade etc.). É a existência desses variados fatores que dificultam a proposição de um termo que satisfatoriamente descreva o processo dinâmico que ocorre na fala do migrante, em sua completude.

Com essa problemática em mente, a presente pesquisa lança mão do termo

“acomodação” para se referir ao processo dinâmico (consciente ou não) que ocorre na fala de migrantes ao longo dos anos, num movimento de aproximação à fala da nova região dialetal, seja por busca de aprovação social, seja pelo favorecimento do ambiente linguístico que os rodeia. Em tal movimento de aproximação à variedade da comunidade anfitriã, há dois caminhos possíveis: (i) aumento da frequência das variantes do dialeto alvo e diminuição das variantes de origem ou (ii) aumento das novas variantes sem o abandono da variedade de origem (como a altura das vogais pretônicas, em [Santana \(2018\)](#), e a anteriorização/posteriorização de vogais em [Bigham \(2010\)](#)). Em nenhum desses casos, bem como na presente tese, o termo pressupõe letargia dos migrantes – como se sua fala se acomodasse a uma nova variedade a despeito de si mesmos.

3

As variáveis sociolinguísticas para o estudo da fala de migrantes sergipanos em São Paulo

No Capítulo 1, revimos os resultados de Santana (2018), que analisou a variação na produção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala dos 27 migrantes sergipanos entrevistados. Naquela pesquisa de mestrado, apenas essa variável linguística foi analisada – como vimos, como uma variável numérica, por meio de medidas de F1. Entretanto, conforme já consideramos anteriormente, as diferenças entre as variedades de Sergipe e de São Paulo incluem também outros fenômenos linguísticos – o que motivou a continuação do estudo da fala de tais migrantes, na pesquisa de doutorado que se reporta na presente tese.

O interesse de olhar “simultaneamente” para diversas variáveis linguísticas está nas seguintes questões: (i) se não se observa acomodação à variedade paulistana na fala de um certo migrante sergipano no que toca à pronúncia das vogais médias pretônicas, segue que também não se observa acomodação para outras variáveis, na fala desse mesmo indivíduo? (ii) a rede social de que participa o indivíduo tem ou não algum efeito nesses processos de acomodação, da perspectiva de diferentes variáveis linguísticas? Vale ainda ter em conta que a significação social da variação linguística não se associa a variáveis isoladas, mas a conjuntos de variáveis (ECKERT, 2016, p. 70). Partindo dessa premissa, seria de se esperar que a acomodação da fala de um migrante ao padrão paulistano se verificaria em um conjunto de variáveis linguísticas.

No presente capítulo, as próximas seções são dedicadas às variáveis linguísticas (palatalização de /t/ e /d/ diante de [i] e estruturas de negação) cuja análise incrementa o estudo iniciado em Santana (2018). Nelas, desenvolvem-se: (i) os motivos pelos quais tais variáveis foram selecionadas para a continuação do estudo da acomodação na fala dos migrantes sergipanos em São Paulo, (ii) uma descrição de seu funcionamento no português brasileiro, e (iii) uma revisão de estudos sociolinguísticos sobre tais variáveis. Ao final do

capítulo, apresentam-se também as razões pelas quais uma quarta variável – de natureza prosódica – havia sido originalmente vislumbrada para o presente estudo, mas não pôde ser incluída nas análises.

3.1 Palatalização de /t/ e /d/ diante de [i]

As consoantes /t, d/ podem se manifestar, no português brasileiro, como oclusivas dentais [t, d], africadas alveolares [ts, dz] ou africadas palatoalveolares [tʃ, dʒ] diante de vogal alta /i/ (em qualquer posição silábica), de vogal média /e/ em posição átona (vogal fonética [i]) ou de semivogal /j/ (ver Tabela 3.1). Quando seguidas das demais vogais, essas consoantes são produzidas como oclusivas, na maioria dos casos.

As variantes [ts, dz] são “uma forma intermediária, que apresenta africacão, sem no entanto apresentar uma palatalização forte” (ABAURRE; PAGOTTO, 2013, p. 197). Na visão de [Abaurre e Pagotto \(2013\)](#), o estatuto dessas formas intermediárias não é claro, e por parecerem ser um efeito marginal do enfraquecimento de [i], os autores não as consideram “como uma variante linguística no sentido estrito” (p. 198). Apesar de as formas [ts, dz] serem relativamente frequentes em algumas cidades do interior de São Paulo, como Jundiá (cf. [Pozzani e Albano \(2016\)](#)), dada a consideração acerca de seu estatuto indefinido, o presente trabalho não se debruça sobre tais pronúncias e opera simplesmente com a oposição entre as oclusivas dentais e as africadas palatoalveolares.

Ao processo que ocorre com as oclusivas dentais diante de [i] ou da semivogal [j], que resulta nas formas [tʃ, dʒ], dá-se o nome de *palatalização* ([CRISTÓFARO SILVA, 2014](#)).

Tabela 3.1: Possíveis realizações de /t, d/ diante de [i] em diferentes contextos

Palavras	Realizações	Contextos
direto, tirar	[d]ireto ou [dʒ]ireto [t]irar ou [tʃ]irar	Vogal fonológica [i] em sílaba pretônica
dia, tia	[d]ia ou [dʒ]ia [t]ia ou [tʃ]ia	Vogal fonológica [i] em sílaba tônica
médico, prática	mé[d]ico ou mé[dʒ]ico prá[t]ica ou prá[tʃ]ica	Vogal fonológica [i] em sílaba postônica
balde, sorte	bal[d]e ou bal[dʒ]e sor[t]e ou sor[tʃ]e	Vogal fonética [i] em sílaba átona
rádio, sítio	rá[d]io ou rá[dʒ]io sí[t]io ou sí[tʃ]io	Semivogal [j]

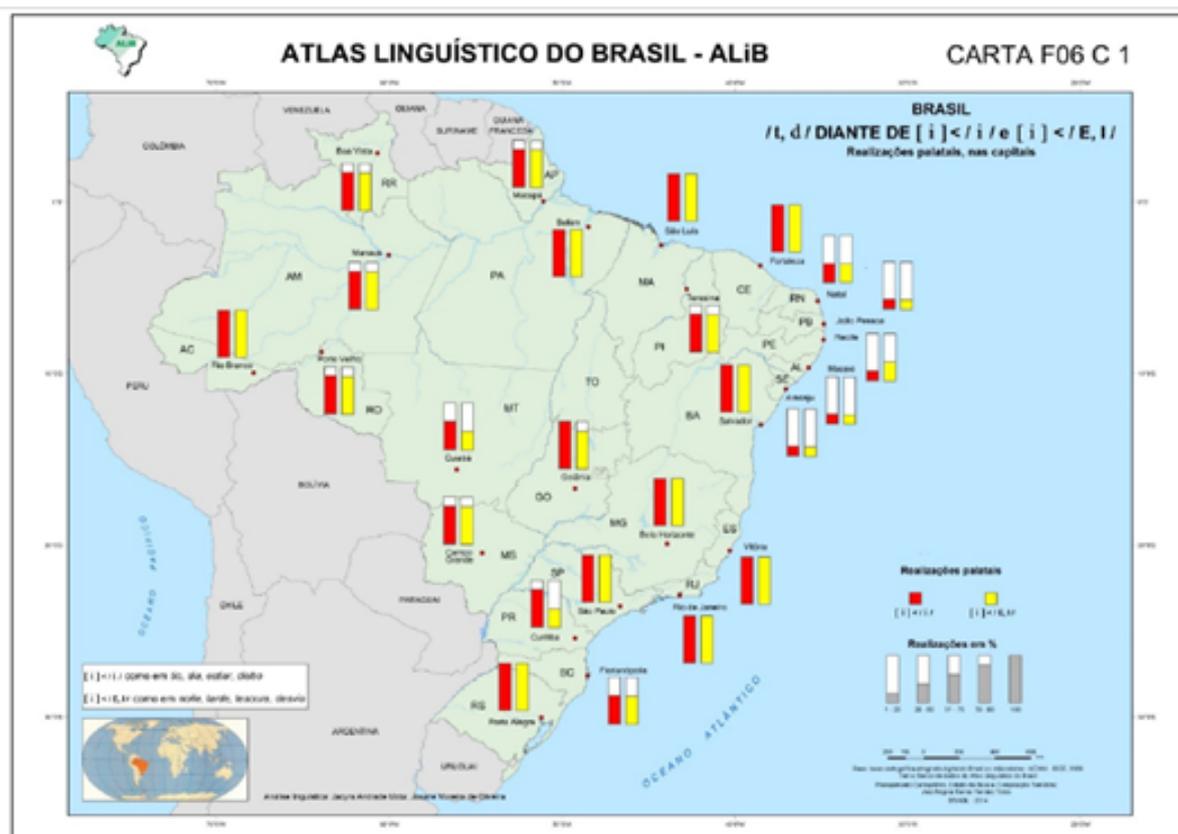
Fonte: elaboração da autora.

O processo da palatalização das oclusivas alveolares⁹ é, dentre outros, responsável por distinguir o português brasileiro das demais variedades do português europeu, africano e asiático. Tempos atrás, a língua portuguesa apresentava apenas as consoantes oclusivas alveolares, enquanto as formas africadas só surgiram posteriormente com o processo de palatalização (CRISTÓFARO SILVA et al., 2012). Há evidências de que tal fenômeno seja algo relativamente recente no português brasileiro e sua implementação se iniciou nos centros urbanos na década de 1950 (ibidem).

Ao analisar os dados de cinco capitais brasileiras – Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife –, Abaurre e Pagotto (2013) propõem que existe uma crescente tendência à palatalização no Brasil e que ela pode ter se iniciado no Rio de Janeiro e em Salvador, pois são dessas regiões as maiores taxas de ocorrência das formas palatalizadas (100% e 85%, respectivamente). Convém destacar que os dados analisados por tais autores foram extraídos de entrevistas realizadas na década de 1970, época em que o processo de palatalização poderia estar se implementando (ABAURRE; PAGOTTO, 2013). É por esse motivo que os números referentes a Salvador, da Figura 3.1 abaixo, extraída do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014), são distintos daqueles indicados por Abaurre e Pagotto: no mapa, as barras vermelha e amarela para a capital baiana aparecem totalmente preenchidas, significando que em 100% dos casos, ocorre a palatalização de (t, d) (diferentemente dos 85% indicados por Abaurre e Pagotto (2013)).

Ainda na Figura 3.1, fica claro que existe um avanço do fenômeno nas diferentes regiões brasileiras. Além disso, é possível perceber que, no caso de Sergipe, as taxas de palatalização ainda não são elevadas, o que permite dizer que tal variável diferencia os falares sergipano e paulistano.

⁹Aqui, “alveolares” e “dentais” são utilizados como sinônimos.

Figura 3.1: Distribuição das realizações palatais de /t, d/ diante de [i] nas capitais do Brasil

Fonte: [Cardoso et al. \(2014, p. 123\)](#).

Além de diferenciar as regiões do país, a palatalização também distingue o contínuo rural-urbano, pois a variante é mais recorrente entre os falantes de áreas urbanas comparativamente aos de áreas rurais. Tal distribuição pode estar relacionada à hipótese, defendida por [Noll \(2008\)](#), de que a palatalização de (t, d) no português brasileiro “é um desenvolvimento urbano” (p. 236). [Carreão \(2018\)](#), por exemplo, mostra que em Louveira, cidade do interior de São Paulo, não é desprezível a taxa das variantes dentais entre os falantes mais velhos (38% das ocorrências entre aqueles com mais de 60 anos de idade). [Dutra \(2007\)](#), por sua vez, aponta para uma alta taxa da pronúncia de oclusivas dentais na cidade de Chuí (76% das ocorrências analisadas), no interior do Rio Grande do Sul, enquanto na capital Porto Alegre, segundo [Kamianecky \(2002\)](#), são as variantes palatalizadas as mais produtivas (94% das ocorrências).

A palatalização das oclusivas alveolares já foi bastante estudada na sociolinguística brasileira ([Pagotto \(2001\)](#), em Florianópolis-SC; [Pires \(2007\)](#), em São Borja-RS; [Rocha e Almeida \(2009\)](#), em Feira de Santana-BA e Matinha-BA; [Souza Neto \(2014\)](#), em Aracaju-

SE; Battisti (2011) e Battisti e Dornelles Filho (2015), em Flores da Cunha-RS; Amorim et al. (2019), em João Pessoa-PB, para citar alguns), justamente por se tratar de uma variável diatópica e de um processo de mudança em várias regiões do país. Nesse sentido, a próxima seção apresenta alguns estudos com o intuito de reportar as descobertas já feitas sobre a variável em situação de contato dialetal e, mais especificamente, no contexto sergipano.

3.1.1 Estudos variacionistas sobre a palatalização de /t, d/

Martins (2008) se debruçou sobre a análise da realização alveolar ou palatalizada de /t/ e /d/, como em ‘tia’ e ‘dia’, na fala de 7 paraibanos no Rio de Janeiro. Com base na sociolinguística variacionista (LABOV, 1972) e na teoria da acomodação (GILES, 1977; TRUDGILL, 1986), a autora buscou identificar se os paraibanos entrevistados apresentavam, em sua fala, indícios de acomodação linguística ao dialeto carioca. A partir de 1430 ocorrências da variável em questão, Martins sugere que a variante surda [t] favorece a palatalização em relação à sonora [d]. Além disso, seus resultados indicam que o fenômeno ocorre mais frequentemente em ambiente pós-tônico e na última sílaba de palavras. Os migrantes analisados tendem a não palatalizar as consoantes quando sucedidas por oclusivas e líquidas (como em ‘ditado’ e ‘dilema’). Quanto às variáveis sociais exploradas no estudo, a autora propõe que a adaptação linguística do migrante frente ao novo dialeto é favorecida quando ele mostra ter uma atitude positiva em relação à nova situação de contato (GILES, 1977) e que os mais jovens, mesmo com pouco tempo de residência no Rio de Janeiro, aplicaram a regra da palatalização em quase 100% dos casos. Apesar de ter lidado com um número reduzido de falantes, o estudo de Martins apresenta dados importantes sobre o fenômeno da palatalização em uma situação de contato dialetal ao destacar a relevância, para o padrão de variação observado, das atitudes dos próprios migrantes em relação ao contexto sociolinguístico para o qual se mudaram.

Outra pesquisa que se volta para o mesmo fenômeno na fala de migrantes foi desenvolvida por Fouquet (2013). Ela entrevistou 12 nordestinos (originários do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Maranhão), com idade entre 20 e 53 anos e residentes na região metropolitana de São Paulo há pelo menos 3 anos. Com um total de 3018 ocorrências da variável e com base na teoria da variação (LABOV, 1972) e no conceito de redes sociais (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]), a pesquisadora esperava encontrar altas frequências das formas palatalizadas (as prototípicas da variedade paulistana) na fala dos migrantes porque eles já moravam em São Paulo há mais de 5 anos.

No entanto, esses falantes apresentaram altas taxas das formas oclusivas (apenas 4 dos 12 sujeitos ultrapassaram a marca dos 50% de [tʃ, dʒ]). Fouquet interpreta tal resultado como uma consciente manutenção da identidade nordestina por parte dos migrantes entrevistados. Contudo, faltou uma sistematização dos dados para que esse argumento pudesse ter sido testado estatisticamente (a partir de algum “índice de identidade nordestina”, por exemplo). Dentre as variáveis linguísticas analisadas, a autora observou que o contexto fonológico antecedente à variante se mostrou significativo para o fenômeno linguístico: mais precisamente, a vogal [o] foi o segmento que mais favoreceu a palatalização (como em “**todinho**”).

Souza (2016), por sua vez, analisou a fala de 60 estudantes universitários, de ambos os sexos, provenientes de três regiões sergipanas distintas (Aracaju, Itabaiana e Lagarto) no que concerne à produção de /t, d/ diante de [i], com base em Labov (1972) e em Bybee (2001). O autor esperava que (i) tais informantes apresentariam uma elevada frequência das formas palatalizadas, pois estudos prévios mostraram que são as pessoas com maior escolarização que mais frequentemente utilizam essas variantes; (ii) os estudantes de Aracaju seriam o grupo favorecedor do fenômeno, em relação aos falantes das demais localidades, por eles terem mais contato com pessoas de outras comunidades de fala, cujas formas palatalizadas são consideradas as mais prestigiadas. Souza (2016) também analisou o papel de variáveis linguísticas no processo – contextos fonológicos precedente e seguinte, *status* da vogal (se fonética ou fonológica), posição da sílaba na palavra, tonicidade da sílaba e sonoridade. A partir de 3000 ocorrências extraídas das entrevistas, seus dados indicam que, com exceção do contexto fonológico seguinte e do *status* da vogal, as outras variáveis linguísticas se mostraram significativas para o fenômeno da palatalização, em maior ou menor grau. Quanto às sociais, o autor verifica que os falantes de Aracaju e Itabaiana são os que mais favorecem o fenômeno (com taxas de 21,7% e 7,7%, respectivamente), assim como as mulheres (14,5%) em relação aos homens (9,5%). Tal estudo oferece um panorama sobre como se dão os usos dessa variável no contexto acadêmico de Sergipe e mostra, conseqüentemente, que as variantes palatalizadas dispõem de um estatuto prestigioso na comunidade, apesar de ainda não serem produzidas majoritariamente pelos seus falantes.

Corrêa (2019), também no estado sergipano, analisa a palatalização na fala de estudantes na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe, partindo da hipótese de que quanto mais tempo o falante estiver nela inserido, mais frequentemente produzirá as formas palatalizadas. A autora defende essa conjectura argumentando que o estudante terá mais contato com pessoas de diversas variedades do português brasileiro e que tais variantes são consideradas como mais prestigiadas pela comunidade

em questão (FREITAG; SANTOS, 2016). Esse estudo, apoiado na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), é referência para a presente pesquisa em virtude dos questionamentos e das discussões que desenvolve acerca do papel desempenhado por variáveis extralinguísticas no processo de palatalização. A partir de uma amostra estratificada por *sexo/gênero* (feminino e masculino), *tempo de curso* (1º ao 3º período e 7º ao 10º período) e *tipo de deslocamento* (estudantes (i) oriundos da região metropolitana de Aracaju, (ii) residentes no interior do estado, (iii) oriundos do interior e residentes em Aracaju, (iv) não nascidos em Sergipe e residentes em Aracaju), Corrêa (2019) analisou a fala de 64 estudantes, com idades entre 16 e 30 anos, de cujas entrevistas extraiu 12.800 ocorrências; a autora mostra que os estudantes oriundos de fora do estado sergipano e aqueles que estão há mais tempo no curso são os que mais frequentemente palatalizam as consoantes em questão. Quanto às variáveis linguísticas analisadas, seus dados indicam que o fenômeno ocorre mais frequentemente com a variante desvozeada, em sílabas postônicas não finais, seguida pela semivogal [j], antecedida pelas fricativas alveolares [s, z] e diante de vogais posteriores. Dentre os resultados de sua pesquisa, destaca-se a influência expressiva dos sujeitos pertencentes a outros estados na implementação de uma possível mudança em direção à palatalização na comunidade de práticas da UFS.

Nota-se, nos diferentes estudos aqui brevemente revistos, que tanto variáveis linguísticas quanto sociais se correlacionam à (t, d). A presente pesquisa, portanto, se vale de algumas delas, como sonoridade e tonicidade, no âmbito linguístico, e sexo/gênero e escolaridade, no social, na análise da fala dos migrantes sergipanos (ver Capítulo 6).

3.2 Estruturas de negação sentencial: descrição do fenômeno

O português brasileiro se caracteriza pela existência de três estruturas sentenciais de negação (RONCARATI, 1996; BARMÉ, 2005; SCHWENTER, 2005), em que o elemento negativo *não* aparece em diferentes posições na sentença:

1. “eu **NÃO** vejo uma expectativa mais de viver lá” (SESP-2016-F40-CarlaB¹⁰)
2. “eu **NÃO** saio muito pra outros lugares **NÃO**” (SESP-2015-F49-ReginaL)

¹⁰A sigla SESP identifica a amostra composta pelos sergipanos migrantes; 2016 corresponde ao ano em que a entrevista foi gravada; F e M referem-se ao sexo do informante (feminino e masculino, respectivamente) e os números indicam sua idade. Os nomes dos informantes são fictícios.

3. “viria **NÃO** [morar em São Paulo]” (SESP-2016-M55-JulioL)

O elemento de negação, portanto, pode aparecer antes do verbo (NEG1), antes e depois do verbo (NEG2) ou somente depois do verbo (NEG3). **Barme (2005)** explica que tais formas representam as três fases do processo chamado de *ciclo de Jespersen*, que relaciona o surgimento de NEG2 e NEG3 ao “enfraquecimento fonético do negador pré-verbal” (**BARME, 2005**, p. 412)¹¹. Na fase 1 do ciclo, o negador *não* foneticamente reduzido é reforçado por um *emphasizer* pós-verbal (*NÃO vou mais falar, NÃO*); na fase 2, o *emphasizer* pós-verbal passa a funcionar como negador por causa da eliminação da separação entoacional diante do frequente uso da estrutura NEG-V-EMPH (*NÃO vou mais falar NÃO*); na fase 3, ocorre uma perda gradual do valor enfático do *não* pós-verbal em face da crescente frequência de seu uso, até que, em determinados contextos, no decurso do tempo e por conta da redundância do elemento pré-verbal, o elemento negativo pós-verbal se torne o único marcador da negação (*vou falar mais NÃO*) (**BARME, 2005**).

Contudo, **Schwenter (2005)** e **Barme (2005)**, entre outros autores, não compartilham dessa mesma visão sobre a motivação dos usos das diferentes formas de negação e sugerem que a ocorrência delas não está relacionada ao conceito de “ênfase”, mas sim a fenômenos discursivo-pragmáticos.

Schwenter (2005), ao analisar falas do banco de dados do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), constituído de entrevistas com falantes de baixa classe econômica do Rio de Janeiro, descreve os usos de NEG2/3 levando em consideração os conceitos de “estatuto do discurso” (*discourse status*) e “estatuto do interlocutor” (*hearer status*), baseando-se em **Prince (1992)**. Segundo este, os estatutos podem ser de dois tipos: “novo” ou “velho”, “conforme tenham sido, respectivamente, recentemente mencionados na interação ou já previamente apresentados” (**ROCHA, 2013**, p. 16).

Guiando-se por tais conceitos, **Schwenter (2005)** descreve e analisa as ocorrências de NEG2 nos dados do PEUL e conclui que, em todos os casos, a proposição negada por NEG2 tem o estatuto discursivo “velho”, ou seja, se ela apareceu explicitamente no discurso anteriormente ou se foi inferida a partir de outro contexto material (como a língua, o ambiente e os gestos, por exemplo), a forma NEG2 pode ser utilizada. Os exemplos (4a) e (4b), extraídos de **Schwenter (2005)**, deixam claro o que o autor quer dizer com estatuto discursivo de informação velha:

4. (a) *uma pessoa está caminhando na rua e, de repente, se lembra de que se esqueceu de desligar o fogão*

¹¹Nesse artigo de 2005, Barme explica o que é o ciclo de Jespersen para refutá-lo posteriormente. Barme concorda com a teoria de **Schwenter (2005)**, a qual é apresentada nos parágrafos seguintes.

Nossa! Eu **não** desliguei o fogão!

4. (b) *mesma situação de 4a, mas agora são duas pessoas que caminham juntas*

A: Você desligou o fogão, né?

B: Nossa! **Não** desliguei **não**!

Em (4b), a proposição negada tem um estatuto discursivo de informação velha porque ela foi mencionada anteriormente na pergunta de A. Em (4a), por sua vez, NEG2 não pode ocorrer, pois a proposição é nova, ou seja, não foi ativada anteriormente na situação de fala. Nesses casos, segundo Schwenter (2005), apenas NEG1 é concebível.

Quando uma proposição tem o estatuto discursivo de informação velha, ela pode ser (i) *indiretamente ativada*, (ii) *inferida* ou (iii) *diretamente ativada* no discurso. São essas características, portanto, que definem os contextos nos quais cada forma de negação pode ser usada na interação. A situação (i) pode ocorrer por meio de estímulos situacionais, como gestos, ruídos, ambiente da interação, entre outros (ROCHA, 2013). Já a situação (ii) é exemplificada em (5):

5. D1: e você co/ costuma conversar com ela [uma amiga paulista] um pouquinho?¹²

S1: é só assim... igual converso com todo mundo na rua passo falo... eh “bom dia” “boa tarde”... mas sem muita... conversa que eu **NÃO** gosto **NÃO** (SESP-2016-F46-RitaL)

A informante RitaL infere a proposição *eu gosto de conversa* e faz uso de NEG2 para negá-la. Em casos como esse, parece não ser possível o uso de NEG3, apenas de NEG1 e NEG2. Já em (6), RitaL nega uma proposição diretamente ativada no discurso anteriormente:

6. D1: *youê demorou a se adaptar* [a São Paulo] ou foi tranquilo?

S1: (...) **NÃO** foi muito difícil adaptar aqui **NÃO** (SESP-2016-F46-RitaL)

Observa-se em (6) que a proposição *foi muito difícil adaptar aqui* é ativada na pergunta da documentadora (em destaque no exemplo); por isso, cabe o uso de NEG2. Portanto, “uma proposição é *diretamente ativada* quando, no discurso, é explicitamente ‘evocada’, seja pelo falante, seja por seu interlocutor (o documentador, no caso de uma entrevista sociolinguística)” (ROCHA, 2013, p. 18). Nesse mesmo tipo de proposição, a forma NEG3 também pode ocorrer, segundo Schwenter (2005), como se vê em (7):

¹²Nos excertos de entrevistas, D1 e S1 referem-se, respectivamente, a documentador e informante. Os exemplos são transcritos de acordo com as convenções do projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012), que utiliza reticências para indicar pausa e ponto de interrogação para indicar pergunta. Somente nomes próprios são transcritos com letra inicial maiúscula.

7. D1: então você acha que se você tivesse a cabeça de hoje você não viria pra cá [São Paulo]?

S1: (...) **viria NÃO** (SESP-2016-M55-JulioL)

Em (7), o informante nega a proposição *viria* que foi ativada na pergunta da documentadora. Em resumo, pode-se afirmar que, para Schwenter (2005), o *não* pós-verbal sempre indica que a proposição negada já foi evocada no discurso anteriormente. Segundo o mesmo autor, NEG1 também é possível nessas situações. A Tabela 3.2 resume, então, os contextos em que cada uma das estruturas é possível:

Tabela 3.2: Modelo de restrições discursivo-pragmáticas de Schwenter (2005)

	<i>Estatuto discursivo</i>		
	Informação Nova	Proposição Inferida	Proposição Diretamente Ativada
NEG1	✓	✓	✓
NEG2	X	✓	✓
NEG3	X	X	✓

Fonte: elaboração da autora com base em Schwenter (2005).

NEG1 é possível em todos os estatutos discursivos, ao passo que NEG2 ocorre com proposições inferidas e diretamente ativadas, e NEG3 é utilizada somente com proposições diretamente ativadas. Em um estudo sociolinguístico sobre as diferentes formas de negação no português brasileiro, seria viável analisar apenas as ocorrências em que a proposição negada já tivesse sido previamente ativada de forma direta no discurso, pois esse é o único caso em que as três formas podem ocorrer, ou seja, é a única situação em que a variação de fato ocorre. Rocha (2013), contudo, ao analisar dados de São Paulo, a partir de 48 entrevistas sociolinguísticas, questionou se de fato NEG3 poderia ocorrer somente nos casos de “proposição diretamente ativada”, uma vez que ele encontrou sentenças em que NEG3 foi utilizada numa situação de inferência, como no exemplo abaixo:

8. D1: E tem crianças na sua... ali perto da sua casa que estudam lá nessa escola? Estão lá?

S1: No CEU não. **Conheço NÃO**. (Retirado de Rocha (2013, p. 20))

No caso em (8), Rocha explica que NEG3 está negando uma proposição diferente daquela que foi ativada no discurso: S1 está negando “*conhecer os meninos que estão lá nessa escola*”, mesmo que a proposição ativada pela pergunta do documentador tenha

sido “*tem crianças que estudam lá nessa escola*”. De acordo com o modelo proposto por Schwenter (2005), se fosse para negar a proposição da pergunta, o esperado seria a resposta “*tem não*”, com a repetição do verbo utilizado pelo documentador.

Diante de tais constatações, Rocha (2013) propõe um novo modelo de restrições discursivo-pragmáticas, em que a variante NEG3 também é esperada nos casos em que a proposição negada é inferida. Desse modo, as três estruturas podem ocorrer quando a proposição é inferida, sendo essa outra situação em que a variação de fato ocorre. É essencial mencionar que a proposta de Schwenter (2005) supõe que é em momento prévio a uma possível gramaticalização que sentenças com NEG2 “marcam pragmaticamente conteúdo discursivamente ativado” (GOLDNADEL et al., 2013, p. 44) e que, em um processo posterior de gramaticalização, essa função pragmática poderia se enfraquecer e os usos de NEG2 se espalhariam para além de tal limitação discursiva. Os resultados encontrados por Rocha (2013), nesse sentido, podem ser interpretados como um avanço no processo de mudança nos usos de NEG3, uma vez que o autor identificou sentenças que extrapolam as restrições sugeridas por Schwenter (2005).

Cabe ainda salientar que o processo de mudança sugerido por Schwenter (2005) – de empregos de NEG2 e NEG3 mais pragmaticamente restritos para menos – ocorreria de modo gradual, pois existe um momento anterior na gramática de uma língua em que formas alternativas ocorrem ao mesmo tempo, num processo intermediário de variação. Além disso, o processo de mudança pode ocorrer em momentos distintos a depender da região do falante, principalmente em um país como o Brasil, caracterizado por sua dimensão continental (GOLDNADEL et al., 2013): “[é] possível que o estágio em que se encontra a variação na negação sentencial em determinada região seja mais avançado do que o observado em outra região” (ibidem, p. 47).

Todas essas considerações apontam para os seguintes aspectos: (i) os dados de Rocha (2013) podem ser tomados como indício de que os usos de NEG2 e NEG3 estão avançando para além das restrições discursivo-pragmáticas do modelo proposto por Schwenter (2005); e (ii) os empregos dessas estruturas por paulistanos e sergipanos podem ser distintos, uma vez que o processo de mudança na região Nordeste parece estar mais avançado do que no restante do país (cf. seção 3.2.1). A presente pesquisa com os migrantes sergipanos deve lançar novas luzes sobre esse processo ao indicar uma aproximação dos entrevistados ao padrão paulistano ou uma manutenção da variedade sergipana. Para tal análise, o presente estudo opta por se basear no modelo de restrições discursivo-pragmáticas reelaborado por Rocha (2013) na identificação do envelope de variação, pois os dados dos migrantes aqui estudados são comparados com os da fala paulistana.

Para finalizar esta seção, convém considerar que os usos de (NEG) apresentam uma

diferença em relação à palatalização de /t, d/ no que se refere ao *status* da variável no repertório linguístico da comunidade. A variável fonética, como vimos anteriormente, está em processo de mudança em Sergipe, com aumento da frequência das variantes palatalizadas (cf. Souza (2016) e Corrêa (2019)). O mesmo não pode ser dito para a variável sintática, pois não há estudos que mostrem que NEG2/3 estão sendo cada vez mais empregadas pelos falantes em detrimento de NEG1, em Sergipe. Os resultados da presente pesquisa podem oferecer esclarecimentos sobre a relevância de uma variável estar ou não em processo de mudança para os processos de acomodação dialetal. Essa discussão já aparece em Bowie (2000), que observou que as variantes típicas da comunidade de origem tendem a se fazer frequentes na fala dos migrantes quando lá estão estabilizadas – e não em processo de mudança.

3.2.1 As estruturas de negação como variável diatópica

A seleção da negação sentencial como variável linguística para o estudo da fala de migrantes sergipanos em São Paulo se justifica pelo fato de que NEG2 e NEG3 são mais frequentes nos falares nordestinos (BARGE, 2005; SCHWENTER, 2005), nos quais as taxas de uso dessas variantes chegam respectivamente a 18% e 5%, em Fortaleza-CE, e 20,6% e 13,3% em Natal-RN, por exemplo (YACOVENCO; NASCIMENTO, 2016)¹³. O objetivo do estudo dessa variável é verificar se os migrantes sergipanos estariam deixando de utilizar NEG2/3 em favor de NEG1, a variante mais prototípica do falar paulistano (94% de 5607 casos em Rocha (2013)). Desse modo, a questão central é: no contato com a fala paulistana, a fala de migrantes sergipanos aproxima-se dela (ou acomoda-se a ela) também no que toca aos padrões de emprego dessas estruturas sintáticas?

Um estudo que lida com essa variável sintática em situação de contato dialetal é o de Soares (2009). Baseando-se no conceito de acomodação dialetal (TRUDGILL, 1986), na sociolinguística variacionista (LABOV, 1972) e na definição de redes sociais (MILROY, 1980), a autora analisa a fala de migrantes cearenses no Rio de Janeiro, partindo da hipótese de que a acomodação linguística tende a ocorrer na sua fala tanto em função da intensidade da sua interação social com os cariocas, quanto por conta da sua mobilidade social em relação aos valores da sociedade carioca. A partir da análise descritiva de 208 sentenças extraídas das entrevistas de 4 informantes, Soares conclui que houve acomodação na fala

¹³Até o momento da redação desta tese, não se publicaram estudos sobre a fala de sergipanos no que se refere às estruturas de negação. Por esse motivo, aqui se assume uma similaridade entre Sergipe e os falares de outros estados nordestinos, no que toca a tal variável. O Capítulo 7 apresenta análises referentes a sergipanos que não migraram, a fim de comparar padrões na sua fala com os dos migrantes.

dos entrevistados, apesar de 18% dos dados serem de NEG2/3. Ela mostra que os falantes que mantêm mais contato com os cariocas são os que apresentam as menores taxas de NEG2 e NEG3 e, desse modo, reforça a importância da análise dos contatos estabelecidos pelos migrantes num estudo de acomodação dialetal. Entretanto, tal pesquisa carece de análises inferenciais que endossem os resultados descritivos e as discussões desenvolvidas pela autora quanto ao papel das variáveis sociais e linguísticas no processo de acomodação.

As pesquisas sobre negação sentencial são mais abundantes não no contexto de contato dialetal, mas nas descrições das variedades regionais do país, como Goldnadel et al. (2013) em Florianópolis-SC, Rocha (2013) em São Paulo-SP, Nascimento (2008) em Vitória-ES e Serra (2018) em São Luís-MA e Jamary dos Pretos-MA.

Goldnadel et al. (2013) analisaram, inicialmente, 9 entrevistas de Curitiba, 11 de Porto Alegre e 9 de Florianópolis (todas do acervo Variação Linguística na Região Sul do Brasil – o VARSUL – gravadas entre o final da década de 1980 e início da década de 90). Nessa primeira etapa da pesquisa, o intuito era verificar qual(is) das três cidades apresentava(m) maiores taxas de uso das formas inovadoras (NEG2 e NEG3). Posteriormente, os autores realizariam análises quantitativas nos moldes variacionistas somente nas cidades identificadas com usos mais recorrentes daquelas referidas formas. Eles reportam as seguintes taxas de NEG2: 0,6% em Porto Alegre, 2,6% em Curitiba e 4,4% em Florianópolis. NEG3, por outro lado, não ocorreu em nenhuma das regiões. Na segunda etapa do estudo, portanto, apenas os dados de Florianópolis foram analisados quantitativamente e, dentre os resultados reportados, os autores mostram que o *status informacional do conteúdo negado* e a *escolaridade* do falante são importantes preditores da variação. NEG2 é favorecida em sentenças cujo conteúdo tenha sido previamente ativado no discurso e pelos falantes com escolaridade mais baixa. Tal estudo mostra que a região Sul é a mais conservadora do país no que se refere aos usos de (NEG).

A pesquisa desenvolvida por Rocha (2013) é tomada como referência acerca das estruturas de negação na fala paulistana. O autor analisou 48 entrevistas sociolinguísticas com mulheres e homens nascidos e residentes na cidade de São Paulo, de 3 faixas etárias distintas (18 a 35 anos; 36 a 55; 56 anos ou mais) e estratificados em 2 níveis de escolaridade (até ensino médio e ensino superior). Entre vários resultados significativos, Rocha mostra que as formas NEG2 e NEG3 são bastante improdutivas na fala paulistana (em torno de 6% e 1% dos casos, respectivamente). Além disso, ele indica que são os indivíduos com menor escolaridade, da 1ª geração da família nascida na cidade na cidade (ou seja, filhos de migrantes), moradores de regiões mais periféricas e os mais velhos que favorecem o uso de NEG2. Com esses resultados, o autor mostra que variáveis sintáticas podem se correlacionar a fatores sociais, diferentemente do que pressupõem alguns estudos (tal como

Cheshire (2005) apud Rocha (2013)). Rocha também destaca a relevância de determinadas variáveis linguísticas para os usos das diferentes formas, como a *ativação da proposição* e a *presença de marcador conversacional*.

Ainda no Sudeste do país, mas em contexto capixaba, Nascimento (2008) investigou os usos das formas de negação na amostra do Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix), tomando como base a proposta do modelo de restrições discursivo-pragmáticas de Schwenter (2005). A partir da fala de 18 informantes (de ambos os sexos, diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade), a autora analisa 2263 ocorrências da variável e mostra que a variedade de Vitória se caracteriza pela alta frequência dos usos de NEG2 (21,1% do total ou 478 ocorrências). Nesse sentido, ela aponta para o fato de que tal cidade se aproxima mais da região Nordeste do que de São Paulo. Dentre as variáveis sociais analisadas, apenas o sexo/gênero dos falantes se revelou estatisticamente significativa: são os homens que favorecem o uso de NEG1, a variante considerada padrão. Nascimento destaca, ainda, a importância de fatores linguísticos para o padrão de variação das estruturas de negação, como a ativação da proposição negada e a presença de marcadores discursivos.

O estudo de Serra (2018) merece destaque aqui, por ter analisado tanto a produção quanto a percepção dos falantes sobre a dupla negação (NEG2). Baseando-se na sociolinguística (LABOV, 2006, 1972) e nos estudos sobre percepção e atitudes linguísticas (LÓPEZ MORALES, 2021; BOTASSINI, 2015), a autora analisa um *corpus* de 24 entrevistas sociolinguísticas realizadas com falantes das cidades maranhenses de São Luís (16 informantes) e Jamarý dos Pretos (8), com nível fundamental ou superior de escolaridade, de duas faixas etárias (20 a 40 anos; 55 ou mais). Para a análise das crenças e atitudes dos falantes, Serra disponibilizou um teste de percepção, em que eles deveriam escolher uma resposta negativa (com NEG1, NEG2 ou NEG3) para as perguntas que eram feitas durante o experimento. Além de escolher a resposta que melhor lhe parecesse, o participante deveria avaliá-la como mais ou menos formal, mais ou menos correta, entre outras características. Nessa parte de avaliação, o participante não deveria escolher entre diferentes opções previamente dadas, mas sim responder ao documentador, em estilo de entrevista aberta, quais eram suas percepções sobre a estrutura de negação escolhida em cada resposta. A análise quantitativa dos dados de produção mostrou que 17,3% das ocorrências são representadas por NEG2, embora seja majoritariamente negativa a avaliação dessa variante pelos informantes. Além disso, e contrariamente ao que a pesquisadora esperava, foram os sujeitos com maior grau de escolarização aqueles que mais empregaram a forma NEG2. Serra considera que tal resultado pode ser explicado pelo maior contato que tais falantes estabelecem com pessoas de outras variedades linguísticas.

Todos esses estudos, aqui brevemente resenhados, lançam luzes sobre as estruturas de

negação, no que concerne aos fatores sociais e linguísticos que podem estar correlacionados a tal variável e, mais especificamente no caso de [Serra \(2018\)](#), à noção de prestígio associada a uma das variantes. Por outro lado, a pesquisa de Serra apresenta limitações, na medida em que não desenvolve análises inferenciais sobre os dados.

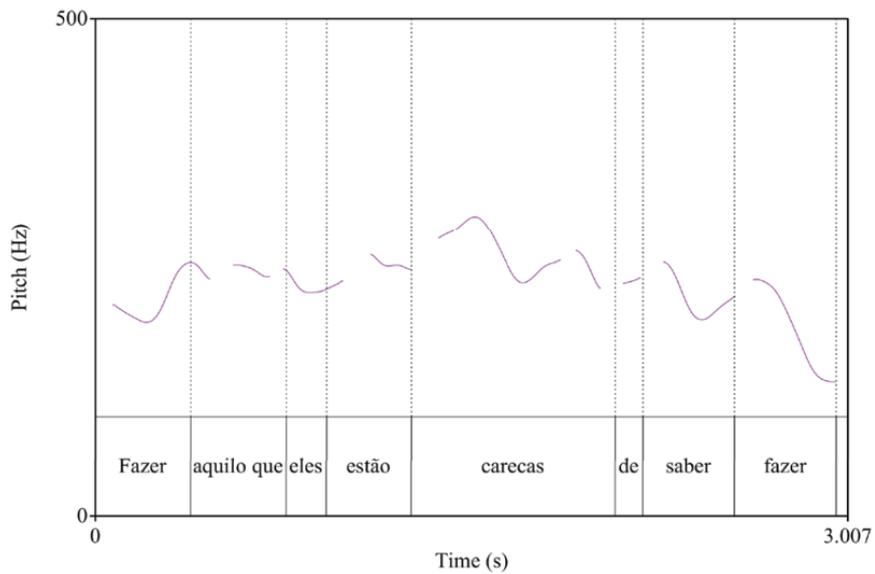
3.3 A análise de uma variável prosódica: um projeto inacabado

Obviamente, as variedades regionais do português brasileiro também se diferenciam no nível prosódico. Apesar de haver poucos trabalhos sobre o tema, as análises realizadas até o momento indicam que são distintas as maneiras como paulistas, gaúchos, soteropolitanos “entoam” suas perguntas, afirmações e exclamações ([Lira \(2009\)](#); [Silvestre \(2012\)](#); [Cardoso et al. \(2014\)](#); [Cunha \(2018\)](#) etc.).

Em linhas gerais, a prosódia engloba vários aspectos suprasegmentais da fala, como duração, intensidade e frequência fundamental. Tais aspectos “ocorrem em paralelo à sequência dos segmentos que compõem os sons da fala” ([LUCENTE, 2017](#), p. 7). Isto é, “no momento em que pronunciamos uma sentença, paralelamente aos segmentos sonoros que a compõem (fones/fonemas) estão os componentes prosódicos, que possibilitam, por exemplo, a acentuação das sílabas tônicas e a expressão comunicativa” ([LUCENTE, 2017](#), p. 7).

Um dos elementos que compõem a prosódia e que é de interesse central para a presente pesquisa é a *entoação*. É por meio dela que o falante modula uma interrogação, uma declaração ou uma exclamação, por exemplo. A entoação pode ser medida, em Hertz (Hz), enquanto frequência de vibração das pregas vocais, que “corresponde ao número de vezes em que as pregas oscilam em um segundo” ([BARBOSA, 2019](#), p. 22) – a chamada frequência fundamental F0. Assim, se um falante deseja enfatizar uma palavra específica em um determinado enunciado, precisa aumentar F0 ao articular tal palavra – tal como ilustra a [Figura 3.2](#): o falante está enfatizando o termo ‘carecas’, de modo que o *pitch* (ou, em português, a sensação de altura, correlata a F0) atinge seu maior valor ao longo do enunciado, no momento da produção dessa palavra.

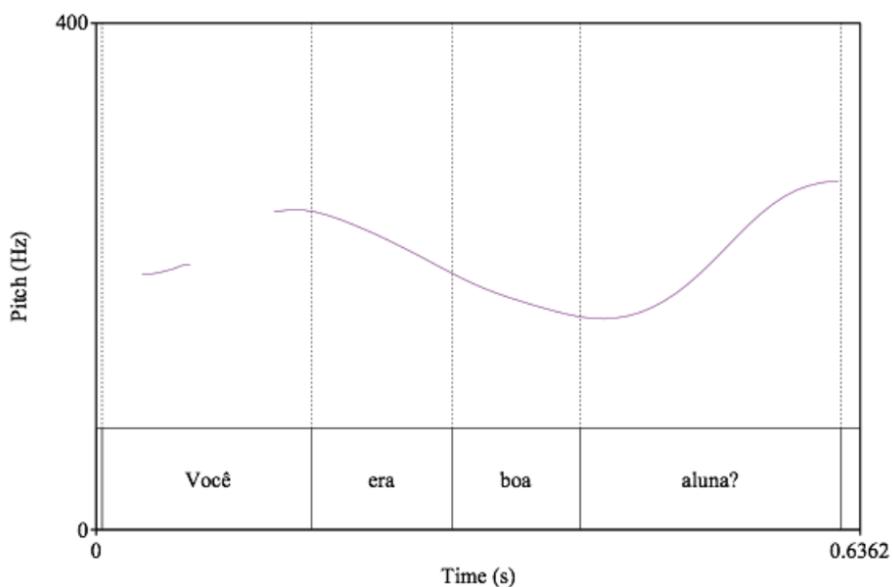
Figura 3.2: Curva entoacional do enunciado ‘Fazer aquilo que eles estão carecas de saber fazer’; com ênfase na palavra ‘carecas’



Fonte: Lucente (2017, p. 12).

Além de expressar ênfase, é pela entoação também que o falante modula interrogativas. Em perguntas diretas, sem o uso de partículas “qu”, aumenta-se o valor da F0 no final do enunciado, como ilustra a Figura 3.3, com pico de frequência na palavra ‘aluna’:

Figura 3.3: Curva entoacional do enunciado ‘Você era boa aluna?’



Fonte: Lucente (2017, p. 13).

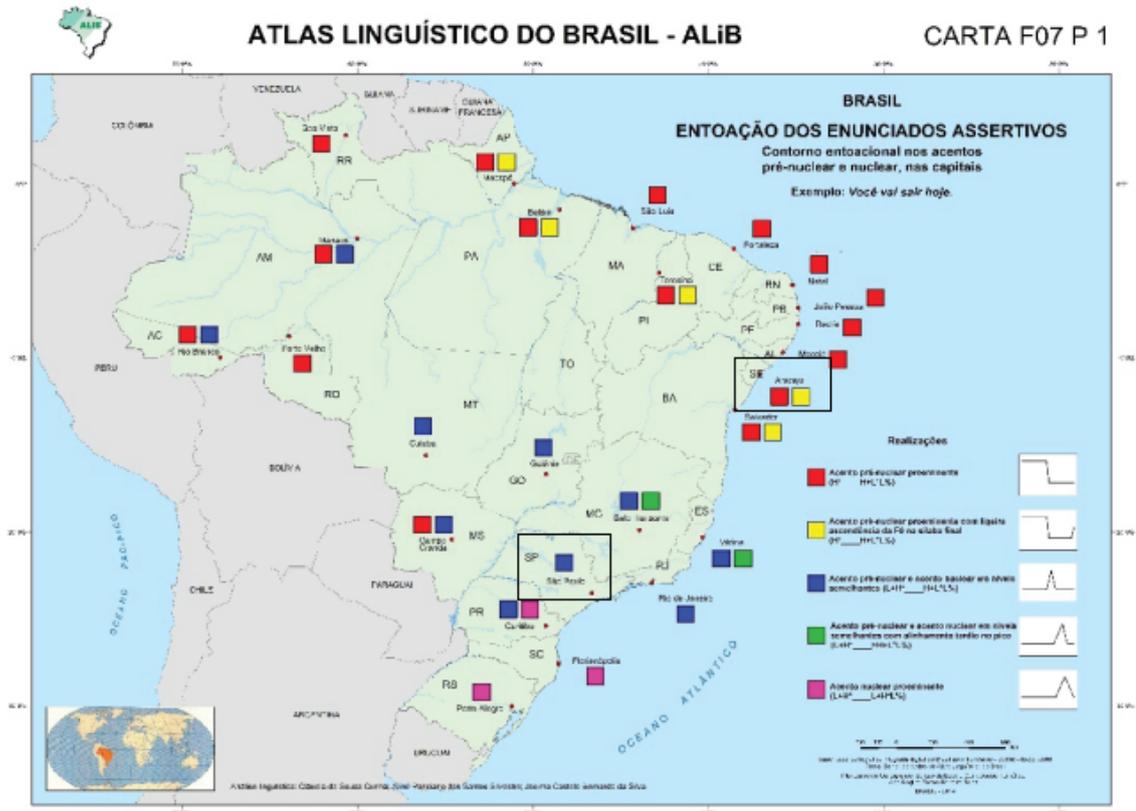
A F0 também varia para além das intenções comunicativas do falante, de acordo com seu sexo, sua idade, sua região de moradia. Por exemplo, “mulheres e crianças têm F0 maior em relação aos homens por uma questão anatômica, na qual as menores laringes produzem maiores frequências” (LUCENTE, 2017, p. 12). O tipo de variação que especificamente interessa à presente pesquisa é de natureza geográfica, na medida em que uma de suas perguntas centrais diz respeito à aproximação da fala de migrantes sergipanos em relação a de paulistanos nativos. Especificamente no que toca à prosódia, seria interessante verificar se os padrões entoacionais na fala desses migrantes se assemelham mais aos daqueles que permaneceram em Sergipe ou aos dos paulistanos.

A ideia de estudar o nível prosódico na fala desses indivíduos surgiu a partir de seus discursos metalinguísticos durante as entrevistas sociolinguísticas. Vários dos migrantes entrevistados mencionaram o traço “arrastado” (ou “puxado”) para caracterizar tanto a variedade paulistana quanto a sergipana:

9. S1: [...] eu mesmo percebo que eu *falo arrastando nordestino* entendeu? (SESP-2016-F49-ReginaL)
10. S1: ah o paulistano ele já *fala mais puxado* né já tem mais o... o sotaque deles já é *mais puxado* né já é mais... macio (SESP-2016-M44-JoãoS)
11. S1: ah é que o sergipano assim ele *fala arrastado* (SESP-2016-F56-JoanaT)
12. S1: às vez eu *falo meio arrastado* sim [querendo dizer que ainda tem o sotaque sergipano] (SESP-2016-M45-PedroB)
13. S1: se eu tenho algum [sotaque sergipano] *eu não acho que eu não puxo muito* né (SESP-2016-M46-ReinaldoB)

Apesar dessa descrição informal, não técnica e, pode-se dizer, imprecisa sobre os falares, presume-se que os entrevistados estejam se referindo à melodia das variedades linguísticas, pois, nesses metacomentários, os migrantes não citaram nenhum fonema ou item lexical específico. Além disso, estudos dialetológicos já mostraram que padrões prosódicos diferenciam regiões do Brasil (cf. Figura 3.4). Dessa forma, a análise de uma variável prosódica poderia contribuir para o estudo da acomodação dialetal.

Figura 3.4: Padrão entoacional das declarativas nas capitais brasileiras



Fonte: Cardoso et al. (2014, p. 130, adaptado).

Diante da natureza do material coletado (entrevistas com perguntas da documentadora e respostas dos migrantes), sentenças declarativas pareceram o melhor tipo de dado para a análise da variação prosódica na fala dos migrantes entrevistados.

Nesse sentido, foi necessário determinar o método como tais sentenças seriam selecionadas e codificadas. Primeiramente, seguindo a premissa variacionista de analisar uma quantidade de dados tão elevada quanto possível, sabia-se de antemão que quanto mais sentenças pudessem ser extraídas para a análise, melhor seria. Na tentativa de garantir a comparabilidade entre os enunciados, tomaram-se as seguintes decisões:

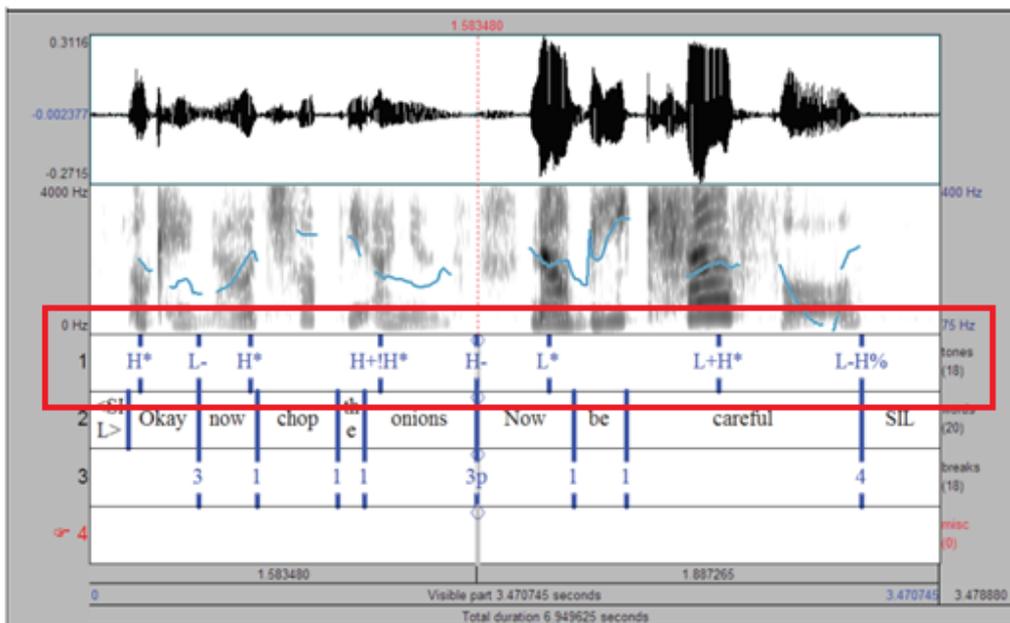
- as sentenças a serem analisadas deveriam corresponder a finais de turno, isto é, elas não poderiam ser extraídas de trechos em que o falante estivesse subindo o tom no final para manter seu turno na conversa;
- sempre que possível, as sentenças deveriam ter a ordem canônica sujeito-verbo-objeto;

- partes das entrevistas com ruído mais acentuado proveniente do ambiente não seriam consideradas (para minimizar suas interferências nas medidas de F0).

Duas possibilidades de codificação se mostraram possíveis: pela visualização da curva melódica de cada uma das sentenças no espectrograma do *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2010) ou pela extração automática por um *script* desenvolvido por Barbosa (2021) (nesse caso, sem a necessidade de olhar para o espectrograma para observar o padrão de cada curva melódica).

A primeira opção apresentou desafios porque seria necessário visualizar o espectrograma de cada uma das sentenças enunciadas pelos 27 migrantes (e pelos 20 falantes das amostras controle) e categorizar os tons como altos ou baixos. Esse tipo de categorização é baseado na teoria métrica-autossegmental (LADD, 2008)¹⁴, que, entre outros fundamentos, leva em consideração a altura dos tons dos enunciados. Grosso modo, para essa teoria, uma curva entoacional é interpretada como uma sequência de tons altos e baixos.

Figura 3.5: Exemplo de análise entoacional no software Praat, de acordo com a teoria métrica-autossegmental



Fonte: adaptado de Luente (2017, p. 14).

¹⁴Há outros tipos de análise entoacional, como a desenvolvida por Luente (2008, 2012), que parte de uma perspectiva dinâmica da análise entoacional, levando em consideração aspectos como velocidade, intensidade, altura e duração.

A Figura 3.5 destaca, no retângulo vermelho, um exemplo de análise entoacional a partir da identificação de tons altos (representados por H, do inglês *high*) e baixos (L, de *low*). Já inicialmente, esse tipo de codificação foi descartado, em virtude do pouco tempo de que se dispunha para analisar um elevado número de sentenças. O *script* de Barbosa (2021) pareceu uma opção mais vantajosa, uma vez que seu output ofereceria, automaticamente, os valores de F0 para cada uma das sentenças extraídas das entrevistas. Para sua utilização, era necessário apenas marcar no Praat o início e o fim das sentenças alvo – algo menos complexo de executar do que a codificação dos tons como no exemplo da Figura 3.5. Além disso, o único critério a ser seguido para que o *script* fosse corretamente rodado no *software* Praat era o de que as sentenças selecionadas tivessem de 4 a 8 segundos de duração.

Entretanto, a primeira dificuldade na extração dos enunciados foi justamente quanto à sua duração: muitos não puderam ser extraídos ou porque eram muito curtos (menos de 4 segundos) ou porque eram muito longos, de maneira que o número de enunciados possíveis ficou bastante reduzido. Em seguida, o segundo desafio foi selecionar apenas aquelas sentenças que seguiam a ordem canônica SVO. Na fala não planejada, como é o caso da que se produz em entrevistas sociolinguísticas, em que os participantes respondem livremente a perguntas apresentadas pelo entrevistador, é recorrente que muitas sentenças sejam iniciadas e então interrompidas, sem uma conclusão evidente da estrutura, além de ser comum que a ordem canônica de elementos sentenciais não seja seguida. Por isso, algumas sentenças com sujeito oculto foram selecionadas, para que o número final de sentenças não ficasse tão reduzido.

Transpostas tais dificuldades, extraiu-se um total de 2158 sentenças. Das entrevistas com cada migrante e cada falante das amostras controle, foram extraídos 45 enunciados, em média. Depois que o *script* de Barbosa (2021) gerou-se um arquivo com uma série de medições – parte do qual aparece na Figura 3.6:

Figura 3.6: Arquivo gerado pelo script de Barbosa (2021)

	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z	AA
chunk	f0med	f0sd	f0SAQ	f0min	f0max	sdf0peak	f0peakwid	f0peak_rai	sdf0peak	df0posme	df0negme	df0sdpos	df0sdneg	emph	cvint	slLTASmec	slTAShigh	hnr	SPI	shimmer	jitter	AA
trecho1	227	1757	1031	189	272	174	121	144	0.33	286	-428	211	395	8	12	-249	-194	15.6	90	115	21	S
trecho2	183	1584	566	162	230	207	75	173	0.13	238	-291	194	287	6	11	-207	-262	16.0	123	116	24	S
trecho3	191	2063	1210	146	241	225	59	144	0.43	382	-274	444	156	46	12	-104	-256	10.4	173	118	21	S
trecho4	186	1235	931	143	195	76	73	177	0.14	282	-219	310	246	5	10	-234	-261	16.5	59	98	25	S
trecho5	208	2276	1503	147	249	247	46	122	0.29	308	-483	319	524	10	13	-182	-263	13.2	101	128	21	S
trecho6	186	1871	1320	142	225	160	114	192	0.10	496	-432	407	300	9	11	-180	-280	12.3	140	130	23	S
trecho7	190	1622	853	166	242	185	179	171	0.17	393	-470	301	433	42	12	-128	-234	12.7	133	123	19	S
trecho8	186	1243	629	161	220	176	100	175	0.24	285	-256	434	254	20	13	-167	-256	13.1	103	104	16	S
trecho9	215	2413	1582	157	258	260	38	158	0.42	449	-332	408	279	45	10	-108	-201	9.5	162	116	25	S
trecho10	215	2421	1791	159	245	283	88	161	0.19	526	-320	534	247	50	9	-126	-273	11.7	145	105	19	S
trecho11	127	1422	898	184	244	115	91	189	0.17	219	-312	223	254	29	13	-163	-251	9.1	169	131	21	S
trecho12	202	2681	2438	171	271	288	99	181	0.22	606	-605	455	478	16	9	-174	-282	11.9	142	135	26	S
trecho13	191	3170	3082	154	255	325	106	216	0.13	387	-303	348	362	15	13	-181	-266	10.2	139	132	30	S
trecho14	176	1821	1412	149	225	226	43	188	0.13	316	-258	247	274	17	9	-171	-272	12.5	142	114	24	S
trecho15	203	1913	1301	180	251	280	145	166	0.33	308	-339	290	355	32	11	-136	-268	11.6	183	115	23	S
trecho16	192	2411	1369	147	252	254	72	194	0.32	551	-522	633	450	13	10	-201	-256	14.0	106	131	29	S
trecho17	186	1972	1391	161	245	231	61	187	0.22	314	-210	237	194	14	12	-171	-266	13.0	143	110	20	S
trecho18	201	2334	1147	140	228	243	90	168	0.26	419	-289	383	330	39	14	-137	-248	11.1	161	116	20	S
trecho19	178	2195	1280	135	231	202	43	168	0.28	253	-245	250	207	28	11	-137	-236	15.1	131	92	18	S
trecho20	196	2252	1527	130	233	165	59	185	0.24	432	-393	366	379	14	11	-165	-291	12.3	156	105	22	S
trecho21	180	2018	1757	133	200	65	156	135	0.10	490	-284	420	210	23	13	-143	-172	9.7	133	131	35	S
trecho22	201	2730	1938	147	272	307	75	157	0.20	540	-455	523	336	42	12	-113	-237	10.5	172	110	24	S
trecho23	181	2103	909	105	222	180	72	171	0.27	352	-311	394	384	3	12	-246	-299	16.1	110	95	18	S
trecho24	219	2223	1594	163	261	208	113	167	0.23	535	-424	432	363	59	14	-127	-245	12.5	163	98	18	S
trecho25	211	2186	1732	154	245	200	64	139	0.30	434	-344	433	264	64	11	-127	-247	11.2	174	121	18	S

Fonte: elaboração da autora.

A Figura 3.6 mostra que, para cada uma das sentenças, o script fornece 21 medidas diferentes, relacionadas à prosódia. Dentre elas, diante da delimitação dos objetivos de nosso estudo da acomodação, interessam três: $f0med$ (mediana de F0), $f0sd$ (desvio padrão de F0) e $f0SAQ$ (semi-amplitude entre quartis).

Resumidamente, a mediana pode ser definida como o valor que ocupa a posição central numa sequência de números organizados do menor para o maior. Pensando nos valores de F0 de uma amostra específica, como a dos migrantes, a mediana representa o valor típico de F0 desses migrantes, com a vantagem de ser uma medida robusta frente a valores destoantes do restante da amostra (os *outliers*).

O desvio padrão indica o grau de variação de determinado conjunto de elementos. Quanto maior o desvio, maior a variabilidade entre as medições desse conjunto. No caso do desvio padrão de F0 de cada amostra, o cálculo é realizado a partir da média de cada amostra. O desvio, portanto, revela o quanto cada medição se distancia da média.

A semi-amplitude entre quartis, grosso modo, é uma medida relacionada à dispersão dos dados. Por meio dela, é possível saber o tamanho do intervalo de variação de determinado conjunto de valores. O desvio padrão também é um tipo de medida de dispersão, mas seu cálculo não exige que os números sejam arranjados em ordem crescente, diferentemente do cálculo da semi-amplitude.

Importa salientar que, até o momento em que essas análises estavam sendo realizadas,

nenhum estudo desse tipo havia sido concluído no Brasil¹⁵. Isto é, a análise de medidas de F0 na fala de migrantes, na perspectiva da Sociolinguística, seria algo novo, sem referências bibliográficas nas quais se embasar. A única informação disponível, proveniente de pesquisas que analisaram espectrogramas (como Lira (2009), Silvestre (2012) e Cunha (2018)), era a de que existe uma diferença entre as variedades do Nordeste e do Sudeste no que se refere ao padrão entoacional dos diferentes tipos de sentença. A opção de utilizar alguma medida referente a F0 foi, então, uma tentativa de “capturar numericamente” tal distinção. Contudo, não se sabia, por exemplo, qual tendência esperar para cada amostra controle: se um valor maior da mediana de F0 para Sergipe e menor para São Paulo (ou vice-versa); se um valor maior do desvio padrão para Sergipe e menor para São Paulo (ou vice-versa) e assim sucessivamente.

A partir do arquivo parcialmente mostrado na Figura 3.6, algumas análises estatísticas foram realizadas para verificar se havia diferença significativa entre os valores de mediana, de desvio padrão e de semi-amplitude de F0 referentes às sentenças das amostras controle. Isso foi feito no sentido de certificar que a variação regional estava aparecendo nos dados extraídos. Caso não fosse constatada uma diferença entre os falantes de São Paulo e os de Sergipe, uma análise com a fala de migrantes seria inviável, pois se não houvesse diferença entre o padrão prosódico dos falantes que não migraram e o dos paulistanos, não haveria razão para proceder a comparações destes com os padrões na amostra dos migrantes.

Realizadas as análises estatísticas inferenciais na plataforma R (R CORE TEAM, 2020), constatou-se que não havia diferença significativa entre os valores de mediana de F0 dos sergipanos e dos paulistanos das amostras controle. Tampouco observou-se diferença significativa no desvio-padrão de F0 e na semi-amplitude das referidas amostras. Assim, a despeito da literatura afirmar que há diferença na curva entoacional de declarativas produzidas por sergipanos e paulistanos, os dados coletados não evidenciaram essa distinção.

Decidiu-se, então, realizar novas análises estatísticas, com as outras medidas prosódicas fornecidas pelo *script* de Barbosa (2021). Verificou-se diferença significativa quanto aos valores de *sLTASmed*, uma medida relacionada ao conceito de *qualidade de voz* (BARBOSA, 2019). Isto é, sergipanos e paulistanos (das amostras controle) diferenciam-se quanto à qualidade de voz. Entretanto, nenhuma pesquisa de sociolinguística em contexto brasileiro já havia se voltado sobre esse tema, fato que adicionou complexidade ao desafio de analisar tal variável num estudo de acomodação.

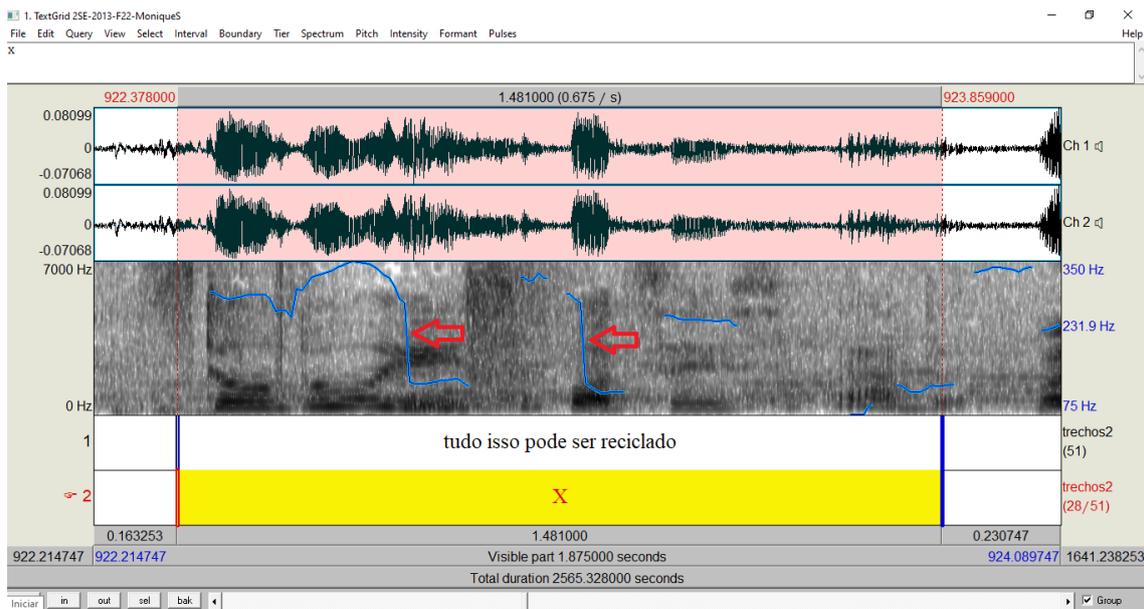
Numa última tentativa de análise no nível prosódico, partiu-se dos dados do ALiB

¹⁵O trabalho de Silveira (2022) ainda não havia sido publicado até aquele momento.

como referência de apoio. [Cardoso et al. \(2014\)](#), na Figura 3.4 anteriormente apresentada, indicam que Aracaju e São Paulo têm padrões entoacionais distintos na produção de assertivas. Enquanto na capital paulista a tendência dos falantes é manter a altura de F0, em tom baixo, no começo e no final da sentença, em Aracaju a tendência é que o começo da sentença seja produzido com tom alto e o final com tom baixo (como se pode observar na legenda da Figura 3.4).

A partir desses dados, decidiu-se verificar, por meio dos espectrogramas das sentenças extraídas (e as mesmas que passaram pelo *script* de [Barbosa \(2021\)](#)), a qual padrão correspondiam os enunciados dos falantes das amostras controle. Também nesse procedimento, algumas dificuldades apareceram: o padrão de muitos enunciados não pôde ser reconhecido, possivelmente por conta de ruídos do ambiente no qual as entrevistas foram gravadas (apesar do cuidado na seleção de sentenças enunciadas em momentos da entrevista sem a presença de muito barulho).

Figura 3.7: Espectrograma da declarativa ‘tudo isso pode ser reciclado’



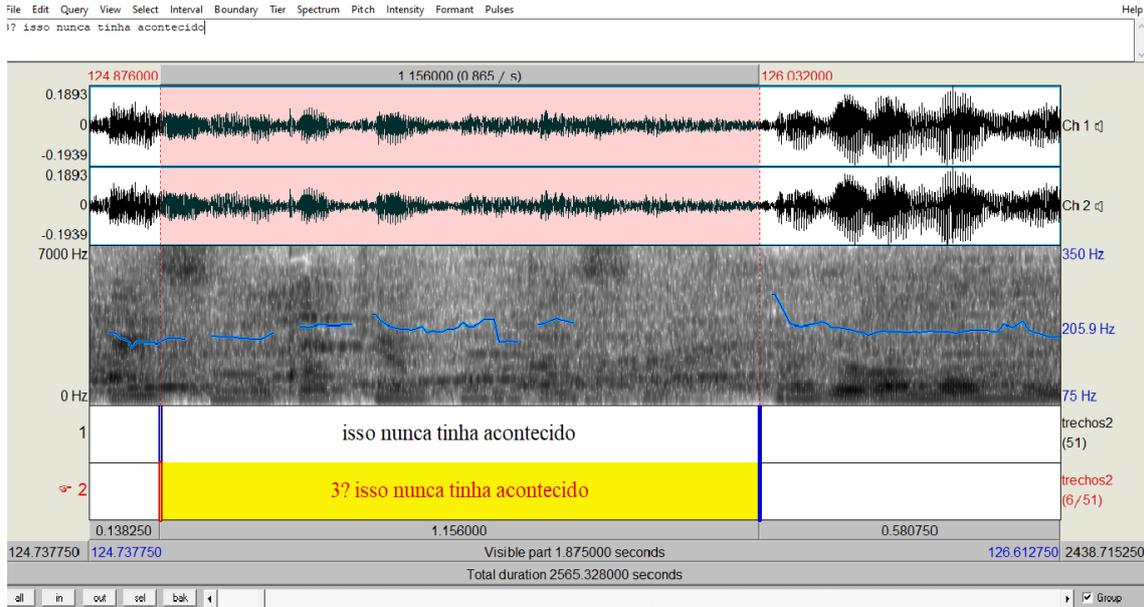
Fonte: elaboração da autora.

Na Figura 3.7, as setas vermelhas apontam para descidas de tom muito bruscas, que levaram à dúvida sobre se elas foram realmente produzidas pela falante MoniqueS (sergipana da amostra controle) ou promovidas por ruídos do ambiente onde foi realizada a entrevista sociolinguística.

Além disso, alguns padrões visualizados em determinadas sentenças não se encaixavam em nenhum daqueles mencionados por [Cardoso et al. \(2014\)](#), o que também dificultou

sobremaneira a codificação dos dados. A Figura 3.8 traz um exemplo desse tipo de dado: o padrão é formado apenas por tom baixo, sem a presença de tom alto – nem no começo, nem no meio, nem no final da sentença declarativa:

Figura 3.8: Espectrograma da declarativa ‘isso nunca tinha acontecido’, enunciada por MoniqueS, da amostra de Sergipe



Fonte: elaboração da autora.

Diante de todas essas dificuldades na análise de padrões prosódicos nos dados obtidos com os falantes entrevistados (paulistanos e sergipanos das amostras controle; migrantes sergipanos em São Paulo), ela acabou por se revelar inviável, tendo em conta também o prazo disponível para a finalização da pesquisa e subsequente redação da tese. Decidiu-se, então, por não incluir tal variável linguística no conjunto de análises que compõem o presente estudo sobre acomodação dialetal. Por outro lado, os procedimentos em torno da tentativa de trabalho com uma variável prosódica são descritos no presente capítulo no intuito de que futuros projetos de pesquisa (que venham a se valer desta tese como possível referência) tenham em vista os potenciais desafios envolvidos na análise da variação prosódica. Nesse sentido, a despeito das dificuldades e desafios aqui descritos, mas a fim de uma análise sociolinguística de padrões prosódicos, finaliza-se este capítulo com a seguinte pergunta (que inclui uma possível estratégia que, aqui, não se levou adiante): até que ponto sentenças estruturadas de acordo com certas características ideais (última palavra com determinado número de sílabas, padrão SVO etc.) e (re)produzidas em um ambiente artificial (bastante silencioso) realmente representariam o que os sujeitos enunciam e

ouvem em suas interações comunicativas cotidianas?

4

Variáveis sociais para o estudo da fala de migrantes

Para estudar o dinâmico processo de acomodação dialetal que pode ocorrer na fala de migrantes é essencial lidar com múltiplas variáveis sociais, na medida em que diferentes fatores podem ter efeito na produção linguística deles. Isto se baseia nas pesquisas já realizadas sobre o assunto, que identificaram, entre outros aspectos, a *rede social* do falante, a *idade de migração*, o *tempo de residência* na nova localidade, o *índice de integração à rede* e a *identificação do migrante quanto à comunidade anfitriã* como importantes para a compreensão de tal fenômeno. Para além de tais variáveis, a presente pesquisa também testa o efeito de *gênero* e *escolaridade* na produção linguística dos migrantes, variáveis essas que são mais tradicionais no escopo da Sociolinguística Variacionista e que são amplamente exploradas em pesquisas sobre a fala de não-migrantes. É por esse motivo que o último item desse capítulo é chamado de “Outras variáveis sociais”, pois abarca fatores sociais que não são específicos para o estudo da fala de migrantes.

Todas as variáveis sociais mencionadas foram testadas em Santana (2018) e apenas *idade de migração* teve efeito na produção da vogal média pretônica /e/, conforme a expectativa do estudo: quanto mais jovem era o falante quando migrou, menos ele baixa a referida vogal. Embora os demais fatores não tenham tido resultado significativo para /e/ e /o/, não necessariamente os mesmos resultados serão observados para (t, d) e para (NEG). Por esse motivo, as mesmas variáveis aqui levantadas são testadas nos capítulos 6 e 7.

4.1 Redes sociais

No estudo da fala de sergipanos em São Paulo, por exemplo, o conceito de rede sociais já foi utilizado em Santana (2018), tal como descreve o Capítulo 1 desta tese. Tal pesquisa baseou-se em trabalhos como os de Milroy (1987 [1980]) e Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), que verificaram que as redes sociais dos falantes podem explicar seus padrões de variação

linguística.

A pesquisa de Milroy (1987 [1980]) foi desenvolvida em três bairros de classe trabalhadora de Belfast, capital da Irlanda do Norte. Oito variáveis fonológicas, consideradas marcas da comunidade urbana de Belfast, foram analisadas na fala de 46 informantes. A principal hipótese da autora era a de que os tipos de laços estabelecidos entre os falantes dessas comunidades – isto é, as configurações de suas redes – se correlacionariam com seus usos linguísticos. Para testá-la, Milroy lançou mão dos conceitos de *plexidade* e *densidade*. O primeiro se relaciona aos tipos de conexões existentes entre os sujeitos de uma rede (numa rede uniplexa, por exemplo, duas pessoas são apenas vizinhas; já numa rede multiplexa, essas duas pessoas seriam tanto vizinhas quanto colegas de trabalho). O segundo conceito envolve o número de pessoas que se conhecem dentro de determinada rede – quanto mais pessoas se conhecem, mais densa é a rede.

Vale destacar ainda que Milroy argumenta que os próprios tipos de conexões instituídas nas redes dependem de outras variáveis sociodemográficas, como gênero, idade, mobilidade geográfica etc.: “as relações em sociedades tribais, aldeias e comunidades operárias tradicionais são tipicamente multiplexas e densas, enquanto aquelas em sociedades industriais, geográfica e socialmente móveis, tendem a ser uniplexas e esparsas”¹⁶ (MILROY, 1987 [1980], p. 52).

Conforme sua expectativa, a autora mostra que homens e mulheres apresentam padrões linguísticos distintos, os quais se correlacionam com os diferentes tipos de redes sociais que estabelecem em suas vidas – os homens tendem a formar redes mais densas e multiplexas, comparativamente às mulheres.

Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), por sua vez, analisou a fala de migrantes oriundos de Minas Gerais que passaram a residir na região administrativa de Brazlândia, em Brasília, na década de 1980. As principais hipóteses de sua pesquisa foram: quanto maior o número de vínculos que o migrante mantivesse em ambiente urbano e quanto maior o grau de exposição à vida urbana das pessoas que faziam parte de sua rede, mais próximos os sujeitos estariam da variedade urbana.

A autora testou tais hipóteses com a criação de dois índices: o de *integração* e o de *urbanização*. O estudo constatou que a mudança de um dialeto rural para um urbano pode seguir trilhas distintas para homens e para mulheres; verificou ainda que os índices de integração e de urbanização são bons preditores da variação linguística no caso dos

¹⁶Tradução aqui proposta para: “relationships in tribal societies, villages and traditional working-class communities are typically multiplex and dense, whereas those in geographically and socially mobile industrial societies tend to uniplexity and sparseness”.

homens, uma vez que são eles que estabelecem laços na esfera pública, diferentemente das mulheres.

Na comunidade rurbana de Brazlândia, Bortoni-Ricardo se atenta para o fato de que “as mulheres migrantes ainda se mantêm muito confinadas em suas redes de parentesco e vizinhança” (p. 264), isto é, seus laços se dão dentro do domínio doméstico e, sendo assim, os índices de integração e urbanização, voltados para o exame da esfera pública, não são os melhores instrumentos metodológicos para analisar seus padrões de variação. Tanto homens quanto mulheres passam por uma mudança linguística, mas em ritmos e caminhos distintos, e o exame dos tipos de redes, por Bortoni-Ricardo, foi essencial no estudo para constatar essas nuances.

Evans (2004) também evidencia a relevância das redes sociais num processo de mudança na fala de migrantes apalachianos (originários da região sul dos Estados Unidos) residentes em Ypsilanti, no Michigan (estado localizado no norte do país). O objetivo da autora foi verificar se tais falantes estavam alçando a vogal baixa anterior [æ], regra linguística ausente na comunidade de origem dos migrantes, num movimento de aproximação ao falar de Ypsilanti. Para tanto, ela calculou um *índice de integração à comunidade apalachiana* para cada um dos 28 migrantes entrevistados. Tal índice é composto pela quantidade de pessoas da rede que são do sul do país e pelas relações existentes na rede (se é mais ou menos densa e se caracteriza por maior ou menor plexidade).

A autora verifica que os migrantes com os maiores índices de integração à comunidade apalachiana tendem a não alçar a vogal em foco, num cenário de manutenção da variedade de origem. Isto sugere que apenas o deslocamento migratório não necessariamente leva a uma mudança na fala dos indivíduos, mas que também os tipos de contatos estabelecidos na comunidade anfitriã são relevantes para o padrão de usos linguísticos.

Battisti, Dornelles Filho et al. (2007) constata a importância da estrutura das redes sociais quanto aos usos de /t, d/ diante de [i] na fala de 48 habitantes de Antonio Prado, cidade localizada no Rio Grande do Sul. Os autores explicam que a variante inovadora é a palatalizada, enquanto a conservadora é a oclusiva. Tal como esperavam os pesquisadores, seus resultados indicam que os indivíduos mais jovens favorecem a palatalização dos segmentos, enquanto os mais velhos favorecem o uso da variante conservadora. Além disso, notaram que:

em termos gerais, informantes que palatalizam interagem (menos intimamente) em rede com informantes que também palatalizam, sendo esses informantes jovens. Os usuários das formas não-palatalizadas são idosos que, em rede, conectam-se (com grau maior de intimidade) a informantes que tampouco palatalizam, geralmente idosos (BATTISTI; DORNELLES FILHO

et al., 2007, p. 26).

Nesse trecho, portanto, os autores esclarecem que não é apenas a idade dos falantes que explica a variação nas pronúncias de (t, d), mas também as relações estabelecidas entre as pessoas no seu cotidiano: as pessoas mais velhas tendem a firmar laços mais íntimos com pessoas mais velhas e esse comportamento favorece usos mais conservadores (no caso das consoantes em foco, a não palatalização).

Também para o caso dos migrantes sergipanos, espera-se que as redes expliquem os padrões de pronúncias de (t, d) e dos empregos das estruturas de negação, com maior frequência de [tʃ, dʒ] e NEG1 na fala dos integrantes da rede aberta.

4.2 Idade de migração

Nos estudos de acomodação dialetal (ou de aquisição de segundo dialeto), de maneira similar ao que ocorre nas pesquisas sobre aquisição de segunda língua, comumente analisa-se a idade com que o falante migrou para verificar se, de acordo com o que se espera, são aqueles que migraram quando mais jovens os que mais se aproximam do dialeto da comunidade anfitriã.

Chambers (1992) analisou a fala de seis canadenses jovens, de duas famílias distintas, que se mudaram para o sul da Inglaterra em 1983 e 1984. O autor realizou entrevistas com esses sujeitos em dois momentos distintos, com intervalo de 2 anos entre uma gravação e outra. Com base em seus próprios dados e em pesquisas de outros autores, Chambers defende que os indivíduos que (i)migram até seus 7 anos de idade adquirem mais eficientemente regras fonológicas mais complexas de uma nova variedade linguística, comparativamente àqueles que migram depois dessa idade.

Para sustentar esse argumento, o autor apresenta dados referentes a duas regras complexas do inglês britânico: a da posteriorização vocálica (*vowel backing*) e a da fusão de vogais baixas (*low vowel merger*). A primeira regra se refere à produção da vogal [ɑ] antes de fricativas anteriores surdas (como em *plaster*, ‘gesso’) e antes de nasais seguidas de obstruintes (como em *branch*, ‘galho’), em vez de [æ], a vogal prototípica das variedades canadenses¹⁷ nesses contextos. O autor mostra que apenas um dos seis jovens a adquiriu (o único que imigrou aos 7 anos de idade), aplicando a regra em 100% dos casos. Em contrapartida, os demais, que imigraram depois dessa idade, quase não a aplicavam em suas produções linguísticas.

¹⁷Chambers esclarece que há exceções para essa regra, o que a torna complexa para os migrantes. Essas exceções não são aqui expostas a fim de não ultrapassar o limite temático do presente trabalho.

A regra da fusão de vogais baixas, por sua vez, refere-se a um processo que ocorreu no inglês canadense padrão, mas não no inglês britânico: pares como *bobble* ‘pompom’ / *bauble* ‘bugiganga, enfeite’ e *tot* ‘criancinha, copinho’ / *taught* ‘passado de ‘ensinar’ são termos homônimos para os canadenses. Enquanto imigrantes, portanto, eles devem adquirir a distinção fonética que existe no inglês britânico. Entre os seis jovens imigrantes, constatou-se uma tendência bastante semelhante à da posteriorização vocálica: apenas dois deles a adquiriram consistentemente (um com a marca de 90% de aplicação e outro com 80%), enquanto os demais atingiram no máximo 10%.

Chambers compara seus resultados com os de [Sibata \(1958\)](#), em contexto japonês. Em uma pesquisa que impressiona pelo número de informantes analisados (500 crianças, retiradas de Tóquio e de Yokohama e levadas para Shirakawa, para que não fossem atingidas pelos bombardeios da guerra em 1949), Sibata observou que aquelas que migraram aos 6 ou 7 anos de idade haviam adquirido o dialeto da nova comunidade sem percalços no curso de seis anos. Por outro lado, aqueles que migraram depois dos 14 anos não haviam adquirido nenhum traço do dialeto de Shirakawa. Sibata e Chambers argumentam que a aquisição de novas regras fonológicas complexas variará amplamente entre os indivíduos que (i)migram na faixa etária intermediária (entre 8 e 13 anos de idade), podendo a aquisição ser tanto eficiente quanto nula nesses casos.

[Siegel \(2011\)](#), fundamentado em dezessete trabalhos que se debruçam sobre a fala do migrante (entre eles, o de [Chambers \(1992\)](#)), evidencia que a idade de migração é um dos fatores mais relevantes para entender o grau de sucesso na aquisição de um segundo dialeto. Interessa destacar, contudo, que o autor também afirma que o efeito da idade de migração é distinto a depender do nível linguístico da variável, se fonético, morfológico ou lexical. A partir dos estudos sobre os quais se baseia, [Siegel \(2011\)](#) revela que os falantes que migram até os 7 anos de idade tendem a apresentar uma pronúncia mais próxima da comunidade anfitriã quanto às variáveis fonéticas; para variáveis morfológicas e lexicais, os falantes podem adquirir padrões muito parecidos aos dos indivíduos da comunidade anfitriã ao migrarem até os 17 anos. Os capítulos 6 e 7 da presente pesquisa revelam, de fato, que diferentes fatores sociais se correlacionam às variáveis fonética e sintática.

Nos estudos de [Soares \(2009\)](#) (sobre a fala de cearenses no Rio de Janeiro) e de [Oushiro \(2016a\)](#) (sobre a fala de paraibanos no Rio de Janeiro e em São Paulo), verifica-se que a *idade de chegada* ao novo local de residência é um fator significativo no processo de acomodação. Esses trabalhos mostram que, quanto menor a idade com que migra o sujeito, mais frequentemente ele tende a usar as variantes características do dialeto da comunidade para a qual se mudou. Contudo, cabe destacar que [Oushiro \(2018b\)](#) aponta para uma diferença entre variáveis fonéticas e morfossintáticas em relação à influência da idade

de migração, uma vez que, em seu estudo, enquanto a pronúncia de (-r) em coda e de /t, d/ diante de [i] apresentaram correlação com a referida variável, entre os alagoanos e paraibanos residentes em Campinas, o mesmo resultado não foi observado quanto às variáveis morfossintáticas (estruturas de (NEG) e concordância nominal).

Em face dos resultados acima resenhados, esperava-se, para os padrões dos migrantes sergipanos, que aqueles que migraram mais jovens apresentassem maiores taxas de ocorrência das formas palatalizadas e de NEG1. Contudo, os capítulos 6 e 7 mostram que tal expectativa se confirmou apenas para a variável fonética, o que converge com o estudo de Oushiro (2018b). Mais detalhes sobre esses resultados são descritos nos capítulos de análise.

4.3 Tempo de residência

Ao lado de *idade de migração* do falante, o *tempo de residência* na comunidade anfitriã tem sido comumente verificado como relevante nas análises de acomodação dialetal ou de aquisição de segundo dialeto. Siegel (2011) constata, contudo, que tal relevância não é consistente entre os estudos, uma vez que, em parte deles, os resultados indicam que, por volta de um ano, já se nota que crianças adquiriram um “uso nativo” de segundo dialeto [como em Trudgill (1981) *apud* Siegel (2011)], enquanto outros revelam que são necessários pelo menos cinco anos de residência na nova comunidade (como em Tagliamonte e Molfenter (2007)). Há ainda estudos que mostram que, mesmo após muitos anos de residência na comunidade anfitriã, alguns migrantes apresentam baixas taxas de uso das variantes típicas da nova comunidade (Kerswill (1994); Foreman (2003); Stanford (2007)).

Ademais, Oushiro (2020b) pontua que os efeitos de idade de migração e tempo de residência podem se confundir nos processos de acomodação dialetal, pois quase sempre aqueles indivíduos que migraram mais jovens podem estar também há mais tempo na nova localidade. A autora inclusive destaca que tal fato pode ter ocorrido em pesquisas prévias sobre aquisição de segundo dialeto, nas quais o pesquisador interpretou uma das variáveis como o efeito mais importante enquanto, na verdade, era a outra variável que estaria atuando como o melhor preditor da variação linguística.

Oushiro (2020b) analisa sistematicamente *idade de migração* e *tempo de residência* em Campinas-SP para averiguar qual das duas variáveis melhor explicaria os padrões de variação na fala de 40 migrantes alagoanos e paraibanos. Dentre os traços linguísticos analisados, a autora constata que apenas as variáveis fonéticas (pronúncia de /t, d/ diante

de [i] e pronúncia de (-r) em coda) se correlacionam, de acordo com suas expectativas, com idade de migração – aqueles que migraram quando mais jovens tendem a apresentar padrões mais semelhantes aos dos paulistanos. As variáveis morfosintáticas (negação sentencial – NEG1 vs. NEG2/3 – e concordância nominal – ‘os meninos’ vs. ‘os menino- \emptyset ’), por sua vez, não se correlacionaram com *idade de migração* e tampouco com *tempo de residência*. Apenas a pronúncia do (-r) em coda apresentou correlação com tempo de residência, o que, segundo Oushiro, pode estar relacionado com a questão da saliência da variável. Isto é, o tempo de residência na comunidade anfitriã tem efeito nos usos do (-r) por ser esta essa uma variável muito presente no discurso metalinguístico dos falantes, o que sugere sua fácil identificação.

4.4 Identificação com a comunidade anfitriã

Há pesquisas que consideram também como um fator importante no processo de acomodação dialetal a identificação do migrante em relação à comunidade anfitriã. Em seu estudo sobre a fala de 40 alagoanos e paraibanos residentes em Campinas, no interior de São Paulo, Oushiro (2020b) averiguou correlação entre (i) as notas que os migrantes se atribuíram para a pergunta “numa escala de 1 a 10, quanto você se considera paulista atualmente?” e (ii) suas taxas de emprego de determinadas variantes. Entre as variáveis linguísticas analisadas está a pronúncia da coda (-r). A autora mostra que os migrantes que se atribuíram notas altas para a referida pergunta produziam *r* tepe e retroflexo (as variantes paulistas) mais frequentemente. De maneira semelhante, a presente pesquisa analisa as possíveis correlações entre quão “paulista(no)” se sentem os sergipanos entrevistados e os padrões de seus usos linguísticos.

Foreman (2003) analisou a fala de 34 canadenses e estadunidenses residentes na Austrália, de modo a identificar se eles haviam adquirido traços típicos do inglês australiano, com foco em seis variáveis fonético-fonológicas. Uma das hipóteses que a autora testou foi justamente a influência da questão identitária no processo de adquirir determinados traços fonético-fonológicos que diferenciam o inglês australiano do canadense e do estadunidense. Foreman explica que as pessoas entrevistadas se dividem em diferentes grupos: aquelas que se identificam mais com o país de origem; aquelas que se identificam mais com o país anfitrião e aquelas que não têm certeza sobre tal identificação. Um resultado expressivo obtido por ela, a partir de uma análise qualitativa das entrevistas com os informantes, é o fato de que a maioria dos indivíduos que não adquiriram os traços australianos são aqueles que se identificam com seus países de origem.

Carmichael (2014) se debruçou sobre a fala de 57 indivíduos originários da Grande Nova Orleans (mais especificamente, de Chalmette, Meraux e Arabi), região estadunidense atingida pelo furacão Katrina em 2005. A autora divide esses falantes em dois grupos: um que retornou, depois do furacão, para as regiões mencionadas e outro que se estabeleceu em outras regiões (não especificadas) da Grande Nova Orleans. Fez parte de seus objetivos verificar se três variáveis linguísticas localmente salientes – (oh), (r) e (æ) – e uma pouco frequente na área estudada – elevação e anteriorização de /aw/ quando precede consoantes surdas¹⁸ – correlacionavam-se com o grau de identificação dos indivíduos em relação ao local de nascimento. Para a variável (r), as análises indicaram que aqueles que mais se identificam com Nova Orleans, mais tendem a utilizar a variante tipicamente relacionada a essa comunidade de origem. É importante esclarecer que nem todos os entrevistados haviam retornado para o lugar em que moravam antes do furacão; entretanto, o fato de não terem retornado não influenciou os padrões observados, mas sim o sentimento de pertencimento ao lugar de nascimento. Muitos dos entrevistados, apesar de não terem regressado para a Grande Nova Orleans, não se identificam com a comunidade anfitriã e indicam isso com a manutenção das variantes linguísticas de origem.

Mais recentemente, Oliveira (2020) analisou a fala de 12 migrantes baianos residentes em Bauru, cidade do interior de São Paulo, com o intuito de verificar se a pronúncia da coda (-r) nas produções linguísticas desses falantes se aproxima mais do padrão baiano (tipicamente mais aspirado) ou do bauruense (o retroflexo). Entre as variáveis sociais que incluiu em suas análises, o autor controlou a *Atitude* dos sujeitos em relação à cidade anfitriã (positiva ou negativa), a partir da pergunta “Pretende ficar em Bauru?”. A resposta que confirma o desejo de ali permanecer foi interpretada pelo autor como uma atitude positiva sobre a cidade. Sua análise mostra que os migrantes que desejam permanecer em Bauru tendem a utilizar mais frequentemente a variante retroflexa (a prototípica dessa cidade) do que aqueles que pretendem se mudar dela (22% e 1% das ocorrências, respectivamente). Com esses dados, o autor defende que a atitude positiva frente à comunidade anfitriã (e, por extensão, uma identificação com esse lugar de moradia) favorece o processo de acomodação dialetal.

Na presente pesquisa, a identificação com São Paulo também é testada. A partir de uma pergunta apresentada ao final das entrevistas sociolinguísticas, solicitou-se aos migrantes que expressassem quanto se identificam com São Paulo, na expectativa de que aqueles que dizem identificar-se mais com São Paulo tendem a apresentar padrões linguísticos mais próximos aos dos paulistanos.

¹⁸As variáveis linguísticas mencionadas não são descritas aqui em virtude de sua complexidade e nuances – o que extrapola o limite temático do presente estudo.

4.5 Índice de integração à rede

Outra variável social aqui analisada é o *índice de integração à rede* do migrante (SANTANA, 2018). Sua criação foi inspirada na análise da fala de migrantes rurais na região de Brazlândia (em Brasília) realizada por Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), que elaborou um índice que exprime, para cada migrante, o número de vínculos por ele estabelecidos no ambiente urbano. Desse modo, quanto maior o índice de integração do falante, mais inserido ele estaria na comunidade urbana e, espera-se, mais frequentemente utilizaria as formas típicas do dialeto da comunidade anfitriã (em detrimento das variantes rurais). De maneira geral, a autora obteve os resultados que esperava. Em Santana (2018), contudo, a ideia era medir quão integrado estava o migrante à sua própria rede: quanto maior esse índice, mais integrado à rede e menos frequentemente ele utilizaria as formas da comunidade anfitriã, pois mais contato teria com outras pessoas de Sergipe. Apesar de tal variável preditora não ter mostrado efeito para as vogais pretônicas /e/ e /o/, é nessa mesma direção que o índice continua a ser utilizado na presente pesquisa, a fim de verificar se os resultados serão distintos para (t, d) e para (NEG).

4.6 Outras variáveis sociais

Embora as variáveis sociais *gênero* e *escolaridade* não estratifiquem a amostra aqui analisada, uma vez que o interesse central da pesquisa está em verificar se a configuração das redes sociais dos migrantes se correlaciona com os padrões linguísticos de sua fala, interessa testar seus possíveis efeitos no processo de acomodação dialetal dos indivíduos entrevistados.

Tal como revimos anteriormente, Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), por exemplo, verificou que determinadas variantes prestigiadas (como a concordância verbal de 1ª e 3ª pessoa do plural) eram menos frequentes na fala das mulheres migrantes em Brazlândia, que mantinham pouco contato com a cultura dominante além da esfera privada.

Esse resultado obtido por Bortoni-Ricardo é interessante na medida em que vai na direção contrária ao que uma série de estudos sociolinguísticos costumam dizer sobre os usos linguísticos na fala das mulheres (em análises de padrões gerais que, a rigor, não trabalham com gênero, mas com sexo do falante). É corrente na Sociolinguística Variacionista a consideração de que as mulheres utilizam mais frequentemente (relativamente aos homens) as variantes consideradas mais prestigiadas porque elas seriam mais conscientes acerca da valoração social positiva que orbita tais variantes. Essa visão vem sendo questionada em alguns estudos e os dados de Bortoni-

Ricardo são um bom exemplo de como é necessário investigar outros aspectos da vida dos falantes: a pesquisadora estabelece ligações entre a variável sexo e outros fatores sociais para interpretar seus resultados.

Na mesma esteira, interessa trazer os apontamentos feitos por Oushiro (2020a). Nesse trabalho, a autora analisa especificamente o papel do sexo de 30 migrantes alagoanos e paraibanos residentes na cidade de São Paulo na sua produção de seis variáveis linguísticas. Entre outros objetivos do texto, Oushiro apresenta dois tipos de análise para cada uma das variáveis linguísticas em foco: uma em que o indivíduo é tomado como um efeito aleatório e outra em que é considerado como um efeito fixo. Os efeitos fixos dizem respeito a

variáveis cujos exemplares da amostra são representativos da população amostrada (sexo/gênero, faixa etária, classe morfológica do item lexical etc.) e que podem ser replicados em outros estudos. Os efeitos aleatórios, por sua vez, permitem verificar se as correlações observadas se devem de fato aos efeitos fixos ou se possivelmente se devem à contribuição casual de certos indivíduos que eventualmente se comportam de modo distinto da população em geral (OUSHIRO, 2017b, p. 7).

Ou seja, quando se busca saber qual a relevância de determinados fatores sociais (as variáveis fixas, nesse caso) e não das particularidades dos indivíduos para os padrões linguísticos, o ideal é que a análise estatística considere o informante como efeito aleatório. Em linhas gerais, Oushiro mostra que, quando o informante é incluído nos modelos estatísticos como efeito aleatório, a variável sexo é significativa estatisticamente apenas para uma das seis variáveis linguísticas analisadas. Em contrapartida, quando a variação inerente a cada indivíduo não é excluída das análises, a variável sexo aparece como relevante para três das variáveis (ou seja, verifica-se uma diferença entre homens e mulheres).

Oushiro pôde apontar para essas diferenças analíticas porque utilizou, em suas análises, a plataforma R (R CORE TEAM, 2020), a qual permite fazer cálculos mais complexos que aqueles que eram possíveis por meio de pacotes estatísticos como o Varbrul. A autora argumenta que muitas pesquisas sociolinguísticas podem ter obtido como resultado uma diferença significativa entre homens e mulheres devido à impossibilidade de realizar análises quantitativas mais refinadas e não porque de fato existia uma diferença linguística entre esses dois grupos de falantes. Com novas ferramentas de análise, vem ao caso proceder a análises que considerem os possíveis efeitos de sujeitos que se comportam linguisticamente de modo distinto da população em geral. As análises apresentadas nos capítulos mais adiante, portanto, levarão em conta essa variação individual.

No que tange à *escolaridade*, Marques (2006), ao analisar a pronúncia de vogais médias pretônicas na fala de migrantes paraibanos residentes no Rio de Janeiro e de imigrantes

brasileiros em Portugal, verifica que quanto maior o grau de escolarização dos falantes, menor a taxa de uso das variantes do dialeto de origem.

O estudo de Alves (1979), em contrapartida, lança um olhar distinto para o fator *escolaridade*. A autora analisou as atitudes de 116 migrantes baianos e pernambucanos residentes em São Paulo no que se refere às variedades paulista, baiana e pernambucana. Seu objetivo era verificar se tais migrantes apresentavam uma atitude mais positiva ou negativa em relação ao falar paulista. Alves constatou que os entrevistados de nível socioeconômico mais baixo tendiam a mostrar atitudes positivas em relação à variedade paulista, enquanto os sujeitos de nível alto revelaram atitudes mais favoráveis às variedades de origem. Diante desse resultado, a autora aventou a hipótese de que os falantes de nível socioeconômico mais baixo tendem a se apropriar das características linguísticas de São Paulo, justamente porque são essas as valorizadas por eles.

Na construção da amostra dos migrantes, como explicamos no Capítulo 1 desta tese, não houve um controle acerca da classe social dos indivíduos para testar a hipótese levantada por Alves (1979). No entanto, como desdobramento de tal hipótese, a presente pesquisa investiga se há correlação entre a escolaridade dos migrantes sergipanos e seu processo de acomodação ao dialeto paulistano. Seguindo a autora, poderia se esperar que os menos escolarizados, que, de certa maneira, correspondem aos falantes de *nível baixo* de Alves, estivessem mais acomodados à fala paulistana em relação aos mais escolarizados. Tal correspondência entre nível baixo socioeconômico e baixa escolaridade, de fato, não é infalível, pois não necessariamente um fator leva a outro. Contudo, essa estratégia de análise é tomada no presente estudo somente por conta da limitação da amostra quanto às classes sociais dos indivíduos (grosso modo, todos pertencem à classe média). O Capítulo 6 retoma essa discussão e avança sobre o papel da formação escolar dos migrantes que concluíram seus estudos em São Paulo.

Com respaldo no conjunto de trabalhos revisados neste capítulo, a presente pesquisa inclui nas análises todas essas variáveis sociais – redes sociais, idade de migração, tempo de residência, identificação com a comunidade anfitriã, índice de integração à rede, gênero e escolaridade –, na busca de explicações abrangentes para a variação no processo de acomodação dialetal na fala dos migrantes sergipanos em São Paulo.

5

Coesão dialetal e covariação

Aos estudos sobre covariação interessa averiguar se múltiplas variáveis, em determinada comunidade de falantes, correlacionam-se na fala de grupos e de indivíduos: os falantes que tendem a empregar mais a variante *a'* (em vez de *a*) da variável A também tendem a utilizar mais a variante *b'* (em vez de *b*) da variável B ou essas variáveis são independentes tanto linguística quanto socialmente (OUSHIRO, 2016b)? Nessa questão, pressupõe-se que *a'* e *b'* tenham valores sociais semelhantes; por exemplo, a concordância nominal não padrão (CNØ, como em “os livro”) e a concordância verbal não padrão (CVØ, como em “eles gosta”) são, ambas e em geral, desprestigiadas – de forma que se pode vislumbrar que, em certo grupo ou comunidade, aqueles que empregarem mais frequentemente CNØ também poderão ser aqueles que mais frequentemente empregarão CVØ. Na fala de migrantes e no processo de acomodação dialetal, esse conceito de covariação interessa na medida em que pode ser assim desenvolvido: o migrante que empregar mais frequentemente uma variante mais típica da comunidade anfitriã, para uma certa variável, também o fará para outra variante, de outra variável? No caso dos sergipanos em São Paulo, aqueles que palatalizarem /t, d/ diante de [i] mais vezes também empregarão NEG1 mais frequentemente (aproximando-se, para ambas as variáveis, do padrão paulistano e distanciando-se, nos dois casos, do padrão sergipano)?

Compreender, no contexto da fala de migrantes, se os indivíduos que se acomodaram em relação a uma variável linguística também se acomodaram às demais pode responder a diversas perguntas caras à dinâmica do processo de acomodação dialetal. Caso exista covariação, por exemplo, entre as variantes palatalizadas de (t, d) e a vogal média pretônica /e/, pode-se supor que o fato de ambas serem variáveis fonéticas tenha relação com tal resultado. Nesse cenário, teríamos um exemplo de coesão linguística, em que diferentes elementos linguísticos covariam na fala dos migrantes porque pertencem a um mesmo nível linguístico (o fonético). Há também a possibilidade de se observar coesão na fala de grupos sociais, que seria motivada por características específicas compartilhadas entre os indivíduos que os integram. Por exemplo, podemos esperar que as variantes típicas de São Paulo covariem na fala dos sujeitos que migraram quando eram crianças, já que

eles teriam entrado em contato com a variedade paulistana mais cedo que os demais. Em contrapartida, não observaríamos a mesma coesão entre os falantes que migraram já em fase adulta.

Interessa esclarecer que o termo “coesão” se refere a um pressuposto teórico, enquanto “covariação” é o correlato analítico de tal pressuposto. A fala dos migrantes pode ser comprovadamente coesa se as análises de covariação (realizadas a partir de coeficientes estatísticos na plataforma R) assim indicarem. Caso não se constate covariação (identificável estatisticamente) entre os pares de variantes, não é possível falar em coesão.

Em linhas gerais, o estudo da covariação na fala de migrantes permite um aprofundamento maior sobre o tema da acomodação dialetal no sentido de revelar se um conjunto de variáveis linguísticas tende (ou não) a apresentar padrões semelhantes na fala dos migrantes. Sendo assim, a partir das análises estatísticas de covariação, quatro cenários são possíveis: (i) coesão em direção à variedade da comunidade anfitriã (em que os pares de variantes que covariam sejam típicos do dialeto alvo); (ii) coesão como manutenção do falar de origem (em que os pares de variantes que covariam sejam típicos da variedade de origem); (iii) coesão para nenhuma dessas direções, em que os padrões de uso para cada variável linguística se distinguem (uns como manutenção do dialeto nativo e outros em direção à nova variedade dialetal); ou (iv) falta de coesão, em que nenhuma covariação é constatada entre os pares de variantes.

Os parágrafos a seguir apresentam estudos que se voltaram para o tema da covariação, tanto na fala de migrantes quanto na de não-migrantes, que servem como referenciais para as expectativas sobre os dados da fala dos sergipanos aqui analisados.

5.1 Estudos de covariação

O trabalho seminal de Labov (2006) sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque verificou fortes evidências de que há covariação tanto no nível linguístico quanto no social na comunidade analisada. No primeiro caso, ele constatou covariação entre os seguintes pares de variantes fonéticas: alçamento de (ɛ) e (ɔ), como em *bad* ‘mau’ e *law* ‘lei’, respectivamente; entre (aj) e (aw) em vocábulos como *ride* ‘andar, dirigir’ e *loud* ‘alto’; entre (ɑ) e (ɔ) como nas palavras *hot* ‘quente’ e *law*; e entre (ɑ), (ɛ) e (ɔ). Ou seja, os indivíduos que apresentam altos índices de alçamento de (ɛ) também têm altos índices de (ɔ). No nível social, o autor verificou covariação entre falantes de um mesmo gênero/sexo e etnia: mulheres tendem a utilizar os mesmos pares de variantes, assim como os homens; o mesmo ocorre com grupos de origem italiana, afro-americana etc. A

principal preocupação de Labov, à época, era demonstrar que a heterogeneidade linguística é ordenada, para fazer um contraponto à abordagem saussuriana, uma vez que ele partia do pressuposto de que a variação faz parte do sistema linguístico. Mostrar tal exemplo de covariação na fala dos indivíduos, portanto, era um passo para a demonstração de seu ponto de vista teórico.

Também foi observada covariação no estudo de Thorburn (2014), que se dedicou à análise da fala de 25 indivíduos de Nain (comunidade aborígene no norte do Canadá), onde se fala o inglês inuíte. Em um caso extremo de acomodação, os “falantes têm substituído o uso de línguas nativas pelo inglês” (OUSHIRO, 2015a, p. 236). Analisaram-se três fenômenos linguísticos associados ao dialeto local: fortificação de fricativas dentais (ð e θ, como em *that* ‘que’ e *think* ‘pensar’), -s verbal (como em *I likes it* ‘Eu gosto disso’) e intensificador *right* (como em *He’s right huge* ‘Ele é bem enorme’). Entre os resultados do estudo, a pesquisadora observou covariação entre a fortificação das fricativas dentais e o -s verbal na fala das mulheres mais jovens cuja primeira língua é o inglês, mas considera que esse resultado carece de explicações mais acuradas, já que o uso da língua inglesa na região estudada ainda está se desenvolvendo: é possível que os residentes ainda estejam aprendendo quais variáveis (e variantes) do inglês veiculam significados sociais.

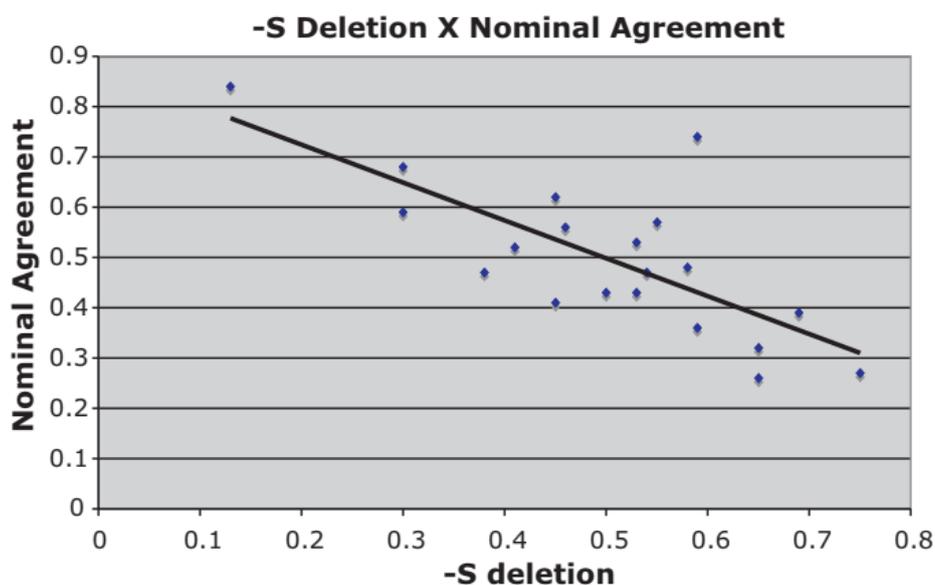
Por outro lado, Tagliamonte e Waters (2011) obtiveram um resultado distinto na pesquisa que realizaram sobre o inglês de Toronto (no Canadá). As autoras analisaram os usos de introdutores de discurso direto (como *be like/ say/ go* etc.), intensificadores (*so/ very/ really/ pretty* etc.), itens lexicais deônticos (*have to/ have got to/ got to* ‘ter que’) e possessivos (*have/ have got/ got* ‘ter’), variáveis linguísticas estas que estão em processo de mudança na referida língua. Sua hipótese era de que os falantes que estivessem liderando o processo de mudança estariam empregando, em todos os casos, as variantes inovadoras. Contudo, seus dados não indicam que há covariação em um grupo específico de falantes, o que revela que não é necessariamente verdade que um mesmo indivíduo esteja à frente de mais de uma mudança linguística.

Foi por meio da operacionalização do conceito de covariação que o estudo de Oushiro (2016b, 2015a) mostrou que os falantes paulistanos constituem uma comunidade de fala. A partir de uma amostra composta por 118 informantes (estratificada por sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, mas também caracterizada pela região de residência dos paulistanos na cidade) e da análise de seis variáveis linguísticas¹⁹, ela verifica que a coesão social

¹⁹Realização de (ẽ) como monotongo ou ditongo (em palavras como ‘fazenda’ e ‘sempre’), pronúncia de (-r) como tepe ou reflexo (como ‘porque’ e ‘mulher’), apagamento de (-r), alternância entre a marca zero e a marca explícita de concordância nominal (‘os meninos’/‘os menino-∅’), alternância de número na concordância verbal na terceira e na primeira pessoa do discurso (‘eles falaram’/‘eles falou’ e ‘nós falamos’/‘nós falou’).

é decorrente da densidade de comunicação: “os falantes tendem a exibir maior coesão social se interagem mais com membros do grupo do que com não membros” (OUSHIRO, 2015a, p. 262). Na fala, por exemplo, dos sujeitos que nunca mudaram de bairro, a autora aponta que a realização ditongada de (ẽ), o retroflexo e a concordância nominal não padrão coocorrem. Na mesma esteira, estabelecendo uma conexão com os sergipanos da presente pesquisa, pode-se esperar covariação entre as variantes prototipicamente paulistanas na fala dos migrantes da rede aberta, justamente por eles terem mais contato com a comunidade anfitriã.

Na análise da fala carioca, o estudo de covariação empreendido por Guy (2013) revela que as variantes das variáveis analisadas que teriam motivações linguísticas para coocorrer de fato coocorrem. Guy analisou quatro variáveis linguísticas em 20 entrevistas: apagamento de (-s) em palavras como “menos”; desnasalização de vogais átonas finais (como em *vagem/vage*); concordância nominal (‘os *leões*’/ ‘os *leão*’) e concordância verbal da 3ª pessoa do plural (‘eles *disseram*’/ ‘eles *disse*’). A justificativa para a análise de tais variáveis é de natureza estrutural: em português, a marca de plural em nomes é frequentemente feita com -s; a marca de 3ª pessoa do plural nos verbos, em muitos casos, se realiza com a nasalização (*falalfalam*); tanto a concordância nominal quanto a verbal se referem à marcação de número. Assim, o autor aventou a hipótese de covariação linguística: o falante que apagar -s também empregará concordância nominal não padrão; aquele que desnasalizar as vogais átonas finais de certos termos também produzirá concordância verbal de 3ª pessoa não padrão; e assim sucessivamente. Além disso, Guy examinou os padrões linguísticos por falante para verificar se há também coesão social, no sentido de observar usos dos mesmos pares de variantes por grupos específicos de indivíduos (de determinado sexo ou faixa etária, por exemplo). No geral, seus dados mostraram que a covariação se dá mais por questões linguísticas internas do que por motivações sociais: o apagamento da coda (-s) covaria com a concordância nominal não padrão, de modo que quanto mais o falante realiza o apagamento, mais ele tende a empregar a concordância nominal não padrão, como se observa na Figura 5.1. Também constatou covariação entre a desnasalização de vogais átonas finais e a concordância verbal não padrão, assim como entre a concordância verbal e a nominal.

Figura 5.1: Covariação entre apagamento de -s e concordância nominal no estudo de [Guy \(2013\)](#)

Fonte: [Guy \(2013, p. 67\)](#).

Diferentemente do que se observa em [Oushiro \(2015a, 2016b\)](#), portanto, verifica-se, na pesquisa de [Guy \(2013\)](#), que os padrões de covariação não se devem a um falante em específico ou a um conjunto de indivíduos, mas a estruturas linguísticas que compartilham similaridades. No caso dos sergipanos analisados na presente pesquisa, em termos de relação estrutural entre variáveis linguísticas, poderia se presumir covariação entre as pronúncias das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, pois se um migrante tende a deixar de baixar uma delas (aproximando-se da variedade paulistana), também apresentaria o mesmo padrão para a outra, afinal, a produção de ambas as vogais está relacionada à altura no trato vocal. Contudo, a partir dos resultados de [Santana \(2018\)](#), não se espera essa tendência na fala dos migrantes, pois a maioria deles se acomodou quanto a /e/ e uma minoria quanto a /o/. Do mesmo modo, também não se espera covariação entre /o/ e (t, d), já que uma maioria se acomodou quanto à palatalização. Não se descarta ainda, no entanto, covariação entre /e/ e (t, d), pois ambas as variáveis são de nível fonético.

Em estudo recente, [Guy, Oushiro e Mendes \(2022\)](#) contrastam a fala de 40 migrantes nordestinos residentes em São Paulo (amostra já mencionada em capítulos anteriores – [Oushiro \(2020b\)](#)), com a de paulistanos (amostra com 118 informantes – [Oushiro \(2015a\)](#)), com o objetivo de investigar se as correlações existentes entre diferentes variáveis linguísticas (covariação), na fala desses indivíduos, refletiam as dimensões de seus significados sociais. De uma perspectiva mais macro, a hipótese dos autores é que

a covariação linguística implicaria também covariação no nível dos significados sociais associados às formas linguísticas que covariam. Da mesma forma, numa perspectiva mais micro, seria de esperar que indivíduos prefeririam empregar variantes linguísticas que indiciassem significados sociais semelhantes.

No *corpus* paulistano, os autores observaram os padrões de apagamento de /r/ em coda, a realização da coda /r/ como tepe ou retroflexo, a pronúncia ditongada de [ẽ] (como em ‘fazenda’), e as concordâncias nominal e verbal da 1ª e 3ª pessoa do plural. No *corpus* nordestino, analisaram: o apagamento de /r/ em coda, a concordância nominal, a realização da coda /r/ como velar ou aspirada, a palatalização de /t, d/ diante de [i] e a dupla negação (NEG2). A seleção de tais variáveis linguísticas não se deu aleatoriamente, mas em virtude dos significados sociais a elas associados nas comunidades estudadas.

Tabela 5.1: Significados sociais indiciados pelas seis variáveis analisadas no *corpus* de São Paulo

Propriedade indexical	/e/ nasal	R retr.	R apag.	CN	3PCV	1PCV	Total
		[r]~[ɹ]	[r/ɹ]~∅	padrão ~ não padrão	padrão ~ não padrão	padrão ~ não padrão	
Prestígio		✓	✓	✓	✓	✓	5
Identidade regional	✓	✓					2
Ruralidade		✓		✓		✓	3
Feminilidade	✓			✓			2
Mudança em progresso	✓						1
Consciência do falante		✓		✓	✓	✓	4
Total	3	4	1	4	2	3	17

Fonte: adaptado de [Guy, Oushiro e Mendes \(2022, p. 60\)](#).

A Tabela 5.1 resume os significados sociais (listados na primeira coluna) que se associam a cada uma das variáveis linguísticas analisadas (listadas na primeira linha). Por exemplo, com exceção da variável (ẽ), todas as demais estão relacionadas à noção de prestígio na comunidade de falantes (a pronúncia tepe para a coda /r/, o não apagamento da coda /r/, a concordância nominal e verbal padrão são mais prestigiadas pelos sujeitos dessa comunidade). Na terceira linha, a tabela indica que a variante ditongada [ẽjn] e a pronúncia de /r/ em coda relacionam-se com a identidade regional dos falantes, já que, para ouvintes não paulistanos, a primeira é uma marca típica dos paulistanos e as pronúncias tepe e aspirada remetem a falantes de diferentes regiões geográficas. Tal como se mencionou anteriormente, os autores partiram da hipótese de que as variantes que compartilhassem

os mesmos significados sociais (como prestígio, identidade regional e assim por diante) seriam mais frequentemente empregadas pelos entrevistados.

Para o *corpus* nordestino, a indicialidade das variáveis é apresentada na Tabela 5.2. Três delas associam-se à noção de prestígio. A pronúncia de /t, d/ indicia, além de prestígio, identidade regional, ruralidade, e se constitui como uma mudança em progresso, acima da consciência dos falantes. Do mesmo modo como se aventou para os paulistanos, a hipótese aqui é que as variantes que indiciam os mesmos significados sociais covariam na fala dos migrantes. Por exemplo, aqueles migrantes que tendem a pronunciar o /r/ em coda (ou seja, não o apagam), também tenderão a palatalizar /t, d/ e a empregar concordância nominal padrão, já que essas variantes se associam a prestígio entre os falantes. O mesmo raciocínio vale para as demais linhas da tabela, para cada um dos significados sociais.

Tabela 5.2: Significados sociais indicados pelas cinco variáveis analisadas no *corpus* nordestino

Propriedade indexical	R asp. [r/ɹ]	R apag. [x/h] ~ ∅	TD [t]/[dʒ] ~ [t/d]	NEG2 neg1 ~ neg2	CN padrão ~ não padrão	Total
Prestígio		✓	✓		✓	3
Identidade regional	✓		✓	✓		3
Ruralidade			✓		✓	2
Feminilidade					✓	1
Mudança em progresso			✓			1
Consciência do falante	✓		✓		✓	3
Total	2	1	5	1	4	13

Fonte: adaptado de [Guy, Oushiro e Mendes \(2022, p. 65\)](#).

Conforme esperavam para os paulistanos, os autores constataram que dos dez pares de variáveis que compartilham de prestígio, oito covariam significativamente. A consciência por parte do falante também se apresentou como um importante preditor da covariação, pois cinco dos seis pares que compartilham esse traço estão significativamente correlacionados na fala dos indivíduos da amostra (ou seja, as variantes sobre as quais os falantes paulistanos têm consciência covariam significativamente em sua produção linguística). Por outro lado, na amostra dos migrantes nordestinos, os autores chamam atenção para a falta de correlação significativa quanto às variáveis que compartilham o traço de identidade regional. Os pesquisadores atribuem esse resultado justamente às dinâmicas sociolinguísticas envolvidas no processo migratório. Cada migrante pode ter um comportamento distinto nesse

processo, já que, enquanto alguns indivíduos mantêm em maior grau os traços de origem, outros se acomodam em maior grau à comunidade anfitriã. Portanto, é menos provável observar covariação entre as variáveis linguísticas relacionadas à identidade regional desse grupo de falantes, o que reforça o argumento de que a migração é um fenômeno muito complexo, na medida em que cada indivíduo pode viver a experiência da migração, inclusive sociolinguisticamente, de maneira particular.

5.2 O que outros estudos relacionados ao tema revelam

Velho (2018) analisou a fala de 24 indivíduos de Flores da Cunha, uma comunidade bilíngue do interior do Rio Grande do Sul, a partir de entrevistas sociolinguísticas do VARSUL (do início dos anos 1990) e do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, construído entre 2001 e 2009), com o intuito de verificar se aquelas pessoas que mais utilizavam o ditongo –on, em vez de –ão, em palavras como ‘coração’, eram as mesmas que produziam a variante tepe no lugar da vibrante múltipla em palavras como ‘terra’. A autora explica que essas variantes linguísticas são resultado do contato entre o português brasileiro e dialetos italianos, já que a comunidade é marcada pela presença maciça de imigrantes italianos. Devido ao fato de que os bancos do VARSUL e do BDSer foram construídos em épocas distintas, com um intervalo de quase 20 anos entre eles, a autora pôde comparar os usos de diferentes épocas, com a intenção de verificar se os fenômenos linguísticos em foco eram uma mudança em progresso ou não.

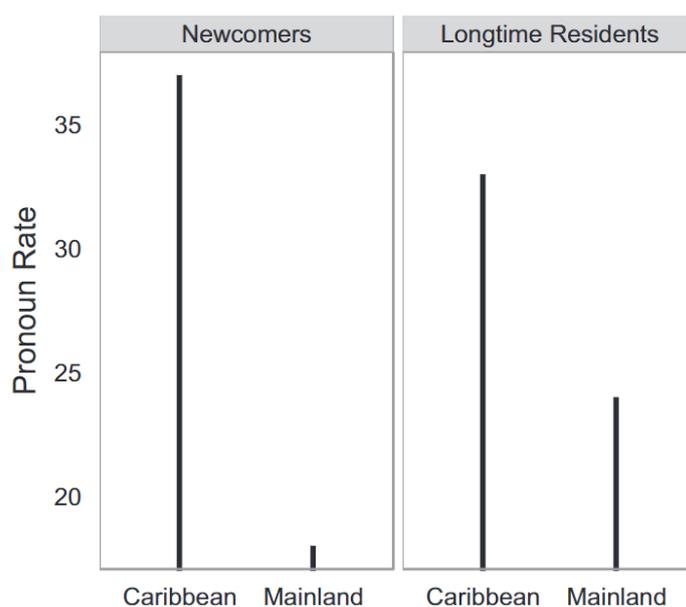
De acordo com as análises de Velho (2018), ambos os processos linguísticos são favorecidos pelos homens mais velhos e com nível mais baixo de escolaridade, tanto no VARSUL quanto no BDSer. Isto é, são esses os sujeitos que mais produzem -on (em palavras como ‘região’) e a variante tepe (em termos como ‘roda’). Em face de tal resultado, a autora defende que existe uma coerência dialetal na comunidade estudada. Velho chega a essa conclusão porque, mesmo com um intervalo de 20 anos entre uma amostra e outra, os falantes que em ambas favorecem tanto a produção de -on quanto a da variante tepe compartilham de um mesmo perfil social – homens com baixa escolaridade. A coerência dialetal, portanto, reside no fato de ambas as variantes consideradas frutos do contato entre o português e dialetos do italiano serem favorecidas por um grupo específico de falantes.

O artigo de Erker e Otheguy (2016), por sua vez, traz interessantes resultados sobre falantes de espanhol que moram em Nova Iorque. A partir de entrevistas do *Otheguy Zentella Corpus of Spanish in NYC* (coletadas entre 2000 e 2004), os autores apresentam análises realizadas sobre apagamento de –s em coda (como em *mismo*, ‘mesmo’ e *tienes*,

‘(você) tem’), uso do sujeito pronominal, entre outras variáveis linguísticas. Os autores defendem a tese de que as diferenças observadas no espanhol falado pelos imigrantes que estão há muitos anos em Nova Iorque e por aqueles que estão há menos tempo se relacionam com o fenômeno do nivelamento dialetal. Tal nivelamento ocorreria para que os falantes de diversas variedades do espanhol diminuam suas distinções linguísticas.

A Figura 5.2, por exemplo, apresenta o caso do uso de pronomes na posição de sujeito. Entre os recém-chegados a Nova Iorque (os *newcomers*, à esquerda no gráfico), os imigrantes de origem continental (*mainland*) e os caribenhos apresentam taxas muito distintas de uso de sujeito pronominal, pois tais indivíduos falam variedades diferentes do espanhol. Já os imigrantes de longa data (*longtime residents*, à direita) apresentam taxas um pouco mais próximas entre si, evidenciando o fenômeno do nivelamento dialetal – isto é, o contato com pessoas de diferentes origens leva à diminuição das diferenças dialetais.

Figura 5.2: Frequência de uso dos pronomes sujeito entre os imigrantes recém-chegados (à esquerda) e os de longa data (à direita)

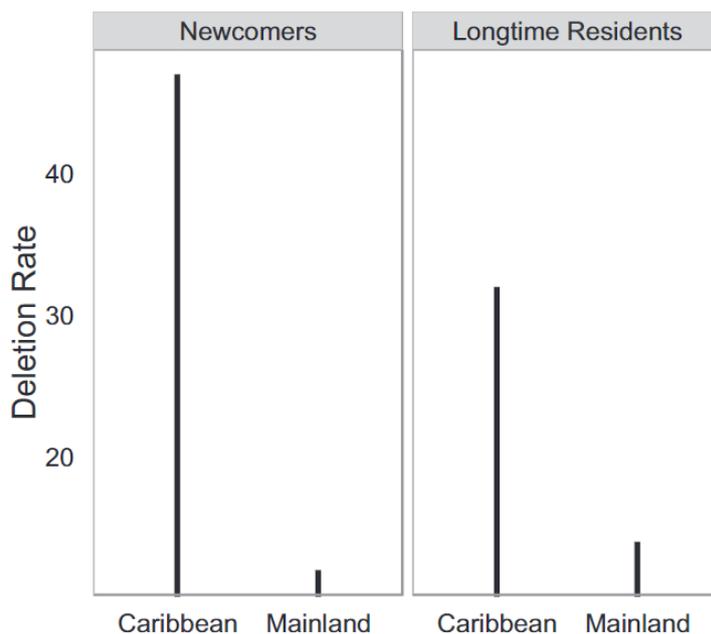


Fonte: Erker e Otheguy (2016, p. 135).

O fenômeno do nivelamento dialetal também parece ter relevância nas taxas de apagamento da coda (-s). A Figura 5.3 mostra que, entre os imigrantes recém-chegados na comunidade anfitriã, existe uma diferença muito evidente: os falantes de origem caribenha são os que mais apagam (-s) em comparação aos sujeitos originários de outros lugares. Contudo, entre os imigrantes de longa data, a diferença nas taxas de apagamento é reduzida: segundo os autores, a convivência com indivíduos de diferentes variedades linguísticas

motiva a diminuição das diferenças entre os dialetos de uma língua (nesse caso, o espanhol).

Figura 5.3: Frequências de apagamento da coda (-s) entre os imigrantes recém-chegados (à esquerda) e os de longa data (à direita)



Fonte: Erker e Otheguy (2016, p. 137).

Ressalta-se que Erker e Otheguy (2016) realizaram análises mais complexas com o acréscimo de outras variáveis linguísticas, mas a interpretação de ambos os resultados mencionados na presente seção já sugere que, na busca pela redução de diferenças entre falantes de distintas variedades do espanhol, mais de uma variável linguística sofre o processo de nivelamento dialetal na fala dos sujeitos da amostra. Interessa destacar que estabelecemos aqui uma conexão entre nivelamento linguístico e covariação linguística porque Erker e Otheguy (2016) constataram uma diferença na fala de imigrantes com diferentes tempos de residência em Nova Iorque, quanto a variáveis que tendem a ter padrões distintos em cada variedade do espanhol. Tal covariação linguística, portanto, indica que os falantes que imigraram há mais tempo caminham para um padrão de coerência com a comunidade em que vivem numa tendência de diminuição das diferenças entre as variedades de espanhol.

Além disso, também é possível falar de coesão social nesse estudo, pois são justamente os imigrantes de longa data (e não os recém-chegados), um grupo específico de pessoas, que tendem a reduzir as dessemelhanças com relação a seus interlocutores de outras variedades do espanhol. Sendo assim, é o tempo de residência na nova comunidade que

favorece a coocorrência das variantes mencionadas.

Os estudos resenhados nos itens 5.1 e 5.2 apresentam resultados diversos: em alguns deles, verifica-se coerência linguística, pela qual o uso de determinada variante se correlaciona com o de outra porque as variáveis se identificam estruturalmente – como em Labov (2006) e Guy (2013). Em outras pesquisas, observa-se coerência social, pois são determinados grupos de falantes que empregam os mesmos pares de variantes – como em Thorburn (2014) e Oushiro (2015a, 2016b). Há ainda estudos que revelam não covariação na fala dos indivíduos, como em Tagliamonte e Waters (2011), que mostram que não necessariamente um mesmo falante emprega mais frequentemente a variante inovadora de diferentes variáveis linguísticas em mudança, dentro de uma comunidade de fala.

Na presente pesquisa, as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ identificam-se estruturalmente, pois ambas dizem respeito ao abaixamento ou não da vogal. Entretanto, como adiantamos no item 5.1, não esperamos covariação entre ambas porque, em Santana (2018), a maioria dos migrantes se acomodou à fala paulistana quanto a /e/ e poucos a /o/. Existe também uma relação estrutural entre as vogais e (t, d) por ambas serem variáveis fonéticas. Nesse cenário, espera-se covariação entre tais variáveis fonéticas, no sentido de que os falantes que menos frequentemente baixarem /e/ mais vezes palatalizarão (t, d). Por outro lado, não há relação estrutural entre as variáveis fonéticas e as estruturas de negação (uma variável sintática). Sendo assim, não há uma expectativa clara quanto à covariação das formas de (NEG) e as demais variáveis fonéticas. Espera-se, contudo, coesão social: os migrantes da rede aberta tenderiam a apresentar padrões mais próximos aos do paulistano quanto à vogal /e/, (t, d) e (NEG).

A despeito da expectativa de que os integrantes da rede aberta sejam coesos em seus usos linguísticos em direção ao falar paulistano, não se pode perder de vista de que os migrantes, comparativamente aos indivíduos que nunca saíram de seu lugar de origem, têm um grau menor de enraizamento na comunidade anfitriã, ou, em outras palavras, são caracterizados por maior mobilidade. Diferentemente dos paulistanos da amostra SP2010, por exemplo, que nasceram, cresceram e continuam residindo em São Paulo, a maioria dos migrantes entrevistados nasceu em Sergipe, cresceu por lá e depois veio para São Paulo e, nesse novo local de residência, é portanto menos enraizada, pois já fez parte de outra comunidade. Suas redes de contato mudaram de um local para outro. É plausível esperar, então, menor coesão linguística entre os migrantes, tomados como um todo (e não separados por redes), já que sua fala tende a abarcar um conjunto maior de possibilidades linguísticas, justamente porque eles entraram em contato com pessoas de diferentes lugares de origem. Essa hipótese se ampara em Kerswill (1994, p. 3), quando ele afirma que “os migrantes são, por definição, indivíduos socialmente instáveis, no sentido de que, durante

suas vidas, tiveram que mudar de redes pessoais”²⁰. Tal instabilidade poderia ter como manifestação correlata a falta de (ou menor) coesão nos usos linguísticos, assim como evidenciam [Guy, Oushiro e Mendes \(2022\)](#).

²⁰Tradução própria do original: “(...) migrants are by definition socially unstable, in that, in their lifetimes, they have had to move between different personal networks (...)”.

6

A palatalização na fala dos migrantes sergipanos em São Paulo

Este capítulo reporta, nas seções a seguir, os procedimentos para a extração das ocorrências da variável *palatalização de /t, d/ diante de [i]* na amostra da fala dos 27 migrantes sergipanos residentes em São Paulo, as análises qualitativas e distribucionais e as análises inferenciais sobre os seus padrões de ocorrência.

6.1 Extração dos dados

De cada uma das entrevistas com os informantes, foram extraídas, aleatoriamente, com o auxílio de um *script* na plataforma R, 80 ocorrências da variável. Descartaram-se os primeiros 10 minutos das gravações, nos quais os migrantes poderiam estar menos relaxados diante da situação de entrevista, extraíndo-se ocorrências que aparecem depois desse momento inicial. Com vistas à eficiência desse processo, utilizou-se a função `identificacao()` do pacote *dmsocio* (OUSHIRO, 2014), que permite buscar ocorrências de interesse e gerar arquivos para a sua codificação (OUSHIRO, 2014, p. 156). Identificadas as palavras com a variável em questão, o passo seguinte foi ouvir cada uma das ocorrências, no programa ELAN, e anotar se o falante realizou (t, d) como palatalizada ou oclusiva. A partir daí, o pacote *dmsocio* foi novamente utilizado para a extração das codificações; por meio da função `extracao()`, gera-se uma tabela em que cada linha corresponde a uma ocorrência, com os contextos precedente e seguinte e sua localização temporal na transcrição.

6.2 Variáveis linguísticas

A pesquisa leva em conta as variáveis linguísticas indicadas como significativas por outros estudos sobre a fala de migrantes em situação de contato dialetal e de falantes nascidos e residentes em Sergipe (o estado de origem dos informantes da pesquisa). Martins (2008),

Fouquet (2013), Souza (2016) e Corrêa (2019) incluíram em suas análises:

- (a) sonoridade da consoante: surda (“*tia*”) ou sonora (“*ditado*”);
- (b) contexto fônico precedente: num primeiro momento, cada fonema foi individualmente codificado, com exceção das vogais nasais (codificadas em um único grupo); posteriormente, certas ocorrências foram agrupadas (cf. seção 6.3):

Tabela 6.1: Níveis da variável linguística *contexto fonológico precedente* com exemplos

Contexto precedente	Exemplos de palavras	Contexto precedente	Exemplos de palavras
[a]	amizade, combate	[w]	humilde
[e]	rede, objetivo	[r]/[ʁ]/[h]	tarde, parte
[ɛ]	pede, sete	[s]	nordestino, plástico
[i]	decidir, convite	[u]	saúde, minutinho
[j]	jeitinho, noite	[ẽ, ê, ĩ, õ]	grande, sente, vinte, onde
[o]	melodia, Cotia	início de palavra	dia, tipo
[ɔ]	rodinha, pote		

Fonte: elaboração da autora.

- (c) contexto fônico seguinte: assim como no contexto precedente, cada fonema foi codificado individualmente, mas alguns ajustes tiveram que ser posteriormente feitos (cf. seção 6.3):

Tabela 6.2: Níveis da variável linguística *contexto fonológico seguinte* com exemplos

Contexto seguinte	Exemplos de palavras	Contexto seguinte	Exemplos de palavras
[a]	diarista , vestia	[o]	questionava
[ẽ]	adianta, dian te	[ɔ]	mandioca
[b]	de baixo	[p]	di ploma, ti po
[d]	pedido, vesti do	[r]	di reito, ti ra
[f]	identificar, difer ente	[s]	di sse, an tes
[g]	di go, casti go	[t]	di tado, ati tude
[k]	médico, parti cular	[v]	di verte, cansati vo
[λ]	engatilhando, carti lha	[w]	remédio, síti o
[m]	de mais, legíti mo	[z]	di zer, aprendi zado
[n]	cont inu ar, nordesti no	fim de palavra	ci dade, noite
[ɲ]	din heiro, ti nha		

Fonte: elaboração da autora.

- (d) tonicidade da sílaba: pretônica inicial (“*ditado*”), pretônica não inicial (“*particular*”), tônica (“*tinha*”), postônica não final (“*prático*”) e postônica final (“*cidade*”);

(e) *status* da vogal: fonética (“*dente*”), fonológica (“*tinha*”) e semivogal (“*sítio*”).

Antes de apresentar os resultados para (t, d), convém esclarecer que dados da amostra controle de Sergipe não foram extraídos para essa análise porque já existem pesquisas sobre tal variável na fala de sergipanos (diferentemente do caso da variável sintática). Estabelecemos uma comparação, portanto, com os resultados de Souza (2016) e Corrêa (2019)

Os estudos sobre (t, d) indicam que é [t] que favorece a palatalização relativamente a [d], assim como também mostram que os contextos anterior e seguinte são relevantes; Souza (2016) e Corrêa (2019), por exemplo, verificam que as fricativas alveolares antes de (t, d) favorecem sua realização palatal (como em “vestido” e “desiste”). Esperava-se convergência entre os padrões gerais dos dados dos migrantes sergipanos com os dessas pesquisas anteriores. Como veremos a seguir, tal convergência se confirma quanto à relevância tanto da sonoridade da variável quanto das fricativas alveolares em contexto precedente à (t, d).

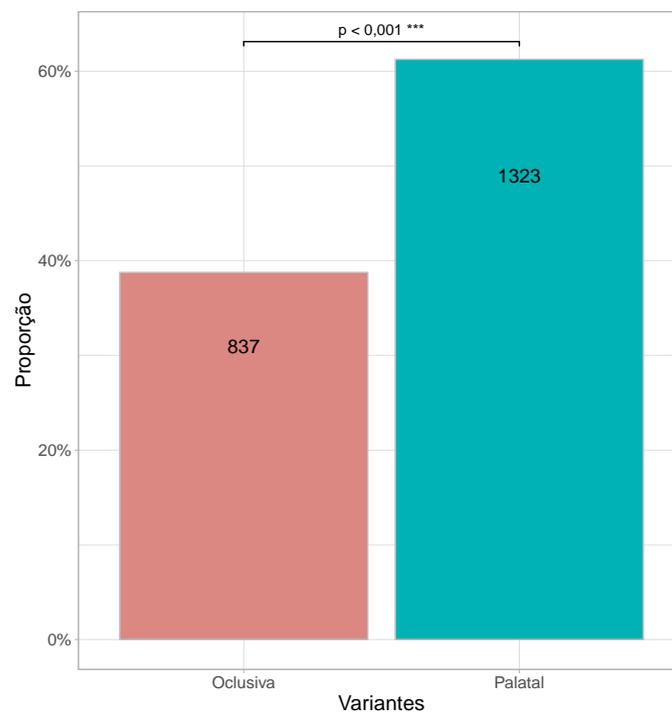
6.3 Análises descritivas e inferenciais

Das 27 entrevistas sociolinguísticas, foram extraídas 2160 ocorrências de /t, d/ diante de [i], das quais 1323 (61,2%) foram realizadas como palatalizadas e 837 (38,8%) como oclusivas (ver Figura 6.1). Tal distribuição já indica uma diferença entre a fala dos migrantes e a dos sergipanos que não migraram, pois esta última se caracteriza pela predominância da pronúncia oclusiva (cf. seção 6.3), enquanto os migrantes, de modo geral, estão utilizando mais frequentemente as variantes palatalizadas. O teste de qui-quadrado mostra que é significativa a diferença entre essas proporções. Para lembrar: esse teste, como tantos outros, serve para indicar se existem diferenças significativas entre proporções de variantes (OUSHIRO, 2022); no nosso caso, podemos afirmar que as proporções das variantes de (t, d) guardam diferença significativa.

Antes de apresentar o resultado do modelo de regressão logística que testa a significância de cada uma das variáveis linguísticas para a realização de (t, d) pelos migrantes, é necessário explicar alguns procedimentos metodológicos realizados em etapa precedente.

Primeiramente, para a variável *tonicidade*, amalgamaram-se dois conjuntos de dados, o da “postônica não final” e o da “postônica final”, pois foram extraídas poucas ocorrências do primeiro caso (apenas 36). No caso do *contexto fonológico precedente*, também houve a necessidade de amalgamar alguns níveis, uma vez que algumas células apresentavam

Figura 6.1: Proporção das variantes de (t, d) entre os 27 migrantes da amostra



Fonte: elaboração da autora.

um número muito baixo de ocorrências, o que inviabilizaria a realização de uma análise mais confiável. Nesse sentido, consideraram-se os segmentos fônicos [h, r, ʀ] num único conjunto (“róticos”), [s, z] como “fricativas alveolares”, [e, ε, i] como “vogais anteriores”, [o, ɔ, u] como “vogais posteriores”, [w, j] como “semivogais” e [a] como “vogal central”. Similarmente, para o *contexto fonológico seguinte*, os segmentos [f, s, v, z, h, tʃ, dʒ] foram amalgamados no conjunto das “fricativas”; os segmentos nasais [m, n, ɲ] junto com as vogais nasais integram o grupo “nasais”; as consoantes [b, d, g, k, p, t] constituem o conjunto “oclusivas”; os fonemas [λ, ʀ] formam o grupo “líquidas” (λ e ʀ, de fato, não têm o mesmo modo de articulação, mas poucas ocorrências desses casos foram extraídas e, para manter algum grau de comparabilidade com as análises de [Corrêa \(2019\)](#), foram mantidos em conjunto para as análises); as vogais orais foram agrupadas em “vogais posteriores” [o, ɔ, u, w] e “vogais não posteriores” [a, e, ε, i]. Finalmente, para o caso da variável *status da vogal*, foi necessário amalgamar as semivogais (apenas 19 ocorrências) com as vogais fonológicas.

Realizaram-se, então, análises de regressão logística para verificar simultaneamente o papel de “múltiplas variáveis previsoras, a fim de chegar a um modelo para descrever, explicar e prever o comportamento da variável resposta” ([OUSHIRO, 2022](#), p. 318). As chamadas variáveis previsoras são as elencadas como possíveis atuantes no fenômeno em foco – a variável resposta.

As análises de regressão logística apresentadas a seguir foram realizadas em modelos de efeitos mistos ([BAAYEN, 2008](#)), uma vez que se incluíram efeitos aleatórios nos modelos, a saber, o *Informante* e o *Item Lexical*. Os efeitos aleatórios, segundo [Levshina \(2015\)](#) e [Oushiro \(2022\)](#), dizem respeito às variáveis específicas da amostra analisada, isto é, se fossem outros os informantes e os itens lexicais, seus efeitos poderiam não ser os mesmos que os que se apresentam aqui. Pode-se dizer, então, que os efeitos fixos (como tonicidade, sonoridade etc.) podem ser replicados em diferentes pesquisas, ao passo que os aleatórios são particulares do estudo.

Antes de discorrer sobre os resultados da Tabela 6.3, é importante esclarecer que o modelo estatístico que os gerou foi construído juntamente com as variáveis sociais relevantes aos padrões de (t, d) dos migrantes (cuja análise é descrita na seção 6.4). A decisão de se trazer, para a presente seção da tese, apenas os resultados das variáveis linguísticas justifica-se pela escolha de se discutir, separadamente, os aspectos sociais e linguísticos relevantes aos usos de (t, d). Além disso, interessa elucidar que não foi incluída nenhuma interação entre as variáveis linguísticas preditoras porque, após alguns testes estatísticos, o melhor modelo explicativo para as tendências de uso dos migrantes foi o que se apresenta a seguir. É necessário esclarecer também que, em estudos com múltiplas

variáveis preditoras como esse, uma série de modelos estatísticos é testada para se alcançar o melhor deles. Existem algumas maneiras de selecionar o melhor modelo; uma delas é através do índice denominado AIC (*Akaike Information Criterion*), o qual é gerado pelo R para cada modelo estatístico testado (cf. [Oushiro \(2017a\)](#)). Foi por meio desse índice que os modelos apresentados na presente tese foram escolhidos como os que melhor explicam a variação dos migrantes sergipanos da amostra.

Tabela 6.3: Estimativas (em *logodds*) de ocorrência da palatalização de acordo com as variáveis linguísticas (N = 2160)

	<i>Intercept = -0,002</i>				
	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	(p)	Apl./N
<i>Sonoridade</i>					
Sonora (v. referência)					449/913 (49%)
Surda	1,212	0,213	5,684	<0,001 ***	872/1240 (70%)
<i>Tonicidade</i>					
Tônica (v. referência)					400/670 (60%)
Postônica	0,181	0,371	0,489	0,625	667/1018 (65%)
Pretônica inicial	-0,320	0,305	-1,049	0,294	183/366 (70%)
Pretônica não inicial	0,492	0,369	1,333	0,182	73/106 (69%)
<i>Contexto fonológico precedente</i>					
Pausa (v. referência)					28/50 (56%)
Fricativa alveolar	1,244	0,462	2,694	0,007 **	199/240 (83%)
Nasal	0,329	0,413	0,799	0,424	434/740 (67%)
Rótico	-0,583	0,517	-1,127	0,260	58/102 (57%)
Semivogal	0,270	0,418	0,646	0,518	102/175 (58%)
Vogal anterior	0,166	0,398	0,417	0,677	169/302 (56%)
Vogal central	-0,030	0,407	-0,074	0,941	176/347 (51%)
Vogal posterior	-0,023	0,421	-0,054	0,957	103/214 (48%)
<i>Contexto fonológico seguinte</i>					
Pausa (v. referência)					104/152 (68%)
Fricativa	0,467	0,298	1,564	0,118	379/602 (63%)
Líquida	-0,516	0,489	-1,056	0,291	33/73 (45%)
Nasal	0,219	0,291	0,754	0,451	359/558 (64%)
Oclusiva	-0,174	0,287	-0,606	0,545	215/357 (60%)
Vogal não posterior	-0,410	0,294	-1,395	0,163	194/371 (52%)
Vogal posterior	1,359	0,615	2,208	0,027 *	39/47 (83%)
<i>Status da vogal</i>					
Fonética (v. referência)					658/1018 (63%)
Fonológica	-0,081	0,328	-3,249	0,803	665/1142 (59%)

Modelo: `glmer(VD ~ SONORIDADE + TONICIDADE + CONT.PREC + CONT.SEG + STATUS.VOGAL + (1|FALANTE) + (1|ITEM.LEXICAL), data = dados)`

Fonte: elaboração da autora.

Em uma tabela com resultados extraídos de um modelo de regressão logística, os números que aparecem na coluna da *Estimativa* devem ser lidos em termos do que aumenta ou diminui a chance de a variante estudada ocorrer. No nosso caso, o modelo analisa as chances de a variante palatalizada ocorrer na fala do migrante a depender dos fatores linguísticos incluídos no modelo. Na primeira coluna da Tabela 6.3, aparecem os níveis das

variáveis fixas (ou seja, os níveis da *sonoridade*, da *tonicidade*, do *contexto precedente*, do *contexto seguinte* e do *status da vogal*), sendo *Intercept* (ao topo na tabela) o termo que se refere ao valor de referência estabelecido nessa análise, que é a probabilidade, em *logodds*, estimada para /d/ ser realizado como uma palatal em uma sílaba tônica, antecedida e seguida por uma pausa, junto com uma vogal fonética²¹. A tabela traz ainda as probabilidades, em *logodds*, calculadas para o modelo para cada um dos níveis. Vale lembrar que *logodds* é uma das maneiras de medir as probabilidades de algo ocorrer no mundo. Enquanto a medida de probabilidade (a mais conhecida nas análises estatísticas) tem uma escala de 0 a 1, a escala de *logodds* vai de $-\infty$ a $+\infty$, com ponto neutro em zero. Sendo assim, “valores positivos indicam tendência a favorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora); e valores negativos indicam tendência a desfavorecimento (em relação a outro nível da mesma variável previsora)” (OUSHIRO, 2017a, p. 186). Seguindo esse raciocínio, na quarta linha e segunda coluna da Tabela 6.3, a probabilidade de /t/ ocorrer na forma palatalizada é de 1,212 *logodds* em relação a /d/, ou seja, a variante surda /t/ favorece a aplicação da regra da palatalização (p é menor que 5%, como se indica na última coluna, e o valor da estimativa é positivo).

Na terceira coluna da tabela aparecem os valores do erro padrão, definido como uma “medida de dispersão que dá indícios de quão precisa é a estimativa. Quanto maior o valor do erro padrão, maior é a variabilidade nas medições” (OUSHIRO, 2016a, p. 42). O valor z (na última coluna), por sua vez, é utilizado para o cálculo do valor de significância (p)²².

Quanto aos níveis da variável *tonicidade*, o modelo mostra que não há diferença significativa entre a posição tônica (que é o nível de referência, o *Intercept*) e as demais posições, isto é, para os padrões linguísticos observados na fala dos migrantes entrevistados, não importa para a pronúncia da variável (t, d) em qual sílaba ela está localizada. Esse resultado diverge daquele obtido por Souza (2016) e Corrêa (2019), que verificaram, ambos, que a sílaba postônica não final tende a favorecer a palatalização em relação às

²¹Isso foi automaticamente estabelecido pela plataforma R, por ordem alfabética. Nesse sentido, a variante sonora /d/ é tomada como referência porque a letra “d” vem antes de “t”; a posição “postônica” vem antes de “pretônica”; e assim sucessivamente. Duas exceções foram estabelecidas, para *contexto precedente* e *contexto seguinte*, cujos níveis tomados como referência foram modificados, na plataforma R, para que o nível “pausa” fosse considerado como *Intercept*. Vale esclarecer ainda que não existe uma palavra no *corpus* formada por /d/ e uma vogal fonética, antecedida e seguida por pausa (como a preposição “de”). O modelo estatístico apenas faz cálculos de inferência a partir de critérios pré-estabelecidos pelo *software*.

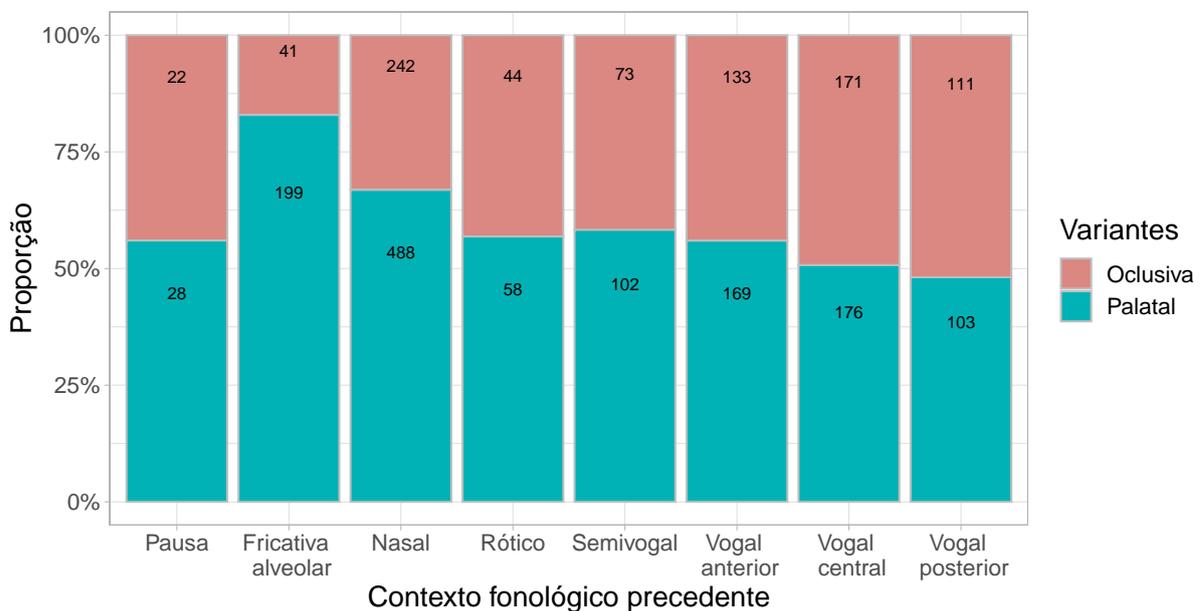
²²Geralmente, o valor de 5% (ou 0,05) é estabelecido para rejeitar ou aderir à hipótese nula nas análises em ciências humanas (GRIES, 2013). A hipótese nula, por sua vez, nega a existência de uma diferença significativa em determinada distribuição de dados. Quando p é menor que 0,05, a hipótese nula é rejeitada (isto é, no nosso caso, é muito baixa a probabilidade de observar tal distribuição numérica se a hipótese nula fosse verdadeira, ou, em outras palavras, é muito baixa a probabilidade de que os valores observados sejam produto do acaso).

demais sílabas. Isso é um indício de que as regras linguísticas dos migrantes entrevistados são diferentes dos sergipanos que não migraram, indicando que os usos da palatalização não estão mais condicionados a determinadas regras, como se a palatalização estivesse ocorrendo com menos restrições linguísticas. Nesse sentido, as regras linguísticas dos migrantes parecem estar se aproximando das regras dos paulistanos, já que esses palatalizam /t, d/ diante de [i] em qualquer posição silábica.

Convém trazer aqui a constatação de Siegel (2011) acerca do nível de complexidade de regras linguísticas no processo de aquisição de segundo dialeto. Para o autor, variáveis marcadas por regras linguísticas menos complexas tendem a ser mais rapidamente adquiridas pelos migrantes. Podemos dizer que a palatalização configura uma variante desse tipo, já que sua realização não envolve regras complexas.

No que concerne a *contexto precedente*, somente as fricativas alveolares diferem significativamente ($p = 0,007$) do *Intercept* (“pausa”), favorecendo a palatalização. A Figura 6.2 mostra que as proporções de (t, d) para as fricativas alveolares é nitidamente distinta das demais (e o modelo de regressão logística aponta para uma diferença estatística).

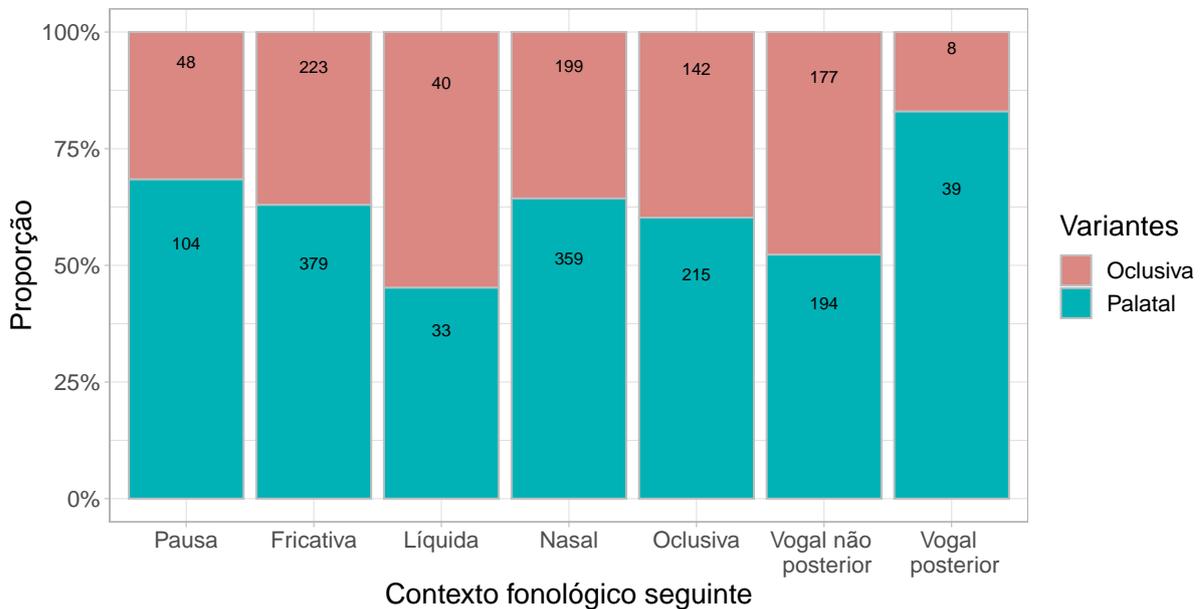
Figura 6.2: Gráfico com a proporção das variantes de (t, d) de acordo com o *contexto fonológico precedente*



Fonte: elaboração da autora.

Com relação ao *contexto seguinte*, apenas as “vogais posteriores” apresentam diferença significativa em relação ao *Intercept* (“pausa”): a palatalização de (t, d) é favorecida

Figura 6.3: Gráfico com a proporção das variantes de (t, d) de acordo com o *contexto fonológico seguinte*



Fonte: elaboração da autora.

quando o segmento é sucedido por vogais posteriores (como em “mandioca”). Também é notável na Figura 6.3 a diferença entre as proporções de palatalização quando o contexto seguinte é uma vogal posterior.

Finalmente, para a variável *status da vogal*, o modelo resumido na Tabela 6.3 não indica diferença significativa entre as vogais fonéticas e as fonológicas, no que toca a (t, d). Na fala dos migrantes entrevistados, portanto, o tipo de vogal não influencia o processo de palatalização de (t, d). Esse resultado mostra que os migrantes não estão seguindo a mesma regra utilizada por aqueles que não migraram. Estes tendiam a palatalizar mais frequentemente quando a vogal gatilho tem *status* de semivogal (CORRÊA, 2019), enquanto para aqueles o *status* da vogal não importa “mais”, como se a aplicação da regra não estivesse mais condicionada ao tipo de vogal adjacente à consoante. Mais uma vez, deparamo-nos com uma “simplificação” das regras linguísticas aplicadas pelos migrantes em relação aos sergipanos não migrantes, num movimento de aproximação à variedade paulistana também em um nível mais abstrato.

Em resumo, os fatores linguísticos que favorecem a palatalização de (t, d) na fala dos migrantes sergipanos são: a sonoridade surda do segmento em foco (como “tipo”); fricativas alveolares (“Nordeste”) em contexto precedente e vogais posteriores (“mandioca”) em contexto seguinte. Com exceção do *status da vogal* e da *tonicidade*,

os resultados para essas variáveis previsoras de natureza linguística se assemelham parcialmente aos de [Corrêa \(2019\)](#) – de modo que as regras de palatalização de (t, d) para os migrantes parecem ser as mesmas aplicadas por aqueles que não migraram.

6.4 Variáveis sociais: alguns procedimentos de análise

A título de recapitulação, as variáveis sociais aqui testadas são: *rede social, sexo/gênero, escolaridade, idade de migração, tempo de residência em São Paulo, índice de integração e identificação com São Paulo*. Antes das análises quantitativas, é necessário apresentar como foram codificadas as últimas duas dessa lista.

O *índice de integração à rede* foi desenvolvido por [Santana \(2018\)](#), com inspiração em [Bortoni-Ricardo \(2011 \[1985\]\)](#) e com o objetivo de operacionalizar o número de contatos que os integrantes das redes têm entre si. Com tal índice (que vai de 0 a 1), é possível determinar quais informantes mantêm mais contato com os outros integrantes da mesma rede (isto é, quais são os mais integrados a ela), uma vez que nem todos os membros de uma mesma rede foram citados como um contato frequente pelos demais integrantes. A hipótese é: quanto mais o migrante estiver integrado à sua própria rede (índice mais próximo de 1), menores seriam suas taxas de emprego das variantes paulistanas, pois teriam mais contato com outros sergipanos. [Santana \(2018\)](#) esclarece que esse índice foi calculado a partir do:

1. número de sergipanos (x) que o migrante mencionou em sua entrevista e que também fazem parte da sua rede de contatos;
2. número de pessoas (y) que citaram o migrante (exceto nos casos em que o migrante já tenha citado essas pessoas no passo (1)); por exemplo, supondo que o migrante A tenha citado B e que B também tenha citado A, esse laço entre eles é contado apenas uma única vez (e não duas vezes), para cada um dos migrantes A e B).

Com os números x e y de (1) e (2), utilizou-se a seguinte fórmula para o cálculo do índice de integração:

$$(x + y) \div \text{quantidade de pessoas da rede}$$

ReginaL, por exemplo, citou apenas 1 migrante sergipano com o qual ela tem contato rotineiramente, seu marido JulioL, e outro migrante (RodrigoL) indicou ReginaL como um contato frequente – somando-se, assim, 2 laços; esse número foi dividido por 16, que

é a quantidade de pessoas que compõem a rede 1. ReginaL, portanto, tem um índice de integração à rede igual a 0,125 ($2 \div 16$). Depois que esse cálculo foi feito para todos os migrantes, eles foram agrupados tal como mostra a Tabela 6.4, dos menos aos mais integrados às suas respectivas redes:

Tabela 6.4: Agrupamentos dos migrantes de acordo com seu *índice de integração à rede*

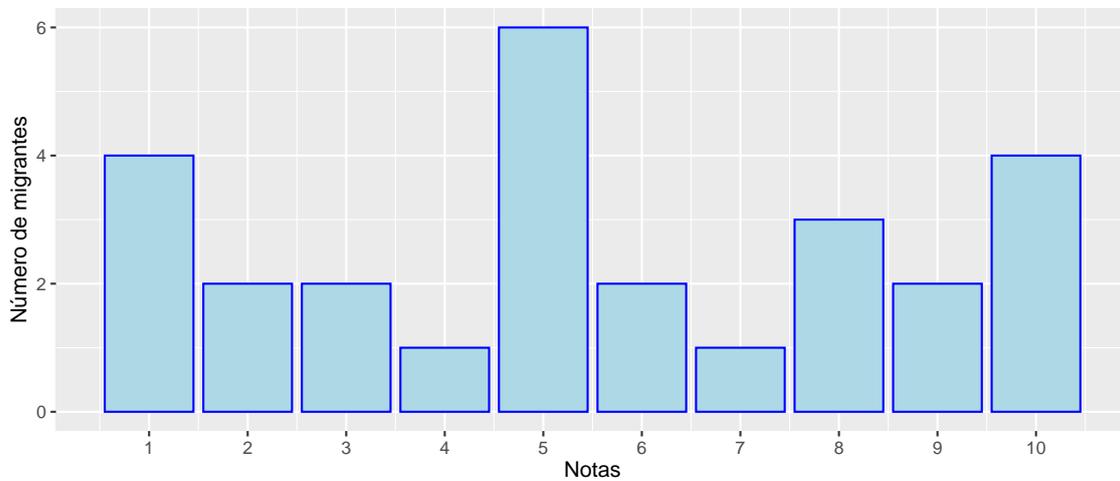
Fator	Grupos	Informantes	N
Índice de integração à rede	Baixa integração (de 0,062 a 0,187)	JoanaT; JoaquimS; JorgeN; JulioL; LeandroB; LucianaM; NilsaL; ReginaL; ReinaldoB; VivianeS	10
	Média integração (de 0,25 a 0,375)	AlexandreS; ElianaL; JoãoS; JonasS; RobertoS; RodrigoL; RoseS; RuthT; TelmaN	9
	Alta integração (de 0,437 a 0,818)	CarlaB; EleonorB; EmersonS; LucasB; MartaL; PedroB; RitaL; VandaR	8

Fonte: elaboração da autora.

A variável *identificação com São Paulo*, por sua vez, foi operacionalizada a partir das notas que os entrevistados se atribuíram em resposta à pergunta “quanto você se considera paulista numa escala de 1 a 10?”. Hipoteticamente, os indivíduos que mais se identificam com São Paulo tenderiam a empregar mais frequentemente as variantes paulistanas, considerando que sua identificação com a comunidade anfitriã pode ser relevante nesse processo de acomodação dialetal. A Figura 6.4 apresenta como se distribuem essas notas²³:

²³Um gráfico com as notas individualizadas é apresentado no Apêndice B.

Figura 6.4: Distribuição das respostas para a pergunta “em uma escala de 1 a 10, quanto você se considera paulista?”



Fonte: elaboração da autora.

Seis migrantes se atribuíram nota 5 para o quanto se consideram paulistas, o que pode ser interpretado como um sentimento de “não me sinto nem muito nem pouco paulista” ou de “me sinto metade paulista, metade sergipano(a)”. Contudo, como se pode notar, houve muita variação nas respostas à pergunta proposta: há sujeitos que se consideram quase nada paulistas (nota 1) e outros que se veem como muito paulistas (nota 10). Para as análises estatísticas, essa variável foi incluída no modelo estatístico como uma variável numérica. A decisão por não a transformar em uma variável nominal, de acordo com faixas de notas, por exemplo, deu-se pelo fato de as notas estarem bem distribuídas entre os integrantes das redes, de modo que cada nota (de 1 a 10) foi escolhida por, pelo menos, um migrante da amostra.

Para *escolaridade*, foi necessário agrupar os falantes *a posteriori*, já que essa variável não estratificou a amostra (cf. Capítulo 4 – *Variáveis sociais para o estudo da fala de migrantes*). A Tabela 6.5 identifica os três grupos estabelecidos:

Tabela 6.5: Agrupamentos dos migrantes de acordo com a variável *escolaridade*

Fator	Grupos	Informantes	N
Escolaridade	Fundamental I	ElianaL; JoanaT; JoaquimS; JonasS; JulioL; LucasB; LucianaM; RobertoS; RoseS; RuthT; TelmaN; VandaR	12
	Fundamental II	EleonorB; JoãoS; PedroB; ReginaL; ReinaldoB; RitaL; VivianeS	7
	Médio	AlexandreS; CarlaB ²⁴ ; EmersonS; JorgeN; LeandroB; MartaL; NilsaL; RodrigoL	8

Fonte: elaboração da autora.

O maior grupo corresponde aos 12 migrantes que estudaram até o ensino fundamental I. A variável *escolaridade* foi incluída nas análises quantitativas a fim de se verificar se ela teria correlação com os empregos das variantes em foco pelos migrantes, contribuindo para a compreensão dos padrões de acomodação dialetal na sua fala.

6.5 Análises inferenciais acerca das variáveis sociais (com a inclusão das variáveis linguísticas)

A análise de regressão logística (com efeitos mistos) apresentada a seguir, como explica a seção 6.3, foi construída com a inclusão das variáveis linguísticas que têm correlação com a variável resposta – como vimos anteriormente: (*sonoridade, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte*). Quando um estudo lida com mais de uma variável previsor (como no caso da presente pesquisa), o melhor modelo explanatório é aquele que contém apenas as variáveis que contribuem substancialmente na explicação da variância da variável resposta (LEVSHINA, 2015). Logo, convém acrescentar as variáveis linguísticas relevantes nos modelos estatísticos criados para o fenômeno da palatalização.

A Tabela 6.6 resume os resultados do modelo mais completo para (t, d) na fala dos migrantes entrevistados (as variáveis linguísticas foram omitidas por já terem sido discutidas na seção 6.3). Esse modelo foi alcançado após uma série de análises realizadas na plataforma R (em busca do melhor índice AIC – cf. seção 6.3).

Observa-se que algumas variáveis sociais não aparecem nessa tabela que resume os resultados do modelo – *rede social, sexo/gênero, tempo em São Paulo, identificação com*

²⁴CarlaB é a única integrante da amostra que cursou o ensino superior. Contudo, para garantir a viabilidade das análises, ela foi colocada no grupo daqueles que completaram o ensino médio.

SP e índice de integração – porque não há diferenças significativas entre: mulheres e homens; quem mora mais ou menos tempo em São Paulo; quem se atribuiu maiores ou menores notas para o quanto se considera paulista; quem está mais ou menos integrado à sua respectiva rede. Em outras palavras, tais variáveis não têm correlação com a variável resposta (t, d) na fala dos migrantes sergipanos, por isso não foram selecionadas no modelo estatístico que melhor explica a variação linguística dos migrantes. Apenas *idade de migração* e a interação entre ela e a *escolaridade* explicam o padrão de ocorrências das variantes palatalizada e oclusiva na fala deles.

Tabela 6.6: Estimativas (em *logodds*) da probabilidade de ocorrência da palatalização de acordo com as variáveis sociais relevantes (N = 2160)

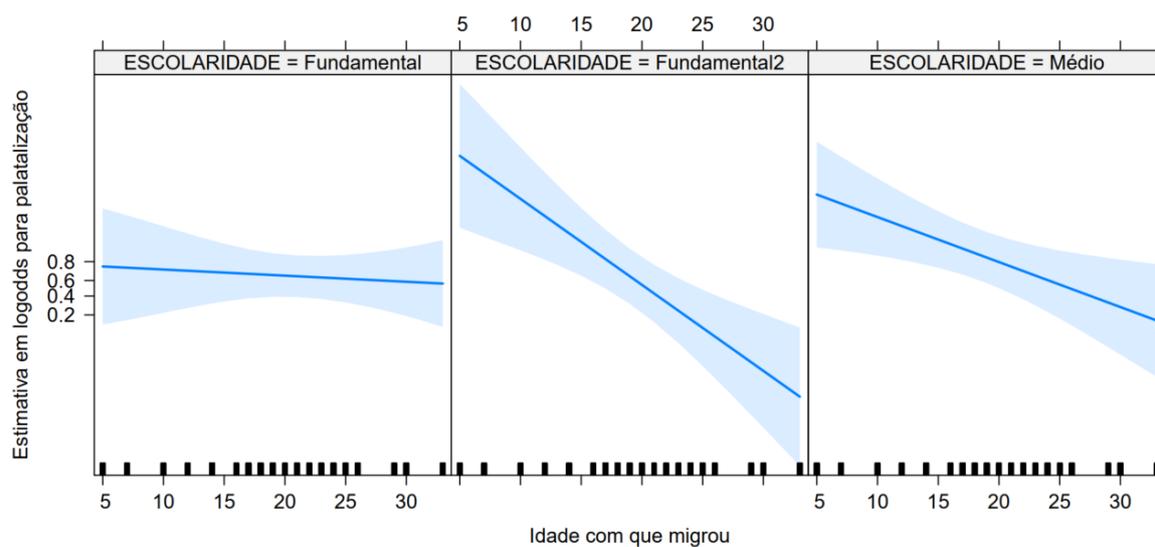
<i>Intercept = 6,985</i>					
	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	(p)	Apl./N
<i>Escolaridade</i>					
Fundamental II (v. referência)					322/560 (57%)
Fundamental I	-6,401	2,599	-2,463	0,014 *	547/960 (57%)
Médio	-1,927	2,559	-0,753	0,451	454/640 (71%)
<i>Idade de migração</i>	-0,353	0,095	-3,172	<0,001 ***	
<i>Interação</i>					
Fund.II:Idade de migração (v. referência)					
Fund.I:Id. de migração	0,299	0,121	2,465	0,014 *	
Médio:Id. de migração	0,112	0,124	0,906	0,365	

Modelo: `glmer(VD ~ SONORIDADE + CONT.PREC + CONT.SEG + ESCOLARIDADE*IDADE.MIG + (1|FALANTE) + (1|ITEM.LEXICAL), data = dados, family = binomial)`

Fonte: elaboração da autora.

Quanto à interação entre *escolaridade* e *idade de migração*, apresentam-se abaixo gráficos de efeitos que ilustram mais claramente a diferença entre migrantes que estudaram apenas até o nível fundamental I e os demais, a depender da idade com que migraram:

Figura 6.5: Interação entre *escolaridade* e *idade de migração* na análise de regressão logística (efeitos mistos) para a palatalização de /t, d/ pelos migrantes sergipanos



Fonte: elaboração da autora.

Para aqueles que cursaram até o fundamental I, a *idade de migração* não tem relevância para (t, d), uma vez que a linha de regressão é praticamente paralela ao eixo x , diferentemente do que se observa para os migrantes que estudaram até os níveis fundamental II e médio. Em face de tal resultado, procurou-se averiguar onde os migrantes frequentaram a escola, se em Sergipe ou em São Paulo, para compreender melhor o contexto no qual se deu sua formação escolar. Curiosamente, entre os migrantes com fundamental II e médio, com exceção de uma mulher, todos tiveram parte de sua formação escolar já em São Paulo (alguns com a chamada Educação de Jovens e Adultos – EJA). Aqueles que completaram o fundamental I, fizeram-no ainda em Sergipe. Identifica-se, portanto, uma diferença importante entre esses migrantes: aqueles que estudaram em São Paulo entraram em contato com a variedade paulistana também em um contexto mais formal, onde a norma-padrão é “ensinada” aos alunos. Embora o ensino de Língua Portuguesa tenha avançado no Brasil, com a inclusão (a partir da década de 1990 – [Lucchesi \(2015\)](#)) do conhecimento científico nos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), sabe-se que ainda existe uma dificuldade, por parte das escolas, na valorização das diferentes variedades da língua portuguesa. Diante disso, parece razoável considerar que a escola teve um papel relevante como propulsora do uso das formas palatalizadas por aqueles que completaram seus estudos em São Paulo e que migraram mais jovens. Por outro lado, os migrantes que estudaram apenas em Sergipe parecem não ter sofrido uma pressão escolar em direção à mudança em sua fala no que se

refere a essa variável linguística.

Em relação a *sexo/gênero* dos migrantes da amostra, não foram observadas diferenças entre homens e mulheres. Sendo assim, diferentemente do que alguns estudos sociolinguísticos revelam, apesar de as variantes palatalizadas disporem de maior prestígio entre os falantes, as mulheres não as utilizam significativamente mais que os homens. Contudo, notamos que é pertinente a interação entre a *escolaridade* e a *idade de migração* do indivíduo, de maneira que aqueles que completaram o ensino fundamental II e migraram quando mais jovens tendem a palatalizar mais frequentemente (t, d). A noção de prestígio, então, quanto a essa variável, parece exercer influência quanto ao nível de escolaridade do migrante e não ao seu gênero. Guardadas as limitações da presente pesquisa, aqui interessa retomar o estudo de [Alves \(1979\)](#), no que tange à hipótese de que os falantes menos escolarizados tendem a utilizar mais a variante da comunidade anfitriã devido à questão de insegurança linguística (cf. Capítulo 4). A análise aqui apresentada mostra que os migrantes que estudaram até o fundamental II produzem mais a palatalização do que aqueles que concluíram o ensino médio, possivelmente por sentirem a necessidade de ser aprovados socialmente entre seus interlocutores de São Paulo. Em estudos futuros, para um aprofundamento desse argumento, vale analisar a fala de sujeitos que têm formação no ensino superior e testar a hipótese levantada por [Alves \(1979\)](#).

Também não foi constatada relevância do fator *tempo de residência em São Paulo* para os padrões de (t, d). Tal variável linguística parece ser mais sensível, de fato, à idade com que o falante migrou e não ao tempo em que ele mora na nova comunidade. No cenário em que o indivíduo tenha migrado na fase adulta e esteja residindo em São Paulo há mais de 30 anos (como no caso de ReginaL, da rede fechada, que migrou aos 18 anos de idade), há uma relevância maior da idade em que ocorreu a migração para a taxa de palatalização. Para esse resultado, vale retomar [Oushiro \(2020b\)](#), que, também em um estudo sobre migrantes nordestinos em São Paulo, e quanto a mesma variável resposta, observou as mesmas direções quanto à *idade de migração* e *tempo na comunidade anfitriã*.

Rede social e índice de integração à rede não se mostraram importantes para os usos de (t, d) dos migrantes da amostra. Nesse sentido, os contatos estabelecidos pelos falantes na comunidade anfitriã não têm peso significativo para sua variação linguística. Tal resultado sugere que o nível da variável linguística (se fonético, morfológico, sintático etc.) seja um fator de maior influência nesse caso, pois o Capítulo 7, com a análise de (NEG), revela que a configuração da rede social é relevante para os usos dos indivíduos quanto a essa variável sintática.

6.6 Síntese dos resultados para (t, d) dos migrantes sergipanos

Resumidamente, para a variável (t, d) dos migrantes sergipanos, observamos que a sonoridade, o contexto fonológico precedente e o seguinte são os fatores linguísticos relevantes. Com tal resultado, constatamos que as regras de palatalização aplicadas pelos migrantes se assemelham somente em parte com àquelas aplicadas por quem não saiu de Sergipe.

Quanto aos fatores sociais, o modelo estatístico revelou que a interação entre idade de migração e escolaridade é significativa para o padrão de uso de (t, d), em que aqueles que migraram mais jovens e os que estudaram até o ensino fundamental II tendem a palatalizar mais. Observamos que ter frequentado o ambiente escolar em São Paulo (o que foi o caso da maioria dos migrantes que cursou o fundamental II) parece ter sido relevante para os padrões de uso de tal variável.

Em consonância com outros estudos sobre a fala do migrante, o presente estudo indica que variáveis fonéticas parecem ser sensíveis ao período em que o migrante entrou em contato com a variedade da comunidade anfitriã, se na infância/adolescência ou na idade adulta. Uma discussão mais detalhada, em conjunto com o resultado para as estruturas de negação, com vistas a comparar os padrões de uso de ambas as variáveis linguísticas, é apresentada na seção 7.7 – *Considerações sobre os resultados de (t, d) e (NEG)*.

7

A negação sentencial na fala dos migrantes sergipanos em São Paulo

Esse capítulo se dedica às análises da variável sintática *negação sentencial*, na fala dos 27 sergipanos que migraram para São Paulo e cujas entrevistas foram coletadas por [Santana \(2018\)](#). Ele começa com uma descrição dos procedimentos necessários para a extração dos dados de (NEG) e das variáveis linguísticas preditoras que foram incluídas nas análises. Em seguida, apresenta análises descritivas e inferenciais tanto dos dados de ambas as redes, quanto de uma amostra controle de Sergipe ([FREITAG, 2013](#)). A análise de tal amostra controle para os usos de (NEG), diferentemente do que ocorreu com (t, d), foi necessária porque, até o momento do desenvolvimento da presente tese, não há notícias sobre estudos que se voltaram para essa variável sintática na fala de sergipanos, portanto, não existem referências bibliográficas que poderiam servir como base comparativa para os usos dos migrantes. O capítulo é finalizado com uma análise contrastiva entre os padrões de uso observados para (t, d) e para (NEG), a fim de apresentar uma discussão acerca das diferenças observadas entre ambas as variáveis linguísticas na fala dos migrantes sergipanos.

7.1 Extração dos dados

No Capítulo 3, a seção 3.2 (*Estruturas de negação sentencial: descrição do fenômeno*) discute que o estudo sociolinguístico das estruturas de negação representa um desafio na medida em que as formas NEG1, NEG2 e NEG3 não são intercambiáveis (ou seja, não são semanticamente equivalentes – tal como se discute em [Lavandera \(1978\)](#) e [Labov \(1978\)](#)) – em todo e qualquer caso, mas apenas em um contexto específico, a saber, quando a proposição negada tem um estatuto de informação velha. O desafio, portanto, está justamente em depreender, de cada sentença, se a proposição que está sendo negada foi (ou não) ativada anteriormente em algum momento da entrevista.

9. (a) S1: (...) viagem é muito cansativo... e com criança então a gente fica nossa... geralmente eu vou sozinha [para Sergipe] geralmente eu ia sozinha... **NÃO coincidia as férias do meu marido...** (SESP-2016-F40-CarlaB)

O exemplo (9a) remete a um caso duvidoso sobre se ele integra ou não o envelope de variação, uma vez que não se pode afirmar claramente se o fato de CarlaB viajar sozinha para Sergipe funciona como uma ativação (ou pressuposição) da informação de que suas férias não coincidem com as do marido. A solução que aqui se propõe para esse cenário é fazer dois tipos de análise: uma em que os casos duvidosos sejam descartados e outra em que eles sejam incluídos, a fim de testar se há diferença estatisticamente significativa entre os resultados.

Além da necessidade de extrair das entrevistas apenas as sentenças que façam parte do envelope de variação, é importante destacar também que algumas “frases feitas” não foram incluídas na análise quantitativa dos dados, em virtude de que tais expressões parecem cristalizadas na língua e parece pouco provável que seriam estruturadas em outra variante que não NEG1:

Se eu não me engano...
Queira ou não queira...
Não sei o que...
Não sei se...
Não vejo a hora de...
Gosto não se discute
A não ser...
Não só... (mas também)
Se não fosse...
Não tem como

Nos limites de uma entrevista sociolinguística, variáveis fonéticas tendem a ocorrer relativamente mais que variáveis sintáticas. Vimos que 2160 ocorrências de (t, d) foram extraídas das entrevistas com os 27 migrantes sergipanos (ainda que apenas 80 dados tenham sido extraídos de um intervalo de aproximadamente 10 minutos de cada uma delas). Já no caso das estruturas de negação sentencial, é necessário extrair todas as ocorrências que fazem parte do envelope de variação, pois não é tão alto o número de ocorrências de tais estruturas ao longo de 60 minutos de entrevista. Assim, diferentemente do procedimento para (t, d), extraíram-se todas as ocorrências de NEG1, NEG2 e NEG3 (nos contextos de variação descritos na seção 3.2), com exceção das frases cristalizadas.

As funções `identificacao()` e `extracao()` do pacote *dmsocio* (OUSHIRO, 2014) também foram utilizadas para a obtenção do arquivo de dados da variável. Abaixo, a Tabela 7.1

resume o número de dados extraídos das entrevistas com cada um dos migrantes:

Tabela 7.1: Quantidade de dados de negação sentencial extraídos por informante

REDE	FALANTE	NEG1	NEG2	NEG3	TOTAL
Aberta	ElianaL	101	13	3	117
	JoanaT	70	29	4	103
	JoaquimS	63	24	6	93
	JonasS	189	7	0	196
	JorgeN	78	13	0	91
	JulioL	73	14	8	95
	MartaL	61	36	6	103
	NilsaL	158	4	0	162
	ReginaL	138	16	0	154
	RitaL	126	19	3	148
	RobertoS	60	7	4	71
	RodrigoL	90	23	3	116
	RoseS	98	18	5	121
	RuthT	103	42	2	147
	TelmaN	131	9	1	141
VivianeS	174	17	2	193	
Fechada	AlexandreS	83	8	0	91
	CarlaB	143	10	0	153
	EleonorB	126	9	0	135
	EmersonS	85	11	0	96
	JoãoS	124	25	3	152
	LeandroB	76	11	0	87
	LucasB	136	13	0	149
	LucianaM	99	22	0	121
	PedroB	103	13	0	116
	ReinaldoB	127	14	1	142
VandaR	108	6	0	114	
TOTAL		2923	433	51	3407

Fonte: elaboração da autora.

7.2 Variáveis linguísticas

Três variáveis linguísticas são analisadas no estudo da negação sentencial na fala dos migrantes sergipanos: a *Ativação informacional da proposição negada*, a *Presença de marcadores conversacionais* e a *Presença de outros termos negativos*.

Sobre a *Ativação informacional da proposição negada*, na seção 3.2, seguindo Rocha (2013), vimos que a variabilidade no uso das estruturas de negação sentencial é factível

quando o conteúdo informacional de uma proposição é ativado direta ou indiretamente no discurso. Os exemplos (10a) e (10b) trazem um caso de cada tipo: observamos em (10a) que o falante *infere* que o interior de São Paulo não é poluído como a capital a partir das informações de que lá (no interior) “é bom de morar e tem mais mato”. Em (10b), por outro lado, a informante retoma literalmente uma parte da sentença que havia utilizado anteriormente em seu discurso (“vontade”) e a reutiliza para fazer a negação, por isso, nesse caso, a proposição negada é ativada diretamente.

10. (a) *Conteúdo informacional ativado indiretamente*

S1: lá é muito bom de morar lá [no interior de SP]... tem mais mato né **o ar é/ NÃO É poluído igual São Paulo** (SESP-2016-M32-AlexandreS)

(b) *Conteúdo informacional ativado diretamente*

S1: porque até hoje só [voltei] a passeio lá [para Sergipe] vontade de morar... **eu NÃO TENHO vontade** (SESP-2016-F53-ElianaL)

Dessa forma, as ocorrências de NEG1, NEG2 e NEG3 foram codificadas de acordo com a ativação informacional da proposição, com o intuito de compreender se a ativação indireta ou direta do que é negado tem correlação com alguma das variantes: NEG1, por exemplo, tende a ocorrer mais frequentemente quando a ativação é feita indiretamente? Nos dados de São Paulo, Rocha (2013) aponta para um favorecimento de NEG2 quando a proposição é ativada de modo direto, e, baseando-se nesse resultado, esperamos o mesmo com os dados dos migrantes sergipanos.

Outra variável linguística levada em conta no estudo das formas de negação é a *Presença de marcadores conversacionais*. Em entrevistas sociolinguísticas, é o entrevistado que domina os turnos conversacionais na maior parte do tempo, ao passo que o documentador, muitas vezes, apenas faz intervenções para acenar que está acompanhando e compreendendo o que é dito. Nesse cenário, os entrevistados frequentemente empregam marcadores conversacionais como *né?*, *entende?*, *viu?*, *sabe?* para verificar se seu interlocutor acompanha a narração desenvolvida (GALEMBECK, 1999). Tais marcadores são descritos como “busca de apoio” por Urbano (1999) e seu uso pode ter alguma correlação com as formas de negação utilizadas pelo falante. Os exemplos abaixo mostram alguns desses usos:

11. S1: eu vim porque a situação lá [em Sergipe] NÃO estava boa **né?** (SESP-2016-F73-EleanorB)

12. NÃO gosto de agitação **entendeu?** (SESP-2016-M49-JorgeN)

13. S1: (...) mas aqui [São Paulo] NÃO se compara com lá [Sergipe] NÃO *viu?* (SESP-2016-F49-ReginaL)

14. S1: NÃO lembro muito bem assim NÃO *sabe?* (SESP-2016-F44-RuthT)

Esses exemplos indicam que os marcadores conversacionais ocorrem tanto com NEG1 quanto com NEG2. Contudo, na amostra aqui analisada, não verificamos o uso desse tipo de marcador com NEG3. Apesar de existir a possibilidade da utilização desses marcadores com NEG2, a hipótese do estudo é que a presença de marcadores desfavoreça o uso da dupla negação, uma vez que o marcador discursivo ocupa a mesma posição onde ocorreria o segundo *não* da sentença. Essa tendência ao desfavorecimento de NEG2/3 com o uso de tais marcadores foi verificada em Rocha (2013) e Nascimento (2008).

Finalmente, a decisão de controlar a *Presença de outros termos negativos* na sentença se justifica pelo fato de que, na língua portuguesa, as proposições podem ser negadas com outras palavras além do *não*, como *nada*, *ninguém*, *nem*, *nunca* e *nenhum*. Diante disso, o presente estudo objetiva identificar se a ocorrência desses termos se correlaciona com o uso de alguma variante de (NEG). Os exemplos abaixo ilustram os possíveis usos de (NEG) com outros termos negativos:

15. S1: NÃO tinha *nada* de comer NÃO (SESP-2016-F56-JoanaT)

16. S1: também NÃO tinha *nem* roupa pra vestir (SESP-2016-M55-JulioL)

17. S1: NÃO tenho amizade com *ninguém* por aqui (SESP-2016-F54-LucianaM)

Diante dos resultados de Rocha (2013) e Nascimento (2008), a expectativa, tanto para a fala dos migrantes quanto na dos sergipanos que não migraram, é que a presença de outros termos negativos na sentença desfavoreça o uso de NEG2 e de NEG3, uma vez que tais termos já contêm um sentido de negação.

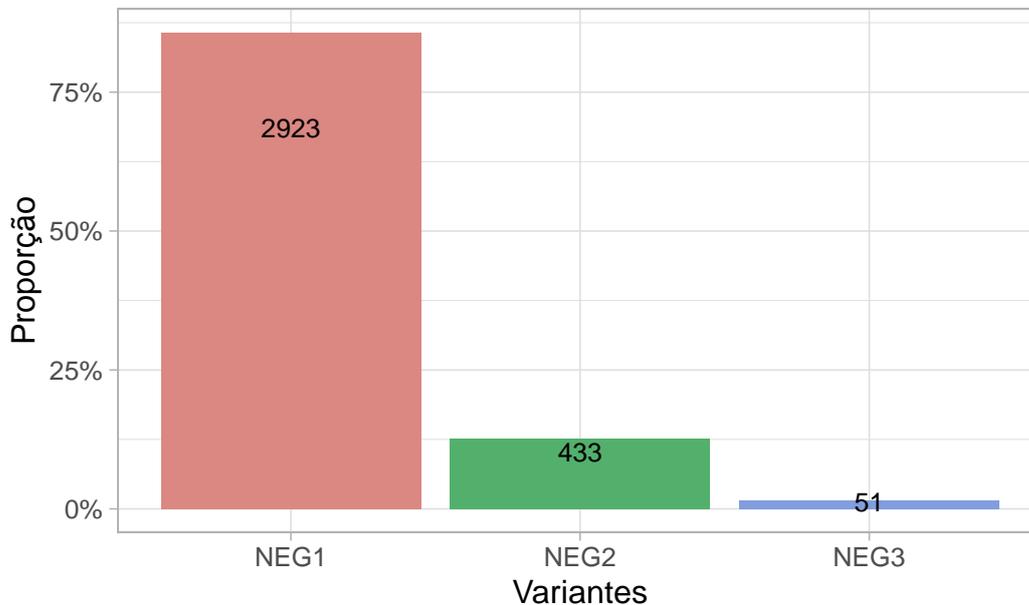
Além da expectativa a respeito das variáveis linguísticas preditoras mencionadas na presente seção, a análise de (NEG) também se volta para a verificação do grau de acomodação de cada rede social em relação à variedade paulistana.

7.3 Análises descritivas

A Tabela 7.1, na seção anterior, e a Figura 7.1 mostra que 3407 ocorrências de negação sentencial extraídas das 27 entrevistas sociolinguísticas com os migrantes sergipanos, 85,79% são representados por NEG1; 12,71% por NEG2 e 1,5% por NEG3. Na pesquisa

sobre o falar paulistano, Rocha (2013) encontrou apenas 5,8% (324 dados) de NEG2 e 0,2% (4 ocorrências) de NEG3; portanto, sergipanos migrantes e paulistanos parecem diferir no que toca a (NEG).

Figura 7.1: Frequências das estruturas de (NEG) na amostra dos migrantes



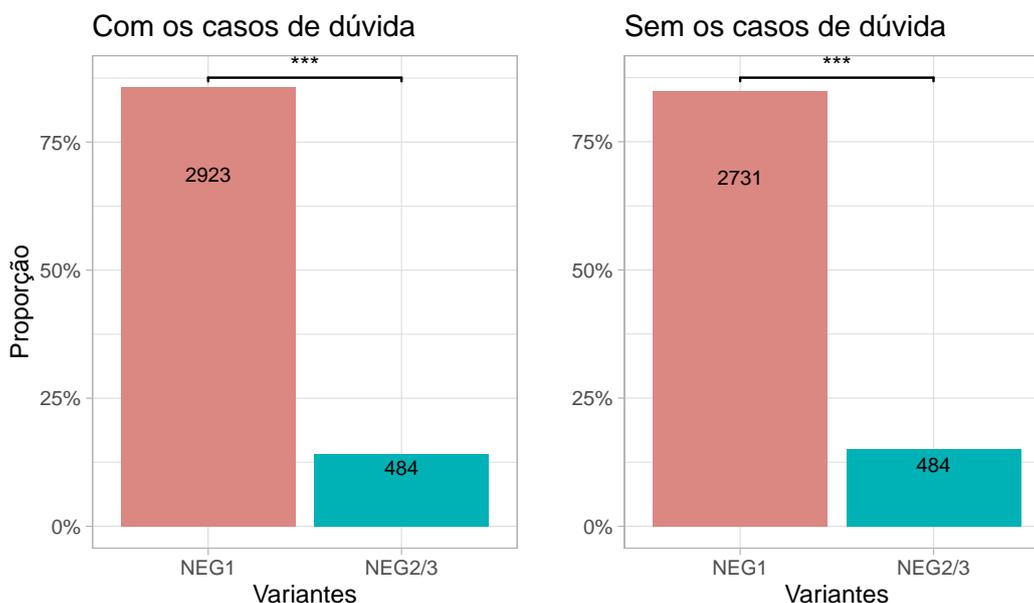
Fonte: elaboração da autora.

Diante da baixa quantidade de ocorrências de NEG3, optou-se por amalgamar tal variante com NEG2 e interpretar os dados, daqui por diante, como NEG1 *versus* NEG2/3. Pela mesma razão, Rocha (2013) decidiu excluir as ocorrências de NEG3 e realizar as análises descritivas e inferenciais na fala dos paulistanos apenas com NEG1 e NEG2.

Anteriormente, a seção 7.1 (*Extração dos dados*) discorreu sobre a dificuldade de discernir se a proposição negada em uma sentença tem o estatuto de discurso velho ou novo. Diante desse impasse, decidimos codificar os casos incertos como “duvidosos” (vale lembrar que todos esses se referem a NEG1, pois NEG2/3 só ocorre quando o conteúdo negado não é novo no discurso). Sendo assim, as análises apresentadas a seguir vêm em duas versões: uma em que os casos duvidosos foram incluídos e outra em que foram excluídos.

Com o amalgamento de NEG3 com NEG2, obtém-se a distribuição que aparece na Figura 7.2. Com os casos duvidosos, 85,79% das estruturas de negação são NEG1, enquanto 14,21% com NEG2/3. Excluindo-se os duvidosos, observam-se 84,95% de NEG1 e 15,05% de NEG2/3, ou seja, a diferença entre os cenários é muito pequena.

Figura 7.2: Proporções das variantes de (NEG) com e sem os casos duvidosos



Fonte: elaboração da autora.

A próxima seção traz mais informações sobre a distribuição dos casos com e sem dúvidas, a fim de justificar a escolha por um dos dois cenários.

7.4 Variáveis linguísticas: distribuição e análise de regressão logística

A Tabela 7.2 mostra a distribuição das variantes quanto à *ativação da proposição*, levando em conta os casos duvidosos na parte superior e sem eles na parte inferior. Observa-se que, enquanto no caso de NEG1, em ambas as situações, existe uma distribuição mais equilibrada das ocorrências com ativação direta (42,01% e 43,76%) e com ativação inferida (57,99% e 56,24%), no caso de NEG2/3, por outro lado, percebe-se uma proporção maior das ocorrências com ativação direta (64,67%).

Tabela 7.2: Distribuição de NEG1 e NEG2/3 em relação à *Ativação da proposição*

	NEG1	%	NEG2/3	%	Total
<i>Com os casos de dúvida</i>					
Direta	1228	79,7	313	20,3	1541
Inferida	1695	90,83	171	9,17	1866
Total	2923		484		3407
<i>Sem os casos de dúvida</i>					
Direta	1195	79,2	313	20,8	1508
Inferida	1536	90	171	10	1707
Total	2731		484		3215

Fonte: elaboração da autora.

Devido a tal semelhança nas distribuições dos dados, as análises inferenciais foram feitas apenas com o conjunto de dados que exclui os casos duvidosos, no sentido de evitar reportar resultados redundantes. Considerando, então, apenas os casos não duvidosos, a Tabela 7.3 apresenta as distribuições dos dados de acordo com as outras duas variáveis linguísticas:

Tabela 7.3: Distribuição de NEG1 e NEG2/3 em relação à *Presença de marcadores conversacionais (MC)* e *Presença de outros termos negativos (OTN)*

		NEG1	%	NEG2/3	%	Total
MC	Ausente	2263	83,3	453	16,7	2716
	Presente	468	93,8	31	6,2	499
	Total	2731		484		3215
OTN	Ausente	2455	84,28	458	15,72	2913
	Presente	276	91,4	26	8,6	302
	Total	2731		484		3215

Fonte: elaboração da autora.

Para verificar se as diferenças nas distribuições de todas as variáveis linguísticas são significativas, criou-se um modelo de regressão logística, com a inclusão de *informante* como variável aleatória, cujo resumo dos resultados é apresentado na Tabela 7.4:

Tabela 7.4: Estimativas (em *logodds*) de ocorrência de NEG2/3 de acordo com as variáveis linguísticas (N = 484)

<i>Intercept = -1,331</i>					
	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	(p)	Apl./N
<i>Ativação da proposição</i>					
Diretamente ativada (v. referência)					313/1508 (21%)
Inferida	-0,649	0,109	-5,973	<0,001 ***	171/1707 (10%)
<i>Marcador conversacional</i>					
Ausente (v. referência)					453/2716 (17%)
Presente	-1,220	0,199	-6,128	<0,001 ***	31/499 (6%)
<i>Outro termo negativo</i>					
Ausente (v. referência)					458/2913 (16%)
Presente	-0,785	0,218	-3,599	<0,001 ***	26/302 (9%)

Modelo: `glmer(VD ~ ATIVACAO.PROPOSICAO + MARC.CONVERSACIONAL + TERMO.NEGATIVO + (1|FALANTE), data = negacao2, family = binomial)`

Fonte: elaboração da autora.

Os resultados mostram um desfavorecimento de NEG2/3 quando a proposição é inferida no discurso (estimativa negativa – -0,649), bem como quando existem tanto marcadores conversacionais ou outros termos negativos na sentença. Os mesmos efeitos são reportados por Soares (2009), no estudo da fala de migrantes cearenses no Rio de Janeiro (apesar de carecer de análises inferenciais), e por Rocha (2013), na fala dos paulistanos.

Em face desse resultado, fica evidente a necessidade de incluir tais variáveis linguísticas nos modelos de regressão logística para as variáveis sociais, mais adiante.

7.5 Análises descritivas e inferenciais de (NEG) na amostra dos sergipanos que não migraram

Até o desenvolvimento da presente pesquisa, não se tinha notícias de estudos que analisaram os usos das estruturas de negação na fala de sergipanos. Diante disso, no intuito de comparar os usos de (NEG) por sergipanos migrantes e sergipanos que não migraram, foi necessário analisar os dados da amostra controle de Sergipe (FREITAG, 2013), a mesma que foi utilizada em Santana (2018), na comparação dos usos das vogais médias pretônicas.

Conforme explica o Capítulo 1 (*Ponto de partida: a pesquisa de Mestrado*), as entrevistas utilizadas como amostra controle fazem parte do banco “Falares Sergipanos” (FREITAG, 2013), que é formado por um conjunto de subamostras distintas. Quatro

entrevistas da subamostra de Açuzinho (povoado do interior de Sergipe) e duas da subamostra de Itabaiana já haviam sido transcritas e codificadas para a pesquisa de Santana (2018); outras duas de Açuzinho e mais duas de Itabaiana foram acrescentadas para o estudo de (NEG):

Tabela 7.5: Informantes sergipanos da amostra controle

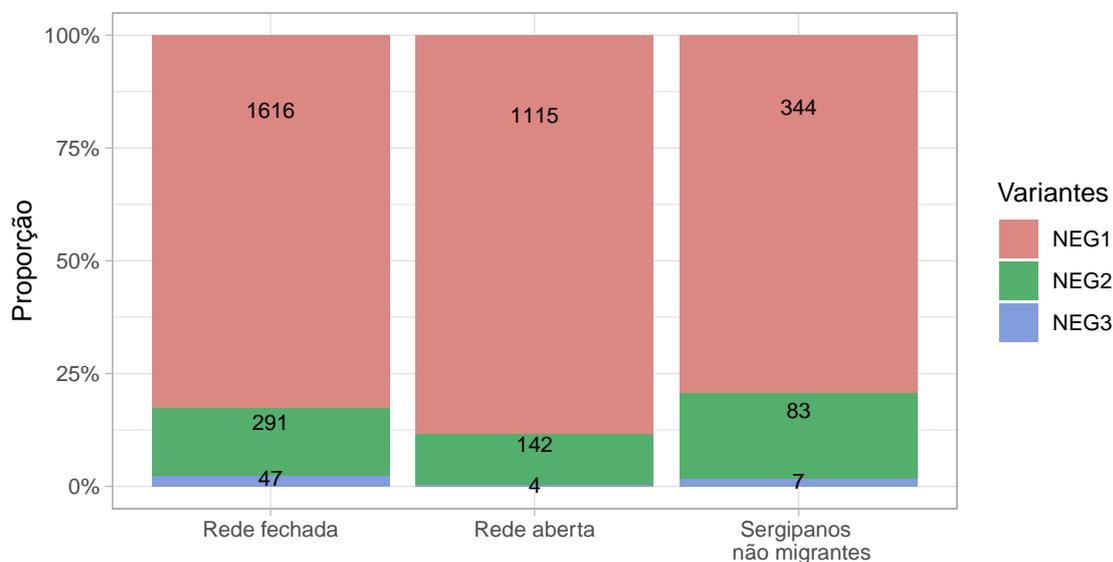
Amostra	Informante	Sexo	Idade	Escolaridade
Açuzinho	MoniqueS ²⁵	F	22	Médio
	EleonoraC	F	43	Fundamental I
	MonicaG	F	55	Fundamental I
	MariaF	F	60	Médio
	MarisaL	F	70	Fundamental I
	EdmundoC	M	71	Fundamental I
Itabaiana	LuisF	M	28	Médio
	JosiasC	M	32	Superior
	EliseuF	M	34	Médio
	TomasT	M	35	Superior

Fonte: elaboração da autora.

As variáveis linguísticas controladas nessas entrevistas foram as mesmas das entrevistas dos migrantes: *Ativação informacional da proposição negada*, *Presença de marcadores conversacionais* e *Presença de outros termos negativos*. Extraíu-se um total de 434 ocorrências de (NEG) (mesmo envelope de variação anteriormente identificado e apresentado na seção 3.2), das quais 79% se referem a NEG1; 19% a NEG2 e 0,1% a NEG3, conforme ilustra a Figura 3, que também traz as proporções das redes, para fins de comparação entre os grupos. A amostra dos sergipanos não migrantes é aquela com a maior proporção de NEG2/3, corroborando estudos que sugerem que os falares do Nordeste tendem a apresentar proporções maiores de tais variantes em relação às demais regiões do país (cf. seção 3.2.1 – *A negação sentencial como variável diatópica*).

²⁵Os nomes aqui expostos também são fictícios, assim como os da amostra de migrantes.

Figura 7.3: Proporções de estruturas de (NEG) para ambas as redes de migrantes sergipanos em São Paulo e para a amostra controle (sergipanos que não migraram)



Fonte: elaboração da autora.

Assim como no caso dos dados dos migrantes, foi necessário amalgamar tal variante NEG2 e NEG3 também para a amostra controle, de modo que os dados de NEG1 são analisados em relação ao conjunto NEG2/3 também para esta última.

A fim de verificar a relevância das variáveis linguísticas nos usos de (NEG) pelos sergipanos não migrantes, criou-se um modelo de regressão logística, com a inclusão de *falante* como variável aleatória – cujos resultados são resumidos na tabela a seguir:

Aqui, observa-se que apenas a *Ativação informacional da proposição negada* é uma variável linguística significativa: quando a proposição é inferida, NEG2/3 são estruturas desfavorecidas relativamente a NEG1 (estimativa negativa, -1,045, e valor de p menor que 5%). Diferentemente do que foi visto para os migrantes, a presença de marcadores conversacionais ou de outros termos negativos na sentença não é relevante para os padrões de NEG na fala dos sergipanos que não migraram.

Embora esses resultados pareçam revelar diferenças entre os condicionamentos linguísticos na fala dos sergipanos que migraram e aqueles que não saíram de Sergipe, deve-se chamar atenção para o número de dados coletados na amostra controle: apenas 434. O valor de p calculado pelo modelo é influenciado pelo total de dados analisados (Cf. [Guedes \(2019\)](#)). Vale lembrar que apenas 10 informantes do banco "Falares Sergipanos" compõem a amostra controle sergipana no presente trabalho. Para um refinamento desses resultados,

Tabela 7.6: Estimativas (em *logodds*) da probabilidade de uso de NEG2/3 na fala dos sergipanos da amostra controle de acordo as variáveis linguísticas (N = 434)

<i>Intercept = -0,895</i>					
	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	(p)	Apl./N
<i>Ativação da proposição</i>					
Diretamente ativada (v. referência)					64/203 (30%)
Inferida	-1,045	0,268	-3,894	<0,001 ***	26/221 (12%)
<i>Marcador conversacional</i>					
Ausente (v. referência)					85/382 (22%)
Presente	-0,791	0,517	-1,530	0,126	5/52 (10%)
<i>Outro termo negativo</i>					
Ausente (v. referência)					89/402 (22%)
Presente	-2,030	1,037	-1,958	0,050 .	1/32 (3%)

Modelo: `glmer(VD ~ ATIVACAO.PROPOSICAO + MARC.CONVERSACIONAL + TERMO.NEGATIVO + (1|FALANTE), data = sergipe, family = binomial)`

Fonte: elaboração da autora.

e como sugestão para estudos futuros, seria essencial ampliar o número de falantes da amostra controle.

Na seção 3.2 – *Estruturas de negação sentencial: descrição do fenômeno*, discutiu-se a hipótese de que o processo de mudança nos usos de (NEG) estaria mais avançado nos estados nordestinos, de modo que tais usos estariam menos limitados por restrições pragmáticas. Com os resultados da Tabela 7.6, contudo, ainda se observa, no falar dos sergipanos da amostra controle, uma relação entre (NEG) e o estatuto discursivo das proposições negadas, evidenciando a relevância da pragmática.

Outro modelo de regressão logística foi criado para verificar se há diferenças significativas entre a amostra controle e as redes. Dessa vez, as variáveis linguísticas não foram incluídas, pois, para cada amostra, os fatores linguísticos relevantes são distintos.

Tabela 7.7: Estimativas (em *logodds*) da probabilidade de uso de NEG2/3 na fala dos sergipanos da amostra controle e dos migrantes (N = 3649)

<i>Intercept = -1,503</i>					
	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	(p)	Apl./N
<i>Amostra</i> ²⁶					
Sergipe (v. referência)					90/434 (21%)
Rede fechada	-0,136	0,310	-0,440	0,660	338/1954 (17%)
Rede aberta	-0,610	0,337	-1,809	0,070	146/1261 (11%)

Modelo: $glmer(VD \sim AMOSTRA + (1|FALANTE))$, data = dados, family = binomial

Fonte: elaboração da autora.

A Tabela 7.7 mostra que não há diferença significativa entre os usos de NEG pelos migrantes (de ambas as redes) e pelos sergipanos da amostra controle, pois o valor p nos dois casos é maior que 0,05. A seção que vem a seguir apresenta uma análise somente com os dados dos migrantes para verificar: (i) se há diferença entre as redes e (ii) se há variáveis sociais relacionadas aos padrões desse grupo. Apesar de não ter se revelado uma diferença significativa entre os migrantes e os sergipanos da amostra controle, pode haver uma diferença entre as duas redes de migrantes, indicando que uma delas estaria mais avançada no processo de acomodação dialetal.

7.6 Análises inferenciais sobre os usos de (NEG) na amostra dos migrantes com a inclusão das variáveis sociais

Da mesma maneira como no estudo sobre (t, d), construíram-se modelos estatísticos mais complexos, com a inclusão simultânea das variáveis linguísticas e sociais, a fim de verificar os fatores que se correlacionam com os usos de (NEG). Após uma série de análises, o modelo²⁷ da Tabela 7.8 se revela como o que melhor explica a variação de (NEG) na fala dos migrantes (a partir do coeficiente AIC, mencionado na seção 6.3).

Nesse modelo, apenas *rede social* é uma variável que significativamente se correlaciona a NEG. *Sexo/gênero*, *escolaridade*, *tempo em SP*, *índice de integração e identificação com*

²⁶Nosso objetivo inicial era acrescentar os dados de (NEG) dos paulistanos ao modelo também, para comparar com a fala dos migrantes. Entramos em contato com o Rafael Rocha, autor do estudo de 2013 sobre a fala dos paulistanos, para solicitar o envio de seus dados, entretanto, ele já não os tinha mais.

²⁷Todas as variáveis linguísticas foram adicionadas ao modelo, mas seus resultados não aparecem aqui porque eles já foram discutidos anteriormente.

Tabela 7.8: Estimativas (em *logodds*) da probabilidade de uso de NEG2/3 de acordo com as variáveis sociais relevantes (N = 3215)

<i>Intercept = -0,368</i>					
	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	(p)	Apl./N
<i>Rede</i>					
Rede fechada (v. referência)					338/1954 (17%)
Rede aberta	-0,600	0,266	-2,253	0,024 *	146/1261 (11%)
<i>Idade de migração</i>	-0,037	0,020	-1,883	0,060 .	

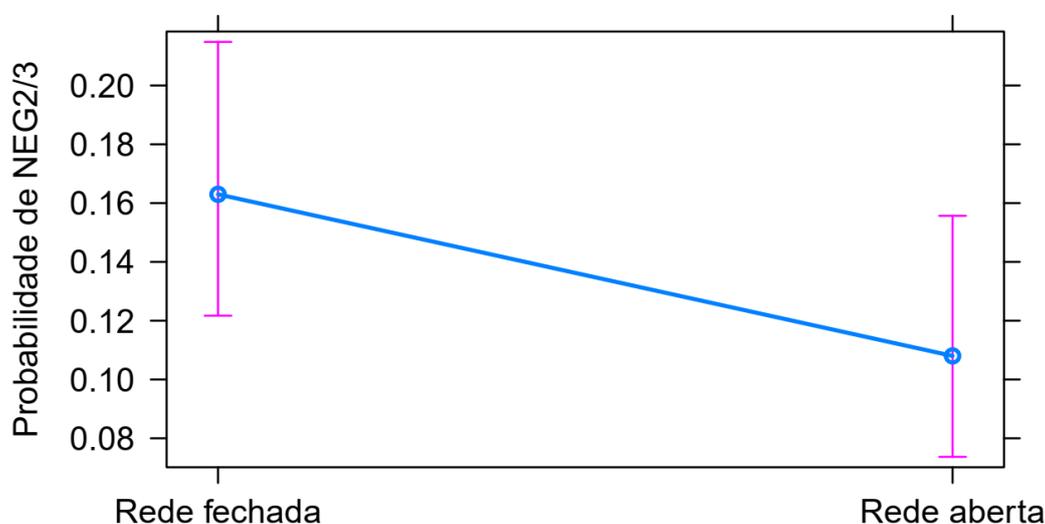
Modelo: `glmer(VD ~ ATIVACAO.PROPOSICAO + MARC.CONVERSACIONAL + TERMO.NEGATIVO + REDE + IDADE.MIG + (1|FALANTE), data = negacao2, family = binomial)`

Fonte: elaboração da autora.

SP não aparecem no modelo, ou seja, não são identificadas diferenças significativas entre homens e mulheres, mais e menos escolarizados, quem vive há mais e menos tempo em São Paulo, entre os mais e menos integrados às redes e os que se identificam mais e menos com a comunidade anfitriã. Apesar de *idade de migração* aparecer no modelo, ela também não se correlaciona aos usos de (NEG), isto é, não importa, para tal variável, se o falante migrou quando era criança ou quando era adulto.

Conforme o que foi aventado, são os integrantes da rede aberta que desfavorecem o uso de NEG2/3 (estimativa negativa: -0,600), o que indica sua maior aproximação ao falar paulistano. É esse o resultado ilustrado no gráfico de efeitos abaixo: a probabilidade de NEG2/3 ser produzido pelos migrantes da rede fechada é significativamente maior que a dos integrantes da rede aberta.

Figura 7.4: Gráfico de efeitos para os usos de NEG2/3 por migrantes sergipanos em duas redes (fechada e aberta) em São Paulo



Fonte: elaboração da autora.

Interessa comparar tal resultado com o que vimos na seção anterior, cujo modelo de regressão criado com a inclusão dos dados dos migrantes e da amostra controle não apresentou diferença significativa entre as redes e Sergipe, o que indicaria uma aproximação entre aqueles que migraram e os que não migraram. Contudo, na análise que inclui apenas os migrantes, é possível identificar uma diferença entre as redes. Sendo assim, pode-se afirmar que, embora não haja diferença estatística entre os dados da comunidade de origem e os dos migrantes, há um distanciamento entre os migrantes da rede aberta e os da fechada, o que sugere certo avanço no processo de acomodação dialetal dos primeiros, em direção à variedade paulistana.

Quanto às demais variáveis sociais, que não se mostraram correlacionadas ao padrão de (NEG) dos migrantes sergipanos, temos *sexo/gênero* e *escolaridade*. Ambas as variáveis guardam relação com a questão do prestígio das formas linguísticas: o Capítulo 4 mostra que um escopo mais tradicional da Sociolinguística Variacionista argumenta que as variantes consideradas prestigiadas por uma comunidade de falantes tendem ser mais produzidas por mulheres e pelos mais escolarizados. Contudo, essa tendência não foi observada entre os migrantes no que se refere a (NEG). Uma possível explicação para esse resultado pode ser o fato de que tal variável linguística não está na consciência dos falantes como diferenciadora de variedades dialetais. Isto é, possivelmente essa é uma variável que não surte efeito aos ouvidos dos falantes por não se tratar, em termos labovianos, de um marcador, de um indicador e tampouco de um estereótipo (cf. Capítulo

2), diferentemente, portanto, das variantes palatalizadas de (t, d), que dispõem de certo prestígio entre os falantes de Sergipe (cf. [Corrêa \(2019\)](#)). Para um entendimento mais aprofundado sobre (NEG), e como sugestão de estudo futuro, seria relevante compreender quais são os significados sociais associados a tal variável tanto em São Paulo quanto em Sergipe.

Na mesma esteira, é possível estabelecer uma conexão com a ausência de efeito do fator *identificação com SP*. (NEG) não está na consciência dos falantes como uma variável dialetal, que diferencia São Paulo de Sergipe. Portanto, é plausível não esperar uma diferença significativa entre aqueles que mais se identificam com São Paulo e aqueles que menos se identificam, a respeito de tal variável sintática, pois não parece existir nela um significado social relacionado à regionalidade.

Acerca do *índice de integração à rede*, esperava-se que os migrantes menos integrados à própria rede apresentassem menor taxa de emprego de NEG2/3, comparativamente aos demais migrantes, por estabelecerem contato menos frequente com seus conterrâneos (e mais com pessoas de outras regiões). Contudo, esse efeito não foi constatado pelo modelo estatístico possivelmente devido à distribuição dos migrantes quanto a essa variável social: há tanto migrantes da rede fechada quanto da rede aberta entre os menos integrados à rede, assim, os falantes da rede fechada, caracterizada pelo contato mais frequente com conterrâneos e demais nordestinos, podem ter influenciado no resultado. Isto é, no grupo dos menos integrados à própria rede, os usos linguísticos oscilam entre uma menor e maior produção de NEG2/3.

Assim como no caso de (t, d), o *tempo de residência* em SP não se mostrou relevante para (NEG). Parece que, para tal variável sintática, não importa a quantidade de anos vividos na comunidade anfitriã, mas sim o contato que o migrante tem com os falantes nativos da comunidade. Além disso, também não se constatou efeito de *idade de migração*, diferentemente do que foi verificado para (t, d). Uma discussão mais detalhada sobre essa diferença é apresentada na próxima seção (7.7 – *Considerações sobre os resultados de (t, d) e (NEG)*).

Convém ainda apresentar aqui os resultados do modelo que não inclui o informante como variável aleatória (ou seja, nesse caso, os efeitos individuais nos dados são desconsiderados pelo modelo estatístico). Em tal cenário, conforme a Tabela 7.9, outras variáveis sociais emergem como relevantes nos usos de (NEG) pelos migrantes:

Tabela 7.9: Estimativas (em *logodds*) da probabilidade de uso de NEG2/3 sem a inclusão de *Informante* como variável aleatória (N = 3215)

<i>Intercept = 0,319</i>					
	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	(p)	Apl./N
<i>Rede</i>					
Rede fechada (v. referência)					338/1954 (17%)
Rede aberta	-0,565	0,137	-4,129	<0,001***	146/1261 (11%)
<i>Idade de migração</i>					
	-0,042	0,009	-4,764	<0,001***	
<i>Sexo</i>					
Feminino (v. referência)					276/1807 (15%)
Masculino	0,117	0,117	1,000	0,317	208/1408 (15%)
<i>Escolaridade</i>					
Fundamental I (v. referência)					237/1394 (17%)
Fundamental II	-0,362	0,141	-2,561	0,010 *	122/973 (12,5%)
Médio	-0,185	0,141	-1,310	0,190	125/848 (15%)
<i>Paulista</i>	-0,039	0,019	-2,024	0,043 *	
<i>Integração à rede</i>					
Menor integração (v. referência)					185/1174 (16%)
Média integração	-0,025	0,129	-0,196	0,845	173/1098 (16%)
Maior integração	-0,013	0,141	-0,090	0,928	126/943 (13,4%)

Modelo: `glmer(VD ~ V.LING + REDE + IDADE.MIG + SEXO + ESCOLARIDADE + PAULISTA + IND.INTEGRACAO, data = negacao2, family = binomial)`

Fonte: elaboração da autora.

A Tabela 7.9 indica que, além de *rede social*, fatores como *idade de migração*, *escolaridade* e *nota para paulista* são relevantes para os usos de (NEG) em tal modelo estatístico. É pertinente retomar nesse ponto o trabalho de Oushiro (2020a), resenhado na seção 4.6 – *Outras variáveis sociais*, pois nele a autora discute que, a depender da análise realizada (uma que desconsidera os efeitos individuais dos falantes e outra que não), os resultados podem ser muito diferentes. Vemos no modelo da Tabela 7.9 que, se não desconsideramos a variação na fala individual, algumas categorias sociais passam a ser, equivocadamente, interpretadas como relevantes para o padrão de variação dos migrantes. Esse resultado é oportuno para mostrar que, no fenômeno da acomodação dialetal, observa-se muita variação entre os indivíduos, o que serve como contraponto à teoria defendida por Trudgill (1986), de que existe uma rota fixa pela qual os falantes se acomodam a uma nova variedade linguística. O modelo indica que o padrão de variação nos usos de (NEG) está mais relacionado ao indivíduo do que a categorias sociais. Nesse

sentido, esses dados sugerem, para a realização de estudos futuros, que atentem mais para o papel do indivíduo no processo de acomodação dialetal, pois, assim como [Kerswill \(1994\)](#) já defendia, tal processo é complexo e as individualidades são importantes para compreender os padrões linguísticos.

7.7 Considerações sobre os resultados de (t, d) e (NEG)

As análises apresentadas nesse capítulo e no anterior, sobre palatalização de /t, d/ diante de [i], revelam que os padrões de variação na fala dos migrantes sergipanos são explicados por diferentes fatores sociais a depender do nível linguístico da variável em foco. No caso da variável fonética, *idade de migração* e *escolaridade*, em interação, indicam que, a depender do nível de escolaridade, a idade com que o falante migrou tem peso diferente: os sujeitos com fundamental II e que migraram mais jovens têm estimativas mais altas de palatalização que aqueles com os demais níveis de escolaridade. Por outro lado, no caso de (NEG), uma variável sintática, apenas a configuração da *rede social* desempenha um papel importante: são os integrantes da rede mais aberta que produzem as maiores taxas de NEG1 (mais contato com paulistanos, maior aproximação ao padrão paulistano). Em face do conjunto desses resultados, parece razoável afirmar que o nível linguístico da variável em foco, se fonético ou sintático, importa no processo de acomodação dialetal.

Ao revisar o que revelaram algumas pesquisas sobre aquisição de dialeto, [Siegel \(2011\)](#) sugere que migrantes adquirem mais facilmente traços morfológicos e lexicais que fonológicos, pois os primeiros podem ser adquiridos por migrantes que mudaram de região dialetal um pouco mais velhos, diferentemente dos demais. O autor não menciona como se daria o fenômeno com traços sintáticos, mas os dados aqui analisados apontam para uma possível diferença no processo de acomodação dialetal no que se refere a diferentes níveis linguísticos das variáveis quando se leva em conta a idade de migração (enquanto tal fator social tem efeito na variável de nível fonético, o mesmo efeito não é verificado na de nível sintático).

Essas considerações remetem ao trabalho desenvolvido por [Guedes \(2019\)](#), que analisou o uso do artigo definido diante de pronomes possessivos (“Ø meu irmão” vs. “o meu irmão”), na fala de paraibanos residentes em São Paulo, considerando que o artigo, nesse contexto, é bem menos frequente na fala paraibana. Seus dados revelam que a fala dos migrantes apresenta padrões de uso próximos aos dos paulistanos e que, além disso, tais indivíduos adquiriram as regras linguísticas de favorecimento e desfavorecimento do artigo definido dos usos paulistanos. Nesse caso, portanto, a acomodação dialetal se deu também

em um nível mais abstrato. A autora elenca as redes sociais (MILROY, 1980) estabelecidas pelos falantes analisados como as propulsoras para a variação na fala deles, pois os que tinham contato próximo e constante com paulistanos (e com falantes de outros estados do Sudeste e do Sul) tendiam a utilizar mais frequentemente a variante com artigo definido. Guedes destaca ainda que “a hipótese que vincula a acomodação linguística ao tempo de exposição do falante à determinada variante não pode ser generalizada, mas depende da natureza de cada fenômeno investigado: diferentes variáveis passam por diferentes processos de acomodação” (p. 1429).

Estudos como os de Siegel (2011), Guedes (2019) e Oushiro (2020b) apontam para as possíveis diferenças que se observam nos processos de acomodação dialetal. Enquanto o primeiro postula que a idade de migração pode ser um fator relevante, mas em diferentes graus, a depender do nível da variável linguística, o segundo e o terceiro ponderam sobre o tempo de exposição do migrante à nova variedade dialetal, argumentando que é improdutivo generalizar sobre os aspectos envolvidos no fenômeno da acomodação dialetal. Os resultados sobre os dados de negação aqui expostos, alinhados ao que Siegel (2011), Guedes (2019) e Oushiro (2020b) argumentam, reforçam o raciocínio de que processos diferentes ocorrem a depender do fenômeno linguístico em foco.

As análises aqui empreendidas também apontam para uma diferença importante entre os migrantes e os falantes da amostra controle de Sergipe, quanto a ambas as variáveis linguísticas. No caso de (t, d), vimos que a tonicidade e o *status* da vogal gatilho (se fonológica ou fonética) não são estatisticamente significativas para a palatalização de (t, d), diferentemente do que apresentam os estudos de Souza (2016) e Corrêa (2019) para os falantes de Sergipe. Nesse sentido, parece que os migrantes estão deixando de utilizar as regras linguísticas da comunidade de origem, como se a mudança de um dialeto para outro também estivesse ocorrendo num nível abstrato, semelhantemente ao que Guedes (2019) constata em seu trabalho. O mesmo cenário é vislumbrado nos usos de (NEG), pois os migrantes estão utilizando as mesmas regras linguísticas da comunidade anfitriã para os padrões de NEG2/3. Enquanto para os falantes sergipanos da amostra controle não é relevante a presença de marcadores discursivos e outros termos negativos na sentença para o uso de NEG2/3 – o oposto do que acontece entre os paulistanos e os migrantes. Diante dessas considerações, é possível afirmar que num nível mais abstrato das regras linguísticas, a comunidade anfitriã exerce maior influência nos processos de acomodação dialetal dos migrantes.

Destaca-se ainda a importância de se analisar um conjunto de variáveis simultaneamente para alcançar os melhores modelos explicativos sobre os usos linguísticos dos falantes. No caso da palatalização de (t, d), observamos que *idade de migração* e

escolaridade são fatores significativos quando incluídos em interação no modelo estatístico, isto é, as duas variáveis são interdependentes na sua correlação com os usos dessa variável linguística. Esse resultado serve como um bom exemplo sobre a complexidade intrínseca aos fenômenos da língua: não é somente o fato de alguém ter migrado mais jovem ou ter ido à escola em São Paulo que explicam seus usos linguísticos, mas é a combinação desses fatores que tem efeito nos padrões de variação.

8

Covariação na análise do processo de acomodação dialetal

O presente capítulo analisa as variáveis linguísticas em foco com o objetivo de identificar se elas covariam na fala dos migrantes sergipanos. Em caso afirmativo, interessa verificar se a covariação se explica por questões sociais – como em Oushiro (2015a, 2016b) e Velho (2018) – ou linguísticas – como em Guy (2013) e Erker e Otheguy (2016). A intenção é verificar se a fala dos migrantes muda “como um todo”, na direção da fala paulistana, ou se a acomodação se verifica apenas em algumas especificidades. Nesse sentido, as análises que integram este capítulo possibilitam discutir também quais variáveis se mostram mais suscetíveis a tais mudanças na fala do migrante – as fonéticas ou as morfossintáticas.

Para lembrar, as variáveis linguísticas em foco no presente estudo da fala dos migrantes sergipanos em São Paulo são:

- (a) vogal pretônica /e/: [e] *versus* [ɛ]²⁸, como em “presente” e “negócio”;
- (b) vogal pretônica /o/: [o] *versus* [ɔ], como em “coração” e “nordestino”;
- (c) /t, d/ diante de [i]: [t, d] *versus* [tʃ, dʒ], como em “ditado” e “batida”;
- (d) negação sentencial: NEG1 *versus* NEG2/3, como em “NÃO gosto de chocolate”, “NÃO gosto de chocolate NÃO” e “gosto de chocolate NÃO”.

Além do fato de que ambas são variáveis fonéticas, as vogais pretônicas e a pronúncia de (t, d) não compartilham traços estruturais: no caso das primeiras, ocorre a diminuição ou o aumento dos valores de F1 (de acordo com a abertura ou o fechamento da cavidade oral para a produção dos segmentos vocálicos) e, no caso da palatalização, é o ponto de articulação que varia (dos alvéolos para o palato). Entretanto, espera-se covariação

²⁸Tanto /e/ como /o/ foram analisadas como variáveis numéricas (a partir dos valores de F1). Assim, [e] e [o], de um lado, e [ɛ] e [ɔ], de outro, representam, aqui nessa lista, os limites do gradiente de valores de F1 para essas duas vogais.

entre /e/ e (t, d), não só porque ambas são variáveis fonéticas, mas também em virtude do fato de que, na análise dessas variáveis individualmente, a idade de migração é um fator significativo para os padrões observados na fala dos informantes, conforme resume a Tabela 8.1. Portanto, presume-se que os falantes cujos valores de F1 para /e/ são mais próximos da fala paulistana também apresentarão taxas mais altas de palatalização.

Tabela 8.1: Variáveis sociais relevantes para cada variável linguística

	/e/	/o/	/t, d/	NEG
Sexo/gênero	X	X	X	X
Faixa Etária	X	X	X	X
Escolaridade	X	X	✓	✓
Rede Social	X	X	X	✓
Idade de Migração	✓	X	✓	X

Fonte: elaboração da autora.

Embora haja relação estrutural entre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (a produção de ambas se refere à abertura da cavidade oral), não se espera que elas covariem, pois os resultados das análises dessas duas variáveis foram bastante diferentes (cf. [Santana \(2018\)](#)): enquanto a maioria dos informantes apresentou médias de F1 próximas da média paulistana para /e/, observou-se o contrário para /o/ (apenas para 2 migrantes as médias de F1 se aproximaram da média paulistana para ambas as vogais). A partir desses fatos, esperara-se covariação negativa entre /e/ e /o/.

Quanto à variável sintática *negação sentencial*, não há relação estrutural entre ela e as outras, já que são variáveis de naturezas linguísticas distintas. Ademais, diferentemente do que ocorre com /e/ e com (t, d), não há correlação entre a idade de migração do falante e a produção de NEG2/3. Portanto, apesar da hipótese inicialmente aventada sobre uma covariação positiva entre essas variáveis, após as análises de cada uma delas individualmente, considera-se que elas podem não se correlacionar, justamente por conta dos resultados sobre idade de migração.

A análise da covariação entre as variáveis linguísticas foi realizada de duas formas. Primeiramente, tal como [Guy \(2013\)](#) e [Oushiro \(2015a, 2016b\)](#), amplos padrões de agrupamento social foram avaliados através da categorização das taxas de uso dos falantes para cada uma das variantes – se o migrante apresenta alta tendência de uso de determinada variante, ele é classificado como “A”; em caso contrário, como “B”. Para isso, utilizaram-se os seguintes critérios: no caso das vogais pretônicas, extraíram-se os valores dos pesos relativos obtidos para cada um dos migrantes, em modelos de regressão linear²⁹; os que

²⁹Os resultados desses modelos estão no Apêndice C.

tinham peso relativo abaixo de 0,05 foram classificados com B (por apresentar diferença significativa em relação a SP) e os que tinham peso acima desse valor foram categorizados como A. No caso das formas palatalizadas de (t, d) (as variantes prototípicas de São Paulo), consideraram-se as proporções para cada falante³⁰: aqueles com 50% ou mais de frequência de [tʃ, dʒ] foram categorizados como A e os demais como B. Em relação à variável sintática, utilizamos os resultados de um modelo de regressão logística, construído com os sergipanos da amostra controle no *Intercept*. Dessa forma, os migrantes que não apresentaram diferença significativa em relação à amostra controle foram classificados como B, pois eles se distanciam da variedade paulistana. Já os falantes com diferença significativa relativamente à amostra controle (e estimativa com valor negativo) foram classificados como A (porque se aproximam do padrão paulistano)³¹. Com esses critérios, os migrantes foram agrupados em categorias como “AAAA” ou “BBBB” (isto é, alta ou baixa tendência de emprego de [e], [o], [tʃ, dʒ] e NEG1). Segundo Oushiro (2015a, p. 240), “[h]averá um alto grau de coesão dialetal se todas ou a maior parte das variantes se encaixarem na mesma categoria (...) para grande parte dos falantes”.

A segunda forma de investigação das tendências de uso baseou-se no cálculo de coeficientes de correlação de Pearson (ou “r de Pearson”) entre pares de variáveis. Os valores r de Pearson vão de -1 a +1, isto é, de perfeita correlação negativa (quanto mais x, menos y) a perfeita correlação positiva (quanto mais x, mais y), enquanto 0 significa falta de correlação (LEVSHINA, 2015; OUSHIRO, 2022). As análises entre pares de variáveis também foram realizadas por grupos sociais (mulheres vs. homens, mais jovens vs. mais velhos, por exemplo) em busca de maior compreensão dos efeitos sociais sobre os padrões de variação.

8.1 Análises sobre padrões gerais de covariação

O primeiro tipo de investigação que busca averiguar se as variantes linguísticas em foco tendem a coocorrer na fala dos migrantes é o das categorizações “A” ou “B”, tal como se explicou anteriormente. Para as 4 variáveis aqui analisadas, são 16 os padrões possíveis para classificar cada migrante ($2^4 = 16$) – AAAA, AAAB, AABA, e assim sucessivamente. A Tabela 8.2 indica, do mais aos menos frequentes, os padrões identificados entre os migrantes sergipanos.

Considerando que há 16 padrões possíveis, esperaria-se, em um contexto de total aleatoriedade, uma média de 1,6875 falantes por padrão (27 migrantes ÷ 16 padrões).

³⁰As proporções de palatalização dos migrantes de ambas as redes estão no Apêndice D.

³¹O resumo desse modelo de regressão logística é apresentado no Apêndice E.

Tabela 8.2: Padrões identificados na fala dos migrantes sergipanos

PADRÃO	[e]	[o]	[tʃ, dʒ]	NEG1	N falantes	%
(i)	A	B	A	A	5	18,5
(ii)	A	B	A	B	5	18,5
(iii)	A	A	A	B	4	14,89
(iv)	A	B	B	A	3	11,11
(v)	B	B	B	B	2	7,4
(vi)	A	B	B	B	2	7,4
(vii)	B	A	B	A	2	7,4
(viii)	A	A	A	A	1	3,7
(ix)	B	B	A	B	1	3,7
(x)	B	B	A	A	1	3,7
(xi)	B	A	A	B	1	3,7

Fonte: elaboração da autora.

No entanto, não é isto que observamos na Tabela 8.2. Os padrões mais recorrentes entre os migrantes são “ABAA” e “ABAB”, em que são altas as frequências de [e], [tʃ, dʒ] e NEG1 (no primeiro caso) ou de [e] e [tʃ, dʒ] (no segundo). A hipótese da covariação positiva entre [e] e [tʃ, dʒ] havia sido aventada anteriormente, mas não entre essas variantes e NEG1. Os padrões “AAAB” e “AAAA” também revelam covariação positiva entre [e] e palatalização. Somando a quantidade de migrantes que apresentam os padrões (iii) e (viii) (respectivamente, 4 e 1) com a quantidade de migrantes cujo padrão é “ABAA” (5) ou “ABAB” (também 5), nas duas primeiras linhas da Tabela 8.2, obtemos um total de 15 migrantes (55% de 27) na fala dos quais [e] e [tʃ, dʒ] covariam positivamente (quanto mais /e/ pretônico pronunciado como média alta, mais (t, d) palatalizado – na direção da fala paulistana).

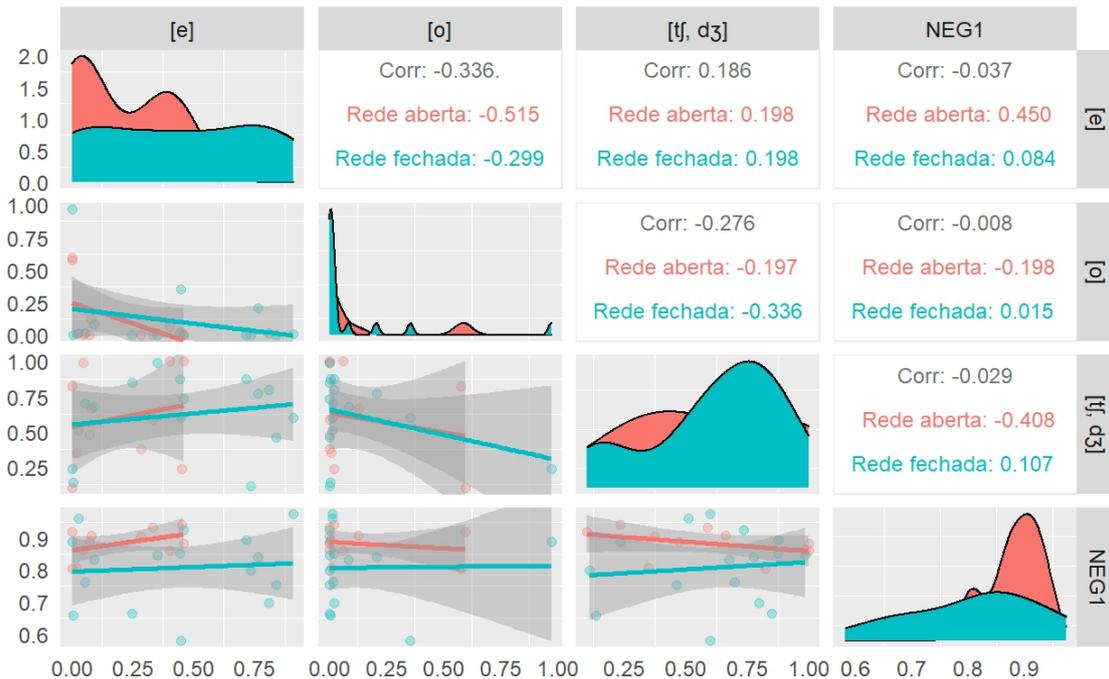
Os migrantes que apresentam os padrões “ABAA”, “AAAB” e “AAAA” — em que pelo menos três variantes paulistanas são empregadas com maior frequência — pertencem a ambas as redes, são de diferentes sexos e de diferentes faixas etárias (JorgeN, MartaL, NilsaL, RobertoS, TelmaN e VivianeS da rede fechada; AlexandreS, CarlaB, EmersonS e PedroB da rede aberta). Em outras palavras, eles não se agrupam – como integrantes de uma rede específica; como falantes de um mesmo sexo/gênero ou de uma mesma faixa etária – de modo que maiores generalizações nesse sentido não podem ser feitas em relação a eles.

Considerando os padrões mais coesos, (i), (iii), (v), (vi), (viii) e (ix), nos quais pelo menos três das variantes são simultaneamente favorecidas ou desfavorecidas, também contabilizam-se 15 migrantes (um pouco mais da metade da amostra, como vimos). Nesse sentido, pode-se entender que há certa coesão social entre os integrantes da amostra, pois

há favorecimento ou desfavorecimento do conjunto das variantes por boa parte deles. Também dessa maneira, contudo, generalizações não são possíveis, pois os migrantes com esses padrões, que podemos tomar como mais coesos, também são de ambas as redes, têm diferentes idades de migração, faixas etárias distintas e diferentes níveis de escolaridade. Um outro tipo de análise, descrito e apresentado a seguir, pode lançar novas luzes para tais padrões.

8.2 Análises de covariação com r de Pearson

O segundo tipo de investigação que descrevemos no início do capítulo se refere ao cálculo dos valores de r de Pearson, medida essa que mostra o sentido (se positivo ou negativo) e a força de correlação entre pares de variantes. A Figura 8.1 apresenta tais valores em uma matriz de correlações que contém os seis pareamentos possíveis entre as quatro variantes prototípicas de São Paulo ([e], [o], [tʃ, dʒ] e NEG1) na fala dos 27 informantes da amostra. Cada cor representa uma rede (vermelho para a aberta; verde para a fechada). Os gráficos na linha diagonal ilustram as distribuições das estimativas de cada variante para cada rede de falantes. Nos quadros da porção superior direita da Figura, para cada par de variantes, “Corr” é o coeficiente de correlação entre elas na amostra, seguido do coeficiente específico para cada rede. Finalmente, os gráficos na porção inferior esquerda trazem as linhas de regressão que se obtêm a partir das distribuições de dados entre os falantes de cada rede.

Figura 8.1: Matriz de correlações entre 4 variáveis linguísticas de ambas as redes

Fonte: elaboração da autora.

Os coeficientes de correlação indicam, todos, que a covariação entre as variantes (em pares) é baixa (por exemplo, entre [e] e NEG1 para os migrantes da rede aberta: 0,450) ou inexistente (por exemplo, entre [o] e NEG1 para os migrantes da rede fechada: 0,015) – pois todos estão mais próximos de 0 do que de 1 (a covariação entre duas variantes seria indicada por coeficientes próximos a 1). Além disso, todos os valores *p* obtidos para esses testes de correlação nessa matriz são maiores que 5% – de modo que não podemos rejeitar a hipótese nula, de não correlação entre as variantes em pares.

É importante destacar que o baixo número de migrantes da rede aberta (apenas 11) limita, em certa medida, as análises. Observe-se, por exemplo, que as áreas cinza em torno das linhas de regressão vermelhas são largas, indicando o intervalo de confiança das estimativas para cada variante. Isso também se observa, em alguns casos, para a rede aberta (linhas de regressão verdes), apesar do seu número um pouco maior de falantes (16).

Os coeficientes de correlação de Pearson também foram calculados a partir das demais variáveis sociais: *sexo/gênero*, *faixa etária*, *escolaridade*, *índice de integração à rede* e *idade de migração* (essa divide os falantes em 2 subgrupos: os que migraram até seus 18 anos e os que migraram depois dessa idade). Tais coeficientes estão dispostos na Tabela 8.3.

Tabela 8.3: Correlações de Pearson das variáveis sociais

	Pares de variáveis						$ \mu z \rightarrow r$
	[e] [o]	[e] [tf, d3]	[e] NEG1	[o] [tf, d3]	[o] NEG1	[tf, d3] NEG1	
Amostra completa	r = -0,34 p = 0,09	r = 0,19 p = 0,35	r = -0,04 p = 0,85	r = -0,28 p = 0,16	r = -0,01 p = 0,97	r = -0,03 p = 0,88	0,15
Rede fechada	r = -0,30 p = 0,26	r = 0,20 p = 0,46	r = 0,08 p = 0,76	r = -0,34 p = 0,20	r = 0,01 p = 0,96	r = -0,11 p = 0,69	0,17
Rede aberta	r = -0,51 p = 0,10	r = 0,20 p = 0,56	r = 0,45 p = 0,16	r = -0,20 p = 0,56	r = -0,20 p = 0,56	r = -0,41 p = 0,21	0,33
Feminino	r = -0,72 p = 0,003	r = 0,17 p = 0,55	r = -0,01 p = 0,98	r = -0,42 p = 0,14	r = -0,02 p = 0,95	r = -0,27 p = 0,36	0,29
Masculino	r = 0,34 p = 0,25	r = 0,25 p = 0,40	r = -0,07 p = 0,81	r = 0,28 p = 0,35	r = 0,14 p = 0,65	r = 0,40 p = 0,18	0,25
Até 50 anos	r = -0,27 p = 0,34	r = 0,33 p = 0,23	r = -0,40 p = 0,14	r = -0,44 p = 0,10	r = -0,10 p = 0,73	r = 0,03 p = 0,91	0,27
+ 50 anos	r = -0,45 p = 0,14	r = -0,03 p = 0,93	r = 0,35 p = 0,27	r = -0,10 p = 0,76	r = 0,11 p = 0,74	r = -0,08 p = 0,81	0,19
Fundamental I	r = -0,36 p = 0,25	r = -0,07 p = 0,83	r = 0,003 p = 0,99	r = 0,31 p = 0,33	r = -0,03 p = 0,94	r = -0,12 p = 0,7	0,15
Fundamental II	r = -0,54 p = 0,21	r = 0,86 p = 0,01	r = 0,08 p = 0,86	r = -0,69 p = 0,09	r = 0,45 p = 0,32	r = -0,20 p = 0,67	0,53
Médio	r = -0,01 p = 0,98	r = -0,48 p = 0,23	r = -0,06 p = 0,89	r = -0,08 p = 0,84	r = -0,72 p = 0,04	r = 0,20 p = 0,64	0,29
Até 18 anos	r = -0,52 p = 0,07	r = 0,22 p = 0,47	r = -0,33 p = 0,27	r = -0,44 p = 0,13	r = -0,02 p = 0,94	r = -0,41 p = 0,16	0,33
Após os 18 anos	r = -0,20 p = 0,49	r = -0,09 p = 0,75	r = 0,04 p = 0,89	r = -0,33 p = 0,26	r = 0,08 p = 0,80	r = -0,02 p = 0,95	0,13
Baixa	r = -0,30 p = 0,39	r = 0,29 p = 0,41	r = 0,48 p = 0,16	r = -0,32 p = 0,37	r = 0,18 p = 0,63	r = 0,12 p = 0,73	0,29
Integração à rede	r = -0,50 p = 0,17	r = -0,06 p = 0,88	r = -0,67 p = 0,05	r = 0,31 p = 0,42	r = 0,25 p = 0,51	r = 0,11 p = 0,77	0,34
Alta	r = -0,67 p = 0,07	r = 0,58 p = 0,13	r = -0,34 p = 0,42	r = -0,52 p = 0,19	r = -0,33 p = 0,43	r = -0,23 p = 0,59	0,46

Fonte: elaboração da autora.

Ao topo da Tabela, indicam-se os seis pares possíveis entre as variantes linguísticas em foco; nas demais linhas, aparecem os coeficientes de correlação para cada par, com os respectivos valores de significância (*p*). As células destacadas são aqueles em que o valor *p* associado ao coeficiente de correlação é menor que 5%, permitindo-nos rejeitar a hipótese nula de que não existe correlação entre as variantes nesses pares; ou seja, há correlação entre as variantes apenas nesses três casos em destaque (covariação negativa entre [e] e [o] na fala das mulheres; covariação positiva entre [e] e [tʃ, dʒ] na fala dos que estudaram até o fundamental II; covariação negativa entre [o] e NEG1 na fala dos que completaram o ensino médio).

Com base no método descrito por Oushiro (2015a) para a análise do tamanho do efeito das correlações entre variantes na fala de paulistanos, calculamos a média dos valores absolutos dos coeficientes de Pearson (última coluna da tabela), levando-se em conta todos os 6 pares para cada nível das variáveis sociais. Essa média foi calculada a partir do valor absoluto de cada coeficiente (sem considerar, portanto, o sinal positivo ou negativo). Sobre tal valor foi aplicada a transformação-*z* de Fisher e, com base nos 6 valores *z* para cada nível, foi calculada a média. Uma vez que se obteve essa média, realizou-se sobre ela uma nova conversão para o coeficiente de Pearson³². É esse coeficiente (que vai de 0 a 1) que aparece na última coluna da Tabela 8.3: ele serve para mostrar a força das correlações em cada grupo social e para explicar quais deles são mais coesos (quanto mais perto de 1, mais coeso é o grupo).

A correlação negativa entre [e] e [o] na fala das mulheres, apesar de aparentemente contraintuitiva, era de certa forma esperada, pois, tal como se menciona no início desse capítulo, as frequências de [o] na fala dos migrantes de modo geral seguiram a direção oposta de [e] (enquanto a maioria dos migrantes se acomodou à fala paulistana para [e], uma minoria se acomodou quanto à pronúncia de [o]). Na fala dos migrantes com escolaridade fundamental II, por sua vez, há correlação positiva entre [e] e [tʃ, dʒ], tendência também vislumbrada anteriormente. Já entre os migrantes com ensino médio, verifica-se correlação negativa entre [o] e NEG1 – um resultado que pode ser explicado pela distribuição da vogal /o/: uma minoria dos migrantes sergipanos apresenta médias semelhantes à da variedade paulistana (enquanto uma maioria se aproxima dos paulistanos quanto à frequência de NEG1).

Na última coluna da Tabela 8.3, observa-se a força de coesão da amostra completa (com os 27 migrantes) e podem-se comparar os níveis de cada grupo social. A amostra como

³²Com base em Gries (2009) e Corey, Dunlap e Burke (1998), Oushiro (2015a) explica que, uma vez que o coeficiente de Pearson não é uma medida linear, a transformação-*z* de Fischer é recomendada como passo intermediário para o cálculo da média da força das correlações de determinado grupo social.

um todo apresenta uma força de coesão de 0,15 – valor baixo, que indica que os migrantes da amostra são pouco coesos em seus usos linguísticos. Para os 118 paulistanos de sua amostra, Oushiro (2015a) obteve uma força de coesão de 0,25. Apesar das diferenças entre as análises dela com as que aqui se desenvolvem (pois as variáveis linguísticas não são as mesmas), pode-se dizer que os paulistanos são dialetalmente mais coesos que os migrantes, cujo repertório de variantes linguísticas é maior (comparativamente aos falantes que nunca migraram). Parece ser esta uma razão para que seus usos linguísticos sejam menos coesos. Tal resultado corrobora aquilo que apresentam Guy, Oushiro e Mendes (2022), em suas análises de covariação na fala de migrantes e não migrantes (cf. capítulo 5): não verificaram coesão na fala de nordestinos residentes em São Paulo, no que se refere a variáveis linguísticas que compartilham determinados significados sociais (como regionalidade). O presente trabalho reforça, então, que os migrantes, comparativamente aos falantes que nunca saíram de seu lugar de origem, tendem a ser menos coesos em seus usos linguísticos.

Ainda a partir da Tabela 8.3, vêm ao caso outras considerações acerca das diferenças entre determinados subgrupos de migrantes. No caso da variável *rede social*, é considerável a diferença entre a rede fechada (0,17) e a aberta (0,33): a segunda se apresenta como relativamente mais coesa. Quanto a *sexo/gênero*, nenhum subgrupo se destaca na apresentação de correlações mais fortes, já que os níveis se equiparam na mesma casa decimal. Por outro lado, o mesmo não pode ser dito sobre *escolaridade*, *idade de migração* e *índice de integração*, uma vez que o nível fundamental II, o subgrupo dos sujeitos que migraram até os 18 anos de idade e os mais integrados às redes se destacam com coeficientes mais altos. Os indivíduos com ensino fundamental II (0,53), os que migraram até os 18 anos (0,33) e os do conjunto com os maiores índices de integração à rede (0,46) aparecem como mais coesos que seus pares.

Nos estudos sociolinguísticos, a hipótese geral é que as formas estigmatizadas são evitadas pelos falantes mais escolarizados, pois a escola “atua como preservadora de formas de prestígio” (VOTRE, 2021, p. 51). Nesse sentido, é importante lembrar que 6 dos 7 migrantes que estudaram até o fundamental II cursaram-no já em São Paulo (cf. seção 6.5). Esses indivíduos, portanto, entraram em contato com as variantes paulistanas dentro de um ambiente de formação escolar, onde normas linguísticas foram prescritas. Dentro de um espaço mais “normatizador”, como as instituições de ensino, existe algum tipo de pressão social pela homogeneização na fala das pessoas: determinadas variedades de língua são mais valorizadas que outras. Logo, os anos de escolarização podem ter desempenhado um papel importante na coesão observada na fala desses migrantes.

Também é relevante notar que os migrantes que concluíram o ensino médio são menos

coesos que aqueles que estudaram até o fundamental II. No grupo dos mais escolarizados, portanto, o nível de escolarização parece não interferir nos padrões linguísticos no sentido de favorecer usos mais coesos (e mais próximos da comunidade anfitriã). Tal resultado converge com o que discute Oushiro (2020a): para a pronúncia de /t, d/ diante de [i], as migrantes mulheres com maior nível de escolarização se aproximam menos da variedade de São Paulo. Para a autora, essas mulheres são mais seguras quanto a seu *status* social, diferentemente daquelas que estudaram por menos tempo. Nesse contexto, os padrões de variação estão relacionados com a insegurança linguística dos falantes, a exemplo de CarlaB, integrante da rede aberta e única da amostra que cursou o ensino superior³³.

Em determinado momento de sua entrevista, ela afirma que sofreu preconceito linguístico em seu antigo local de trabalho (uma escola de educação infantil), mas que fez questão de reafirmar sua origem sergipana e de expor que não iria mudar seu jeito de falar.

16. S1: “eu acho que antes e/ eu já sofri mais preconceito até mesmo... pela questão da minha/ do meu sotaque né (...) ela [a coordenadora de CarlaB no trabalho] cismava que eu tinha que fazer fono né (...) e eu falava ‘mas por quê?’ ‘não porque eu acho que você fala assim assado’... digo ‘mas é normal que eu tenho sotaque mesmo nordestino eu tenho... tenho uma origem né’ ... e aí ela ficava pegando uma vez hora ou outra ela ficava questionando isso... (...) comecei a ler um livro do Marcos Bagno... muito bom Preconceito Linguístico né... e aí eu fui entender que realmente estava acontecendo um preconceito comigo né sobre a minha fala... e aí eu... comecei a questionar com ela comecei a... bater de frente com ela né (...)” (SESP-2016-F40-CarlaB)

É relevante acrescentar que CarlaB apresenta uma taxa de 58,7% de palatalização e tende a se distanciar da variedade paulistana quanto à pronúncia de /o/ (baixando mais frequentemente a vogal que os paulistanos). Apesar de ter ultrapassado os 50% na taxa de palatalização, é nítido que em sua fala se fazem presentes, com considerável frequência, as variantes de Sergipe, o que reforça a segurança linguística que ela tem sobre a própria pronúncia e sobre seu *status* social nas diferentes situações comunicativas.

A idade com a qual o sujeito migra de uma região dialetal para outra se mostra significativa para a variação linguística em diversos estudos sobre a fala do migrante (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]; SOARES, 2009; OUSHIRO, 2016a) e o resultado apresentado neste trabalho converge para essa mesma tendência. Não é aleatório, portanto, que os informantes que migraram antes dos 18 anos apresentem maior força de coesão no

³³O Capítulo 6 justifica a inclusão de CarlaB no grupo daqueles que estudaram o ensino médio.

conjunto de pares de variáveis do que aqueles que migraram depois dessa idade. Alguns autores, como Chambers (1992), Long (1990 apud SIEGEL, 2011) e Long (2007 apud SIEGEL, 2011), argumentam inclusive que pode existir um período crítico (ou sensível) para a aquisição consistente de alguns traços fonológicos e morfológicos por migrantes e que após tal período a aquisição, muitas vezes, não ocorre substancialmente. A partir dos resultados apresentados aqui, é possível afirmar que existe uma dispersão maior nos dados dos falantes que migraram mais tarde, isto é, são poucos os pares de variantes mutuamente favorecidas ou desfavorecidas por tais sujeitos. Por outro lado, entre os que migraram até os 18 anos de idade, parece menor a dispersão dos dados, pois é maior a quantidade de pares de variantes simultaneamente favorecidas ou desfavorecidas na fala desses informantes. Diante dessa tendência, é notável a importância da idade de migração para o uso mais ou menos homogêneo das variantes linguísticas de um novo dialeto.

No caso do índice de integração, fica claro que os mais integrados às redes são os mais coesos nos usos de pares de variantes. Tal fato está relacionado ao princípio de *densidade de comunicação* (GUMPERZ, 1971 apud OUSHIRO, 2015a), pelo qual as pessoas que mais interagem entre si compartilham dos mesmos usos linguísticos – tal como mostram as médias na última coluna da Tabela 8.3: quanto mais integrado o migrante à sua rede, mais coesos são seus usos linguísticos.

Nessa linha de raciocínio, as médias das forças de correlação das redes chamam atenção, pois a rede aberta se apresenta como mais coesa que a fechada. Esperava-se um resultado oposto, pois são os migrantes da rede fechada que estabelecem mais contatos com seus conterrâneos, comparativamente aos da aberta. Essas médias, portanto, nos levam a refletir sobre as similaridades e as diferenças observáveis entre as duas redes estudadas. Os conceitos de “aberta” e “fechada”, utilizados nessa pesquisa para estabelecer uma classificação analítica que pudesse auxiliar no exame das falas de migrantes de distintas redes sociais, podem, por outro lado, ocultar algumas semelhanças que unem os informantes de ambas as redes. Isso significa dizer que alguns migrantes da rede fechada, embora pertençam a um grupo mais circunscrito quando comparado a outro, também estabelecem relações com indivíduos paulistas e se deslocam para além de seus bairros, seja em situações de lazer ou de trabalho. Do mesmo modo, alguns sujeitos da rede aberta, apesar de integrarem um grupo social mais disperso, pouco se distanciam de seus bairros e estabelecem escassos laços com pessoas que não sejam seus familiares. Parece necessário, então, evitar idealizar uma visão simplista que coloca em dois lados opostos grupos que, quando considerados a partir das particularidades de alguns integrantes, podem compartilhar mais semelhanças do que um olhar menos atento consideraria.

Além disso, observando as histórias de vida dos migrantes de ambas as redes,

depreende-se que a maioria compartilha vários pontos em comum: origem humilde em Sergipe e mudança para São Paulo em busca de melhores condições socioeconômicas. A pesquisa não se atentou para a classe social a qual pertencem tais migrantes, mas todos deles se encaixam nas classes média e média baixa, o que significa que eles têm um estilo de vida muito parecido uns com os outros. Para estudos futuros, seria interessante analisar padrões linguísticos de migrantes de classes sociais mais altas, com o intuito de verificar se existem mais semelhanças ou diferenças entre eles.

8.3 O conceito de *interdialeto*

Tanto as análises iniciadas em [Santana \(2018\)](#), sobre a pronúncia das vogais médias pretônicas, quanto as que foram apresentadas no presente estudo mostram que são muito diferentes as taxas de uso das variantes de cada variável para cada migrante entrevistado. Em outras palavras, há uma gradação entre os 27 indivíduos da amostra, do menos ao mais acomodado à variedade paulistana, para cada variável linguística analisada. Há migrantes que pronunciam as vogais de modo mais semelhante aos paulistanos e palatalizam menos (t, d), enquanto outros se distanciam da variedade paulistana em relação às vogais, mas não quanto à palatalização e assim por diante. Nesse sentido, não podemos desprezar o fato de que há migrantes cujos padrões de variação linguística diferem tanto da comunidade de origem quanto da anfitriã.

Alguns autores já se voltaram para esse tema ao abordar os conceitos de ‘formas intermediárias’, ‘fala híbrida’ (*hybrid speech*) e ‘interdialeto’. [Trudgill \(1986\)](#) trata do assunto, entre outras maneiras, por meio da ideia de *interdialeto* – segundo ele, resultado de uma acomodação dialetal incompleta, em que formas intermediárias são “criadas” pelos migrantes a partir da interação entre as variedades linguísticas de origem e alvo. Para exemplificar esse fenômeno, o autor levanta casos que ocorrem na fala de migrantes noruegueses que saíram de uma cidade chamada Sunndal e se mudaram para Oslo, capital da Noruega. Depois de alguns anos morando na nova localidade, tais falantes passaram a produzir vogais, em determinados contextos linguísticos, que não eram usadas nem em Sunndal nem em Oslo.

Na mesma esteira, [Fournier e Auger \(2021\)](#) afirmam que os indivíduos que adquirem um segundo dialeto tendem a desenvolver uma fala híbrida, pois algumas formas do dialeto de origem permanecem em sua fala, assim como ocorrem formas intermediárias, resultantes do contato entre os dialetos. As autoras ainda acrescentam que é possível observar na fala do migrante algumas mudanças que nem sempre correspondem à variedade

linguística da comunidade anfitriã. Observamos exemplos dessas mudanças, entre os migrantes sergipanos entrevistados, no caso dos fatores linguísticos que são relevantes para a pronúncia palatalizada de (t, d). O modelo de regressão logística, apresentado no capítulo 6, mostra que *status* da vogal gatilho e tonicidade não são fatores relevantes para os migrantes na variação dos usos de (t, d), mas o são entre os sergipanos que não migraram. Sendo assim, podemos afirmar que a variedade falada pelos migrantes ocupa uma posição intermediária entre o dialeto de origem e o da comunidade anfitriã.

Fournier e Auger (2021) adicionam que os migrantes são percebidos como “alguém de outro lugar” – tanto na cidade para onde migraram quanto em seu próprio lugar de nascimento. Uma das migrantes sergipanas entrevistadas, ReginaL, integrante da rede fechada, exemplifica essa realidade, ao comentar que as pessoas de São Paulo a reconhecem como alguém que não nasceu na cidade, assim como alguns de seus conterrâneos que moram em Sergipe não a identificam como alguém de origem sergipana:

17. S1: “só que hoje se eu for passear em Sergipe o pessoal/ a minha língua lá já é diferente da de lá um pouco... todo mundo [em Sergipe] pergunta assim ‘você é daqui? você não é daqui não né?’”

“algumas coisa eu falo diferente [de] lá [Sergipe] já entendeu? os pessoal percebe que eu não sou de lá” “o meu sotaque continua [sergipano] porque eu converso com todo mundo [em São Paulo] todo mundo fala assim ‘ah você é de onde?’ eu falo ‘sou sergipana’” (SESP-2015-F49-ReginaL)

Observando os padrões de uso de ReginaL quanto às quatro variáveis linguísticas analisadas na pesquisa, constatamos que ela apresenta uma pronúncia mais próxima à variedade sergipana no que se refere a /e/ e à palatalização de (t, d) (apenas 23,7% de suas ocorrências são palatalizadas). Quanto a /o/ e (NEG), ela tende a se aproximar dos paulistanos (com uma taxa de 88,73% de NEG1). É compreensível, então, que tanto seus conterrâneos quanto a comunidade anfitriã não a “identifiquem” facilmente como sergipana ou paulistana, pois seus usos linguísticos transitam entre ambas as variedades linguísticas.

Os resultados das análises aqui realizadas e a discussão na literatura sobre o que se denomina *interdialeto* mostram que, a respeito do que ocorre na fala de uma pessoa que migra de uma região dialetal para outra, não se pode esperar que um indivíduo vá falar de uma maneira **ou** de outra, ou ainda como se o processo de acomodação dialetal tivesse que ocorrer necessariamente de maneira integral. Constatam-se, na verdade, muitas nuances entre uma variedade e outra na fala dessas pessoas. As próprias análises de covariação apontam para essa gradação, pois somente 4 dos 27 informantes apresentam um padrão

“totalmente” coeso, em que todos os seus padrões são mais próximos (A) ou menos (B) aos do paulistano.

A reflexão aqui desenvolvida destaca, reiteradamente, as complexidades envolvidas no estudo da fala do migrante. Afirmações sobre o que pode ou não favorecer a mudança de um dialeto para outro devem ser feitas com cautela, pois uma série de fatores afeta tal processo e, além disso, processos “globais” de acomodação dialetal revelam-se rarefeitos.

Conclusão

Esta pesquisa teve como objetivo central analisar a acomodação dialetal na fala de migrantes sergipanos que residem na região metropolitana de São Paulo e que pertencem a redes sociais distintas (uma fechada e outra aberta). Além da pronúncia de vogais médias pretônicas, analisada em [Santana \(2018\)](#) e aqui retomada, o processo de acomodação na fala desses migrantes foi investigado também à luz da palatalização de /t, d/ diante de [i] (como em ‘teste’ e ‘dinheiro’) e das estruturas de negação sentencial NEG1 (‘**NÃO** gosto de chocolate’) e NEG2/3 (‘**NÃO** gosto de chocolate **NÃO**’/ ‘gosto de chocolate **NÃO**’).

Em [Santana \(2018\)](#), as pretônicas /e/ e /o/ foram analisadas como variáveis numéricas (valores de F1, em Hz) e um dos principais interesses foi verificar se a variação na abertura dessas vogais teria correlação com a rede social dos informantes (mais ou menos contato com paulistas, membros da comunidade anfitriã). Contrariamente às expectativas, as análises não revelaram padrões específicos para cada subgrupo de migrantes; em outras palavras, a natureza das suas redes de contatos não teve efeito na pronúncia de /e/ e /o/ pelos migrantes.

Apesar desse resultado obtido por [Santana \(2018\)](#), permaneceu a pergunta sobre se, para outras variáveis linguísticas, que também diferenciam as variedades paulistana e sergipana, como /t, d/ diante de [i] e (NEG), a fala dos migrantes das duas redes se aproximaria mais (ou menos) do padrão paulistano. Em outras palavras, a pesquisa de doutorado buscou verificar se a variável “rede” teria correlação com outras variáveis linguísticas e, adicionalmente, se haveria coesão dialetal na fala dos migrantes: aqueles que abaixam menos as vogais médias pretônicas, também palatalizam (t, d) mais frequentemente e empregam NEG2/3 menos vezes – aproximando-se da variedade paulistana para um conjunto de elementos linguísticos? Na análise de (t, d) e (NEG), perguntou-se ainda se outras variáveis sociais (como idade de migração e escolaridade) poderiam explicar os padrões de ocorrências das respectivas variantes.

Como vimos anteriormente, a rede que chamamos de fechada (16 migrantes) se caracteriza por mobilidade geográfica mais restrita e pelos contatos mais frequentes dos seus integrantes com conterrâneos ou pessoas de outros estados nordestinos.

Diferentemente, a rede aberta (11 migrantes) é mais dinâmica, no sentido de que seus integrantes se dirigem mais frequentemente a outros espaços geográficos além da vizinhança imediata e têm mais contato com paulistas. Esperava-se que a fala dos migrantes da rede fechada estaria menos acomodada à fala paulistana do que a daqueles da rede aberta, com respeito tanto a (t, d) quanto a (NEG) (com taxas menores de pronúncias palatalizadas e maiores de NEG2/3). Entretanto, as análises reportadas nos capítulos 6 e 7 mostram que essa hipótese se confirma apenas parcialmente, pois a configuração da rede do migrante tem efeito somente no caso de (NEG).

No que diz respeito a correlações entre (t, d) e fatores linguísticos, apenas a sonoridade da consoante em foco (se surda ou sonora), a presença de fricativas alveolares em contexto fonológico precedente (como em ‘teste’) e de vogais posteriores em contexto seguinte (como em ‘mandioca’) são os favorecedores da palatalização. Tais resultados são parcialmente distintos daqueles reportados por Souza (2016) e Corrêa (2019), que estudaram a fala de sergipanos universitários. Sendo assim, parece haver distinção entre os sergipanos migrantes e aqueles que não saíram de Sergipe, no que se refere a regras abstratas para a palatalização de (t, d), já que esses autores constataram a importância de outras variáveis linguísticas para o fenômeno (como *status* da vogal gatilho e tonicidade).

Já para (NEG), a ativação da proposição negada (se inferida ou direta), a presença de marcadores discursivos (“né?”, “viu?” etc.) e de outros termos negativos na sentença (“nem”, “nada” etc.) são relevantes. Lembre-se que, para essa variável, analisaram-se dados de uma amostra controle (10 entrevistas com sergipanos residentes no interior de Sergipe), pertencente ao banco “Falares Sergipanos” (FREITAG, 2013), que permitiu comparar a fala dos migrantes com a daqueles que permaneceram no estado nordestino. Aqui também se constatou uma diferença: apenas para os migrantes a ativação da proposição negada é relevante (a ativação inferida favorece o uso de NEG1). O baixo número de informantes da amostra controle impossibilitou um entendimento mais refinado sobre a real diferença entre os usos linguísticos dos migrantes e daqueles que não migraram.

Diante dos resultados das análises de (t, d) e (NEG), ficou claro que a complexidade do estudo da fala de migrantes reside no fato de que diversas variáveis atuam simultaneamente no processo de acomodação dialetal. Para cada fenômeno linguístico estudado, distintas variáveis sociais são pertinentes. Santana (2018) mostrou que, no caso da pretônica /e/, a idade de migração é o fator mais fortemente correlacionado, enquanto para /o/, a variável estatisticamente significativa é a proporção de vida do migrante em São Paulo (divisão do número de anos em São Paulo pela sua idade). No presente estudo, a idade de migração do indivíduo interage com sua escolaridade na realização de (t, d): aqueles que migraram quando mais jovens e estudaram até o ensino fundamental II são os que mais palatalizam

essas consoantes. Por outro lado, como vimos, é a rede social que explica os empregos de (NEG): os migrantes da rede aberta utilizam mais frequentemente NEG1 que os da fechada.

Além de analisar cada variável linguística individualmente, também foram desenvolvidas análises de covariação, a fim de verificar como coocorrem variantes de cada par possível de variáveis. Na Tabela 8.3 (Capítulo 8, vimos que [e] pretônico (menos abaixado) e pronúncia palatalizada de (t, d) “andam juntos” na fala da maioria dos migrantes. Também constatamos coesão social, na medida em que a maioria dos migrantes apresenta, simultaneamente, alta tendência de emprego das variantes tipicamente paulistanas ([e], [o], [tʃ, dʒ] e NEG1) – AAAA ou ABAA – ou baixa tendência de emprego de três ou quatro dessas mesmas variantes (BBBB ou BBBA, por exemplo).

Com os valores dos coeficientes de Pearson, vimos que determinados grupos sociais são mais coesos dialetalmente que outros. A escolarização, a idade de migração e o índice de integração à rede são fatores que influenciam a coesão dialetal. Os migrantes que frequentaram a escola em São Paulo são mais dialetalmente coesos do que os que estudaram em Sergipe: parece que a escola nivela as diversidades linguísticas, num movimento que resulta em menor “dispersão” dos empregos de variantes de pares de variáveis na fala dos migrantes. Também se observa maior coesão dialetal entre aqueles que migraram até seus 18 anos de idade, o que indica maior dispersão nos empregos de variantes de pares de variáveis na fala daqueles que migraram mais velhos. Essa tendência sinaliza que quanto mais tarde ocorrer a migração, menos coesa é a produção linguística dos migrantes, cujas tendências de empregos das formas linguísticas (das comunidades de origem e anfitriã) variam muito entre os indivíduos (cf. Chambers (1992) e Long (1990, 2007)). Finalmente, os dados que foram analisados confirmam a hipótese de maior coesão dialetal entre os informantes que mais estabelecem contatos entre si, com mais semelhanças na sua fala do que na das pessoas que não interagem frequentemente. Este é, portanto, um fato que sugere que a coesão está intimamente relacionada com a densidade de comunicação, tal como considera Oushiro (2015a, 2016b).

Ainda sobre a densidade de comunicação, constata-se também que, de modo geral, os migrantes tendem a ser menos coesos em seus usos linguísticos que as pessoas que sempre moraram em um mesmo lugar. Tal conclusão é possível com a comparação entre o valor da força de coesão na amostra da fala dos 27 migrantes sergipanos (0,15) com o que Oushiro (2015a) obteve para os paulistanos (0,25). Os migrantes, menos enraizados que aqueles que não migraram, ao estabelecerem contato com mais variedades linguísticas em sua vida, tendem a empregar formas linguísticas de maneira mais variada, com menor coesão dialetal.

A pesquisa projetou incluir uma variável prosódica (o padrão melódico de sentenças declarativas neutras) no conjunto de análises – uma vez que, nos discursos metalinguísticos dos migrantes entrevistados, a prosódia se revela como algo saliente nas suas percepções acerca das suas diferenças linguísticas com os paulistanos. Devido ao formato das entrevistas (a partir de perguntas do documentador, respostas não controladas aos moldes das pesquisas sobre prosódia) e ao ambiente em que foram gravadas (fora de um laboratório que minimizasse ruídos externos), a extração das sentenças alvo e sua posterior análise foram dificultadas, senão impossibilitadas. Contudo, o avanço futuro no entendimento dos processos de acomodação dialetal na fala de migrantes carece de análises também no nível prosódico, a exemplo de [Silveira \(2022\)](#).

Finalmente, a discussão acerca dos conceitos de “interdialeto” e de “formas intermediárias” merece ser aqui lembrada. A maior parte dos migrantes entrevistados apresentou um padrão intermediário, com usos linguísticos que oscilam entre a variedade paulistana e a sergipana. O conjunto de análises reportadas nesta tese mostra que a fala do migrante é caracterizada por movimentos tanto de aproximação à variedade paulistana (correlacionados à sua idade de migração ou sua escolaridade) quanto de distanciamento dela (com manutenção da variedade de origem). De modo geral, os dados da fala dos 27 migrantes sergipanos são evidências de que a acomodação dialetal é um processo que está longe de ocorrer de maneira uniforme na produção linguística dos indivíduos ou de seus agrupamentos (em redes, por exemplo) – seja por questões linguísticas, seja por questões sociais.

Tendo em vista isto que podemos chamar de “fluidez” na fala do migrante (cuja heterogeneidade se revela como ainda mais marcante do que na fala daqueles que permanecem em sua comunidade dialetal), estudos futuros sobre o instigante tema da acomodação poderiam se beneficiar de múltiplos tipos de performances linguísticas. Será que a fala de migrantes é mais ou menos dialetalmente coesa em diferentes situações comunicativas – no ambiente familiar, em conversas descontraídas com amigos próximos, em espaços mais formais, por exemplo? Esta parece ser uma pergunta potencialmente norteadora para as pesquisas que estão por vir, considerando os resultados das análises que o presente estudo desenvolveu e discutiu.

Referências

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; PAGOTTO, Emilio. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/. In: **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção fonológica da palavra**. Organização: Maria Bernadete Marques Abaurre. São Paulo: Contexto, 2013.

ADANK, Patti; SMITS, Roel; HOUT, Roeland van. A comparison of vowel normalization procedures for language variation research. **Acoustical Society of America**, v. 116, n. 5, 2004.

ALVES, Maria Isolete P. M. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia**. 1979. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas/IEL, Campinas.

AMORIM, André Wesley D. de et al. Variação e mudança linguística intrafalante: um estudo de painel sobre a palatalização das oclusivas dentais. **Revista Moara**, n. 54, p. 280–296, 2019. Acesso em: 27 jul. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/viewFile/8068/5909>>.

BAAYEN, Rolf H. **Analyzing Linguistic Data**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BARBOSA, Plínio. **Prosódia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

BARBOSA, Plínio. **Prosody Descriptor Extractor**. 2021. <https://github.com/pabarbosa/prosody-scripts/tree/master/ProsodyDescriptorExtractor>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português**. São Paulo: Cortez, 2015.

BARME, Stefan. A negação no brasileiro falado informal. **Zeitschrift für romanische Philologie**, v. 121, n. 3, p. 405–425, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/ZRPH.2005.405>>.

- BATTISTI, Elisa. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ em um falar de português brasileiro. **Revista Diadorim**, n. 1, 2011. Acesso em: 19 abr. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7961>>.
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, ago. 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1239>.
- BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 5, n. 9, 2007. Acesso em: 12 ago. 2022. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_palatalizacao_das_clusivas_alveolares.pdf>.
- BIGHAM, Douglas S. Mechanisms of accommodation among emerging adults in a university setting. **Journal of English Linguistics**, v. 38, p. 193–210, 3 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/0075424210373542>.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. **Praat: doing phonetics by computer**. version 6.1.42, 19 fev. 2010. Disponível em: <<https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1985].
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum: Estudos da Linguagem**, Universidade Estadual de Londrina, v. 18, n. 1, p. 102, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2015v18n1p102>.
- BOWIE, David. **The effect of geographic mobility on the retention of a local dialect**. 2000. PhD dissertation – University of Pennsylvania, Pennsylvania.
- BYBEE, Joan. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, jul. 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/cbo9780511612886>>.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João A. de; LEITE, Yone. O vocalismo do português do Brasil. **Letras De Hoje**, v. 31, n. 2, 1996. Acesso em: 01 mai. 2023. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15590>>.

- CARDOSO, Suzana Alice M. da S. et al. **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARMICHAEL, Katie. **“I never thought I had an accent until the hurricane”:** **Sociolinguistic variation in Post-Katrina Greater New Orleans**. 2014. Ph.D. Dissertation – The Ohio State University.
- CARREÃO, Victor. **Transformações econômicas e mudança linguística: a língua em Louveira/SP**. 2018. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas/IEL.
- CHACON, Karoline de A. **Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa**. 2012. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba.
- CHAMBERS, J. K. **Linguistic variation and Chomsky’s ‘homogeneous speech community’**. 1980.
- CHAMBERS, J. K. Dialect acquisition. **Language**, v. 68, n. 4, p. 673–705, 1992. Acesso em: 19 abr. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/416850>>.
- CHESHIRE, Jenny. Syntactic variation and beyond: gender and social class variation in the use of discourse-new markers. **Journal of Sociolinguistics**, v. 9, n. 4, p. 479–508, 2005.
- COREY, David M.; DUNLAP, William P.; BURKE, Michael J. Averaging Correlations: Expected Values and Bias in Combined Pearson rs and Fisher’s z Transformations. **The Journal of General Psychology**, Routledge, v. 125, n. 3, p. 245–261, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00221309809595548>>.
- CORRÊA, Thaís Regina A. A. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração**. 2019. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaís et al. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Faculdade de Letras da UFMG, v. 20, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.2.59-89>>.
- CUNHA, Cláudia de S. Os estudos prosódicos no Atlas Linguístico do Brasil. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, 2018. Acesso em: 10 ago. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23278>>.
- DUTRA, Eduardo de O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS.

- ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.
- ECKERT, Penelope. **Variation, meaning and social change**. Organização: Nikolas Coupland. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. DOI: [10 . 1017 / CBO9781107449787.004](https://doi.org/10.1017/CBO9781107449787.004).
- ERKER, Daniel; OTHEGUY, Ricardo. Contact and coherence: dialectal leveling and structural convergence in NYC Spanish. **Lingua**, v. 172-173, 2016. Acesso em: 14 set. 2022. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0024384115002144>>.
- EVANS, Betsy. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. **Language Variation and Change**, v. 16, 2 2004.
- FOREMAN, Annik. **Pretending to be someone you're not: A study of second dialect acquisition in Australia**. 2003. PhD thesis – Monash University, Melbourne.
- FOUQUET, Christina Benini G. **A influência do dialeto nordestino frente ao dialeto paulista**. 2013. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo/FFLCH, São Paulo.
- FOURNIER, Nadège; AUGER, Julia. New city, new dialect? On the acquisition of a phonological rule by Neo-Montrealers. In: NWAV49, 2021, Austin.
- FREITAG, Raquel M. K. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), v. 14, n. 2, p. 156, fev. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>>.
- FREITAG, Raquel M. K.; SANTOS, Adelmileise de O. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: **A Fala Nordestina: entre a Sociolinguística e a Dialectologia**. Organização: Norma da S. Lopes, Silvana S. de F. Araújo e Raquel M. K. Freitag. São Paulo: Blucher, 2016. p. 109–122.
- GALEMBECK, Paulo de T. O turno conversacional. In: **Análise de textos orais**. Organização: D. Preti. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. ISBN 85-86.087-55-6.
- GILES, Howard. Accent mobility: a model and some data. **Anthropological Linguistics**, v. 15, p. 87–105, 2 1973.
- GILES, Howard. **Language, ethnicity and intergroup relations**. London: Academic Press, 1977.

- GILES, Howard; TAYLOR, Donald; BOURHIS, Richard. Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. **Language in Society**, v. 2, p. 177–192, 1973.
- GOLDNADEL, Marcos et al. Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 21, p. 35–74, 2 2013.
- GRIES, Stefan Th. **Statistics for Linguistics with R**. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/9783110307474>>.
- GRIES, Stefan Th. **Statistics for Linguistics with R. 2nd edition**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/9783110307474>>.
- GUEDES, Shirley. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal. **Domínios de Linguagem**, v. 13, n. 4, p. 1401–1432, dez. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/46873>>.
- GUMPERZ, John Joseph. The speech community. In: **Language in Social Groups**. Organização: A. S. Dil. Stanford: Stanford University Press, 1971.
- GUY, Gregory R. The cognitive coherence of sociolects: How do speakers handle multiple sociolinguistic variables? **Journal of Pragmatics**, v. 52, p. 63–71, 2013. ISSN 0378-2166. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S037821661300012X>>.
- GUY, Gregory R.; HINSKENS, Frans. Linguistic coherence: Systems, repertoires and speech communities. **Lingua**, v. 172–173, p. 1–9, 2016. ISSN 0378-2166. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384116000024?via%5C%3Dihub>>.
- GUY, Gregory R.; OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. Indexicality and coherence. In: **The coherence of linguistic communities. Orderly heterogeneity and social meaning**. Edição: Karen Beaman e Gregory R. Guy. New York: Routledge, 2022.
- HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN - Linguistic Annotator**. version 5.0.0-alpha, 2017. Disponível em: <<https://archive.mpi.nl/tla/elan>>.

- IPEA. **Perfil dos migrantes em São Paulo**. 2011. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/111006_comunicadoipea115.pdf. Acesso em: 29 jun. 2022.
- KAMIANECKY, Fernanda. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa**. 2002. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- KERSWILL, Paul. **Dialects converging: rural speech in urban Norway**. New York: Oxford University Press, 1994.
- KERSWILL, Paul. Koineization and accommodation. In: **The Handbook of Language Variation and Change**. Edição: Peter Trudgill e Natalie Schilling-Estes. Oxford: Blackwell, 2002.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William. Where does the sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, Southwest Educational Development Laboratory, Austin, v. 44, 1978.
- LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LADD, D. Robert. **Intonational Phonology**. 2. ed. Cambridge: CUP, 2008.
- LAVANDERA, Beatriz R. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 7, n. 2, p. 171–182, 1978. DOI: [10.1017/S0047404500005510](https://doi.org/10.1017/S0047404500005510).
- LEVSHINA, Natalia. **How to Do Linguistics with R**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- LIRA, Zulina S. de. **A entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro**. 2009. Tese de Doutorado – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- LOBANOV, Boris M. Classification of Russian vowels spoken by different listeners. **J. Acoust. Soc. Am.**, v. 49, p. 606–608, 1971.
- LONG, Michael H. Maturational Constraints on Language Development. **Studies in Second Language Acquisition**, Cambridge University Press, v. 12, n. 3, p. 251–285, 1990. DOI: [10.1017/S0272263100009165](https://doi.org/10.1017/S0272263100009165).

- LONG, Michael H. **Problems in SLA**. New York/London: Erlbaum, 2007.
- LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 2021.
- LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**. São Paulo: Contexto, 2015.
- LUCENTE, Luciana. **DaTo: Um sistema de notação entoacional do português brasileiro baseado em princípios dinâmicos. Ênfase no foco e na fala espontânea**. 2008. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- LUCENTE, Luciana. **Aspectos dinâmicos da fala e da entoação do português brasileiro**. 2012. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- LUCENTE, Luciana. Introdução à análise entoacional. In: **Prosódia da fala: pesquisa e ensino**. Organização: Raquel M. K. Freitag e Luciana Lucente. São Paulo: Blucher, 2017.
- MARKHAM, D. **Phonetic imitation, accent, and the learner**. Lund, Sweden: Lund University Press, 1997.
- MARQUES, Sandra Maria de O. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. 2006. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MARTINS, Mariana de S. **A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal**. 2008. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MELO, Maria das Neves M. de; FUSCO, Wilson. Migrantes Nordestinos na Região Metropolitana de São Paulo: características socioeconômicas e distribuição espacial. **Confins [En ligne]**, v. 40, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/19451>. Acesso em: 29 jun. 2022.
- MENDES, Ronald Beline; OUSHIRO, Livia. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, scielo, v. 56, p. 973–1001, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942012000300011&nrm=iso.
- MILROY, Leslie. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.
- MILROY, Leslie. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1987 [1980].
- MIRANDA, Irma I.; MEIRELES, Alexsandro. Análise acústico-comparativa de vogais brasileiras com vogais norte-americanas. In: ANAIS do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos. Vitória, ES, 2011.

- MOTA, Jacyra. Aspectos fônicos do Nordeste a partir de dados do ALiB. In: **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. Organização: Norma da Silva Lopes, Silvana S. de F. Araújo e Raquel M. K. Freitag. São Paulo: Blucher, 2016. v. 1, p. 58–73. Acesso em: 17 jun. 2022. Disponível em: <openaccess.blucher.com.br/article-details/aspectos-fonicos-do-nordeste-20309>.
- MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Marcelino. Variação fônica nas capitais brasileiras. In: **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. Organização: Marco Antonio Martins e Jussara Abraçado. São Paulo: Contexto, 2015.
- NASCIMENTO, Cristiana Aparecida R. do. **A negação no português falado em Vitória/ES**. 2008. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contrastes**. São Paulo: Globo, 2008.
- NORDENSTAM, Kerstin. **Svenskan i Norge**. Gothenberg: University Press, 1979.
- NYCZ, Jennifer. Second dialect acquisition: a sociophonetic perspective. **Language and Linguistics Compass**, 9(11), p. 469–482, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/lnc3.12163>>.
- OLIVEIRA, Marcelo Augusto J. de. **Dialetos em contato: acomodação dialetal por migrantes baianos habitantes da cidade de Bauru**. 2020. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho”/UNESP, Araraquara.
- OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. In: **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. Organização: Raquel M. K. Freitag. São Paulo: Blucher, 2014.
- OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015a. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo/FFLCH, São Paulo.
- OUSHIRO, Livia. **silac: Silabificador, acentuador e transcritor fonológico do Português Brasileiro**. v0.2, 2015b.
- OUSHIRO, Livia. **A acomodação dialetal e a estabilidade de padrões sociolinguísticos na fala adulta**. 2016a. Relatório Científico de Pós-Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

- OUSHIRO, Livia. Social and structural constraints in lectal cohesion. **Lingua**, v. 172-173, p. 116–130, 2016b. Coherence, covariation and bricolage. Various approaches to the systematicity of language variation. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384115002181>>.
- OUSHIRO, Livia. **Introdução a estatística para linguistas**. 2017a.
- OUSHIRO, Livia. **Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes em São Paulo**. 2017b. Relatório científico parcial – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- OUSHIRO, Livia. **dmsocio**. v0.2.0, 2018a. Disponível em: <<https://oushiro.shinyapps.io/dmsocio>>.
- OUSHIRO, Livia. **Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes em São Paulo**. 2018b. Relatório científico final – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- OUSHIRO, Livia. **silac: Transcritor fonológico do português**. online (v0.5.1), 2018c. Disponível em: <oushiro.shinyapps.io/silac>.
- OUSHIRO, Livia. As variáveis sexo/gênero e indivíduo em situação de contato dialetal. In: **Gênero e Língua(gem): formas e usos**. Organização: Danniell Carvalho e Dorothy Brito. Salvador: EDUFBA, 2020a. v. 1.
- OUSHIRO, Livia. Constrasting age of arrival and length of residence in dialect contact. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, 25(2), p. 79–88, 2020b.
- OUSHIRO, Livia. **Introdução à estatística para linguistas**. Campinas/SP: Editora da Abralin, 2022. Disponível em: <<https://editora.abralin.org/publicacoes/introducao-a-estatistica-para-linguistas/>>.
- PAGOTTO, Emílio G. **Variação é identidade**. 2001. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas/IEL, Campinas.
- PAYNE, Arvilla C. **The acquisition of the phonological system of a second dialect**. 1976. Unpublished thesis – University of Pennsylvania, Pennsylvania.
- PAYNE, Arvilla C. Factors controlling the acquisition of the Philadelphia dialect by out-of-state children. In: **Locating language in time and space**. Edição: William Labov. Academic, 1980.
- PEREIRA, Regina Celia M. **Uma análise variacionista das vogais médias pretônicas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

- PIRES, Lisiane B. A palatalização das oclusivas dentais em São Borja. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, p. 1–23, 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_1_a_palatalizacao_das_clusivas_dentais.pdf>.
- PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2009. v. 30.
- POZZANI, Denise; ALBANO, Eleonora C. Gradientes alofônicos de oclusivas alveolares do português brasileiro em uma situação de contato dialetal. **Veredas Atemática**, Juiz de Fora, v. 20, p. 62–79, 2 2016. Acesso em: 12 jul. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28120>>.
- PRINCE, Ellen F. The ZPG Letter. In: **Discourse Description: Diverse Analyses of a Fundraising Text**. Organização: Willian Mann e Sandra A. Thompson. John Benjamins Publishing Company, 1992. Disponível em: <<https://doi.org/10.1075/pbns.16.12pri>>.
- ROCHA, Franciane; ALMEIDA, Norma Lúcia F. O fenômeno palatização em zonas rurais e urbanas do Paraguaçu. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa-PB. Edição: Ideia. v. 1, p. 1531–1537.
- ROCHA, Rafael S. **A negação dupla no português paulistano**. 2013. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo/FFLCH, São Paulo.
- RONCARATI, Claudia. A negação no português falado. In: **Variação e Discurso**. Organização: Alzira T. Macedo, Maria Cecília Mollica e Claudia Roncarati. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- RYS, Kathy. **Dialect as second language: Linguistic and non-linguistic factors in secondary dialect acquisition by children and adolescents**. 2007. Ph.D. Dissertation – Ghent University, Ghent.
- SANTANA, Amanda de Lima. **As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos em São Paulo**. 2018. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo/FFLCH, São Paulo.
- SCHWENTER, Scott. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. **Lingua**, v. 115, p. 1427–1456, out. 2005. DOI: [10.1016/j.lingua.2004.06.006](https://doi.org/10.1016/j.lingua.2004.06.006).
- SERRA, Flávia P. **“Eu não digo ‘não’ duas vezes não”**: usos e percepções avaliativas sobre a dupla negação no português falado no Maranhão. 2018. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

- SIBATA, Takesi. **Conditions controlling standardization. Excerpt from Nihon no hogen [The dialects of Japan]**. Tokyo: Iwanami Shoten, 1958. Translated by Motoei Sawaki, 1990, MS.
- SIEGEL, Jeff. **Second dialect acquisition**. New York: Cambridge University Press, 2011.
- SILVEIRA, Gustavo de Campos Pinheiro da. **The prosody of speech in a dialect contact situation: a sociophonetic study of the speech of Alagoan migrants in São Paulo**. 2022. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.
- SILVESTRE, Aline P. dos S. **A entoação regional de enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras**. 2012. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SOARES, Viviane dos R. **A negação no contato entre dialetos**. 2009. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SOUZA, Emerson Santos de. **Covariação na fala de migrantes baianos em São Paulo**. Campinas, 2017. Apresentação oral realizada no III Mini Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Sociolinguística.
- SOUZA, Gládisson Garcia Aragão. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe**. 2016. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- SOUZA NETO, Antônio Félix de. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.
- STANFORD, James N. **Dialect contact and identity: A case study of exogamous Sui clans**. 2007. Ph.D. dissertation – Michigan State University, Michigan.
- TAGLIAMONTE, Sali A.; MOLFENTER, Sonja. How'd you get that accent?: Acquiring a second dialect of the same language. **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 36, n. 5, p. 649–675, 2007. DOI: [10.1017/S0047404507070911](https://doi.org/10.1017/S0047404507070911).
- TAGLIAMONTE, Sali A.; WATERS, Cathleen. Co-variation in the speech community: methods for identifying innovators and their repertoires. **Paper presented at Methods Dialectology 14**, London, ON, 2011.
- TEAM, R Core. **R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing**. Vienna, Austria, 2020. Disponível em: [<http://www.R-project.org/>](http://www.R-project.org/).

- THORBURN, Jennifer. **Dialect development in Nain, Nunatsiavut: emerging English in a Canadian aboriginal community**. 2014. Ph.D. Dissertation – Memorial University, St. John's, Newfoundland.
- TRUDGILL, Peter. Linguistic accommodation: sociolinguistic observations on a sociopsychological theory. In: **Papers from the Parasession on Language and Behavior**. Edição: Carrie S. Masek, Roberta A. Hendrick e Mary F. Miller. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1981.
- TRUDGILL, Peter. Linguistic accommodation: sociolinguistic observations on a sociopsychological theory. In: **Sixth Scandinavian Conference of Linguistics**. Edição: T. Fretheim; L. Hellan. Trondheim: Tapir, 1982.
- TRUDGILL, Peter. **Dialects in Contact**. Oxford: Blackwell, 1986.
- URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: **Análise de textos orais**. Organização: Dino Preti. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.
- VELHO, Priscila Silvano Azeredo. **Coerência dialetal na comunidade bilíngue de Flores da Cunha: alternância do ditongo nasal e variação da vibrante**. 2018. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.
- VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. Organização: Marco Antonio Martins e Jussara Abraçado. São Paulo: Contexto, 2015.
- VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. In: **Introdução à sociolingüística**. Edição: Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga. São Paulo: Contexto, 2021.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].
- YACOVENCO, Lilian C.; NASCIMENTO, Cristiana Aparecida R. do. A negação no português falado em Vitória/ES. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 10, n. 17, p. 122–138, 2016.

Apêndices

A Roteiro das entrevistas sociolinguísticas

PARTE 1

- 01) onde você mora?
- 02) você gosta aqui do bairro? A vizinhança é tranquila?
- 03) quando você veio pra cá?
- 04) você tinha quantos anos na época?
- 05) por que que você veio pra São Paulo?
- 06) de onde você é?
- 07) você já conhecia alguém aqui?
- 08) vir aqui pra São Paulo já era uma coisa planejada?
- 09) logo que você veio, já tinha intenção de ficar por aqui mesmo?
- 10) como é que foi a infância lá?
- 11) (Se frequentou a escola, perguntar:) você estudou até que série lá?
- 12) você gostava de ir pra escola?

PARTE 2

- 13) você trabalha atualmente? gosta do seu emprego?
- 14) tem alguma outra coisa que você gostaria de fazer ou gostaria de ter algum outro emprego?
- 15) você é casado (a)?
- 16) tem filhos? (Se sim) todos nasceram aqui?
- 17) sua esposa/seu marido é daqui também?
- 18) (Se não for daqui) vocês vieram juntos ou um veio antes?
- 19) aqui em São Paulo, o que você acha desse bairro?
- 20) você sempre morou por aqui desde que você chegou?
- 21) (Se já morou em outros) e desses lugares que você morou, qual que você mais gostou?

PARTE 3

- 22) o que você costuma fazer quando tem tempo livre?
- 23) você costuma passear? Se sim, quais lugares você gosta de frequentar?
- 24) você acha que São Paulo oferece várias/boas opções de lazer? Ou você acredita que a cidade poderia ter mais opções?
- 25) pra você, qual o maior problema de São Paulo hoje? Por quê?
- 26) o que você acredita que o poder público poderia fazer para solucionar esse problema?
- 27) e qual é a melhor coisa que São Paulo oferece para as pessoas? Por quê?

PARTE 4

- 28) hoje você pensa em voltar pra Sergipe ou você já está definitivo aqui? Por quê?
- 29) você mantém contato com o pessoal de lá?
- 30) você costuma voltar?
- 31) (Se costuma voltar) como que vocês vão pra lá? De avião? De carro?
- 32) já fez essa viagem de ônibus também?
- 33) sua família que ficou lá em Sergipe vem pra cá às vezes?
- 34) alguém da sua família quer voltar pra Sergipe? Ou todos preferem continuar morando aqui em SP?
- 35) o que você percebe de diferente entre seu antigo bairro lá de Sergipe e aqui?
- 36) são quantos habitantes lá?
- 37) do que você mais sente falta de lá? Família? Comida? Clima?

PARTE 5

- 38) você tem família morando aqui em São Paulo também?
- 39) vocês costumam se ver, se reunir?
- 40) seus melhores amigos moram aqui no bairro ou a maioria é do seu trabalho?
- 41) você costuma conversar com seus vizinhos? Você gosta de conversar com eles? Costuma se reunir com eles com frequência?

PARTE 6

- 42) quando você conhece uma pessoa aqui em SP você sabe se a pessoa é de Sergipe ou se ela não é? você consegue reconhecer? (Se consegue) como?
- 43) e você consegue reconhecer quando uma pessoa é nordestina?
- 44) você acha que o sergipano é diferente em relação às pessoas dos outros estados nordestinos? O sergipano é diferente do baiano, por exemplo?

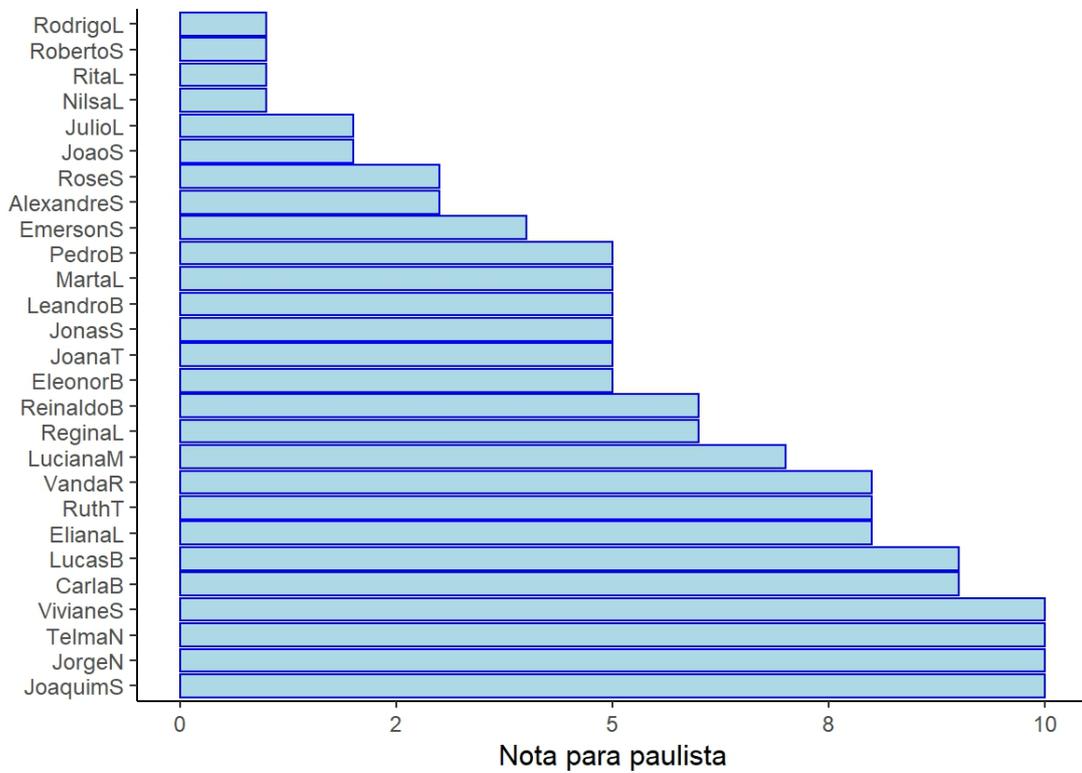
- 44) como é que fala o paulistano? você gosta do modo como o paulistano fala?
- 44) qual “sotaque” (pronúncia) que você mais gosta no Brasil?
- 46) você acha que você mudou seu jeito de falar desde que você chegou?
- 47) as pessoas reconhecem que você é de Sergipe?
- 48) você já sofreu algum tipo de preconceito por ser sergipano(a)?
- 49) você acha que o pessoal de São Paulo recebe bem os migrantes de outros estados? Ou você acredita que existe um nível alto de preconceito com os nordestinos em geral?
- 50) você tem bastante contato com paulistanos? E com pessoas de outros estados do Nordeste?
- 51) o que você percebe de diferente entre lá e aqui?

PARTE 7

- 52) quais são seus planos pro futuro?
- 53) se você ganhasse na Mega-Sena, o que você faria?
- 54) você já viajou pra outros lugares do Brasil? Quais?
- 55) vocês mantêm suas tradições? Existe alguma coisa que vocês faziam lá e que vocês fazem questão de continuar fazendo aqui?
- 56) você faria tudo de novo? Viria aqui pra São Paulo de qualquer jeito ou se você tivesse a cabeça de hoje, você acredita que faria diferente?

B Notas para quanto se considera paulista

Figura 9: Respostas para a pergunta “em uma escala de 1 a 10, quanto você se considera paulista?”



Fonte: elaboração da autora.

C Tabelas com as estimativas dos valores de /e/ e /o/ para os migrantes sergipanos

Tabela 9: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes sergipanos em comparação com SP2010 (N = 3454)

	<i>Intercept = 392,28</i>			
	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	(p)
SP2010 (v. referência)				
AlexandreS	9,911	5,621	1,763	0,078 .
CarlaB	2,421	2,509	0,965	0,335
EleonorB	10,761	2,884	3,731	<0,001 ***
ElianaL	2,568	3,348	0,767	0,443
EmersonS	3,217	3,838	0,838	0,402
JoanaT	4,170	3,616	1,153	0,249
JoãoS	6,445	2,746	2,347	0,019 *
JoaquimS	8,776	3,243	2,706	<0,01 **
JonasS	6,920	3,113	2,223	0,026 *
JorgeN	0,912	3,068	0,297	0,766
JulioL	6,265	3,227	1,941	0,052
LeandroB	-6,644	3,322	-2,000	0,045 *
LucasB	2,965	2,767	1,071	0,284
LucianaM	10,906	3,365	3,241	<0,01 **
MartaL	2,735	3,595	0,761	0,447
NilsaL	0,315	2,825	0,111	0,91129
PedroB	-2,244	3,029	-0,741	0,459
ReginaL	12,558	2,954	4,251	<0,001 ***
ReinaldoB	4,582	2,557	1,792	0,073 .
RitaL	-2,949	3,171	-0,930	0,352
RobertoS	7,838	4,639	1,690	0,091 .
RodrigoL	0,498	2,444	0,204	0,838
RoseS	1,017	3,022	0,336	0,737
RuthT	0,710	2,920	0,243	0,808
TelmaN	2,840	3,846	0,738	0,460
VandaR	-2,223	2,948	-0,754	0,451
VivianeS	-1,204	3,306	-0,364	0,716

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|ITEM.LEXICAL), data = vogal.e)

Fonte: elaboração da autora.

Tabela 10: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes sergipanos em comparação com SP2010 (N = 2272)

<i>Intercept = 397,911</i>				
	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	(p)
SP2010 (v. referência)				
AlexandreS	15,955	10,441	1,528	0,127
CarlaB	17,131	3,923	4,366	<0,001 ***
EleonorB	2,199	4,1405	0,531	0,595
ElianaL	9,542	4,135	2,307	0,021 *
EmersonS	10,231	5,449	1,877	0,061 .
JoanaT	31,363	7,160	2,659	<0,001 ***
JoãoS	10,051	3,780	2,659	0,008 **
JoaquimS	15,392	5,381	2,860	<0,01 **
JonasS	12,245	4,891	2,504	0,012 *
JorgeN	6,030	4,757	1,268	0,205
JulioL	11,380	4,760	2,391	0,017 *
LeandroB	28,092	5,062	5,550	<0,001 ***
LucasB	17,764	4,872	3,646	<0,001 ***
LucianaM	-2,255	4,009	-0,562	0,574
MartaL	3,813	4,122	0,925	0,355
NilsaL	11,577	4,507	2,569	0,010 *
PedroB	18,764	4,190	4,479	<0,001 ***
ReginaL	-0,167	4,593	-0,036	0,971
ReinaldoB	16,726	4,489	3,726	<0,001 ***
RitaL	15,489	4,334	3,574	<0,001 ***
RobertoS	11,783	6,772	1,740	0,082 .
RodrigoL	11,610	3,397	3,417	<0,001 ***
RoseS	19,742	5,615	3,516	<0,001 ***
RuthT	8,943	3,789	2,360	0,018 *
TelmaN	22,842	5,540	4,123	<0,001 ***
VandaR	10,346	4,484	2,307	0,021 *
VivianeS	15,199	5,237	2,903	0,004 **

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|ITEM.LEXICAL), data = vogal.o)

Fonte: elaboração da autora.

D Quadro com as taxas de palatalização dos migrantes da amostra

Rede fechada		Rede aberta	
Informante	Taxa de palatalização	Informante	Taxa de palatalização
ElianaL	0,875	AlexandreS	0,662
JoanaT	0,85	CarlaB	0,587
JoaquimS	0,137	EleonorB	0,1
JonasS	0,512	EmersonS	1
JorgeN	0,775	JoãoS	0,35
JulioL	0,7	LeandroB	0,987
MartaL	0,6	LucasB	0,375
NilsaL	0,6	LucianaM	0,825
ReginaL	0,237	PedroB	1
RitaL	0,987	ReinaldoB	0,475
RobertoS	0,675	VandaR	0,237
RodrigoL	0,462		
RoseS	0,112		
RuthT	0,8		
TelmaN	0,737		
VivianeS	0,875		

Fonte: elaboração da autora.

E Modelo de regressão logística para os usos de NEG2/3

Tabela 11: Estimativas (em *loggods*) da probabilidade de uso de NEG2/3 na fala dos migrantes em comparação com a amostra controle sergipana (N = 2594)

<i>Intercept = -1,341</i>					
	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	(p)	Apl./N
SE-2013 (v. referência)					
AlexandreS	-0,949	0,389	-2,437	0,015 *	8/87 (9,2%)
CarlaB	-1,277	0,348	-3,665	<0,001 ***	10/147 (6,8%)
EleonorB	-1,125	0,367	-3,068	0,002 **	9/115 (7,8%)
ElianaL	-0,419	0,295	-1,419	0,156	16/109 (14,7%)
EmersonS	-0,538	0,345	-1,561	0,119	11/83 (13,3%)
JoanaT	0,589	0,242	2,432	0,015 *	33/103 (32%)
JoaoS	-0,123	0,241	-0,510	0,610	28/149 (18,8%)
JoaquimS	0,648	0,253	2,560	0,010 *	30/90 (33,3%)
JonasS	-1,872	0,403	-4,643	<0,001 ***	7/181 (3,87%)
JorgeN	-0,343	0,324	-1,056	0,291	13/83 (15,7%)
JulioL	0,170	0,271	0,624	0,533	22/93 (23,7%)
LeandroB	-0,524	0,345	-1,519	0,129	11/82 (13,4%)
LucasB	-0,930	0,314	-2,959	0,003 **	13/139 (9,35%)
LucianaM	-0,079	0,265	-0,298	0,766	22/113 (19,5%)
MartaL	0,968	0,233	4,156	<0,001 ***	42/103 (40,8%)
NilsaL	-2,290	0,520	-4,402	<0,001 ***	4/155 (2,58%)
PedroB	-0,669	0,318	-2,102	0,035 *	13/110 (11,8%)
ReginaL	-0,723	0,291	-2,487	0,013 *	16/142 (11,3%)
ReinaldoB	-0,730	0,298	-2,447	0,014 *	15/134 (11,2%)
RitaL	-0,372	0,260	-1,431	0,152	22/144 (15,3%)
RobertoS	-0,322	0,349	-0,920	0,357	11/69 (15,9%)
RodrigoL	0,192	0,254	0,756	0,450	26/108 (24,1%)
RoseS	-0,045	0,261	-0,174	0,862	23/115 (20%)
RuthT	0,510	0,216	2,361	0,018 *	44/145 (30,3%)
TelmaN	-1,185	0,349	-3,392	<0,001 ***	10/135 (7,41%)
VandaR	-1,432	0,437	-3,275	0,001 **	6/102 (5,88%)
VivianeS	-0,790	0,270	-2,926	0,003 **	19/179 (10,6%)

Modelo: lmer(VD ~ INFORMANTE, family = binomial, data = negacao2)

Fonte: elaboração da autora.